Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Raizel Rechtman

A formação em Psicologia para o compromisso social: um estudo de cursos em São Paulo

Doutorado em Educação: Psicologia da Educação

São Paulo
2019

Raizel Rechtman

A formação em Psicologia para o compromisso social: um estudo de cursos em São Paulo

Doutorado em Educação: Psicologia da Educação

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Educação: Psicologia da Educação sob orientação da Prof.ª Dr.ª Ana Mercês Bahia Bock.

São Paulo

2019

Autorizo, para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Tese de Doutorado por processos fotocopiados ou eletrônicos.
Assinatura: _____
Data: _____
e-mail: raizel.rechtman@gmail.com

Raizel Rechtman

A formação em Psicologia para o compromisso social: um estudo de cursos em São Paulo

Doutorado em Educação: Psicologia da Educação

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Educação: Psicologia da Educação sob orientação da Prof.ª Dr.ª Ana Mercês Bahia Bock.

Aprovado em: __/__/__

Banca Examinadora

_____

_____

_____

_____

_____

“Lá vem o lança-chamas
Pega a garrafa de gasolina
Atira
Eles querem matar todo amor
Corromper o polo
Estancar a sede que eu tenho d’outro ser
Vem de flanco, de lado
Por cima, por trás
Atira
Atira
Resiste
Defende
De pé
De pé
De pé
O futuro será de toda a humanidade”

(Oswaldo de Andrade)

Dedico esta tese às/aos cientistas, às/aos professoras/es, às/aos artistas, às/aos militantes de movimentos sociais, às/aos que sofrem e às/aos que lutam por um mundo melhor para todas e todos.

Dedico à resistência!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

NÚMERO DE PROCESSO 88887.165760/2018-00

AGRADECIMENTOS

Agradeço por ter tido condições afetivas, culturais e financeiras para realizar o Doutorado, realidade de poucas/os em nosso país.

Por ter tido amor e apoio da minha família, amigas/os, namorada, professoras/es, colegas e orientadora durante todo o processo de produção da tese.

Por ter encontrado pessoas que contribuem para a construção do posicionamento de uma Psicologia intransigente na defesa dos direitos humanos e sociais e da vida digna para todas e todos, a qual assumo hoje.

Neste cenário atual em que a ciência está em risco no Brasil, agradeço a possibilidade de produzir este trabalho e espero que ele possa servir como ferramenta para avançarmos contra as opressões que, muitas vezes, a Psicologia produz(iu) e reproduz(iu) em nossa sociedade.

RESUMO

RECHTMAN, Raizel. A formação em Psicologia para o compromisso social. 2019. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: 2019.

O início da história da Psicologia brasileira foi marcado por um compromisso com as elites e com práticas excludentes e patologizantes. É a partir da constituição de um projeto profissional de compromisso social que essa realidade começa a se modificar. Com o objetivo de contribuir para o avanço desse novo projeto da Psicologia, esta pesquisa buscou compreender como formamos psicólogas/os comprometidas/os socialmente. Para tanto, foram realizadas entrevistas em grupo com alunas/os do último ano do curso de Psicologia de duas Instituições de Ensino Superior (IES) situadas na cidade de São Paulo (SP). O roteiro das entrevistas foi elaborado a partir dos campos de expressão do compromisso social desenvolvidos por Santos (2017). Como resultados, identificamos diferentes recursos formativos que explicitam os campos de expressão do compromisso social, destacando-se os estágios, a relação com professoras/es e a coordenação dos cursos, assim como as atividades extracurriculares. Por fim, para além da descrição dos recursos formativos, desenvolvemos quatro dimensões orientativas para uma formação em Psicologia voltada ao compromisso social (Garantia da Práxis, Noção crítica da constituição do sujeito, Cuidado das práticas pedagógicas e Compreensão da Psicologia como Ciência-Profissão) com o objetivo de produzir referências e divulgar possibilidades de práticas formativas que auxiliem a construção de uma formação em Psicologia para o projeto profissional do compromisso social.

Palavras-chave: Compromisso social. Formação em Psicologia. Projeto profissional.

ABSTRACT

RECHTMAN, Raizel. A formação em Psicologia para o compromisso social. 2019. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: 2019.

The beginning of the history of Psychology in Brazil was marked by a commitment to the elites and to exclusionary and pathologizing practices. It was only after the constitution of a professional project of social commitment that this reality began to change. From its objective to contribute to the advance of this new project in Psychology, this research sought to understand how we form socially committed psychologists. To this end, group interviews were conducted with students attending the last year of the Psychology course of two higher education institutions located in the city of São Paulo (SP). For these interviews, a script was elaborated from the fields of expression of social commitment developed by Santos (2017). We identified different resources that help the training for the social commitment professional project in Psychology, particularly the internships, the relationship with teachers and course directors, and extracurricular activities. Beyond the description of formative resources, we developed four guiding dimensions for a Psychology training focused on social commitment (Guarantee of Praxis, Critical notion of the constitution of the subject, Care of pedagogical practices and Understanding of Psychology as a Science-Profession), with the goal of producing references and disseminating possibilities of formative practices towards a profession committed to the Brazilian reality.

Keywords: Social commitment. Training in Psychology. Profession project.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Composição do CPC e pesos das suas dimensões e componentes.....53

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - CPC ENADE 2015.....54
Tabela 2 - Caracterização das/os participantes da pesquisa 81

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - e-MEC.....78

Fonte: A autora, 2019.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEP	Associação Brasileira de Ensino de Psicologia
ABRASCO	Associação Brasileira de Saúde Coletiva
ABRASME	Associação Brasileira de Saúde Mental
ALFEPSI	Associação Latinoamericana para a Formação e Ensino da Psicologia
CA	Centro Acadêmico
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CALPSI	Centro Acadêmico Livre de Psicologia
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CBP	Congresso Brasileiro de Psicologia
CEP	Comissão de Ética em Pesquisa
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CNP	Congresso Nacional de Psicologia
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CONAES	Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior
CPC	Conceito Preliminar de Curso
CREPOP	Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas
CRP	Conselho Regional de Psicologia
DA	Diretório Acadêmico
DAES	Departamento de Ambiência e Saúde
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
EaD	Ensino à Distância
EBMSP	Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ENADE	Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
ENAIC	Encontro Anual de Iniciação Científica
FENBP	Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira
IES	Instituições de Ensino Superior
LAPES	Liga Acadêmica de Psicologia Escolar
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
NA	Nota referente à oportunidade de ampliação da formação acadêmica e profissional
NC	Nota dos concluintes do ENADE
ND	Nota de Proporção de Doutores
NF	Nota referente à infraestrutura e Instalações Físicas
NIDD	Nota do Indicador de Diferença entre os Desempenhos Observado e Esperado
NM	Nota de Proporção de Mestre
NO	Nota referente à organização didático-pedagógica
NR	Nota de Regime de Trabalho
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PPC	Projeto Pedagógico de Curso
PPI	Projeto Pedagógico Institucional

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SAICA	Serviço de Acolhimento Institucional Para Crianças e Adolescentes
SINAES	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
SUS	Sistema Único de Saúde
UBS	Unidade Básica de Saúde
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
ULAPSI	União Latino-Americana de Entidades de Psicologia
USAID	United States Agency for International Development

Fonte: A autora, 2019.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO 23
2 O PROJETO PROFISSIONAL DO COMPROMISSO SOCIAL DA PSICOLOGIA .. 29
3 A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA 49
4 A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA PARA O COMPROMISSO SOCIAL 59
5 MÉTODO 73
6 ANÁLISE 81
7 CONCLUSÕES 107
REFERÊNCIAS 115
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA EM GRUPO 125
APÊNDICE B – CARTA CONVITE DA PESQUISA 127
APÊNDICE C – CARTA SOLICITAÇÃO DOS SUJEITOS 129
APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 131
APÊNDICE E – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP 133
APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA EM GRUPO IES A 137
APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA EM GRUPO IES B 179

1 APRESENTAÇÃO

Não existe neutralidade, tudo são escolhas. Baseando-me nessa máxima, inicio esta tese a partir do relato do meu vínculo com o tema, uma vez que acredito que a pesquisa acadêmica se constitui em um processo científico imbricado em nossas experiências de vida, revelando, em última instância, nossos valores e anseios.

A escolha pelo estudo da formação em Psicologia está diretamente ligada ao meu interesse pela transformação da realidade social. Um interesse que tem suas raízes em minha atuação em um movimento juvenil durante a infância e a adolescência, tendo chegado à presidência estadual e nacional desse movimento, no qual sempre priorizei a formação de crianças e jovens com base em uma educação humanista e democrática.

Após o término do Ensino Médio, participei de um programa de formação em liderança e educação durante um ano, em Israel. em que pude trabalhar com crianças de diferentes culturas, o que me possibilitou um enriquecimento prático no campo da educação. Ao voltar dessa viagem, me vi diante do dilema da escolha do curso de Graduação. Nessa época, eu tinha interesse era por uma profissão que me possibilitasse compreender e atuar no mundo de maneira comprometida com a transformação da realidade social. Tendia a cursar Pedagogia, já que cresci ouvindo que “educação muda o mundo”. Porém, a partir de aconselhamentos de alguns familiares, vi no curso de Psicologia uma boa opção para atuar na realidade brasileira.

Ingressei em Psicologia no segundo semestre de 2007, na Faculdade Ruy Barbosa, situada na cidade de Salvador (BA). Durante o curso, tive a oportunidade de realizar dois estágios curriculares extremamente importantes. O primeiro, durante o terceiro semestre, consistia em realizar uma oficina de alfabetização para pessoas idosas em um bairro periférico da cidade. Essa experiência foi muito relevante em minha trajetória formativa, pois pude aprofundar meu conhecimento sobre a teoria e a prática do educador Paulo Freire e começar a atuar baseando-me em uma Psicologia Social crítica.

O segundo estágio, realizado no quinto semestre do curso, teve como público-alvo crianças do Ensino Fundamental de uma escola pública situada em outro bairro periférico da cidade de Salvador. As atividades desenvolvidas nesse estágio estavam vinculadas ao Projeto Mais Educação, do Ministério da Educação, que tinha como objetivo aumentar a oferta educativa nas escolas públicas por meio de atividades optativas. Foi uma experiência de grande relevância pessoal por ser a primeira prática que realizei dentro do ambiente escolar.

Nesse mesmo semestre, também participava da coordenação do Centro Acadêmico de Psicologia da Faculdade, atuando junto à mobilização do corpo discente e assumindo uma postura de responsabilização em relação à minha formação. Também por meio dessa participação me aproximei do Conselho Regional de Psicologia da Bahia – 3ª Região (CRP-03) – que, na época, englobava os estados da Bahia e de Sergipe.

Talvez pela aproximação com as ideias de Paulo Freire e com sua intransigente postura em relação à autonomia do educando ou por minhas experiências prévias com a educação e por me preocupar com a qualidade da minha formação, no primeiro semestre de 2010, realizei o processo de transferência externa para o curso de Psicologia ofertado em outra instituição: a Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP). Três aspectos foram fundamentais para essa decisão: o fato de essa instituição de ensino superior apresentar um maior incentivo ao desenvolvimento de projetos relacionados à pesquisa, de eu me identificar com a atuação desenvolvida por ela junto à comunidade soteropolitana e de ser uma instituição privada, porém sem fins lucrativos.

Um semestre após iniciar meus estudos na EBMSP, passei a fazer parte do grupo de pesquisa "Psicologia, Diversidade e Saúde", na linha de pesquisa "Memória, Cultura e Subjetividade", onde posso dizer que o interesse em pesquisar a formação em Psicologia começou de fato. Até então, entendia a importância da formação em Psicologia para a minha formação individual. Porém, ao ingressar no grupo de pesquisa, percebi que a própria formação poderia ser um objeto de estudo e que eu poderia produzir conhecimento e contribuir para a qualidade da formação de outras/os estudantes e demais cursos.

Após um ano de participação no grupo de pesquisa, escrevi meu primeiro artigo, sob orientação da Prof.ª Dr.ª Marilda Castelar, intitulado *A Formação em Psicologia Social Comunitária em Salvador (BA)*, publicado em 2011, na *Revista Eletrônica de Ciência da Educação*[1]. Ainda como consequência da participação nesse grupo de pesquisa, construí meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Ética e Direitos Humanos na Formação de Profissionais de Psicologia*, que também resultou na publicação de um artigo[2], cujo objeto foi fruto de uma pesquisa de campo realizada em parceria com o CRP-03. Defendido no primeiro semestre de 2012 e avaliado com nota máxima, o trabalho configurou-se como um projeto-piloto a ser continuado pelo CRP-03 devido à sua relevância.

Posso dizer que minha trajetória na Graduação foi sempre permeada por experiências acadêmicas que refletiam minha postura de responsabilidade e autonomia em

[1] Ver nas referências: Rechtman e Castelar, 2011.
[2] Ver nas referências: Rechtman, Castelar e Castro, 2013.

relação à minha formação. Durante esse período, fui monitora da disciplina “Técnicas de Investigação em Psicologia IV”, ministrada pela Prof.ª Mestre Luciana Dias no curso de Psicologia da EMBSP, cujo plano de ensino se baseava na construção do conhecimento voltado à atuação da Psicologia em contextos educativos com caráter prático. Também realizava as supervisões dos grupos de alunos no planejamento e aplicação de intervenções realizadas em ambientes escolares.

Ainda durante o período de Graduação, participei do curso de extensão “Psicologia Cultural e Práticas em Contextos Educacionais”, ministrado pela Prof.ª Dr.ª Giuseppina Marsico, na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Nesse curso, tive a oportunidade de conhecer a experiência de pesquisa em escolas do Ensino Fundamental da Itália e compará-las com o processo educacional da realidade brasileira.

Nos últimos anos do curso, fundei e presidi, junto com outras colegas, a Liga Acadêmica de Psicologia Escolar (LAPES), cuja experiência foi relata no artigo *A liga acadêmica como ferramenta da formação em psicologia: experiência da LAPES* (MAGALHÃES et al, 2015).

Ao terminar a Graduação, ingressei no Mestrado do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). O estudo e a pesquisa realizados durante o curso alinharam minhas afinidades e habilidades pessoais à prática responsável e de qualidade na área da Psicologia da Educação. Durante o Mestrado, além das disciplinas ofertadas pelo Programa, fui monitora nas disciplinas “Seminários de Pesquisa II” e “Bases históricas da Psicologia da Educação”. A experiência com práticas educativas não se restringiu apenas à monitoria. Enquanto fazia o Mestrado, trabalhei como consultora educacional em um movimento juvenil judaico e em um programa de turismo educativo para Israel.

Além dessas duas experiências, durante a realização do Mestrado, cursei a disciplina “Psicologia Sócio-Histórica: consciência, alienação e cotidiano”, no Programa de Psicologia Social; fui representante discente junto ao Colegiado do Programa; participei de dois grupos de pesquisa - “A Dimensão Subjetiva da Desigualdade Social: suas diversas expressões” e “Atuação da Pós-Graduação *stricto sensu* em Psicologia na formação de professores para o Ensino Superior” –; participei da organização de eventos acadêmicos relacionados ao Programa e a outras entidades; e apresentei trabalhos em diversos eventos acadêmicos em âmbito local e nacional.

Finalizei o Mestrado em março de 2015 com a defesa da dissertação intitulada *A formação do psicólogo para a realidade brasileira: identificando recursos facilitadores*

para a atuação profissional. A pesquisa que baseou a dissertação teve como objetivo verificar quais recursos da formação os alunos que cursavam o último ano de Psicologia identificavam como facilitadores para atuar profissionalmente com o que consideravam questões da realidade brasileira. Os resultados dessa pesquisa foram apresentados em artigo[3] publicado em 2019.

Em 2016, iniciei o Doutorado no mesmo programa com a intenção de dar continuidade ao meu projeto de dissertação. Como na Graduação e no Mestrado, procurei empenhar-me ao máximo em minha formação, sendo monitora na disciplina-projeto "Pesquisando a desigualdade social: o significado da escola"; representante discente junto ao Colegiado do Programa; cursando disciplinas para além dos créditos necessários - especificamente a disciplina "Epistemologia do conhecimento científico", ministrada pela Prof.ª Dr.ª Maria da Graça M. Gonçalves, do Departamento de Psicologia Social –; realizando estágio docente na PUC-SP, nas disciplinas de "Psicologia Social I", sob supervisão da Prof.ª Mestre Beatriz B. Brambilla, "Psicologia Social II" e "Ações dos psicólogos nas instituições educacionais", sob supervisão das Prof.ª Dr.ª Ana Mercês B. Bock, Prof.ª Dr.ª Gabriela Gramkow e Prof.ª Dr.ª Maria da Graça M. Gonçalves. Nessas experiências em sala de aula, passei a enxergar o outro lado da formação, da/o professora/professor, o que acredito ter contribuído bastante para a realização desta pesquisa.

Paralelamente ao processo acadêmico e condizente com meu compromisso com a transformação social, minha trajetória foi permeada pelo engajamento com entidades e associações. Como já exposto anteriormente, ainda durante a Graduação, tive meus primeiros contatos com o Sistema Conselhos e com a Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP), no núcleo Bahia. Esse engajamento me acompanhou também em São Paulo, durante a realização do Mestrado e do Doutorado. Fui coordenadora da ABEP – Núcleo SP Metropolitano nas gestões 2016-2018 e estou na gestão 2018-2020. Em 2018 até a metade de 2019 fui membra da Comissão de Ética, da Comissão de Políticas Públicas e do Grupo de Trabalho (GT) Formação CRP-06 – São Paulo e hoje sou Conselheira Secretária do XVI Plenário do CRP-O6. Além de estudar o tema, também estou engajada na prática da formação em Psicologia.

Este breve relato traduz minha busca por uma atuação transformadora da realidade social que me acompanha mesmo antes de escolher a Psicologia como curso de Graduação.

[3] Ver nas referências: Rechtman e Bock, 2019.

Essa busca faz parte da minha prática como pesquisadora e professora. Ou seja, meu compromisso com a formação em Psicologia se dá na mesma medida do meu compromisso com a transformação da realidade por acreditar que a partir de uma formação em Psicologia de qualidade, pautada na ética e na defesa de direitos e a partir de métodos pedagógicos que promovam a autonomia das/os estudantes, formamos psicólogas/os de qualidade e compromissadas/os com a transformação da realidade social.

Acredito que a função da Psicologia é responder às demandas da realidade brasileira, por isso, considero importante defender uma formação pautada na dimensão ético-política da profissão, que considere os fenômenos psicológicos e sociais em sua historicidade, e orientada pelo compromisso social com a realidade do nosso país.

Frente à reflexão sobre como contribuir para o avanço da formação da/o psicóloga/o comprometida/o socialmente, acreditamos que um bom caminho é identificar como os campos de expressão do compromisso social (SANTOS, 2017) se apresentam nessa formação.

Escolhemos este problema específico por entender que a Psicologia, assim como todas as profissões, tem como finalidade o bem comum. Nossa ética profissional está pautada na defesa dos direitos e na transformação da realidade para a qualidade de vida de todos e todas e se constitui durante a trajetória profissional, principalmente durante a formação. Dessa maneira, conseguir identificar como o compromisso social é constituído e incorporado como prática da/o futura/o psicóloga/o durante seu processo de formação parece-nos ser uma equação exponencial, com a possibilidade de maximização dos resultados que são, na verdade, mudanças sociais. Quanto mais compreendermos e analisarmos esse processo de formação, mais poderemos avançar.

Este já foi, de alguma forma, o meu objetivo no Mestrado, porém, neste momento, me baseio na tese de doutorado de Luane Santos (2017), o que me dá a possibilidade de aprofundar na identificação do compromisso social a partir de seus campos de expressão. Além de uma substancial mudança de método – a partir do momento em que, ao invés de uma investigação quantitativa, optei por entrevistas em grupo, que possibilitam o aprofundamento nas significações que produzem e são produzidas pelos sujeitos, bem como captar as contradições do processo formativo.

Já que o objetivo desta pesquisa é compreender como os campos de expressão do compromisso social (SANTOS, 2017) se apresentam na formação em Psicologia, faz-se necessário, inicialmente, apresentar, historicamente, a constituição do compromisso social no Brasil, isso porque, como pontuado por Bock e Gonçalves (2009, p. 139), “[...] apontar o

caráter histórico dos fenômenos sociais e humanos possibilita uma análise que permite a sua desnaturalização".

Dessa forma, explicitaremos, no primeiro capítulo, nosso entendimento sobre o que é o projeto do compromisso social na Psicologia. Para isso, tomaremos como referência principal a tese de doutoramento de Santos (2017). No segundo capítulo, será realizada uma discussão sobre a formação em Psicologia na atualidade, apontando aspectos históricos e temas da realidade contemporânea que impactam o Ensino Superior. O terceiro capítulo é destinado a uma análise baseada em pesquisas e ensaios teóricos sobre como os campos de expressão do compromisso social (SANTOS, 2017) podem se apresentar na formação em Psicologia. Os capítulos seguintes destinam-se à apresentação do método e à análise. Por fim, é tecido o fechamento do relatório a partir das conclusões.

Vale ressaltar que não compreendemos que haja um campo de estágio ou curso qualificados em si, mas um projeto em disputa na realidade concreta, multideterminada e contraditória, a partir de atores ativos. Também não enxergamos os campos de expressão do compromisso social como algo cristalizado ou definitivo. Portanto, pretendemos que os dados apresentados contribuam com a explicitação de possibilidades de práticas de formação em Psicologia pautadas no projeto profissional do compromisso social e, consequentemente, com a construção de cursos de Graduação de qualidade e psicólogas/os comprometidas/os socialmente.

2 O PROJETO PROFISSIONAL DO COMPROMISSO SOCIAL DA PSICOLOGIA

O compromisso social não foi desde sempre uma perspectiva da Psicologia brasileira. Ele é uma construção imbricada com a história da sociedade. Nesse sentido, diversas/os autoras/es desnaturalizam a história da profissão (BOCK, 1999; SILVA, 2003; YAMAMOTO, 2009; ANTUNES, 2012; SANTOS, 2017), evidenciando essa construção.

Tomando como base a obra de Mitsuko Antunes (2012), podemos identificar quatro diferentes processos históricos da Psicologia no Brasil, processos esses não lineares ou homogêneos, que ocorreram em diferentes períodos, marcados por contradições e por disputas por uma posição hegemônica.

No Brasil, o período chamado por Antunes (2012) de “A produção de saberes psicológicos no período colonial e no século XIX” é marcado pelo interesse da metrópole no controle e na formação moral, já que os escritos advinham de outras áreas, como educação, teologia, moral e política, e as obras eram produzidas e impressas em Portugal, com grande centralidade nos Jesuítas. Nessa época, não havia um ensino formal da Psicologia.

Entre 1808 e 1890, com a chegada da Corte, a produção de saberes psicológicos se manteve em áreas como Medicina e Educação, porém começou a ser sistematizada no que se tornaria a área da Psicologia. Nesse período, verifica-se o desenvolvimento da Psicologia como parte do projeto de modernização do país, quando universidades são criadas, a produção do conhecimento começa a ser feita no país e a Psicologia passa a ser ensinada em cursos de outras áreas, servindo de fundamento, principalmente, para Educação, Filosofia e Medicina.

O segundo momento, denominado de “O processo de autonomização da Psicologia” e subscrito no período entre 1890 e 1930, se caracteriza pela chegada ao Brasil das ideias produzidas pela Psicologia na Europa e nos Estados Unidos a partir de obras e da própria presença de psicólogas/os estrangeiras/os. As produções e instituições da Psicologia dentro da Medicina, Educação e algumas primeiras aplicações no campo do Trabalho passam a ser importantes nesse momento em que se almejava um novo país.

“O processo de consolidação da Psicologia” foi o terceiro momento, que aconteceu entre 1930 e 1962 e se caracterizou pela grande demanda à Psicologia para a industrialização do Brasil. As técnicas avaliativas e perspectiva individualizante da

Psicologia daquele momento se encaixavam no pensamento dominante da modernidade, o que resultou na expansão do ensino da Psicologia em outros cursos. Segundo Antunes,

> Esse período caracteriza-se pela expansão do ensino de Psicologia, das Escolas Normais para o ensino superior, especialmente nos cursos de Filosofia e pedagogia, pelo aumento da publicação de livros e periódicos, expansão das atividades de pesquisa, criação de associações de Psicologia, realização de congressos e, especialmente, pelo aumento dos campos de atuação da Psicologia que, da educação, estende-se para a organização do trabalho e para a prática clínica. (ANTUNES, 2012, p. 57)

Tudo isso criou condições históricas para que a Psicologia se firmasse como profissão em 1962 a partir da Lei nº 4.119 e, junto com ela, um currículo mínimo para a formação em Psicologia. Segundo Soligo (2015, p. 171):

> Os currículos de Psicologia seriam marcados por essa perspectiva. Embora as orientações legais, chamadas à época de currículo mínimo, prevejam a formação e atuação em três grandes áreas – clínica, escolar e industrial, é na perspectiva clínica que a grande maioria dos cursos organizou seus desenhos curriculares, dando ênfase à avaliação psicológica, ao psicodiagnóstico e às psicoterapias.

É a partir da regulamentação da profissão que se inicia o período chamado “A Psicologia como profissão regulamentada, ampliação dos campos de atuação e compromisso social”, que abarca muitas mudanças significativas para a Psicologia e sua formação. Apenas dois anos após a regulamentação:

> A ditadura militar e as condições por ela impostas criam problemas para o desenvolvimento da profissão. A Lei 5.692/71 retira a disciplina Psicologia do currículo do então ensino de 2º Grau. A Reforma Universitária de 1968, em nome da democratização do ensino superior, possibilita a proliferação de faculdades privadas, formando grande contingente de profissionais sem possibilidade de ingresso no mercado de trabalho, que se retrai para áreas como a Psicologia. (CRPSP, 2011, p. 14)

Como resposta à ditadura militar, começaram a surgir muitos questionamentos à Psicologia, principalmente a serviço de que e de quem ela estava sendo usada. No início dos anos 70, teorias críticas começam a ser elaboradas, assim como outras formas de entender a função social da Psicologia e a subjetividade humana. Também nos anos 70, em um dos períodos mais duros da ditadura, instituiu-se o Sistema Conselhos (Lei 5.766, de 1971), sob o controle do Ministério do Trabalho, inicialmente com o objetivo de fiscalizar e controlar a profissão, e, em 1975, oficializada como o primeiro código de ética.

Mas, é só a partir dos anos 80, com a retomada das liberdades democráticas, que foram possíveis saltos qualitativos concretos para a Psicologia. Em 1987, foi criado um novo código de ética pautado na Declaração Universal dos Direitos Humanos, que definia

direitos e deveres das/os psicólogas/os. A partir de 1989, uma série de ações fundamentais para os rumos da Psicologia brasileira é desencadeada, com gestões do Sistema Conselhos de Psicologia a partir do final da década de 90 e início dos anos 2000 que buscaram ativamente a ampliação de campos de atuação da Psicologia em busca de respostas às demandas sociais.

É no fim desse último período que o projeto profissional do compromisso social se hegemoniza, sem que deixem de existir tensões e disputas entre projetos e, em seu interior, contradições e divergências. Nos propomos, neste estudo, a investigar como o projeto do compromisso social se apresenta na formação em Psicologia. Para tanto, é necessário entender o que é um projeto profissional.

Todos os projetos societários e profissionais estão inseridos em um campo de disputa e não se efetivam completamente na realidade. Isso porque, segundo Teixeira e Braz (2009), as realidades objetiva e subjetiva, apesar de relacionadas dialeticamente, não são idênticas, o que:

> [...] significa também que não controlamos todos os aspectos que incidem sobre a realidade, que a sua alteração/mudança/transformação não depende apenas de nossos atos e de nossas ações. Significa, em alusão a Marx, que a história é feita pelos homens, mas em condições que estão predeterminadas a eles. (TEIXEIRA; BRAZ, 2009, p. 10)

Os projetos profissionais sempre estão relacionados a projetos societários, já que toda profissão está inserida em determinada sociedade e mantém com ela uma relação, como colocado por Rios (1997). Essa relação pode ser de convergência ou antagonismo. No caso da segunda opção, na sociedade capitalista em que vivemos hoje, vale sublinhar o fato de que o enfrentamento ao projeto societário hegemônico tem limites e "até mesmo um projeto profissional crítico e avançado deve ter em conta tais limites, cujas linhas mais evidentes se expressam nas condições institucionais do mercado de trabalho" (NETTO, 1999, p. 6/7). Segundo Netto, "embora seja frequente a sintonia entre o projeto societário hegemônico e o projeto hegemônico de um determinado corpo profissional, podem ocorrer – e ocorrem – situações de conflito e mesmo de contradição entre eles" (NETTO, 1999, p. 6). Esse conflito se deu claramente na Psicologia com o projeto profissional do compromisso social.

A Psicologia é criada a partir e para os interesses das elites em um projeto de modernização do país em que seus conhecimentos serviam para classificar, categorizar e adaptar os sujeitos, atuando, principalmente, nas escolas e indústrias. Ao invés de atuar

para a maioria da população, a Psicologia atuava para o interesse de poucos servindo à dominação da massa. É importante ressaltar, que, em grande parte da nossa história, construímos a Psicologia nos baseando em experiências de outros países e tomando a ciência moderna objetivista europeia e estadunidense como a verdade, sem olhar criticamente e refletir sobre se aquelas teorias importadas falavam ou davam conta da nossa realidade.

Apesar de ser um projeto que já estava posto desde antes, é só no final da década de 90 que o compromisso social aparece como lema de um projeto para a profissão que se ampliou a partir dos anos 2000. A ditadura militar trouxe questionamentos a vários setores, movimentos e mesmo a várias profissões. Na Psicologia, parte da categoria começou a se organizar na defesa da democracia. Foram profissionais e entidades reinventando a forma de fazer Psicologia em um movimento coletivo em diálogo com a sociedade e movimentos sociais e na defesa e promoção dos direitos humanos (BOCK, 1999; FIGUEIRO; SILVA, 2011; SANTOS, 2017).

Essa reinvenção da Psicologia aconteceu em praticamente todos os seus campos, alguns em menor proporção, como na Psicologia organizacional, e outros com maior intensidade, como na saúde mental, por meio da luta pela reforma psiquiátrica. Nesse momento, também houve a criação de novos campos de atuação da Psicologia, principalmente a partir da Psicologia comunitária, que passou a atuar diretamente com as populações antes não atendidas pelas/os psicólogas/os. E, "nesse processo de reinvenção da Psicologia, a constituição da Psicologia crítica vai se consolidando como uma perspectiva progressista e comprometida com a produção de conhecimentos que possam desvelar a realidade e contribuir para sua transformação" (SANTOS, 2017, p. 99).

O que temos é um novo projeto de profissão em que a Psicologia começa a se voltar às necessidades da maior parte da população do país. Um projeto que parte da realidade concreta e atua por sua transformação, principalmente a partir do enfrentamento das desigualdades. Mas, como já afirmado por Netto (1999) e Teixeira e Braz (2009), nenhum projeto profissional é exclusivo. Assim, Santos (2017) destaca que:

> [...] apesar de se tratar de um projeto dirigido a toda a Psicologia, não necessariamente será assumido por todos os profissionais, pesquisadores e entidades, uma vez que tende a se configurar como um enfrentamento às perspectivas tradicionais, problematizando concepções do que vem a ser Psicologia e de qual deve ser a finalidade do trabalho nessa área de produção de conhecimentos e campo de intervenções. Atentas à natureza política do compromisso social, percebemos que a sua análise reporta a uma arena de disputas pela hegemonia entre diferentes grupos e projetos profissionais (SANTOS, 2017, p. 132).

O projeto do compromisso social, diferentemente de outros projetos para a Psicologia, explicita seu posicionamento político para a profissão e a sociedade. Segundo Santos (2017, p. 51), ele não apenas explicita, mas:

> [...] exige a reflexão sobre o aspecto político do trabalho em Psicologia. Exige o reconhecimento de que toda produção de conhecimento e atuação técnica é também política e nesse sentido produz efeitos na sociedade, que podem contribuir para a reprodução e/ou transformação da realidade social. É perceber que nossas ações no mundo não são gratuitas ou aleatórias, elas seguem interesses de classe (não necessariamente conscientes ou deliberados), que fortalecem ou enfraquecem os interesses de grupos sociais específicos.

Assim, o compromisso social se constituiu a partir de "um processo de crítica e revisão da categoria na busca de produzir respostas para as pressões e demandas provenientes de necessidades sociais e novas circunstâncias históricas" (SANTOS, 2017, p. 133). Assumir o compromisso social em nossa profissão:

> [...] é estar voltado para uma intervenção crítica e transformadora de nossas condições de vida. É estar comprometido com a crítica desta realidade a partir da perspectiva de nossa ciência e de nossa profissão. É romper com 500 anos de desigualdade social que caracteriza a história brasileira, rompendo com um saber que oculta esta desigualdade atrás de conceitos e teorias naturalizadoras da realidade social. Assumir compromisso social em nossa prática é acreditar que só se fala do ser humano quando se fala das condições de vida que o determinam. Termos práticas terapêuticas deve significar termos práticas capazes de alterar a realidade social, de denunciar as desigualdades, de contribuir para que se possa cada vez mais compreender a realidade que nos cerca e atuarmos nela para sua transformação no sentido das necessidades da comunidade social. Assumir compromisso social em nossa ciência é buscar estranhar o que hoje já parece familiar; é não aceitar que as coisas são porque são, mas sempre duvidar e buscar novas respostas. Compromisso social é estranhar, é inquietar-se com a realidade e não aceitar as coisas como estão (BOCK, 1999, p. 327).

A partir da revisão da produção acadêmica sobre o compromisso social – incluindo artigos, livros, dissertações e teses – e do mapeamento de eventos que apresentaram tal discussão temática – incluindo as produções decorrentes dos mesmos, principalmente os cadernos de deliberação do Congresso Nacional de Psicologia (CNP) –, Santos (2017) delimitou seis temáticas denominadas por ela como campos de expressão do compromisso social (SANTOS, 2017,). Como explica a autora, esses campos:

> [...] se caracterizam como uma espécie de "efeitos sociais" do compromisso social por serem fruto de uma intencionalidade e produzirem impactos na psicologia e na sociedade, mas em alguma medida também se reportam à gênese do projeto, uma vez que partindo de uma perspectiva dialética compreendemos que tais expressões também indicam condições que tornaram possível tal redirecionamento na psicologia (SANTOS, 2017, p. 155).

O primeiro campo de expressão do compromisso social é **a inserção e qualificação do trabalho das/os psicólogas/os nas políticas públicas**. As políticas públicas podem ser definidas como um "[...] conjunto de intenções ou ações coletivas por parte do poder público que buscam atender necessidades da sociedade e que visam à garantia dos direitos sociais" (RONCA, 2017)[4]. Segundo o autor, elas exigem um diagnóstico da realidade, implicam a alocação de recursos públicos e visam à satisfação de todas as necessidades do ser humano. Podemos distinguir seis fases em seu processo de constituição: diagnóstico, formulação, cronograma, implementação, controle e avaliação.

Nesse processo, há diversos atores envolvidos. Gonçalves (2010) afirma que suas formulações se dão na dialética das relações entre sociedade, Estado e economia. Nesse sentido, como ressaltam Assis e Amaral (2013, p. 45), uma das características mais importantes das políticas públicas "[...] é sua vinculação e pertinência ao tempo histórico e às demandas da sociedade, sendo, assim, instituídas e instituintes":

> Instituídas, quando são transformadas em leis e regulamentadas de modo a oferecer as diretrizes para o funcionamento da sociedade, sendo, portanto, regra de conduta e referência para a defesa dos interesses do bem comum e do respeito à "coisa pública". E instituintes, na medida em que o próprio movimento histórico e as novas demandas dos diversos setores da sociedade se modificam, modificando também as necessidades e o perfil das instituições (ASSIS; AMARAL, 2013, p. 45).

É importante ressaltar que as políticas públicas têm caráter contraditório na luta de classes, como apontam Santos (2017) e Gonçalves (2010). Elas amenizam as contradições do capitalismo, mas atuam diretamente em necessidades básicas e pelos direitos sociais da população, como pontua Santos (2017). Já Gonçalves (2010) destaca que, se por um lado, elas são respostas pontuais e limitadas para os problemas derivados da relação capital-trabalho – lidando com a manifestação desses problemas e não com sua causa, e, assim, contribuindo para administrar a desigualdade social no sistema capitalista, e não para enfrentá-la –, por outro, as políticas públicas são um claro espaço de afirmação de direitos e de estabelecimento de relações humanas.

Apesar de a Psicologia estar inserida em diversas áreas das políticas públicas, sendo o setor público o maior empregador (40,3%) para a categoria profissional de psicólogas/os (MACÊDO; HELOANI; CASSIOLATO, 2010), essa inserção, por si só, não garante uma

[4] Material didático de aula realizada no dia 04/05/2018 da disciplina "A Dimensão Subjetiva da Desigualdade: Análise de Políticas Públicas", do Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

atuação comprometida socialmente, apesar de abrir a possibilidade de atuação na construção de um projeto progressista de transformação social (SANTOS, 2017).

Na tentativa de pensar o que seria uma prática qualificada em políticas públicas, devemos considerar, inicialmente, a necessidade de esta contar com a participação dos próprios sujeitos a que se destinam. A/O psicóloga/o deve atuar na desindividualização da dor dos sujeitos – pensando no sujeito coletivo em relação dialética com a sociedade, ao trabalhar, a partir da história concreta do Brasil e suas políticas, desnaturalizando a história, a partir da compreensão, por parte do sujeito, de seus direitos, – tornando as leis e políticas acessíveis a eles e se articulando com outras categorias. Guareschi (2007, p. 2) sintetiza essa proposta ao afirmar que as/os psicólogas/os devem:

> [...] problematizar as práticas psicológicas, que durante muito tempo favoreceram uma perspectiva privatista, principalmente no que diz respeito às práticas clínicas ou profissionais que ainda se encontram alijadas do coletivo, para que no contexto das políticas públicas façam parte de estratégias para politização dos sujeitos e promoção das condições de vida.

É muito importante que a/o profissional não caia em posições messiânicas e que entenda que, apesar de estar desafiando o projeto societário a partir de sua atuação embasada em um compromisso social, está também inserida em uma classe trabalhadora, dentro de um sistema capitalista. Nesse sentido, não é suficiente uma ‘boa vontade’ individual, pois como afirma Santos (2017), é importante lembrar que a inserção da categoria nas políticas públicas não é fruto de ações individuais das/os profissionais, e sim de mobilizações da categoria, o que destaca o importante papel das entidades representativas de classe em seu potencial de negociação. Ou seja, não se pode esquecer da “[...] importância das entidades representativas da profissão como uma das condições para o desenvolvimento do projeto do compromisso social” (SANTOS, 2017, p. 112).

O segundo campo de expressão do compromisso social delimitado por Santos (2017) é **a condição autônoma e a produção do trabalho coletivo e interdisciplinar**. Para uma atuação com compromisso social, faz-se imprescindível o reconhecimento da amplitude do fenômeno. Dessa maneira, "[...] o trabalho multiprofissional e interdisciplinar emerge como possibilidade para que o fenômeno em questão seja apreendido de maneira ampla e integral" (SANTOS, 2017, p. 166). A discussão teórico-conceitual sobre inter, multi e transdisciplinaridade é bastante extensa. Lançamos mão da definição de Santos (2017), que afirma que:

> A ênfase na interdisciplinaridade é um dos adjetivos mais correntes para qualificar uma atuação socialmente comprometida na Psicologia[...]. Na multidisciplinaridade, as disciplinas se associam, mas mantêm acentuada independência. A postura pode ser de colaboração, mas em geral manifestam-se conflitos. Já a interdisciplinaridade caracteriza-se pela união de distintas disciplinas em um todo coerente com potencial para conduzir a transdisciplinaridade, que supera a justaposição (SANTOS, 2017, p. 164).

O trabalho interdisciplinar deve ser caracterizado pela colaboração entre diferentes disciplinas que têm um objeto de estudo/atuação em comum. Apesar de, em sua teoria, ser facilmente compreendido e presente como diretriz de atuação em diversas áreas, na prática, atuar interdisciplinarmente enfrenta muitos desafios.

Ao voltarmos à discussão sobre projeto profissional e societário de Netto (1999), podemos apontar um desafio relacionado a esse tema. Isso se dá, principalmente, porque para atuar interdisciplinarmente, se faz necessário que todos da equipe, ou sua maioria, atuem numa mesma direção. Como aponta Birman (1980, apud RAMOS-CERQUEIRA, 1994, p. 39):

> [...] é tarefa interdisciplinar buscar a coerência interna desses discursos no campo histórico que possibilitou sua constituição e emergência, nas demandas do espaço social, e não apenas no questionamento da articulação lógico-formal de seus vários conceitos, ou no nível de colaboração de cada um deles.

Entre os desafios do trabalho coletivo, Galvan (2007, p. 58) afirma, primordialmente, que "[...] a junção, em um mesmo espaço, de vários indivíduos não caracteriza por si só a constituição de um grupo", o que indica a necessidade de uma formação da equipe para que a interdisciplinaridade ocorra de fato. Outro ponto relevante apontado pela autora é sobre o uso do saber como instrumento de poder e a hierarquização dos saberes frequentemente presente nas equipes multiprofissionais. Nesse sentido, entendemos a necessidade de determinada postura profissional aberta ao diálogo horizontalizado e disposta a aprender outros saberes e incorporá-los à sua prática. Isso implica, no processo de formação, investir na capacitação para o trabalho em equipe, pois, como afirma Galvan: “Para além das teorias e conceitos, é preciso contar com indivíduos sensibilizados e abertos para a recriação do conhecimento adquirido na teoria e na prática individual, a partir de uma elaboração conjunta” (2007, p. 59).

A Psicologia caminhou de uma condição autônoma individualista e individualizadora na atuação profissional para um trabalho mais coletivo, isso como consequência de mudanças históricas em que se apresentaram novas condições que exigiam nova postura das/os psicólogas/os. Dessa forma, apontamos para a reafirmação do trabalho

interdisciplinar e concordamos com Ramos-Cerqueira (1994, p. 40) quando este propõe “[...] uma prática interdisciplinar que incorpore os diferentes saberes psicológicos e outros campos de conhecimento que possam contribuir para uma epistemologia da convergência e não da dissociação do homem".

O terceiro campo de expressão do compromisso social destacado por Santos (2017) é **a defesa dos direitos humanos: enfrentando a dominação em suas diversas expressões**. A discussão e defesa dos direitos humanos na Psicologia está presente fortemente desde o início do projeto de compromisso social. Como afirmado por Rosato (2011, p. 19), entendemos direitos humanos constituídos:

> [...] como o conjunto de conquistas resultante de uma luta coletiva de diversos atores sociais por uma cultura de respeito aos direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais. Entende-se aqui que os principais fundamentos dos Direitos Humanos dizem respeito à igualdade e à dignidade humana, a partir de uma perspectiva sócio-histórica, não naturalista e enquanto uma construção em determinado período da história mundial, não sendo atributos naturais e inerentes ao ser humano.

Dessa maneira, são uma construção social e histórica da modernidade que carregam em si contradições. Ao relacionar os direitos humanos com a Psicologia, entendemos que, se a Psicologia tem como objetivo atuar para a qualidade de vida e enfrentamento ao sofrimento dos indivíduos, a defesa dos direitos humanos se faz base para tal atuação. Isso porque, como apresentado por Gonçalves (2010), as violações aos direitos fundamentais dos seres humanos afetam diretamente suas subjetividades na produção de adoecimento psíquico. Convergindo com a autora, Rosato (2011, p. 25) afirma que "[...] a constatação de que ambos os campos buscam, direta ou indiretamente, a dignidade humana reforça a similaridade entre a Psicologia e os direitos humanos". Nesse sentido, ela ressalta que “[...] os Direitos Humanos não seriam uma questão externa à Psicologia, mas algo que se coloca diariamente em nossa prática profissional e acadêmica. Nossa prática, nossa ciência têm a ver diretamente com a construção dos Direitos Humanos” (CAMINO, 2000 apud ROSATO, 2011, p. 25).

Embora “[...] muito antes da ditadura, a sociedade brasileira já [...] [caminhasse] para a violação dos direitos humanos de diferentes sujeitos, especialmente de mulheres, homossexuais, indígenas e afrodescendentes”, como apontado por Rechtman, Castelar e Castro (2013, p. 85), a pauta dos direitos humanos se fortaleceu no âmbito das discussões do Conselho de Psicologia – autarquia pública que tem como função regulamentar, orientar e fiscalizar a profissão com o objetivo de garantir a qualidade do serviço prestado à

sociedade – durante a ditadura. E, desde os anos 90, o Sistema Conselhos de Psicologia vem afirmando o posicionamento de uma Psicologia comprometida com os direitos humanos.

Isso se reflete claramente no Código de Ética Profissional do Psicólogo (LIONÇO, 2017; RECHTMAN; CASTELAR; CASTRO, 2013) e "[...] não ao acaso, o CFP edita as resoluções 01/1999 e 18/2002 (CFP, 1999; 2002) com ênfase na prática profissional no que diz respeito à homossexualidade e às relações raciais" (RECHTMAN; CASTELAR; CASTRO, 2013, p. 85). Como explica Lionço (2017), essas duas resoluções, respectivamente, vedam a patologização e tratamentos de reversão da orientação sexual e a prática do racismo no exercício profissional. Pois, como ressaltado pela pesquisadora:

> Quando alguém é desumanizado ou desqualificado em sua humanidade, seja em função da orientação sexual ou de expressão da fé, tais como homossexuais e adeptos de religiões de matriz africanas, se está destituindo estas pessoas de dignidade por meio de desumanização e de atribuição de desvalor. (LIONÇO, 2017, p. 214)

Tal violação de direitos impacta diretamente no sofrimento psíquico da população e na sociedade como um todo. E, pela dimensão da ética profissional, a Psicologia é convocada a se posicionar, a partir de seus conhecimentos científicos, no sentido de erradicar "[...] práticas preconceituosas e discriminatórias em relação a grupos sociais diversos" (MAYORGA et al, 2013, p. 258).

Considerando a amplitude do campo de atuação profissional (MAYORGA et al, 2013) e com a entrada das/os psicólogas/os nas políticas públicas, tornou-se ainda mais urgente um novo posicionamento ético-político da profissão, já que o "[...] campo das políticas sociais toma uma nova dimensão, uma vez que 39% nacionalmente representam uma grande fatia da categoria, para uma área que deixa de ser 'emergente' e passa a ser praticamente do *mainstream* da profissão" (SEIXAS et al, 2016, p. 438).

Defender os direitos humanos é assumir uma postura crítica que questione os fenômenos naturalizados e explicite seus determinantes sócio-históricos a partir de pesquisas sobre questões raciais, de gênero, de orientação sexual, entre outras, articulando-as com a realidade e dando subsídio para políticas de enfrentamento à dominação. Defender os direitos humanos é, essencialmente, atuar contra o pensamento manicomial, contra a criminalização da pobreza, pelo fim das desigualdades, de encontro aos preconceitos com usuários das políticas públicas, pela defesa da laicidade na atuação profissional. Enfim, defender os direitos humanos é lutar contra as formas de dominação em todos os campos

em que ela se apresenta. É entender o papel do Estado na produção de subjetividades violadas. Como coloca Santos (2017, p. 175):

> A defesa dos direitos humanos como possibilidade de enfrentamento aos sistemas de dominação e exclusão em suas diversas dimensões dá o tom do projeto do compromisso social da Psicologia na garantia de direitos civis e políticos, mas também de direitos econômicos, sociais e culturais, extensivos a todos os seres humanos, incluindo os grupos que frequentemente são alvos de preconceito e intolerância tais como crianças, mulheres, indígenas, pessoas negras, homossexuais, transexuais, pobres e deficientes.

O quarto campo de expressão do compromisso social é **a ampliação e fortalecimento das relações e instituições democráticas**. Como explica Santos (2017, p. 178), a democracia "[...] requer para sua efetivação comunidades engajadas e atuantes compondo a base da sociedade, sendo prioritário o tema da participação nos espaços públicos em suas várias dimensões". Netto (1999) e Teixeira e Braz (2009) explicam que para que haja um projeto societário ou profissional é necessária a democracia política. Nesse sentido, se defendemos um projeto de compromisso social da Psicologia, faz-se necessária a defesa da democracia em todos os âmbitos.

No entanto, como ressalta Benevides (2005, p. 22) “[...] não causa espanto, entre muitos, a afirmação de que Psicologia e Política não se misturam, ou, de que, quando somos psicólogos não somos militantes e se somos militantes não devemos sê-lo enquanto psicólogos”, uma vez que, ao tomarmos a política como sinônimo de partido político, tendemos a separar Psicologia de política. Porém, não é possível dissociar qualquer profissão de sua atuação ético-política, assim como seus órgãos de classe.

Como explicam Hur e Lacerda Júnior (2017), apesar de o Conselho Federal de Psicologia (CFP) ser uma autarquia de Estado que orienta e fiscaliza a profissão da/o psicóloga/o, sua atuação não se restringe apenas à normatização do exercício profissional e das técnicas psicológicas, mas também às “[...] questões sociais e políticas do país, tendo em vista a luta pela democratização dos processos sociais e políticos” (HUR; LACERDA JÚNIOR, 2017, p. 3). Nesse sentido, o CFP vem participando, ao longo de sua história, de mobilizações importantes no cenário político-social como as Diretas Já e a Constituição Cidadã, assumindo como bandeira a atuação da Psicologia nas políticas públicas, como ressaltam Hur e Lacerda Júnior (2017). Esse posicionamento, assumido pelo CFP, resultou “[...] na constituição de uma Psicologia plural e múltipla, que se exerce em inúmeros campos de trabalho, que tem um lugar de destaque nas políticas sociais e que assume um

compromisso pela mudança e transformação psicossocial" (HUR; LACERDA JÚNIOR, 2017, p. 3).

Ou seja, entendemos, assim como o fazem Hur e Lacerda Júnior (2017, p. 3), que "[...] o CFP assume posicionamento e práticas que visam à produção de uma sociedade mais igualitária, justa e democrática e, por conseguinte, com menor sofrimento psicossocial. Portanto, pode-se afirmar que suas ações são eminentemente políticas".

Toda ação profissional intervém na sociedade em uma direção e com a Psicologia não é diferente. O que acontece é que podemos ter consciência ou não da direção de nossa ação, ou, como diria Chauí (2000), podemos ser sujeitos éticos ativos ou passivos. Os sujeitos éticos passivos agem na sociedade em uma dada direção, porém não se responsabilizam por suas ações. Também há aqueles que são sujeitos éticos ativos e denominam sua posição de neutralidade. Nesses casos, o que ocorre é o encobrimento de um posicionamento político.

Nos dias de hoje, essa discussão encontra-se extremamente acirrada na sociedade brasileira, um acirramento no debate político em que parte da população se assume como neutra e acusa sua oposição de fazer política. Mas não existe neutralidade: todo ato tem uma direção e negá-la também é agir politicamente. Como explicitam Reis e Guareschi (2010, p. 857):

> Qualquer intervenção realizada com os sujeitos produz efeitos no coletivo, sempre havendo uma implicação política, pois essa prática é sempre uma ação sobre a vida desses sujeitos. Estar atento a isso é o que vai diferenciar os profissionais que se colocam em uma postura ético-política, ou seja, que se comprometem com o cuidado relativo à vida dos sujeitos que afetam. O oposto é a prática de profissionais que acreditam que a ética se expressa no seguimento fiel a um manual, código ou termo de consentimento informado.

Uma explicação para essa dificuldade de entendimento da dimensão ético-política da Psicologia pode estar no fato de que "[...] o discurso sobre o sujeito tem vindo acompanhado, no campo das práticas psi, de um processo de despolitização destas mesmas práticas" (BENEVIDES, 2005, p. 21). E essa dicotomização indivíduo-sociedade, clássica da Psicologia tradicional, contribui para a manutenção de uma Psicologia dita apolítica, que, em última instância, apenas colabora com a manutenção do *status quo*.

Na Psicologia, o Conselho Federal assume a importância da dimensão ético-política da profissão e vem se posicionando ativamente na direção de uma sociedade mais justa. Porém, esse posicionamento vem incomodando uma parte da sociedade e de psicólogas/os

que se escondem, por ignorância ou iniquidade, na dita ciência psicológica que não deve se posicionar.

Estamos em um período em que o fundamentalismo religioso vem assombrando as democracias mundiais. Lionço (2017) afirma que:

> Uma das forças de oposição contemporânea aos ideais democráticos é o fundamentalismo religioso, que alega que os ideais iluministas e a consequente secularização da sociedade decorreram em prejuízos morais e afrontas a preceitos de fé que organizavam a vida social. Entre os prejuízos elencados, afirma-se a necessidade de defender valores tradicionais relativos à família heteronormativa e monogâmica presumida sagrada, à concepção do papel social de homens e mulheres e à suposta decência das práticas sexuais restrita a ideais familistas de procriação. (LIONÇO, 2017, p. 209)

Mas já vivemos isso antes, então é importante entendermos como chegamos até aqui. Segundo Lionço (2017, p. 209), “o processo de secularização característico da Modernidade, em consonância com a laicização das repúblicas democráticas, trouxe a emergência de novos direitos decorrentes da ascensão do liberalismo, entre os quais a liberdade de consciência e de expressão”. Nesse período que rompe com a idade média e os dogmas da igreja, é criado o consenso acerca da garantia dos direitos humanos e dignidade humana a partir da proteção das liberdades individuais e do princípio democrático. Assim, o Estado, que antes era organizado com base na verdade absoluta religiosa, passa a se estruturar a partir da lógica da diversidade social (LIONÇO, 2017).

A explicação da autora é que “o fundamentalismo religioso é uma reação às novas contingências históricas e políticas que prevêem o reconhecimento da diversidade moral, cultural e das possibilidades diversas de subjetivação da humanidade” (LIONÇO, 2017, p. 209). E que, no Brasil, esse movimento tem caráter antidemocrático e agenda de retrocessos nos direitos humanos.

Apesar de a discussão sobre democracia ser muito mais ampla, entendemos que o princípio da laicidade é um dos pilares para que consigamos mantê-la. Principalmente porque as conquistas históricas do Sistema Conselhos de Psicologia citadas no subitem anterior estão ameaçadas pelo fundamentalismo religioso. Segundo a autora:

> O fundamentalismo religioso no contexto brasileiro se relaciona com a Psicologia em pelos menos três dimensões. A primeira é a da ofensiva fundamentalista contra normativas éticas da profissão no cenário parlamentar, na lógica de proposições legislativas que incidem sobre normativa ética da profissão, a saber a Resolução no CFP 01/1999 (CFP, 1999). A segunda é a do uso da Psicologia para os propósitos do fundamentalismo religioso. A incidência do viés religioso no seio da própria Psicologia também partilha de premissas fundamentalistas ao propor a anterioridade da convicção de fé sobre discursos científicos e práticas psicológicas, subalternizando os consensos democráticos construídos pela categoria de classe profissional em prol da imposição de irrevogabilidade de preceitos de fé em todas as dimensões da vida social, incluso o exercício profissional. É o caso da pretensa adjetivação cristã para a Psicologia, desvirtuando a identidade profissional. A terceira é a da construção de marcos de referência para a categoria profissional na afirmação da laicidade e do necessário enfrentamento do fundamentalismo religioso no cenário brasileiro contemporâneo. (...) é a proposição de marcos de referência, no âmbito do sistema conselhos de Psicologia, para afirmação da defesa da laicidade e necessidade de recusar o fundamentalismo religioso. (LIONÇO, 2017, p. 216/218)

A autora conclui que faz parte do compromisso histórico da Psicologia a defesa da democracia a partir da afirmação de sua laicidade e legitimidade científica. E aponta que:

> [...] os esforços para aproximação entre o sistema conselhos de Psicologia, por um lado, e a Psicologia acadêmica, por outro, é fundamental para que a formação em Psicologia esteja comprometida com a função histórica e social da Psicologia como ciência e como profissão na luta pela construção de uma sociedade democrática. (LIONÇO, 2017, p. 220)

No cenário atual, temos uma despolitização e um afastamento dos indivíduos do campo político. Isso se deu em um processo histórico detalhado por Miguel (2012), que culminou no momento atual em que, no entendimento da maior parte da população brasileira, por claros posicionamentos ideológicos, reduz democracia ao voto. Como possibilidade de enfrentamento à situação, o autor entende a retomada da categoria classe social no debate sobre democracia, isso porque, para ele, a democracia tem sempre como limite o capitalismo em razão de sua dependência estrutural ao mesmo, por sofrer uma influência do poder econômico que tende a se infiltrar e propagar e pela socialização inadequada dos trabalhadores para a ação política democrática.

Por fim, é importante destacar a relação entre mídia e democracia. Temos hoje no nosso país um monopólio dos meios de comunicação que impede que diferentes discursos cheguem à maior parte da população, influenciando para só um posicionamento político. Por isso, é cada vez mais imprescindível a defesa da democratização dos meios de comunicação e o fortalecimento de mídias alternativas e autorais.

A luta pela democracia é a luta pela ampliação da cidadania e pela inclusão efetiva da participação de todos e todas. E, não é apenas lutar pela democracia em embates óbvios

de exercício político, mas é assumir uma postura democrática em seu exercício profissional, nas entidades da Psicologia e na relação estabelecida com pares e usuários. Apenas a partir da defesa da democracia é possível a defesa do projeto do compromisso social.

O quinto campo de expressão do compromisso social é **o combate ao colonialismo cultural e defesa/organização da Psicologia latino-americana**. Como já discutido, a ciência moderna é constituída a partir do pensamento europeu. Segundo Ferreira (2009, p. 271),

> [...] a ciência corresponde a um modo de produzir conhecimento que é típico da matriz civilizatória europeia. O projeto de 'esclarecimento' que dirige, propulsiona e sustenta a ciência está no cerne do desenvolvimento do pensamento da civilização europeia.

Dessa maneira, a sociedade ocidental criou uma forma própria de produzir e legitimar o conhecimento que se disseminou e afirmou como universal em todos os lugares em que chegou. Santos (2017) aponta para o fato de que a:

> [...] adoção de uma perspectiva crítica auxilia no enfrentamento ao colonialismo cultural, contribuindo para a proposição do compromisso social, ao redimensionar as bases de apropriação do conhecimento exterior e propor que seja mediada por nossa cultura e as necessidades do nosso povo, respeitando a autonomia científica dos intelectuais. (...) A consciência sobre o colonialismo cultural nos coloca diante do desafio e da necessidade de construção de uma Psicologia brasileira, que se perceba também como Psicologia latina americana. (Santos, 2017, p. 103)

Ferreira (2009) realiza uma crítica ao colonialismo cultural da Psicologia ao apontar a tradição cultural europeia que se colocava em posição de ‘trazer a luz’ para a América Latina a partir do objetivismo e da neutralidade. Isso se dava em um claro compromisso com a descrição do objeto e reducionismo da inferência do profissional de forma que, quanto mais isenta fosse a representação desse objeto nos termos da ciência psicológica, mais fidedigna seria a ciência.

Em uma postura de colônia, funcionamos durante muito tempo, e até os dias de hoje em uma lógica de replicação de teorias europeias e estadunidenses. No entanto, o autor aponta que transplantar outra cultura no âmbito das ciências humanas gera problemas que devem ser considerados. Uma primeira preocupação dessa importação acrítica de teorias é a adesão e divulgação de teorias alhures sem adaptação à realidade local. Outro ponto é a escolha de temáticas também alheias à nossa realidade social. Por fim, o enaltecimento apenas do conhecimento produzido no exterior. Como consequência, segundo o autor,

vivenciamos um distanciamento e o empobrecimento de pesquisa e prática no país. E aponta a necessidade de, em caso de apropriação, que esta seja crítica.

Nesse debate, Furtado (2009) traz Martín-Baró (El Salvador, 1942 - 1989) como uma figura de extrema importância ao realizar uma crítica ao modelo conservador e ao capitalismo e investigações sistemáticas das classes trabalhadoras utilizando o método dialético. Ele, juntamente com Silvia Lane e outros pesquisadores, entende a necessidade de construção de uma Psicologia que produza conhecimento e atue para e a partir da realidade local visando à transformação social, principalmente em relação às desigualdades sociais, opressão e dominação.

Tal reflexão teve início a partir do questionamento sobre o que é e a quem serve a Psicologia, para em seguida se perguntar como a Psicologia poderia enfrentar o *status quo*, as formas de alienação e de opressão que conduzem à miséria e retiram de cada um dos indivíduos a possibilidade de definir suas próprias vidas e escolhas. O que levou a Psicologia, enquanto ciência e profissão, a realizar a crítica às teorias que buscam ajustar os indivíduos à sociedade sem questionar a mesma?

As críticas à Psicologia hegemônica se baseavam, principalmente, em sua a-historicidade, a-política e na naturalização das condições sociais e de indivíduos descolados de sua realidade concreta de vida, de seu tempo histórico e das condições econômicas e sociais a que estão submetidos. No contexto da América Latina, essas críticas se desenvolveram, principalmente, a partir da Psicologia social, e tinham como alvo tanto o pragmatismo norte-americano, quanto a concepção abstrata europeia (LANE, 2014).

É importante ressaltar que o processo que ocorreu no Brasil se deu de forma similar em outros países da América Latina, já que:

> As realidades das sociedades latino-americanas foram marcadas por processos históricos similares de exploração, crescimento desordenado e regimes totalitários. O preço de tais processos de exploração e de produção de riquezas, para os países imperialistas, foi a violência, a aculturação, a exclusão social, a inclusão perversa, a má distribuição de renda, a violação dos direitos fundamentais, a discriminação racial e de gênero e o empobrecimento da maioria da população. [...] Tendo em vista a realidade política e socioeconômica do continente latino-americano, justifica-se o movimento da Psicologia em repensar a sua atuação diante dessa população. (SILVA, 2003, p. 38)

As similaridades históricas aproximam os países da América Latina e a compreensão disso possibilita o fortalecimento regional e questionamento sobre o mecanismo de dominação-submissão que se impõe sobre o continente. Esse processo se explicita como política emancipatória nos anos 90 e 2000 em uma forte tendência de

integração da América Latina, que pode ser identificada, principalmente, a partir da política de fortalecimento do MERSCOSUL, que é uma tentativa de aumento de autonomia e competitividade no mercado global. Vale ressaltar que:

> [...] a verdadeira integração latino-americana não deve ocorrer com a premissa da homogeneização do continente. Pelo contrário, a unidade só ocorrerá com o respeito às diferenças, com a cooperação entre as nações e com a manutenção das identidades regionais, na tentativa de construir um projeto comum, porém não universalizante, de uma Psicologia verdadeiramente latinoamericana que atenda as necessidades dos seus países. (SILVA, 2003, p. 39)

Na Psicologia, isso resulta na reflexão e "construção de um saber que tenha os traços, as cores e que dê conta da subjetividade dos indivíduos que vivenciaram processos políticos e históricos de opressão, desigualdades, aculturação e violação de direitos humanos" (SILVA, 2003, p. 34). É nesse período, a partir dessas condições históricas e com esses questionamentos à própria Psicologia que começam a despontar diversas teorias psicológicas críticas. Teorias que questionavam a função social da Psicologia, suas práticas e referências, e desenvolveram um novo campo teórico-prático desde as demandas da realidade local e sem mais dicotomizar sujeito e sociedade.

Entre as/os representantes desse processo temos Silvia Lane no Brasil e Martín-Baró em El Salvador como importantes protagonistas. Ambas/os afirmavam que a discussão não se tratava de uma área de trabalho, mas da dimensão ético-política profissional, qualquer que seja a área em que se trabalhe. Tal premissa é resumida na famosa frase de Lane de que toda Psicologia é social. (LANE, 1981/2014).

O questionamento da dimensão ético-política vai no caminho de entender, como colocado no subitem anterior, que toda ação tem uma direção e, por isso, é política. Assim, é necessário ter clareza sobre em que direção as intervenções em Psicologia têm levado a sociedade. Pelas palavras de Martín-Baró (1997):

> Não se trata de se perguntar o que pretende cada um fazer com a Psicologia, mas antes e fundamentalmente, para onde vai o que fazer psicológico; que efeito objetivo a atividade psicológica produz em uma determinada sociedade. (...) Não se trata de abdicar do papel técnico que corresponde ao psicólogo; trata-se de despojar esse papel de seus pressupostos teóricos adaptacionistas e de suas formas de intervenção a partir de posições de poder. [...] Para tanto, torna-se necessário elaborar uma visão conceptual diferente e, talvez, também novos métodos de diagnóstico e de intervenção. (MARTÍN-BARÓ, 1997, p. 13/21)

O sexto campo de expressão do compromisso social é a **(re)invenção dos saberes e práticas: a centralidade do exercício crítico**. Este último é, praticamente, como falaríamos na Psicologia Sócio-Histórica, uma volta à totalidade, é eixo central e

transversal que subsidia o projeto do compromisso social (SANTOS, 2017). Para tanto, ele diz respeito a todos os campos de expressão anteriores.

Apesar de último em sua apresentação, talvez esse seja o primeiro que deve ser exercitado na busca por uma atuação comprometida socialmente. Santos (2017) coloca a criticidade como eixo central e transversal que subsidia o projeto do compromisso social. E, segundo Bock, historicamente:

> [...] nossas técnicas têm sido construídas e utilizadas com uma determinada camada social, em geral intelectualizada e muito verbal. A população brasileira, na sua maioria, não tem costume e facilidade para trabalhar a partir das técnicas com as quais estamos acostumados (BOCK, 1999, p. 327).

A autora indica a necessidade de inovar a partir da compreensão das populações atendidas, não simplesmente atuar a partir de técnicas prontas para aplicação. A crítica, nesse sentido, se dá na adaptação do saber da Psicologia e na produção desse saber frente às demandas da realidade social que se apresenta:

> Se pensar a Psicologia nos coloca, indefectivelmente, a tarefa de repensarmos as configurações de nosso tempo que formam a tessitura do corpo social em que vivemos, que este exercício seja feito levando em conta, e em primeiro plano, a dimensão ética, em busca de um trabalho com compromisso social, político e subjetivo. (DANTAS e BENEVIDES, 2016, p. 174)

No mesmo caminho de construção, Ferreira (2009) produz uma escala gradiente da Psicologia crítica com dois níveis extremos opostos e um central. O primeiro é o da crítica radical em que a Psicologia tem compromisso com a crítica, os pesquisadores fazem da crítica o seu instrumento básico de investigação. Ou seja, uma teoria, pesquisa ou intervenção profissional é capaz de realizar a crítica em relação ao próprio objeto sobre o qual é desenvolvida; o estudo do objeto é, ao mesmo tempo, um processo de crítica a ele. No meio termo, há a crítica aplicada, na qual pesquisadores a exercem por meio da aplicação dos conhecimentos implicados pela teoria e ‘para fora’ da teoria no exame de dado evento. Já no extremo oposto da crítica radical se encontra o descompromisso com a crítica que se caracteriza pelo total desinteresse pelo contexto e legitimação do *status quo*, um pensamento que justifica ou atenua o impacto de um problema social. O autor aponta para a necessidade de uma postura crítica radical na Psicologia se buscamos atuar pelo projeto do compromisso social.

Convergindo com o produzido por Bock (1999) e Ferreira (2009), Furtado (2009) complementa o debate ao elaborar quatro posturas para que a Psicologia produza conhecimento revolucionário e crítico. O primeiro é descartar a Psicologia como

pensamento subjetivista e individualista; o segundo, entender a contribuição da Psicologia na compreensão do ser humano; o terceiro, considerar o ser humano como único animal com condições de transformar sua própria história; e o quarto, buscar referências que estudem a subjetividade dialeticamente às condições objetivas.

O pensamento crítico deve ser tomado como base e eixo orientador da Psicologia comprometida socialmente, independentemente de abordagem teórico-metodológica ou campo de atuação da/o psicóloga/o. Se almejamos a transformação social, não podemos atuar de maneira descontextualizada, individualizante e que desconsidere as mediações presentes na relação dialética entre indivíduo e sociedade. Devemos criar práticas e produzir novos saberes orientados para o bem comum e da maior parte da população. Como afirmam Dantas e Benevides (2016, p. 175):

> A Psicologia precisa sofrer um processo de abertura e radical atravessamento aos problemas da sociedade, ser-lhes sensível, propondo interpretações e encaminhamentos possíveis ao seu enfrentamento; deve democratizar o saber, torná-lo acessível e compô-lo em conexão com as questões sociais contemporâneas.

Dado o exposto, entendemos que o projeto profissional do compromisso social é um marco na história da Psicologia brasileira e se constitui a partir de diversas dimensões. São aproximadamente 40 anos de defesa de uma Psicologia que visa à transformação das condições de vida da maior parte da população. Vivemos hoje um momento de nova empreitada neoliberal com clara destruição das políticas públicas e em que as condições atuais oprimem e geram cada vez mais sofrimento para grande parte da população brasileira. Como afirmado por Santos (2017), entendemos que:

> [...] é no enfrentamento a diversas opressões, sejam elas políticas, econômicas, sociais ou mesmo científicas que o compromisso social vai ganhando relevo e consolidando-se como um projeto ético-político para a Psicologia. [...] [há uma] impossibilidade de uma prática científica ou profissional ser neutra, ou destituída de valores e intencionalidades. (SANTOS, 2017, p. 119)

Consideramos de grande valia o trabalho de Santos (2017) e concordamos com a autora que os campos de expressão delimitados por ela não são definitivos, muito menos os únicos. O exercício realizado foi na intenção de explicitar alguns deles, mas a identificação de outros é possível.

A formação é um momento crucial para que a/o futura/o profissional entre em contato e adira ao projeto profissional do compromisso social. Nesse sentido, faz-se

necessário que entendamos um pouco mais sobre o panorama atual da formação em Psicologia para compreender os desafios e possibilidades que se apresentam.

3 A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA

A formação em Psicologia implica um compromisso em ir além do cumprimento de etapas curriculares e da busca de um lugar profissional no mercado.

Dantas e Benevides, 2016

Com a regulamentação da profissão em 1962, foi oficializado também o Currículo Mínimo para os Cursos de Psicologia para Bacharelado e Licenciatura, com vigência a partir de 1963 e composto por matérias obrigatórias, definição da obrigatoriedade do estágio supervisionado e sua carga horária, além da duração do curso. Devido ao golpe militar de 1964, o Currículo Mínimo permaneceu quase sem modificações, mas a formação em Psicologia sofreu grande impacto nesse período, principalmente por causa da Reforma Universitária.

A Reforma Universitária oficializada pela Lei 5.540, de 1968 – que é produto dos acordos entre o Ministério da Educação (MEC) e a United States Agency for International Development (USAID) – impactou diretamente a formação em Psicologia, pois abriu a possibilidade de investimento de capital estrangeiro no Ensino Superior brasileiro. Como uma das consequências desse processo, segundo Macedo et al (2017), a aquisição de Instituições de Ensino Superior (IES) por grupos internacionais passou a ser uma realidade a partir da década de 1990.

Entre 1995 e 2010, as matrículas no Ensino Superior tiveram um crescimento de 262,52%, sendo que, “indiscutivelmente, o que mais se expandiu no período foram as matrículas nas instituições privadas, que tiveram um crescimento da ordem de 347,15%, enquanto na rede pública o aumento foi apenas de 134,58%” (MANCEBO et al, 2015, p. 35). Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) analisados por Guzzo (2018) vão na mesma direção ao afirmar que:

> Entre os anos de 1997 e 2012, o número de formados nos cursos de Psicologia no país avançou de 10.208 para 19.596: um aumento expressivo de 192% em um período de 15 anos. Destes 19.596 formados em 2012, 16.077 (82%) vieram de instituições privadas, enquanto que apenas 3.519 formaram-se em instituições públicas. (GUZZO, 2018, p. 149)

Essa mudança de marcos regulatórios, somada ao aumento de pessoas formadas no Ensino Médio, que antes não tinham acesso ao nível superior, constituiu terreno fértil para uma internacionalização que “apresenta interesses marcadamente mercantis, o que

aprofunda o risco das instituições se configurarem como meras produtoras de profissionais e conhecimentos práticos funcionais ao mercado" (MACEDO et al, 2017, p. 860).

A expansão da Pós-Graduação segue o mesmo caminho, já que "os recursos para pesquisa não são suficientes para toda a demanda do país", e coloca uma "indução que mais agressivamente vem ocorrendo para que as universidades, em especial a pós-graduação, vinculem-se às empresas" (MANCEBO et al, 2015, p. 46).

Tais aspectos, apesar de serem indicadores de avanços, em razão do aumento no acesso ao Ensino Superior e na Pós-Graduação, não podem ser vistos apenas como algo positivo, pois trazem em si contradições, como apontadas por Mancebo et al (2015, p. 33):

> Se, por um lado, a expansão engendrada nas últimas décadas pode ser percebida como positiva por ampliar o acesso da população ao ensino superior, deve-se atentar para alguns efeitos perversos desse mesmo processo, particularmente no que tange ao perfil dos cursos e das carreiras criados pelas instituições privadas, cuja expansão se dá sob a influência direta de demandas mercadológicas, valendo-se dos interesses da burguesia desse setor em ampliar a valorização de seu capital com a venda de serviços educacionais. A produção de conhecimento também cresceu no país, fruto direto da expansão da pós-graduação, embora se apresente, cada vez mais, atrelada à tecnologia e à inovação, imprescindíveis para que o capitalismo possa renovar-se e ampliar sua margem de riqueza tendo como princípio a base industrial consolidada.

Antunes (2012, p. 60) complementa que:

> A proliferação de instituições privadas de ensino superior foi uma das consequências dessa reforma, muitas das quais criadas em condições acadêmicas precárias, e que ofereciam cursos de baixo custo e alta rentabilidade, sem garantia de formação adequada de seus alunos. (...) Nessa época, foram criados muitos cursos de Psicologia que, para garantir a lucratividade, reduziam o número de disciplinas ao currículo mínimo, com docentes submetidos a baixos salários e com número elevado de alunos por sala de aula. Um grande contingente de alunos oriundos das camadas menos privilegiadas economicamente, que necessitavam estudar no período noturno para, com seu trabalho, pagar os custos de um curso superior muitas vezes de futuro incerto, formavam o corpo discente de muitas dessas instituições. A falta de docentes qualificados, a precariedade das suas condições de trabalho, as atividades restritas apenas ao ensino, desvinculadas da extensão e da pesquisa, contribuíram para uma crescente perda de qualidade do ensino da Psicologia.

Durante o período de redemocratização, nos anos 80, o Conselho Federal de Psicologia protagonizou o debate sobre a formação em Psicologia, o que se intensificou a partir da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996, e a consequente obrigação de elaboração das diretrizes curriculares do curso (RECHTMAN, 2016). Assim, Guzzo (2018), referenciando Duran (1994), afirma que:

> [...] em meio ao contexto econômico e político no qual a Educação Superior se desenvolveu na década de 1990, algumas oposições da formação em Psicologia começaram a ser discutidas, como os dilemas entre formar psicólogos generalistas ou especialistas; entre um currículo rígido ou flexível; entre cursos teóricos ou essencialmente práticos; além dos dilemas éticos referentes à formação (GUZZO, 2018, p. 150).

Após amplo processo de debates em 2004, foram homologadas as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de Psicologia, que são a base do que está vigente hoje – com o acréscimo, em 2011, da obrigatoriedade de oferta de Licenciatura nos cursos de Psicologia – e "constituem as orientações sobre princípios, fundamentos, condições de oferecimento e procedimentos para o planejamento, a implementação e a avaliação deste curso" (BRASIL, 2011, p. 19).

O texto das DCN 2004, que se mantém em 2011, buscou garantir uma formação comum a partir de núcleos e a demanda de uma especialização na Psicologia garantida pelas ênfases curriculares, além de pautar-se em sete princípios expostos no Art. 3º do documento:

> I - construção e desenvolvimento do conhecimento científico em Psicologia;
> II - compreensão dos múltiplos referenciais que buscam apreender a amplitude do fenômeno psicológico em suas interfaces com os fenômenos biológicos e sociais;
> III - reconhecimento da diversidade de perspectivas necessárias para compreensão do ser humano e incentivo à interlocução com campos de conhecimento que permitam a apreensão da complexidade e multideterminação do fenômeno psicológico;
> IV - compreensão crítica dos fenômenos sociais, econômicos, culturais e políticos do País, fundamentais ao exercício da cidadania e da profissão;
> V - atuação em diferentes contextos, considerando as necessidades sociais e os direitos humanos, tendo em vista a promoção da qualidade de vida dos indivíduos, grupos, organizações e comunidades;
> VI - respeito à ética nas relações com clientes e usuários, com colegas, com o público e na produção e divulgação de pesquisas, trabalhos e informações da área da Psicologia;
> VII - aprimoramento e capacitação contínuos. (BRASIL, 2011, p.19)

Mas, como está a formação em Psicologia hoje? Segundo Guzzo (2018):

> A instituição das Diretrizes Curriculares para os cursos de Psicologia no ano de 2004 parece ter dividido em dois períodos a movimentação dos profissionais na discussão sobre a formação. Na década que o antecedeu, muito se debateu para que as DCN cumprissem a promessa de transformar a formação no país e, por conseguinte, o perfil profissional e o conhecimento científico para o enfrentamento das questões sociais presentes na realidade brasileira. *(*GUZZO, 2018, p. 154)

Atualmente, no Brasil, o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), instituído pela Lei 10.861, de 14 de abril de 2004, coordenado e supervisionado pela Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (CONAES), é responsável pela avaliação dos cursos. A CONAES possui a seguintes atribuições:

> I - propor e avaliar as dinâmicas, procedimentos e mecanismos da avaliação institucional, de cursos e de desempenho dos estudantes;
> II - estabelecer diretrizes para organização e designação de comissões de avaliação, analisar relatórios, elaborar pareceres e encaminhar recomendações às instâncias competentes;
> III - formular propostas para o desenvolvimento das instituições de educação superior, com base nas análises e recomendações produzidas nos processos de avaliação;
> IV - articular-se com os sistemas estaduais de ensino, visando a estabelecer ações e critérios comuns de avaliação e supervisão da educação superior;
> V - submeter anualmente à aprovação do Ministro de Estado da Educação a relação dos cursos a cujos estudantes será aplicado o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes ENADE;
> VI - elaborar o seu regimento, a ser aprovado em ato do Ministro de Estado da Educação;
> VII - realizar reuniões ordinárias mensais e extraordinárias, sempre que convocadas pelo Ministro de Estado da Educação. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO)

Em relação à qualidade dos cursos, o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) é a ferramenta utilizada como mensuração em âmbito nacional, sendo o Conceito Preliminar de Curso (CPC) o indicador de qualidade que avalia os cursos de Graduação. A Nota Técnica 38/2017/CGCQES/DAES[5] do INEP oficializa que “o CPC é um indicador de qualidade que combina, em uma única medida, diferentes aspectos relativos aos cursos de graduação. Ele é constituído de oito componentes, agrupados em quatro dimensões que se destinam a avaliar a qualidade dos cursos de graduação”, como apresentado no quadro a seguir:

[5] Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/notas_tecnicas/2016/nota_tecnica_n38_2017_cgcqes_daes_calculo_cpc.pdf>. Acesso em 19 jul. 2018.

Quadro 1 - Composição do CPC e pesos das suas dimensões e componentes

Desempenho dos Estudantes	Nota dos Concluintes do ENADE (NC)	20%	
Valor Agregado pelo Processo Formativo Oferecido pelo Curso	Nota do Indicador de Diferença entre os Desempenhos Observado e Esperado (NIDD)	35%	
Corpo Docente	Nota de Proporção de Mestre (NM)	7,5%	30%
	Nota de Proporção de Doutores (ND)	15%	
	Nota de Regime de Trabalho (NR)	7,5%	
Percepção Discente sobre as Condições do Processo Formativo	Nota Referente à Organização Didático-Pedagógica (NO)	7,5%	15%
	Nota Referente a Infraestrutura e Instalações Físicas (NF)	5%	
	Nota referente à oportunidade de ampliação da formação acadêmica e profissional (NA)	2,5%	

Fonte: Inep/Daes

O CPC conta com uma escala de avaliação que vai do conceito 1 ao 5, sendo que, de acordo com a mesma nota técnica, “para que um curso tenha o CPC calculado, é preciso que ele possua no mínimo 2 (dois) estudantes concluintes participantes no ENADE. Os cursos que não atendem a esse critério ficam na condição de ‘Sem Conceito (SC)’". Instituições com média inferior 1 ou 2 devem passar por uma visita de avaliação do Inep, as notas a partir de 3 são consideradas satisfatórias e a nota 5 é o nível mais alto de qualidade. O MEC pode descredenciar uma instituição caso esta obtenha nota de 1 a 2 em mais de uma avaliação, assim como pela falta de qualidade no ensino e na estrutura física da faculdade.

Na Psicologia, o ENADE foi aplicado pela primeira vez em 2006. Esses dados foram analisados por Lisboa e Barbosa (2009). Do total de 396 cursos avaliados, 48,74% (n=193) encontravam-se na região Sudeste, 26,26% (n=104) no estado de São Paulo. Em relação à modalidade de ensino, apresentou-se exclusividade do curso presencial e maioria absoluta de 84,34% (n=334) com cursos localizados em instituições privadas. Por fim, foi identificada uma predominância de 40,51% (n=126) de cursos com conceito na faixa 3.

A partir da análise dos resultados do ENADE 2015, divulgado pelo INEP, temos um panorama geral mais atual dos cursos de Psicologia. Foram avaliados 466 cursos em todas as regiões do país, dos quais 42,91% (n=200) estão localizados na região Sudeste, sendo

21,89% (n=102) no estado de São Paulo. Em relação à modalidade de ensino apresentou-se exclusividade do curso presencial e, do total de instituições, temos 33 estaduais, 52 federais e 381 privadas. Por fim, foi identificada uma predominância de 51,50% (n=240) de cursos com conceito na faixa 3 (Tabela 1).

Tabela 1 - CPC ENADE 2015

CPC Faixa	Total (%)	Total (N)
2	3,43%	16
3	51,50%	240
4	35,41%	165
5	0,43%	2
Curso não reconhecido	8,58%	40
Sem Conceito	0,64%	3
Total Geral	100,00%	466

Fonte: A autora, 2019

Em comparação com o estudo de Lisboa e Barbosa (2009), analisamos que, nesse período, houve um aumento de 70 cursos de Psicologia no Brasil. Em relação à localização dos cursos, manteve-se uma predominância na região Sudeste com concentração no estado de São Paulo, apesar de pequena queda de aproximadamente 6% e 4%, respectivamente. A exclusividade do curso presencial também se manteve, assim como a maioria de cursos de instituições privadas, que compõem 81,76%% (n=381) do total. Também perpetuou o CPC com nota 3 na maior parte dos cursos, observando-se um crescimento de mais de 10% nesse indicador.

Apesar das conquistas na profissão, o desafio na formação ainda é grande. Rechtman (2016) aponta que diferentes projetos de profissão convivem, ao mesmo tempo, em um mesmo curso de Psicologia. Dantas e Benevides (2016), por suas vezes, afirmam que:

> A Psicologia parece ainda, sob vários aspectos, formar profissionais como meros reprodutores de conceitos e técnicas – quer dizer, como técnicos capazes de causar “bem-estar”, ou “felicidade”, ou “autonomia” a um ser humano definido de forma abstrata, sem historicidade e sem singularidade (DANTAS e BENEVIDES, 2016, p. 162).

Bernardes (2012) conclui que, apesar do compromisso social aparecer em diversos projetos pedagógicos, a clínica realizada em consultório se mantém como foco e faz a crítica ao modelo clínico ainda predominante em vários campos.

> Por outro lado, entendemos que a clínica é uma prática da Psicologia que produziu um grande reconhecimento da profissão. Essa prática não se limita aos consultórios e clínicas psicológicas. Assim, consideramos a clínica como estruturante da Psicologia e, por isso, sua presença forte como escolha de atuação dos estudantes não deve ser cegamente criticada. A crítica contundente deve se dirigir ao modelo clínico que, muitas vezes, é utilizado em intervenções na escola, nas instituições, nos mais diversos locais. (RECHTMAN; CASTELAR; CASTRO, 2013, p. 79)

Soligo (2015) explicita um aspecto bastante importante da contradição:

> Há que se destacar que, formados por uma educação básica que prioriza o desenvolvimento individual e despreza o coletivo, que sustenta o discurso e ideário meritocrático, característico do sistema educativo brasileiro, os estudantes ingressam nos cursos de Psicologia interessados na perspectiva clínica e na obtenção de um diploma que os torne profissionais liberais. (SOLIGO, 2015, p. 172/3)

Outro aspecto preocupante é a naturalização do discurso da necessidade da privatização das universidades públicas. Essas questões são explicitações de uma lógica da ideologia dominante em um "contexto internacional marcado pela mundialização econômica e pelas políticas neoliberais [...] que apontam para a privatização da educação superior, acarretando graves consequências para a formação superior, para a produção do conhecimento e da cultura e para o trabalho docente" (MANCEBO et al, 2015, p.34).

Segundo Macedo et al (2017):

> [...] o fortalecimento do setor privado tem sido a principal marca do ensino superior desde a Reforma Universitária de 1968. Mas surgiu um elemento novo as primeiras décadas do século XXI: o protagonismo dos fundos de investimentos e a formação de oligopólios na educação. O quadro de desregulamentação da legislação abrindo o setor para o capital financeiro e o papel do Estado atuando na transferência do fundo público para o setor privado nos últimos anos favoreceram a concentração e a centralização de capitais, tornando a educação um dos ramos mais rentáveis no setor de serviços. (MACEDO et al, 2017, p. 864)

Em relação à formação em Psicologia, as/os autoras/es afirmam que trata-se de um curso presente em quase todas as IES adquiridas pelos três grupos que operam no Brasil: Laureate International Universities, DeVry Education Group e Whitney International. Isso porque, segundo as/os autoras/es, o curso de Psicologia exige baixos custos de implantação e tem grande procura por ser enraizado na cultura brasileira por uma visão de psicologia como conhecimento capaz de resolver os problemas das pessoas.

Por fim, alertam para os riscos da atuação desenfreada desses grandes grupos educacionais de capital internacional que reduzem a formação às técnicas, a partir de um ensino descontextualizado, acrítico e massificado e sem compromisso com a formação

social das/os futuras/os psicólogas/os. Nesse ponto, há também uma íntima relação com o Ensino à Distância (EaD), como afirma Mancebo et al (2015):

> [...] esse fortalecimento da iniciativa privada envolve a organização de grandes conglomerados, o que significa que o setor tem se consolidado em uma economia de escala, em que grandes grupos oferecem ensino superior barato, com uma qualidade sofrível, uso ampliado de EaD etc. (MANCEBO, 2015, p. 37).

O Decreto 9.057, de 25 de maio de 2017, que estabelece cursos em formato totalmente EaD na Graduação e na Pós-Graduação *lato sensu*, é um exemplo de deterioração do Ensino Superior no Brasil. Por estar abaixo do guarda-chuva do Conselho Nacional de Saúde (CNS), a Psicologia tem o privilégio de reduzir essa porcentagem para 20% do curso, por enquanto. Como os dados nos mostram, "o EaD representava somente 0,06% do total de matrículas em 2000, percentual que salta para 14,58% em 2010" (MANCEBO et al, 2015, p. 39).

Nesse ponto também se apresenta uma contradição, já que muitos consideram o EaD a solução para um maior alcance do conhecimento no país. Mancebo et al (2015) discorda ao colocar que "em resposta aos que proclamam o uso do EaD como forma de democratizar o acesso a uma parcela da população historicamente excluída, deve-se contrapor que o EaD não resolverá o problema da exclusão, apenas mudará a forma pela qual ela ocorre" (p. 43). O que temos é mais uma vertente da ideologia dominante de que a tecnologia por si só resolverá os problemas sociais, porém, já sabemos que não é tão simples assim.

Um último fator importante da atualidade no que tange à formação de Ensino Superior é o "Movimento escola sem partido" que, transvestido de neutro, apenas reforça um pensamento tecnicista e a-político da educação, inclusive no Ensino Superior. Tal movimento:

> [...] acusa as escolas de "doutrinação ideológica" e propõe medidas para impedir que professoras e professores expressem, em sala de aula, opiniões consideradas impróprias. A principal organização é o Movimento Escola Sem Partido (MESP), que se apresenta como uma 'iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior'. Fundado em 2004 pelo advogado Miguel Nagib, o MESP permaneceu na obscuridade até o início da década de 2010, quando passou a ser uma voz frequente nos debates sobre educação no Brasil. Seu programa foi abraçado por todos os grupos da direita brasileira. É o idealizador de projetos de lei que tramitam em todo o Brasil, nas Câmaras de Vereadores e Assembleias Legislativas, e também no Congresso Nacional. (MIGUEL, 2016, p. 595)

Ele nasce da indignação de alguns anti-intelectuais sobre a “doutrinação ideológica marxista” nas escolas e, rapidamente, assume a bandeira prioritária contra a “ideologia de gênero” na educação em resposta às ações de combate à homofobia e ao sexismo nas escolas, duas pautas que unem o conservadorismo moral e econômico do nosso país (MIGUEL, 2016). Como aponta o autor:

> A ameaça da ‘doutrinação marxista’ nas escolas é alimentada por uma leitura fantasiosa da obra do revolucionário sardo Antonio Gramsci. Entendendo que a luta pela transformação social, nas sociedades capitalistas ocidentais, não pode ser restrita à conquista do Estado, Gramsci formulou a ideia de um combate pela hegemonia que inclui a disputa por projetos e visões de mundo, em diferentes espaços da sociedade civil (Gramsci, 2000 [1932-4]). Essa sofisticada percepção da luta política se torna, nas mãos de seus detratores à direita, uma estratégia maquiavélica e simplória, com o objetivo de solapar os consensos que permitem o funcionamento da sociedade, por meio da manipulação das mentes (a noção de ‘lavagem cerebral’ é invocada com frequência). Gramsci é apresentado como alguém que bolou um ‘plano infalível’ para a vitória do comunismo: é o Cebolinha do pensamento marxista. É essa leitura bizarra que é evocada pelo nome de ‘marxismo cultural’ (MIGUEL, 2016, p. 600/1)

Muito se tem pesquisado e apontado em relação à formação em Psicologia. A indissociabilidade entre formação e profissão, a importância do tripé ensino-pesquisa-extenção e a necessidade de rompimento com práticas tradicionais a partir do novo são alguns aspectos apontados na direção do desenvolvimento da Psicologia crítica. Mas os desafios são muitos. Guzzo problematiza que:

> Podemos apontar que, da maneira como está entrelaçada a formação em Psicologia no Brasil aos padrões neoliberais estabelecidos nas políticas educacionais para o Ensino Superior, será difícil uma virada na formação profissional e científica para a transformação social. Essa é uma trama composta de acordos políticos, motivações econômicas e interesses de grupos dominantes. (GUZZO, 2018, p. 154)

Por outro lado, como perspectivas de superação, Soligo (2015) aponta que precisamos de uma formação que supere a dimensão tecnicista, que seja política, que trate os referenciais teóricos em sua historicidade, que nos reconheça como América Latina e que una pesquisa, atuação e ensino.

E onde nos encontramos hoje? Será que estamos neste caminho? Apesar de todos os obstáculos, a formação em Psicologia tem caminhado na direção do projeto profissional do compromisso social?

4 A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA PARA O COMPROMISSO SOCIAL

As dificuldades na formação esbarram sempre nos interesses institucionais, os quais, por sua vez, no caso da Psicologia, estão voltados, em sua maioria aos interesses do mercado. Diante disso, considera-se como uma das maiores dificuldades na formação que a mesma se oriente pela prática social.

GUZZO, 2018

Para formar para o compromisso social não existe uma fórmula mágica, não há resposta única, muito menos certa. Nem mesmo os campos de expressão apresentados aqui são a resposta para esse desafio. Isso porque a formação está em constante movimento e inserida em contextos específicos. Assim, concordamos com Benevides (2005) ao afirmar que:

> Mais do que fazer uma discussão de conteúdos curriculares, ou mesmo indicar disciplinas a serem incluídas e/ou excluídas dos cursos de formação devemos nos perguntar sobre quais práticas tais psicólogos têm efetuado, quais compromissos ético-políticos têm tomado como prioritários em suas ações. (BENEVIDES, 2005, p. 22)

Assim como afirmam Dantas e Benevides (2016, p. 166):

> [...] compreender o modo como se constitui esse campo em suas fragmentações, em suas institucionalizações e na formação arbitrária de seus regimes de verdade, implica compreender a formação: a) como processo (e, portanto, como transitória e variável no tempo e no espaço); b) como um cruzamento de linhas de forças (e, portanto, como atravessada por relações de poder); e, por fim, c) como passível de ser libertada de duas tendências nocivas para o pensamento e a experimentação das singularidades, tendências aparentemente contraditórias, mas em surpreendente conexão: a abstração naturalista desprovida de história e o utilitarismo concretista desprovido de crítica.

Dito isso, neste capítulo apresentaremos a discussão e algumas pesquisas que demonstram como o compromisso social aparece na formação. Entendemos que os campos acabam se interligando, sendo constituídos simultaneamente e influenciados pelos mesmos fatores históricos. Por isso, escolhemos não delimitar as pesquisas nessa categorização. Mas, os campos de expressão desenvolvidos por Santos (2017) nos auxiliam na construção de critérios de escolha para pesquisas que apresentaremos aqui como alinhadas com o projeto do compromisso social.

A partir da apresentação de pesquisas que se debruçam sobre a formação, vamos apresentar práticas e refletir sobre o que podemos identificar como uma formação na direção do projeto profissional do compromisso social. São experiências que apontam questionamentos ao tradicional e surgimento do novo a partir de disciplinas, estágios, projetos de extensão, novas temáticas que adentram a formação.

Já vimos no capítulo anterior que a história da Psicologia é marcada por um início de compromisso com a elite e, em um segundo momento, a partir do projeto do compromisso social, com o compromisso com a maior parte da população brasileira. Porém, esse processo não se deu de maneira espontânea, mas conectado às demandas da sociedade naquele momento histórico.

De maneira geral, o pano de fundo da constituição do projeto do compromisso social e, consequentemente, de seus campos de expressão, se deu, a partir da década de 80, com os movimentos pela redemocratização que passaram a demandar uma mudança na atuação da/o psicóloga/o e em sua formação. Mendes et al (2012, p.175) resume que:

> [...] o cenário político começou a mudar em função do enfraquecimento do regime militar e da ascensão do regime democrático, impulsionado pela manifestação popular organizada em movimentos sociais que reivindicavam a livre manifestação da cidadania mediante a garantia dos direitos antes suprimidos. [...] Essa mudança de perspectiva política afetou diretamente a formação e a atuação em Psicologia. Ao emergirem as necessidades sociais, foi expandido o campo de atuação dos psicólogos e, em consequência, a formação, que precisou ir além da clínica curativa, focada no indivíduo.

Foram essas as condições históricas que possibilitaram uma mudança significativa na profissão e intensos debates sobre a formação em Psicologia como a temos hoje. No primeiro capítulo nos debruçamos sobre os impactos na profissão, aqui faremos um movimento sobre a formação.

Diversos estudos apontam que há uma tradição clínica individualizante nos cursos de Graduação (FERREIRA NETO, 2010), e que, “apesar dessas várias características que envolvem a formação e o trabalho em saúde, no que se refere ao ensino acadêmico, ainda predominam, nos cursos universitários, o ideal de autonomia (característico do pensamento liberal) e a ênfase na prática clínica privada como representações valorizadas” (SCARCELLI; JUNQUEIRA, 2011, p. 353). Sendo esse modelo caracterizado pela “centralização excessiva na atividade clínica tradicional e na prática psicoterapêutica de longa duração, ainda apresentando restrições no que tange às inovações requeridas para o campo da saúde pública” (NEPOMUCENO; BRANDÃO, 2011, p. 764).

Ferreira Neto (2010) discute o impacto dessa reprodução do modelo clínico na formação ao apontar a insustentabilidade da reprodução do modelo clínico na atuação nas políticas públicas. O autor considera três aspectos como principais dessa incompatibilidade constituída a partir dos encontros proporcionados pela experiência da entrada das/os psicólogas/os no Sistema Único de Saúde (SUS).

O primeiro é em relação à clientela que é, em sua grande maioria, oriunda das classes populares. Em segundo, a mudança da própria condição de trabalho da/o psicóloga/o, que deixa de ser autônoma/o para se tornar assalariada/o estatal, o que implica em novas condições concretas de trabalho. Por fim, a exigência da atuação interdisciplinar, princípio do SUS. Dessa forma, urge a necessidade de discussão sobre a formação para as políticas públicas e de transformações nesse processo formativo, pois a formação é um "espaço privilegiado de construção de uma prática que, quanto mais envolvida politicamente, mais próxima estará de efetivar o trabalho na saúde coletiva" (REIS; GUARESCHI, 2010, p. 865). Dantas e Benevides (2016, p. 169) completam que:

> A ebulição social na contemporaneidade aponta, a todo o momento, para as demandas psicológicas. A questão é como temos dado conta dessa efervescência. Ao permanecermos orientados por um modelo de Psicologia que se centra no diagnóstico, na norma, no ajuste e na aplicação da técnica, não encontramos as demandas (ou encontramos somente as demandas que queremos ouvir), nem produzimos as ofertas, apenas passamos por elas.

Michel e Fagundes (2014, p. 4) entendem que "a universidade é uma importante ferramenta, pois é através dela que o graduando tem seu primeiro contato com o mundo psi e onde estabelece as primeiras significações a respeito de sua identidade profissional". Os autores apontam que, em contato com a realidade, as/os estudantes sentem o desamparo da formação no modelo clínico. Por outro lado, indicam uma dificuldade ainda maior: apesar de algumas instituições construírem currículos mais preparados para o SUS e o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), ainda há estudantes que chegam à formação presos ao modelo clínico tradicional e resistentes aos conteúdos para além do tradicional.

Como caminho possível, nos parece consenso a necessidade da formação para o SUS (SCARCELLI; JUNQUEIRA, 2011; NEPOMUCENO; BRANDÃO, 2011; MICHELS; FAGUNDES, 2014; FERREIRA NETO, 2010; MEDEIROS; BRAGA-CAMPOS; MOREIRA, 2014; ROSA et al, 2015). Até porque "a consequência dessa fragilidade na formação vai ser observada somente mais tarde, quando esses profissionais estão, por exemplo, desenvolvendo atividades no setor público, especialmente nos serviços de saúde" (REIS; GUARESCHI, 2010, p. 858). Nesse sentido também caminhou a

discussão do Ano da formação em Psicologia, promovido por CFP, Associação Brasileira de Ensino em Psicologia (ABEP) e Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira (FENBP) em 2018.

De maneira mais específica, Michel e Fagundes (2014) observam que:

> Não basta afirmar que é fundamental a presença do psicólogo das políticas públicas de saúde, sendo também necessária a produção de saberes sobre esta realidade. É fundamental, assim, que professores e alunos, juntos, possam viabilizar a discussão e a ampliação dos conhecimentos. Da mesma forma, é fundamental que o profissional que já atua na esfera pública contribua com produção científica e participe ativamente na transmissão do conhecimento e das informações necessárias aos jovens psicólogos. (MICHELS; FAGUNDES, 2014, p. 9)

Já Nepomuceno e Brandão (2011) indicam a necessidade de articulação da formação em Psicologia com a saúde coletiva. Com o que concordam Scarcelli e Junqueira (2011), adicionando a necessidade de problematização das práticas implementadas e fundamentação em referenciais teórico-técnicos consistentes que sustentam o SUS. E, para além de conteúdo, na dimensão ético-política, as autoras também apontam como imprescindível:

> [...] que não se perca de vista a preocupação com a filiação histórica das ideias e do confronto de interesses que integram políticas, projetos e saberes, inclusive os das diversas disciplinas no âmbito da produção de conhecimento, incluindo a própria Psicologia. Caso contrário, corre-se o risco de, mais uma vez, reproduzirmos um papel que também essa disciplina já teve no decorrer de sua história, ou seja, o de tomar explicações de caráter eminentemente ideológico, que mascaram a possibilidade de uma relação de conhecimento com a realidade que procuramos desvendar e sobre ela intervir. (SCARCELLI; JUNQUEIRA, 2011, p. 352)

Historicamente, o modelo biomédico era central na saúde. É a partir da Reforma Sanitária que tal modelo centrado no atendimento hospitalar começa a ser questionado. A principal crítica ao modelo biomédico hegemônico daquele período eram seus limites da prática isolada e hiperespecializada para a saúde que não davam conta de responder às demandas do novo público que seria atendido a partir da Constituição de 1988. Segundo Capazollo et al (2018):

> [...] a tendência, sobretudo quando os atendimentos são por categoria profissional ou por especialidade, é recortar e interpretar a demanda segundo o quadro de referências da área profissional. Entretanto, a exposição ao cotidiano de um usuário tende a mostrar os limites dos saberes e técnicas de que se dispõe. (CAPOZOLLO et al, 2018, p. 1.677)

O desafio da composição de equipes interprofissionais demanda uma revisão da formação em Psicologia. Para Carvalho e Yamamoto (2002):

> [...] o impacto dessas novas propostas na formação do psicólogo, contudo, foi insuficiente para mudar o perfil tradicional do psicólogo brasileiro, identificado com um modelo de intervenção clínica construído em países industrializados para uma clientela de poder aquisitivo mais elevado. (CARVALHO; YAMAMOTO, 2002, p. 4)

Dessa forma, demanda-se uma revisão da formação das áreas de saúde que até então apenas focavam no ensino de um conjunto de teorias e técnicas a serem aplicadas no campo da saúde para responder às necessidades dos atendidos (CAPOZZOLO et al, 2018). Especificamente sobre a Psicologia, Medeiros et al (2014) afirmam que:

> Assim como demais profissionais convocados ao trabalho no SUS, psicólogos com formação direcionada ao exercício privatista e autônomo inseriram-se nos equipamentos de saúde com práticas descontextualizadas e pouco comprometidas com a vida concreta dos sujeitos alvo. Ainda na década de 1990, pesquisas anunciavam essas práticas equivocadas no contexto do SUS apontando a necessidade de mudanças dos currículos de Psicologia. Esta situação evidenciava a dicotomia entre a formação, eminentemente teórica e voltada ao trabalho clínico privado, e a realidade que o profissional do SUS encontrava nos serviços em que se inseria. (MEDEIROS et al, 2014, p. 786)

Para se pensar uma formação para a interdisciplinaridade, o primeiro passo é que esta contenha aspectos interdisciplinares. Além dos conteúdos sobre o tema, o enfoque em experiências práticas de troca com estudantes e profissionais de outras áreas é extremamente relevante na formação (CAPOZOLLO et al, 2018; MENDES et al, 2012). A partir do contato com profissionais de outras áreas é possível qualificar a formação, ao passo que se é constituída a identidade profissional ao mesmo tempo em que os saberes de diferentes áreas dialogam e não competem.

Segundo Capozollo et al (2018):

> Outro ponto importante diz respeito à expectativa dos estudantes de realizar ações que possam efetivamente resolver problemas, talvez por força de uma ideia de que estariam ali para curar no sentido de restabelecer uma condição anterior perdida. [...] Nesse sentido, o oposto da intervenção imediatamente resolutiva talvez não seja o niilismo terapêutico, mas uma constelação de ações de suporte, de arranjos viáveis, de compartilhamento e estímulo à vida. Esta experiência de formação tem mostrado a existência de possibilidades no trabalho em saúde, mesmo onde e quando elas parecem mais faltar, a depender de nossa capacidade de escuta e atenção ao usuário e, sobretudo, de nossa disposição a nos reinventarmos como profissionais. (CAPOZOLLO et al, 2018, p. 1.682)

A inserção em novos campos de trabalho também gerou reflexões no campo dos direitos humanos. Desde a redemocratização do país, temos construído outro

posicionamento na Psicologia. Mas, nem sempre foi assim, como afirma Mayorga et al (2013): “a Psicologia, campo de conhecimento que, ancorando-se em discursos e práticas pretensamente neutras, tantas vezes produziu saberes que levaram a legitimar desigualdades e opressões sociais, deve e pode colaborar para a mudança dessa situação” (MAYORGA et al, 2013, p. 258).

Ao se inserirem nesses novos contextos, principalmente das políticas públicas, as/os psicólogas/os se depararam com a falta de capacitação para atuar naquela realidade. Assim, a formação surge, mais uma vez, como foco de reflexão e revisão. Como afirmam Bock e Gianfaldoni (2010):

> É necessário compreender que essa é uma nova cultura que está em gestação, e os psicólogos, cientistas e profissionais do humano, não podem deixar de acompanhar o movimento da realidade que se impõe na direção dos direitos humanos. Para isso, é fundamental a participação de psicólogos, estudantes e professores, é preciso contar com o avanço da organização dos psicólogos e de suas entidades, com a transformação da formação dos psicólogos. (BOCK; GIANFALDONI, 2010, p. 101)

No campo mais geral, a pesquisa de Seixas et al (2016) também aponta caminhos. No estudo, os autores analisam projetos políticos pedagógicos de 40 cursos de Psicologia no Brasil a partir de uma estratégia metodológica desenvolvida por eles em três eixos: I) fundamentos teóricos, filosóficos e pedagógicos; II) disciplinas; e III) práticas profissionais. Como conclusão, eles indicam:

> [...] três conjuntos de discussões relativas à forma como os cursos integram os debates sobre as políticas sociais nos fundamentos filosóficos, pedagógicos e políticos: o viés profissionalizante na formação para atuação nas políticas sociais, a forte presença da promoção de saúde e qualidade de vida e a associação com a questão do compromisso social dos psicólogos. (SEIXAS et al, 2016, p. 443)

Em relação ao primeiro ponto de discussão, os autores entendem que os cursos têm dado um foco técnico-prático ao se referirem às políticas sociais. No segundo ponto, eles indicam que o conceito de promoção de saúde aparece expressivamente no Projeto Político Pedagógico ou Projeto Pedagógico de Curso, porém que esse conceito não é qualificado, o que não nos permite afirmar que indica uma real preocupação com a transformação social. Além disso, o debate da assistência social é reduzido ou ausente em se tratando do debate das políticas sociais. No último ponto, positivamente, eles identificam massiva presença de referências ao compromisso social da Psicologia, porém, mais uma vez, de maneira inespecífica, o que não nos permite afirmar um avanço.

Em um campo mais específico, um tema extremamente relevante que transpassa as relações sociais brasileiras é a questão racial. Na temática específica dos direitos humanos e Psicologia, faz-se notória a produção e preocupação sobre as relações raciais, porém, como afirma Santos e Schucman (2015, p. 135):

> Embora a Psicologia no Brasil tenha tradição no estudo das relações raciais (BICUDO, 1947; GINSBERG, 1955; LEITE, [1966] 2008; SANTOS, SCHUCMAN & MARTINS, 2012), ainda é tímida a abordagem desse tema nas disciplinas de graduação e pós-graduação da área, e o presente estudo vem reforçar essa constatação.

Nessa direção, é apontada a necessidade do desenvolvimento de atividades durante a formação que favoreçam a aprendizagem sobre as relações raciais e sua conexão com a dimensão ético-política da Psicologia (SANTOS; SCHUCMAN, 2015; KHOURI e CASTELAR, 2016; MAYORGA et al, 2013). Um exemplo interessante de prática foi descrito por Mayorga et al (2013) com a oferta de uma disciplina intitulada “Psicologia Social do Racismo”, em que foi possível identificar alguns resultados positivos alcançados pelos alunos. Dentre eles:

> [...] aprofundamento teórico conceitual sobre os temas trabalhados; a implicação dos participantes da disciplina no trabalho coletivo; a construção de argumentos e a expressão de um posicionamento político frente aos temas trabalhados; a ampliação do olhar sobre o espaço da cidade e construção de novas rotas de circulação; o reconhecimento da cultura popular, dos espaços e formas de resistência negra e enfrentamento ao racismo; a desconstrução de estereótipos; o acesso a outros sujeitos e experiências. (MOYARGA et al, 2013, p. 267)

São muitas as frentes de trabalho em relação aos direitos humanos, porém, independentemente do campo de atuação ou tema, temos o que nos direciona: a dimensão ético-política da profissão. Para tanto, devemos trabalhar na formação nesta direção. Bock e Gianfaldoni (2010, p. 101) apontam que:

> [...] resta-nos, como psicólogos, tomarmos nas mãos nosso projeto de uma formação em Psicologia guiada pelos direitos humanos, sabendo que isso exigirá uma revisão corajosa de nossas teorias e de procedimentos tradicionais de formação. O tecnicismo de nossos cursos, a superficialidade ou a falta de postura crítica terá que ser abandonado para dar lugar a uma formação crítica.

E, Seixas et al (2016, p. 444) complementam que:

> [...] o próximo passo para o avanço da formação do psicólogo seja a defesa de um projeto ético-político, construído coletivamente entre todos os atores envolvidos na constituição e execução das políticas de ensino superior para Psicologia, em direção a uma proposta que aponte para a superação da sociedade capitalista.

Outro ponto nodal é que a formação para o compromisso social imprescinde do desenvolvimento da compreensão crítica da realidade. Assim, a direção apontada é a do rompimento com o modelo clínico tradicional, que individualiza e naturaliza problemas sociais, assim como é importante ser trabalhada a desmistificação da noção de política durante a Graduação. Deve ser claro para a/o estudante que será psicóloga/o o que significa a dimensão ético-política da profissão e que o que está sendo superficialmente debatido no Brasil se baseia no senso comum, não na ciência. Como afirma Benevides (2005, p. 22):

> O efeito-despolitização neste tipo de análise é notório, posto que as práticas psi passam a se ocupar de sujeitos abstratos, abstraídos/alienados de seus contextos e tomam suas expressões existenciais como produtos/dados a serem reconhecidos em universais apriorísticos. Digo despolitização para marcar o lugar exterior, separado, em que a política, em suas mais variadas formas, é lançada quando se trata da análise das questões subjetivas. Entretanto, o mais correto seria dizer que aí também há a produção de uma certa política: aquela que coloca de um lado a macropolítica e, de outro, a micropolítica; de um lado, o Sistema Único de Saúde como dever do Estado e direito dos cidadãos, como conquista garantida pela lei, pela Constituição e, de outro, os processos de produção de subjetividade.

Em 2002, foi criada a União Latino Americana de Entidades de Psicologia (ULAPSI), com o objetivo de realizar essa integração a partir do compromisso social da Psicologia com a realidade da América Latina. No âmbito da formação, em 2011, foi criada a Associação Latino Americana para a Formação e Ensino da Psicologia (ALFEPSI), com a finalidade de desenvolvimento dos aspectos da Psicologia da América Latina na formação e sob o pressuposto de que:

> [...] no se puede concebir una formación distante de las necesidades de la vida social y de la cooperación internacional. Es imperativo generar y fortalecer redes bilaterales y multinacionales, priorizando aquellas áreas em lãs cuales la disciplina podría ofrecer un aporte relevante a los temas que están presentes em nuestra región. Necesitamos una psicología para América Latina, una psicología que este abierta a analizarlos postulados teóricos que lasos tienen para aplicarlos em los contextos históricos y sociales de nuestras naciones, una psicología comprometida com los problemas sociales latinoamericanos, y tal como lo plantea Martín-Baró (1985), una psicología que promueva la participación del psicólogo em la emancipación de los pueblos latinoamericanos, superando los planteamientos de la neutralidad científica. (MARTÍNEZ et al, 2015, p. 216)

Uma das importantes produções da ALFEPSI foi o livro *La Formación del Psicólogo en América Latina: Enfrentando Grandes Desafíos*, no qual pesquisadores abordam a formação em diversos países da América Latina e refletem sobre suas práticas, apontando possibilidades de integração.

Cuellar (2015), psicólogo colombiano, indica cinco caminhos para a formação das/os psicólogas/os na e para a América Latina: formar para ética da dignidade humana,

atuar pela particularidade e respeitando as diferenças, democratizar o saber psi (Psicologia para a maioria), buscar a autonomia das nossas produções e atuar pela integração científica. Já Martínez et al (2015), a partir da experiência chilena, compreendem outros cinco pilares dessa formação: desenvolver uma ciência voltada à solução de problemas da nossa realidade, reforçar potencialidades locais, realizar intercâmbio em benefício mútuo na América Latina, construir atitude crítica e identidade regional e dar suporte à educação com objetivo de emancipação social (MARTÍNEZ et al, 2015).

De maneira geral, é apontada a necessidade de uma formação que prepare a/o estudante para compreender os fenômenos sociais e psicológicos em sua historicidade, uma formação pautada nas condições concretas de vida da nossa sociedade e nas reais necessidades da população. Como afirma Silva (2003, p. 40):

> Após 50 anos de regulamentação da profissão do psicólogo, não são mais admissíveis práticas de higienização, individualização dos problemas sociais e patologização dos indivíduos. Deve-se estar atento à complexidade da construção subjetiva e identitária dos sujeitos, tomando por base os processos históricos, econômicos, políticos e sociais, e é nesse sentido que é importante fortalecer, construir e alinhar os conhecimentos e as práticas produzidos na área da Psicologia nos diferentes países da América Latina.

Salientado por Dantas e Benevides (2016, p. 173):

> Faz-se importante, pois, atermo-nos às relações tão estreitas entre saber e poder que envolvem nossa formação nas ocasiões em que justamente acreditamos que nossas ciências, nossas técnicas e nossos discursos estariam mais livres e desimplicados destas relações. O saber/fazer do psicólogo não pode, pois, prescindir de uma compreensão de seus atravessamentos sociais e históricos. Aqui não criticamos a técnica pela técnica, mas sim pelas práticas de dominação que estão aderidas ao discurso da técnica para a felicidade, para o bem-estar coletivo, para uma resultante que aponte, em sua soma total, um aumento de prazer e diminuição de dor na maior parte da população.

Em pesquisa sobre o compromisso social na formação em Psicologia, Rechtman (2014), a partir de pesquisa com alunas do último ano da Graduação em Psicologia, identificou que o processo de desenvolvimento do compromisso social se dá gradualmente. O primeiro nível, chamado de “conhecimento e vivência”, se caracteriza pelo primeiro contato com uma realidade que a/o estudante não conhece, trata-se de um despertar. O segundo é a “base teórica e prática”. Depois de perceber um novo contexto, a/o aluna/o deve se aprofundar nas possibilidades de atuação no mesmo. Em terceiro nível está a “compreensão crítica”, quando a/o estudante consegue entender a dimensão ético-política da profissão. Por fim, o nível “projeto de transformação social” indica que a/o futura/o psicóloga/o compreende a realidade de maneira crítica, tem referências teóricas e práticas

para atuar nela e assume uma postura alinhada com o projeto de transformação da realidade.

Em relação às ferramentas formativas mais eficazes para o exercício crítico, normalmente o estágio logo vem à mente. Concordamos com sua relevância e com a afirmação de Reis e Guareschi (2010, p. 865) quando dizem que:

> A formação acadêmica pode ser um espaço privilegiado de construção de profissionais capazes de pensar a respeito das práticas que realizam, profissionais que se lançam ao exercício de reflexão sobre a extensão das ações em Psicologia, principalmente daquelas vivenciadas nas atividades de estágio curricular.

No estágio, as/os alunas/os têm diversas vivências que colocam em xeque o que aprenderam até então na teoria. É o momento em que a realidade transborda nos livros, em que se vê se nossa prática tem garantido os direitos humanos, se a interdisciplinaridade acontece nos serviços, se as relações democráticas se fazem presentes, se as técnicas e teorias estrangeiras aprendidas respondem às demandas locais e se, de fato, a Psicologia tem contribuído para uma transformação da realidade social da população atendida.

Em meio a tantas experiências e questionamentos, a supervisão de estágio assume um papel fundamental no desenvolvimento da identidade e dimensão ético-política profissional. Concordamos com Silva Neto, Oliveira e Guzzo (2017) quando afirmam que o compromisso social se apresenta na supervisão, pois esta vai além de questões técnicas e que “o exercício da prática supervisionada permite leituras da realidade que questionam valores e apontam desafios ético-políticos, os quais somente podem ser debatidos em espaços de supervisão (SILVA NETO; OLIVEIRA; GUZZO, 2017, p. 579). Nesse sentido, Esparza (2015) complementa a partir da definição do que chama de modelo crítico de supervisão:

> Modelo crítico de supervisión, lleva implícita una reflexión “crítica” y por ende un compromiso social, convirtiéndose en una estratégia establecida para la formación integral, no meramente academicista sino inmersa em las problemáticas y realidades de una sociedad, situando al futuro profesional em un contexto que puede transformar. (ESPARZA, 2015, p. 107)

O estágio é extremamente importante no desenvolvimento do compromisso social, mas entendemos que todas as experiências devem ser permeadas da dimensão ético-política da profissão, desde o estágio, mas também as disciplinas, atividade extracurricular, projeto de extensão e pesquisa, até o relacionamento com professor, usuários dos estágios e funcionários da instituição de ensino.

Bettoi e Simão (2002) relatam uma experiência em que as/os alunas/os vão entrevistar psicólogas/os e afirmam a relevância desse contato para a compreensão da diversidade da Psicologia e o desenvolvimento da identidade profissional comprometida socialmente. Além disso, os autores acreditam que:

> [...] a exposição do aluno a situações em que ele experimente o contato com a diferença e a diversidade que caracterizam a Psicologia como área de conhecimento e profissão pode lhe ser educacionalmente valioso, não apenas enquanto futuro profissional, mas também enquanto indivíduo em desenvolvimento. (BETTOI; SIMÃO, 2002, p. 622)

Outro ponto essencial é a pesquisa, normalmente negligenciada pelos cursos de formação. Esparza (2015) afirma sua importância como eixo transversal e entende que "el profesional en psicología debe ser un investigador permanente, que adquiera la capacidad de trascender la teoría, ejerciendo su praxis a través de una postura crítica y convirtiendo la investigación en un eje transversal dentro del proceso de formación" (ESPARZA, 2015, p. 105). A pesquisa é a ferramenta que possibilita que a/o aluna/o questione a realidade com a qual entra em contato e busque ou construa respostas pautadas na ciência de maneira crítica.

Independente da ferramenta pedagógica, Freitas (2015) indica seis desafios a serem enfrentados durante a formação para desenvolver psicólogas/os comprometidas/os socialmente:

> a) efetivar propostas de trabalhos interdisciplinares; b) elaborar e planejar de maneira participativa programas de políticas públicas em que a comunidade seja o foco das ações; c) encontrar critérios importantes na perspectiva comunitária para que sejam implementadas investigações relevantes; d) como trabalhar em grupo e diminuir a fragmentação da realidade; e) como criar estratégias de avaliação continuada das práticas desenvolvidas, e f) como construir programas comunitários que envolvam toda a comunidade. (p. 530)

Para finalizar, queremos ressaltar a importância de se entender a formação e profissão de maneira indissociável: "a formação deve servir de resposta às novas demandas da atuação profissional ao ser um espaço de construção de superações das práticas já estabelecidas" (RECHTMAN, 2014, p. 33). Além disso, toda formação está atrelada a um projeto profissional que, por sua vez, está atrelado a um projeto de sociedade. Assim, compreende-se a intervenção da Psicologia como ato político e, para tanto, faz-se imprescindível a clareza de sua dimensão ético-política. Como afirmam Dantas e Benevides (2016, p. 171):

> Colocar em questão a formação não passa pela busca de uma identidade ou de um papel para o psicólogo, passa pela invenção de outros modos de subjetivação que rompam as amarras hermeticamente instituídas no campo psi. Trata-se de vincular a formação aos seus aspectos culturais, sociais e políticos, voltada não apenas para um profissional técnico, capaz de responder adequadamente a diversos tipos de demandas.

Mudanças históricas produzem novos desafios para a profissão que demandam reinvenção das próprias práticas da Psicologia e incitam uma revisão da formação da/o psicóloga/o:

> El profesional que requiere la sociedad es uner comprometido, que exige junto a supreparación técnica, una preparación humana, que le permita enfrentarse a situaciones no previstas con herramientas personales y profesionales estructuradas, y estas a su vez le prove a las habilidades para solucionar conflictos con sentido social, político y ético. (ESPARZA, 2015, p. 105)

Assim:

> [...] é preciso, desde a formação acadêmica, construir um pensamento crítico em relação às próprias práticas da Psicologia, em relação à produção de subjetividades dentro dos diferentes contextos, compreendendo que essa é uma construção que se faz a partir de um determinado tempo e de um determinado lugar; sendo assim, é sempre uma construção política. (REIS; GUARESCHI, 2010, p. 866)

Em resumo, concordamos com Freitas (2015), entendendo que as demandas à profissão se tornam demandas à formação:

> Espera-se que esse profissional, em sua prática, atenda a três demandas: atue de maneira não mais individual e psicologizante; integre equipes de trabalho multiprofissional; e incorpore como objeto de investigação aqueles fenômenos sociais que pareciam pouco relevantes à Psicologia tradicional. Estas demandas, por si só, apresentam desafios intrínsecos ao processo de formação, visto que a Psicologia, ao longo dos anos, trabalhou exatamente ao contrário. Em outras palavras, trabalhou de modo a adotar modelos de psicologização das relações e da vida cotidiana, além de ter se posicionado como se fosse um “sujeito único” hegemônico na sua prática, seja quando da produção de conhecimentos, seja quando das decisões sobre o quê fazer com o seu objeto de trabalho e investigação. (FREITAS, 2015, p. 523)

A partir da compreensão dos campos de expressão do compromisso social delimitados por Santos (2017) e da análise das pesquisas sobre a formação em Psicologia, mais do que respostas, identificamos possibilidades na direção de uma formação para o compromisso social.

Nesse sentido, aponta-se a direção de uma formação que apresente, discuta, aprofunde e atue nos problemas sociais para formar futuras/os psicólogas/os comprometidas/os com a realidade brasileira e da América Latina, que questione sua

própria prática, que estimule a conscientização das/os estudantes, docentes e usuárias/os dos serviços dos estágios e do serviço escola como sujeitos éticos ativos, que tenha relações institucionais democráticas, justas e igualitárias e que desenvolva o pensamento crítico.

Não há fórmula mágica, mas podemos enxergar algumas pistas. A construção se dá no dia a dia no ambiente acadêmico, a partir de um processo contínuo e transversal, na relação professor-aluno-instituição, no aprofundamento teórico e prático da compreensão da realidade e atuação nela de maneira crítica e pautado no desenvolvimento da dimensão ético-política profissional da/o futura/o psicóloga/o.

5 MÉTODO

Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo.
MARX, 1845

Para a Psicologia Sócio-Histórica, "[...] todos os fenômenos humanos são produzidos no processo histórico de constituição da vida social. Essa vida social se constitui na materialidade das relações entre os homens e entre os homens e a natureza, para a produção de sua existência" (BOCK; GONÇALVES, 2009, p. 138). Baseando-nos nessa premissa teórica, entendemos que o compromisso social da Psicologia é produto histórico e, assim, deve ser analisado a partir de um método que possibilite sua apreensão com coerência teórica.

A produção do conhecimento à luz dessa teoria deve partir da realidade, sendo sua finalidade a transformação social. Ao explicitarmos as determinações do fenômeno, torna-se possível transformar a realidade e é nesse sentido que acreditamos que, quanto mais compreendermos a formação em Psicologia, dando visibilidade e às suas determinações, ampliam-se as possibilidades de formar psicólogas/os dentro do projeto de Psicologia que aqui se toma como meta e referência.

Neste trabalho, temos como objetivo compreender se e como o compromisso social se apresenta na formação em Psicologia. Para tanto, utilizaremos os campos de expressão do compromisso social desenvolvidos por Santos (2017), buscando identificá-los nas significações da vivência de estudantes de Psicologia que cursam o último ano da Graduação. Ou seja, queremos verificar se nas significações constituídas sobre suas vivências acadêmicas de formação para o exercício profissional, as/os futuras/os psicólogas/os apresentam aspectos dos campos de expressão do compromisso social e se os entendem como elementos de transformação e atuação crítica.

Escolhemos, especificamente, estudantes do último ano de Graduação por entender este como um momento síntese da formação em que as/os estudantes, participando do último estágio do curso, já exercem a prática profissional de maneira supervisionada. Esse é o período também em que é esperada a junção de teoria e prática pelas/os estudantes.

O método materialismo histórico dialético nos referencia e informa que as experiências humanas se constituem historicamente a partir da vida material e contraditória. Como afirmado por Rosa e Adriani (2002, p. 278), "[...] conhecer um objeto significa,

portanto, compreender seus processos de movimento interno (contradições), desvendar e explicar as determinações (mediações) desse movimento".

Pela Psicologia Sócio-Histórica, entendemos a subjetividade como constituída dialética e historicamente. A subjetividade humana não é um fenômeno abstrato, universal e individual, mas é constituída na dialética indivíduo-sociedade frente às experiências dos sujeitos que vão, a partir da história de cada um, desenvolvendo sentidos e significados, assim como produzindo e transformando a realidade. As falas das estudantes carregam, assim, estas significações que nos dão acesso às vivências e experiências constituídas no e pelo curso de psicologia, permitindo uma reflexão sobre o projeto que subjaz a elas.

A categoria da dimensão subjetiva nos permite reunir o conjunto das significações, às quais tivemos acesso, para o debate do projeto de formação em Psicologia. É ele nosso objeto central de interesse. Ou seja, o projeto de curso e as experiências promovidas no processo, que aqui se apresentam como significações das estudantes, nos levam ao debate da formação para o compromisso social.

Como Aguiar e Bock (2018), entendemos que a aprendizagem, no caso aqui, formação em Psicologia, se dá a partir de condições concretas, mas também reúne elementos subjetivos. É na dialética entre subjetividade-objetividade e indivíduo-sociedade que os sujeitos se constituem. Segundo as autoras:

> A subjetividade, mesmo tomada como individual, é constituída socialmente, em um processo objetivo com conteúdo histórico, e a objetividade é constituída historicamente a partir da ação humana que agrega elementos de subjetividade. Subjetividade e objetividade como polos dialéticos que se constituem mutuamente sem se diluírem um no outro. Uma subjetividade de natureza social; uma objetividade marcada por uma dimensão subjetiva. (AGUIAR e BOCK, 2018, p. 48/9)

Portanto, no contexto da modernidade, a ciência era assumida como objetiva e neutra, e, na Psicologia da educação, eram construídas formulações abstratas e universais que descolavam o sujeito das questões sociais concretas. Nesse sentido, psicologizávamos o processo educacional, naturalizando o ser humano e o culpabilizando por seu fracasso e, a partir dessa visão reducionista, a Psicologia na educação acabava apenas contribuindo para a disciplinarização e controle dos sujeitos.

No período da ditadura militar no Brasil, muitos atores da Psicologia começaram a questionar a quem servia a mesma. E, dentro da Psicologia da educação, autores como Patto e Saviani começaram a desenvolver leituras críticas do processo educacional, chegando à conclusão de que para entender o ser humano é necessário conhecer sua

história. A produção do conhecimento deixa de ser voltada para “o que é” para abordar “como se constituiu” aquele fenômeno (AGUIAR e BOCK, 2018).

Na mesma direção, no âmbito da Psicologia Sócio-Histórica, é desenvolvida a categoria da dimensão subjetiva da realidade que, segundo Bock e Gonçalves (2009, p. 143), “[...] estabelece a síntese entre as condições materiais e a interpretação subjetiva dada a elas”. No campo da educação:

> A categoria da dimensão subjetiva da realidade nos permite, a partir do campo da Psicologia, dialogar com a educação considerando que a realidade objetiva e material que encontramos na educação, como processo social, possui uma dimensão constituída por elementos de natureza simbólica ou psicológica. [...] Essa dimensão é caracterizada por elementos de significação (valores, sentimentos, ideias =, significados) que encontram-se ancorados na subjetividade e objetivados na realidade social e nas relações vivida entre os homens. (AGUIAR e BOCK, 2018, p. 49)

Para a Psicologia Sócio-Histórica, a subjetividade se constitui no curso da experiência vivida. Segundo Mitjáns Martinéz e González Rey (2017b), ela se caracteriza por formas complexas em que o psicológico se organiza e funciona nos indivíduos, cultural e historicamente constituídos, e nos espaços sociais das suas práticas e modos de vida, que é, simultaneamente, individual-social / interno-externo. Isso porque toda influência externa adquire sentido na ação a partir da forma em que é subjetivada pelo indivíduo.

O desenvolvimento pode ser caracterizado “como o processo pelo qual o indivíduo apropria-se dos elementos e processos culturais, através da mediação dos diversos agentes culturais, representados pelo ‘outro’” (LEITE, 2006, p. 23). E é a aprendizagem, processo dinâmico sociorrelacional, que possibilita a constituição da subjetividade humana. Um processo sempre mediado e marcado pela dimensão afetiva, sendo a natureza afetiva da experiência dependente da qualidade da mediação vivenciada (LEITE, 2006).

No contexto educativo também é necessário que consideremos que as relações vividas repercutem na aprendizagem e constituição subjetiva dos sujeitos. Por isso, a formação deve ser planejada não apenas em seus processos operacionais, mas também em suas condições afetivas. Já que:

> [...] os desafios contemporâneos de uma educação universitária emancipatória, que assume o estudante, bem como o professor, como sujeitos do processo, em relação mútua de ensino-aprendizagem, o que pressupõe, de modo especial no ensino superior, dadas as características dos sujeitos envolvidos, confronto de pontos de vista inter e intra-individuais, mas construção e compartilhamento de significações que, ao mesmo tempo em que promovam continuidades com os conhecimentos prévios, provoquem rupturas e promovam avanços em direção a outros conhecimentos e realidades, de modo crítico, reflexivo e comprometido com a transformação das pessoas e das relações. (LOPES et al, 2010, p. 163)

Assim, analisar o processo educacional, especificamente aquele que se dá na formação em Psicologia, a partir da categoria da dimensão subjetiva, nos permite realizar uma interpretação da realidade vivida em sua objetividade a partir de elementos subjetivos que o compõe.

No caso do nosso estudo, buscamos documentos normativos (PPC dos cursos cujos estudantes compuseram nossa amostra) que indicassem o projeto afirmado e pretendido. A conversa com as estudantes nos permitiu conhecer a execução do plano a partir das significações constituídas. E é a partir destas significações que buscamos apreender como o que foi planejado se efetivou.

Baseado nessa noção, Mitjáns Martinéz e González Rey desenvolve o que chama de Epistemologia Qualitativa – na qual nos inspiramos –, que entende a pesquisa pela perspectiva da dialética e da historicidade.

> No momento histórico em que a Epistemologia Qualitativa foi proposta com o livro Epistemologia Cualitativa y Subjetividad, a Psicologia e as ciências sociais de maneira geral procuravam ativamente desenvolver um tipo de pesquisa que se diferenciasse da rígida moldura formal, instrumental e quantitativa que se apresentava como o 'método científico' nessas ciências, que limitava o estudo de todos os problemas que não pudessem ser estudados a partir desse rígido enquadre enquanto temas metafísicos da filosofia, não da ciência. Essa tendência foi especialmente forte na Psicologia, em que ainda atualmente surpreende a prevalência dessa compreensão ascética, instrumental e empírica da ciência. (Mitjáns Martinéz & González Rey, 2017a, p. 7)

A Epistemologia Qualitativa torna-se importante contribuição por estabelecer uma ruptura com o modelo científico natural da ciência que tenta explicar o mundo a partir de uma visão mecanicista, reducionista, quantitativa e determinista ao propor uma epistemologia baseada em três princípios: o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, o singular como produção de conhecimento e o diálogo como cerne da pesquisa. Nosso diálogo com essa perspectiva se intensifica e nos ajuda a estabelecer o caminho da pesquisa: seu método.

Sobre a construção dos dados e a análise, Silva (2013, p. 6) afirma que:

> A construção e a análise da informação se dão pela captação das expressões dos sujeitos pesquisados, produzidas por meio dos instrumentos utilizados nos momentos empíricos programados. A análise das expressões e das emoções dos sujeitos possibilita a produção de indicadores de sentidos subjetivos a partir dos quais são construídas categorias. (...) A construção do conhecimento dá-se por meio de indicadores de sentidos subjetivos. Por meio da análise das conversações e das respostas nos demais instrumentos, o pesquisador vai levantando indicadores que, organizados em categorias, constituem base para a construção de hipóteses. As hipóteses, por sua vez, confrontadas com outros indicadores oriundos de um mesmo instrumento ou de instrumentos diferentes, vão se confirmando ou não, num processo construtivo-interpretativo permanente de construção do conhecimento.

Com intenção de apreender o movimento do real a partir das vivências das/os estudantes, buscamos “compreender a singularidade dos processos que são organizados subjetivamente em distintas trajetórias de vida marcadas por uma história pessoal no fazer científico” (OLIVEIRA; CAIXETA, 2018, p.396).

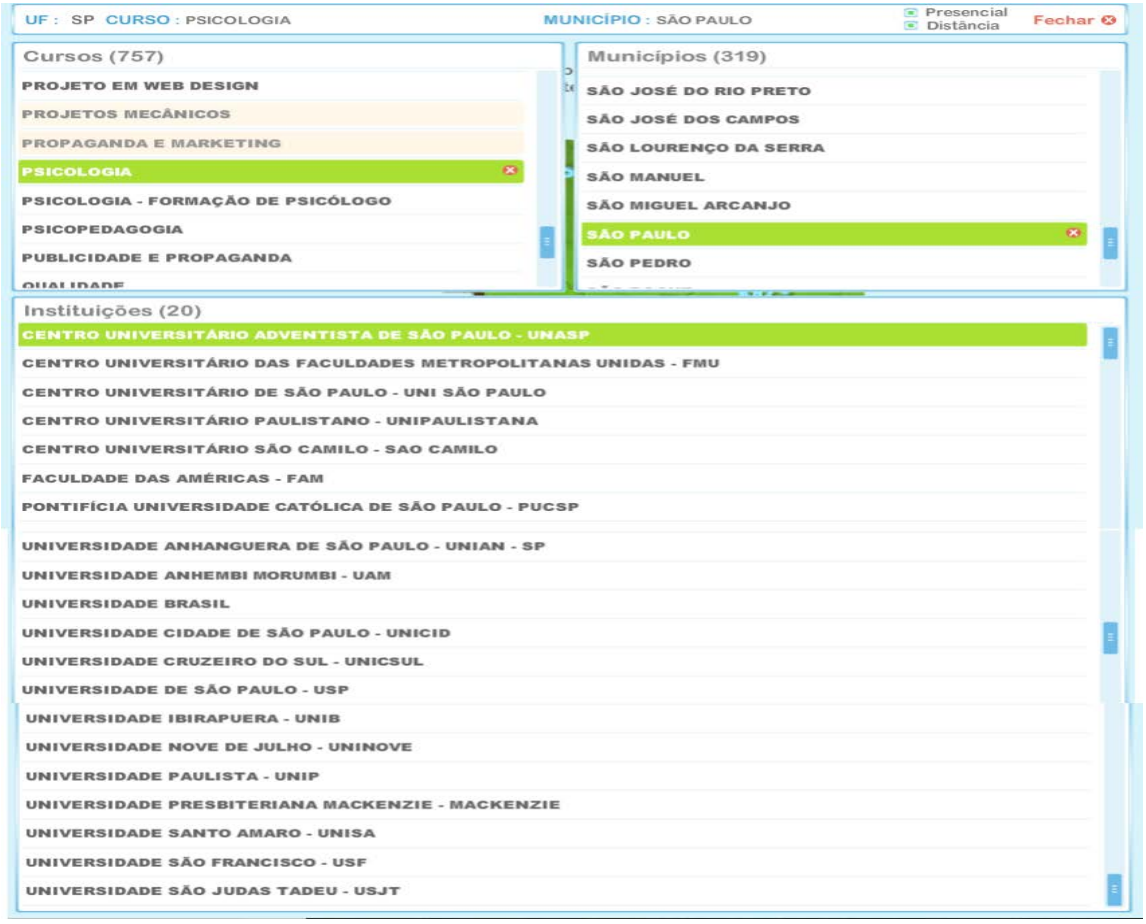
A partir de uma conversação fluida, nosso objetivo foi abrir o diálogo com os sujeitos de modo a tornar possível o surgimento, nas falas das/os estudantes, das informações relacionadas aos campos de expressão do compromisso social presentes na formação. Para tanto, foi construído um roteiro de entrevista (Apêndice A) com questões norteadoras para a conversa a partir dos seguintes eixos:

a) Roda de apresentação
b) Descrição do curso
c) Campos de expressão do compromisso social e formação
   - Políticas públicas
   - Trabalho interdisciplinar
   - Defesa dos direitos
   - Instituições democráticas
   - Psicologia latino-americana
   - Exercício crítico

É importante dizer que realizamos as conversações com grupos de estudantes em cada uma das instituições. A decisão de grupalizar se deu por acreditarmos que a reflexão sobre a formação poderia ser enriquecida pela troca entre os pares, permitindo um número maior de informações sobre o tema. As/Os estudantes estavam no último semestre / ano do curso, tendo, portanto, finalização do curso prevista para o final do ano de 2018, quando se deu a etapa de campo de nossa pesquisa.

O processo realizado para ter acesso às/aos estudantes foi constituído por quatro passos. O primeiro foi o acesso ao sistema e-MEC[6], realizado no dia 30 de maio de 2018 com o objetivo de identificar e relacionar os cursos de Graduação em Psicologia existentes no município de São Paulo (Figura 1). A partir desse levantamento, foram relacionados 20 cursos, sendo que 19 estavam em atividade e um extinto.

Figura 1 - e-MEC



Fonte: Site e-MEC

O segundo passo foi a solicitação à Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP), Núcleo SP – Metropolitano, do e-mail das/os coordenadoras/es dos cursos relacionados. No dia 12 de junho de 2018, foram enviadas, por e-mail, cartas convite (Apêndice B) às/aos coordenadoras/es dos dezenove cursos, apresentando a pesquisa e o objetivo de identificar práticas de estágio em políticas públicas que atuassem com e para a

[6] Base de dados oficial dos cursos e Instituições de Ensino Superior que permite a pesquisa por nome ou sigla, categoria administrativa e forma de organização acadêmica das instituições e por nome do curso, estado, município e quanto à gratuidade e à modalidade dos cursos. Em funcionamento desde 2007, a plataforma permite ainda a tramitação eletrônica dos processos de regulamentação da educação superior.

realidade brasileira. Nessa carta, também foi informado que, caso a instituição concordasse em contribuir com o estudo, precisaria enviar para as pesquisadoras seu Projeto Pedagógico de Curso (PPC) até o dia 30 de junho de 2018.

No período disponibilizado, dos dezenove e-mails enviados às/aos coordenadoras/es dos cursos relacionados:

a) onze não foram respondidos;
b) dois coordenadoras/es responderam que o PPC estava em processo de atualização;
c) um coordenador respondeu que, por motivos institucionais, não participaria da pesquisa;
d) um coordenador respondeu que participaria da pesquisa, no entanto, não enviou o PPC, como solicitado;
e) quatro coordenadoras/es responderam ao e-mail, enviando o PPC do curso, como solicitado, dentro do prazo estipulado.

Das quatro instituições que se disponibilizaram a participar da pesquisa, uma não possuía alunas/os que estivessem realizando estágio com previsão de formação no final de 2018. Assim, somente três instituições apresentaram os critérios necessários para participar da pesquisa.

O último passo realizado para acessar as/os possíveis participantes da pesquisa foi o envio de um e-mail às coordenações das três instituições, no dia 26 de outubro de 2018, solicitando a indicação de estudantes que tivessem um bom aproveitamento no curso e pudessem, assim, representar o maior avanço obtido pelo curso e que aceitassem participar da pesquisa. O prazo estipulado para envio dos nomes foi 9 de novembro.

Já que cada curso tinha entre duas e quatro ênfases curriculares, decidimos realizar grupos de alunas/os com diferentes experiências de estágio, solicitando à coordenação que indicasse estudantes com essa variedade de trajetórias formativas. Das três instituições, apenas duas, doravante denominadas de IES A e IES B, retornaram a solicitação com indicações das estudantes.

Para a realização das entrevistas, foram formados dois grupos, sendo cada grupo composto por quatro alunas/os da mesma instituição. As entrevistas foram taquigrafadas – cada uma, por uma profissional diferente –, e, posteriormente, transcritas na íntegra.

Todos os cuidados e orientações da Comissão de Ética em Pesquisa (CEP) foram observadas. O projeto foi apreciado e aprovado sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de número 20594619.7.0000.5482 e as/os estudantes assinaram

termo de consentimento livre e esclarecido. Outro cuidado que tivemos foi o de colocar as entrevistas na íntegra como apêndice para que leitoras/es e pesquisadoras/es tenham acesso aos dados e possam realizar novas análises ou, até mesmo, confrontar as análises realizadas neste relatório de pesquisa.

A partir da historização da formação em Psicologia no Brasil, dos PPCs dos cursos e das entrevistas realizadas com as/os estudantes, construímos uma análise que nos possibilitou compreender como o compromisso social se apresenta na formação em Psicologia. Analisamos os PPCs dos cursos e a fala das/os alunas/os buscando identificar aspectos de significação presentes e, posteriormente, elementos da formação que nos permitiram explicar essa realidade.

A análise das entrevistas foi feita em seu conjunto. Isso porque nosso objetivo não foi o de avaliar como cada uma delas apresenta a proposta de trabalho de formação para o exercício profissional na realidade brasileira, mas sim de extrair de ambas elementos que nos possibilitassem pensar como o compromisso social se apresenta e se constitui como projeto profissional durante a formação em Psicologia.

Em síntese, utilizamos os campos de expressão do compromisso social desenvolvidos por Santos (2017) como base para a construção do roteiro e, consequentemente, para possibilitar a identificação de elementos a serem analisados. A análise que se segue busca identificar quais elementos da formação aparecem em cada um dos campos de expressão, tomando como referência a construção de dimensões da formação em Psicologia para o compromisso social.

6 ANÁLISE

6.1 Caracterização da amostra

Nossa amostra foi composta por 8 sujeitos, sendo 4 da IES A e 4 da IES B. A identificação do sujeito (Tabela 2) é composta por duas letras: a primeira referente ao nome do sujeito mais “A” ou “B” indicando a instituição da qual faz parte.

Para a composição da amostra, solicitamos à coordenação dos cursos que nos indicassem as/os alunas/os que, segundo sua avaliação, tivessem tido o melhor aproveitamento do curso e que pudessem representar o mais avançado grau de formação da respectiva instituição.

Tabela 2 - Caracterização das/os participantes da pesquisa

	Sexo	Idade	Local de nasc.	Cor / Raça	Religião	Educação básica	Abordag.
KA	F	35	Capivari (SP)	Branca	Cristã, adventista	Pública, Adventista privada e Pública (EM)	Não afirmada
DA	F	22	São Luís de Montes Belos (GO)	Parda	Adventista	Privada	Não afirmada
CA	F	22	Poá (SP)	Negra	Adventista	Pública e Adventista privada (EM)	Não afirmada
HA	F	24	Itanhém (BA)	Branca	Adventista	Pública rural, Privada e Pública	Não afirmada
GB	M	25	São Paulo (SP)	Branco	s/	Privada	Fenomenologia
LB	F	22	São Paulo (SP)	Branca	s/	Privada	Sócio-histórica
DB	F	23	São Paulo (SP)	Branca	s/	Privada	Comporta mental
JB	M	23	São Paulo (SP)	Branco	Católico	Privada	Comporta mental

Fonte: A autora, 2019

Em relação ao perfil da amostra, vale destacar algumas particularidades importantes. De maneira geral, identificamos que as IES possuem perfis distintos de estudantes, sendo uma delas de alunos com mais baixas condições socioeconômicas (IES A) e a outra de alunos com mais altas condições socioeconômicas (IES B). Outra diferença

entre as amostras das IES A e B são os locais de residência, motivos para a escolha da instituição, escolaridade e experiências pessoais prévias.

Os sujeitos da IES A têm origem no interior de estados brasileiros, possuem, em sua maioria, trajetória escolar no ensino público, são bolsistas ou trabalham na instituição em que estudam e tiveram experiências de trabalho antes de ingressar na faculdade. Quando questionados sobre o motivo para a escolha da instituição, a resposta da amostra A revela o vínculo religioso que caracteriza a instituição como uma das razões, sendo a escolha da Psicologia até mesmo secundária, como é caso de DA, que afirma ter escolhido a instituição por sua crença religiosa: "Dos cursos que tinham aqui, o único que me atraía era a Psicologia" (Transcrição Entrevista, p. 136). Para outras/os, a escolha da Psicologia se deu pela experiência prévia na área de Recursos Humanos.

Já os sujeitos da IES B moram em zona rica da cidade de São Paulo, todos tiveram suas vidas escolares em instituições privadas, nenhum é bolsista e escolheram a instituição por sua qualidade e proximidade do local de residência. Na ocasião, apenas um dos estudantes informou trabalhar. Nenhum deles, no entanto, indicou necessidade de trabalhar para se sustentar, apesar de afirmarem o alto custo do curso. DB[7] fala sobre o custo em relação à quantidade de aulas:

> *DB: — uma menina lá da academia, ela trabalha lá não é, ai ela me falou que queria fazer e continuar trabalhando, eu já fiquei olha assim, isso não dá muito para fazer é meio difícil, trabalhar e fazer a **IES B** pela quantidade de aulas que a gente tem mesmo. Eu acho que de certa forma é até excludente. Porque bom, se você precisa trabalhar dificilmente você vai conseguir algum trabalho que respeite essa grade horária maluca que a gente tem. Então isso foi um ponto que eu falei para ela que eu lembro, o volume de aulas mesmo.* (Transcrição Entrevista, p. 183)

Ainda sobre o alto custo financeiro, LB completa:

> *LB: — se manter aqui não é fácil. (...) Mas acho que não só pelo volume de aulas, mas também pelo custo que é. (...) O custo de se manter aqui, de comer aqui dentro, de tirar uma Xerox de comprar um livro. (...) É muita coisa, às vezes a gente nem se da conta.* (Transcrição Entrevista, p. 183)

A singularidade da nossa amostra expressa o todo, como podemos ver no estudo de Macedo et al (2018), que afirma que:

[7] Será utilizado o recurso do itálico para destacar as transcrições das falas dos participantes da pesquisa.

> O seminal estudo realizado por Yamamoto et al. (2011), com base nos dados sociodemográficos do Enade de 2006, chamava atenção naquela época para uma maior heterogeneidade no perfil dos estudantes de Psicologia no Brasil, constituindo dois grupos bastante distintos: um mais elitizado e outro menos elitizado. Depois de realizados novos ciclos avaliativos do Enade (2009, 2012 e 2015), retomamos os dados do questionário sociodemográfico para reavaliar o perfil dos estudantes de Psicologia no Brasil, sob a perspectiva de um olhar longitudinal, considerando os efeitos das políticas educacionais do ensino superior dos Governos do PT, proporcionados pelo Reuni (2007), pela Política Nacional de Assistência Estudantil (Portaria Normativa nº 39/2007 e Decreto nº 7.234/2010), e também pela expansão do FIES (1999) e do ProUni (2005). Nossos achados indicam que está em curso um processo de "popularização" do perfil dos estudantes de Psicologia no Brasil, apesar do aprofundamento da hegemonia do setor privado na oferta de vagas e número de matrículas no sistema de ensino superior como um todo. Respostas para este fenômeno podem ser encontradas na própria política de bolsas e financiamentos para o custeio das despesas com matrícula e mensalidades, como também o percentual significativo de estudantes de Psicologia que estudam no período noturno e trabalham durante o dia para ajudar a custear as despesas com a sua formação superior. (MACEDO et al, 2018, p. 93)

O que achamos relevante analisar do conjunto da amostra é a diversidade do público que estuda Psicologia, apresentando, inclusive, a desigualdade social que caracteriza nossa sociedade. A formação não se dá fora da realidade social e a análise do perfil da/o estudante das instituições deve ser base para se pensar a formação e questões como a de raça/cor, gênero e classe devem ser levadas em consideração ao pensar o curso e como formar essas/es futuras/os psicólogas/os.

Já existem estudos que mostram que o perfil da/o estudante de Psicologia é predominantemente feminino, até 24 anos, branca. No entanto, a profissão vem se "popularizando" (MACEDO et al, 2018). Nessa direção, é importante aprofundarmos esse terreno que possibilita ou não o desenvolvimento do compromisso social.

6.2 O curso e seus recursos

O primeiro ponto imprescindível e, às vezes, o único considerado, é que cada curso se dá a partir de uma estrutura documentada. De maneira ampla, todos os cursos de Psicologia são regidos pelas legislações do país, tais como a LDB e as DCN 2011. No âmbito interno, temos como primordial o projeto pedagógico de curso, mas também devem ser levadas em consideração as regulamentações internas da instituição e, mais especificamente, as ementas das disciplinas. Todos esses documentos juntos expressam a intenção não só do funcionamento do curso, mas de qual profissional se espera formar, ou seja, o projeto do curso.

O Projeto Pedagógico Institucional (PPI) reflete a identidade da instituição. Trata-se de uma sistematização que define a essência pedagógica e a política da ação educativa da instituição e é o norteador dos projetos pedagógicos de curso. Segundo Castro et al (2009, p. 47), “o PPI de uma Instituição de Ensino Superior explicita as posições da instituição a respeito do homem, do mundo e de sua relação na educação”, sendo assim, um instrumento de ação pedagógica e política. O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), por sua vez, constitui as diretrizes e políticas que colocam o PPI em prática de maneira ampla na instituição. Já o PPC é o documento de orientação acadêmica que expressa os parâmetros para a prática educativa na particularidade daquele curso aos quais devem estar alinhados DCN, PPI e PDI da instituição, tendo como parte constitutiva o currículo (CASTRO et al, 2009).

Decidimos pela não citação e análise individual dos PPCs das instituições para que sua identificação não se tornasse possível. De maneira geral, ambos os PPCs iniciam com uma apresentação da história da instituição e do curso. Em seguida, explanam sobre os desafios atuais da sociedade – de maneira ampliada, pensando em país, ou territorializada, a partir da caracterização das demandas da região em que a instituição está inserida –, e sobre como é possível a articulação da formação em Psicologia frente a as demandas.

Em um segundo momento, os projetos apresentam a organização do curso que, em ambos os casos, está coerente com a indicação das DCN e estruturada com um núcleo comum e ênfases curriculares:

> Art. 6º A identidade do curso de Psicologia no País é conferida através de um núcleo comum de formação, definido por um conjunto de competências, habilidades e conhecimentos.
>
> Art. 7º O núcleo comum da formação em Psicologia estabelece uma base homogênea para a formação no País e uma capacitação básica para lidar com os conteúdos da Psicologia, enquanto campo de conhecimento e de atuação.
>
> [...]
>
> Art. 10. Pela diversidade de orientações teórico-metodológicas, práticas e contextos de inserção profissional, a formação em Psicologia diferencia-se em ênfases curriculares, entendidas como um conjunto delimitado e articulado de competências e habilidades que configuram oportunidades de concentração de estudos e estágios em algum domínio da Psicologia.

> Art. 11. A organização do curso de Psicologia deve explicitar e detalhar as ênfases curriculares que adotará, descrevendo-as detalhadamente em sua concepção e estrutura. § 1º A definição das ênfases curriculares, no projeto do curso, envolverá um subconjunto de competências e habilidades dentre aquelas que integram o domínio das competências gerais do psicólogo, compatível com demandas sociais atuais e/ou potenciais, e com a vocação e as condições da instituição. § 2º A partir das competências e habilidades definidas, o projeto de curso deverá especificar conteúdos e experiências de ensino capazes de garantir a concentração no domínio abarcado pelas ênfases propostas. § 3º A instituição deverá oferecer, pelo menos, duas ênfases curriculares que assegurem a possibilidade de escolha por parte do aluno. § 4º O projeto de curso deve prever mecanismos que permitam ao aluno escolher uma ou mais dentre as ênfases propostas.
>
> [...] Art. 14. A organização do curso de Psicologia deve, de forma articulada, garantir o desenvolvimento das competências do núcleo comum, seguido das competências das partes diversificadas – ênfases – sem concebê-los, entretanto, como momentos estanques do processo de formação. (BRASIL, 2011, p. 3-6)

Nessa parte, também é explicitada a importância e o funcionamento do tripé pesquisa-ensino-extensão, e apresentada a matriz curricular do curso a partir das disciplinas e projetos, com indicação das competências e habilidades que serão desenvolvidas durante o curso, bem como as atividades complementares, projetos e formas de avaliação utilizadas. Um dos PPCs expõe ainda o funcionamento que possibilita a integração da Graduação com a Pós-Graduação da instituição, as práticas de apoio discente e a estrutura de organização e qualificação docente.

A partir da análise dos dados das instituições por meio do E-MEC, identificamos que ambas integram a categoria administrativa “privada sem fins lucrativos, confessionais, comunitárias e filantrópicas”. Para além do registro, a compreensão trazida pelos alunos sobre a questão religiosa do curso é bastante diferente em cada instituição. Enquanto na IES A, a dimensão religiosa é bastante presente – sendo o motivo da escolha da instituição pelas/os alunas/os , estando presente nas disciplinas obrigatórias e regendo todo o funcionamento do campus universitário –, na IES B, essa dimensão praticamente não é trazida na entrevista, nem no âmbito do curso de Psicologia, nem no âmbito individual dos estudantes.

De forma geral, ao analisar o PPC das instituições, fica clara a referência feita às DCN vigentes e aos demais documentos da instituição, o que demonstra uma preocupação com o alinhamento regulamentar entre o curso, a instituição e a legislação do país. A análise do item “objetivo do curso” demonstra um alinhamento com o projeto ético-político profissional do compromisso social. Apesar de escritos de maneiras significativamente diferentes, encontramos em ambos a indicação do compromisso da Psicologia com a transformação da realidade.

Neste item, em que buscamos apresentar aspectos importantes que caracterizam o curso e seus recursos, consideramos necessário trazermos dados oriundos das entrevistas com as estudantes. O primeiro deles diz respeito à importância dos professores no processo de formação. Mesmo sem uma pergunta específica sobre o assunto, algumas/alguns professoras/es são citados frequentemente pelas/os alunas/os. Identificamos que isso se dá pela relação afetiva construída durante o curso, expressa por diferentes aspectos descritos a seguir.

A disponibilidade da/o professor é um aspecto marcante nas falas das/os participantes da pesquisa na direção dessa relação professor-aluno, como pode ser observado no diálogo abaixo:

> *HA: — (...) eu acredito que nós tivemos um privilégio que dificilmente se encontra em outras universidades, tanto particulares, quanto públicas que é a abertura e o acesso que nós tivemos ao longo de todo o curso com os professores, a coordenadora, isso fez com certeza um diferencial durante o período de formação.*
>
> *DA: — Sim, isso é verdade, a maioria dos alunos tem o número dos professores, tipo de celulares, o professor não só se limita a sala de aula.*
>
> *HA: — Não mesmo.*
>
> *DA: — Eu acho que isso se estende pro assunto, porque então o aprendizado não só se limita na sala de aula, porque se a gente tem dúvidas, vai fazer um relatório, se está em um estágio, a gente não precisa esperar na semana seguinte para a aula do professor, a gente enviou mensagem, e agora? Aconteceu isso como o paciente, tipo, por exemplo, e ele responde. Isso é muito bom mesmo.* (Transcrição Entrevista, p. 139)

Outro ponto que remete a esse aspecto é a sensação expressada pelas/os estudantes de que a/o professora/professor está preocupada/o com a formação da/o aluna/o. Um exemplo nesse sentido é a exigência de leitura:

> *DA: — E assim, a gente leu muito, porque fazia parte da proposta pedagógica dela, dessa professora específica. Então assim, toda semana a gente tinha que entregar uma resenha de um artigo. Então pelo menos ali, se for contar o ano inteiro, uns vinte, vinte e cinco artigos que a gente leu, só nela, para fazer resenha.*
>
> *KA: — Você tinha que ler, a aula dela era baseada nessas leituras. Então não era aquela aula que ela ficava reescrevendo coisinha na lousa, não, era uma aula totalmente dinâmica, ela andava pela sala inteira e a gente ia discutindo, um aluno participava, outro aqui, era uma discussão sobre o tema e nisso a gente foi aprendendo.*
>
> *DA: — E ela era exigente. Então por exemplo, ainda é, para fazer um projeto, pensa em todos os semestres que a gente teve com ela, das quatro matérias, a gente precisou fazer um projeto por exemplo, e para fazer o projeto, a gente precisava referenciar qualquer coisa.* (Transcrição Entrevista, p. 154)

Esse incentivo se dá para além da sala de aula, o que pode ser observado pela indicação de referências extras, livros, etc., como expressa CA:

> *CA: — (...) o professor passava lá o plano de ensino, tinha a bibliografia básica, lógico que em um semestre é pouco tempo para você ver o que realmente precisa ser visto, mas os professores em geral falavam, tem esse e esses livros, biblioteca, pesquisava, sabe? para saber mais daquele assunto, para estar estudando, porque o nosso tempo ali era curto, é enfim, tempo de aula, tempo de*

> *semestre, estuda tais livros, tem outros livros que falam sobre isso, a gente sempre teve esse a mais, de não estar ali preso na sala de aula, o poder estudar fora e ter a base para isso.* (Transcrição Entrevista, p. 141)

As/Os participantes da pesquisa também citam o papel da coordenação nessa mesma direção:

> *DA: — Porque fora os editais, a coordenação de Psicologia é muito próxima dos alunos.*
>
> *CA: — Sim, é isso mesmo, eu tenho algo assim muito especial com eles assim.*
>
> *DA: — A gente é apaixonada pela nossa coordenadora, mas enfim, mesmo que, por exemplo, não tenham um projeto de pesquisa dentro da área que eu quero, todo mundo tem acesso a chegar na Vivian, conversar com ela, falar o interesse e geralmente se ela sabe de alguma coisa, mesmo que não esteja acontecendo aqui, mas em algum outro local, que ela pode encaminhar, ela sempre ajuda a gente nesse sentido.*
>
> *CA: — Eu acho que a nossa coordenação é muito amiga, lógico que a gente tem que separar isso em algumas vezes o papel.*
>
> *DA: — Compra as nossas ideias doidas.* (Transcrição Entrevista, p. 143)

Por fim, em referência aos métodos de ensino, são lembradas/os as/os professoras/es que utilizam métodos ativos e diferentes dos tradicionais. Foram citadas rodas de conversa, discussão de situações da atualidade, atividades que possibilitam a troca entre as/os alunas/os e atividades que utilizam recursos diferentes:

> *DB: — Não foi tão marcante (risos), mas eu achei demais essa matéria assim, acho que colocou em xeque muita coisa, era em roda e a gente ficava só pensando, a professora trazia muitas situações. Eu lembro de uma aula que ela trouxe várias tirinhas e deu para gente, e era assim, meu Deus era um dilema ético.*
>
> *GB: — A eu lembro.*
>
> *DB: — Você lembra?*
>
> *GB: — Lembro.*
>
> *DB: — E a gente ficava quebrando a cabeça, então eu acho que isso foi muito.*
>
> *[...]*
>
> *LB: — Várias coisas assim.*
>
> *DB: — Colocou a gente em xeque, eram situações práticas sabe, e se isso acontecesse na sua vida?*
>
> *DB: — O que eu achei legal, é que a gente não discutiu essa questão clássica assim, dilemas éticos da Psicologia, mas questões que estão acontecendo contemporaneamente. Eu lembro que a gente fez seminário sobre. Enfim, temas que cada grupo escolheu, e ai tinham temas que era por exemplo, estudar o que era as discussões éticas sobre o depoimento sem dano, com crianças e adolescentes.*
>
> *DB: — Exato.*
>
> *LB: — Teve também... 'meu', não lembro, eu lembro desse que foi o meu (risos), mas teve muitas falas sobre questões que estão sendo vividas na atualidade, e são coisas que futuramente entraremos em contato.* (Transcrição Entrevista, p. 143)

Outros exemplos mencionados fazem referência à utilização da análise de filmes como avaliação e leitura de materiais do conselho, como registrado no diálogo abaixo:

> *DA: — Foi nas disciplinas de intervenções que ela usa as cartilhas.*
>
> *CA: — Que os métodos de avaliação dela era apresentar as cartilhas, montar seminários e a gente discutia.*

> *KA: — A gente fazia muita discussão de roda também. Trazendo situações e na hora a gente tinha que discutir para montar um projeto.*
>
> *CA: — E assim, a gente não só ia lá na frente e apresentava, a gente tinha que discutir, abrir para turma para gente fazer a troca, a Elisabete gosta muito da troca e ela tirou foto do meu seminário e só foi um negócio apresentado.* (Transcrição Entrevista, p. 156)

Partindo da ideia da presença da dimensão afetiva dialeticamente com a cognitiva nas aprendizagens, podemos analisar que a relação com as/os professoras/es é de extrema importância em todo o processo de formação em Psicologia. Por um lado, essas/es profissionais se mostram próximas/os, disponíveis, mas também comprometidas/os, como afirma KA. "Resumindo, eles são muito exigentes e isso é maravilhoso para a gente" (Transcrição Entrevista, p. 156).

Em relação aos recursos pedagógicos, durante as entrevistas foram citados: disciplinas eletivas, disciplinas teóricas, ênfases, núcleos, monitoria, iniciação cientifica, grupo de estudos, TCC, estágio extracurricular, documentário, laboratório de pesquisa comportamental, estágios básicos, psicodiagnóstico, ética profissional, projeto de pesquisa e técnicas psicoterápicas, visitas técnicas como critério de avaliação, disciplinas obrigatórias, disciplinas optativas, curso de extensão, curso de libras e projetos voluntários. Sendo muitos desses recursos presentes nas DCN:

> Art. 19. O planejamento acadêmico deve assegurar, em termos de carga horária e de planos de estudos, o envolvimento do aluno em atividades, individuais e de equipe, que incluam, entre outros: I - aulas, conferências e palestras; II - exercícios em laboratórios de Psicologia; III - observação e descrição do comportamento em diferentes contextos; IV - projetos de pesquisa desenvolvidos por docentes do curso; V - práticas didáticas na forma de monitorias, demonstrações e exercícios, como parte de disciplinas ou integradas a outras atividades acadêmicas; VI - consultas supervisionadas em bibliotecas para identificação crítica de fontes relevantes; VII - aplicação e avaliação de estratégias, técnicas, recursos e instrumentos psicológicos; VIII - visitas documentadas através de relatórios a instituições e locais onde estejam sendo desenvolvidos trabalhos com a participação de profissionais de Psicologia; IX - projetos de extensão universitária e eventos de divulgação do conhecimento, passíveis de avaliação e aprovados pela instituição; X - práticas integrativas voltadas para o desenvolvimento de habilidades e competências em situações de complexidade variada, representativas do efetivo exercício profissional, sob a forma de estágio supervisionado. (BRASIL, 2011, p. 7)

Identificamos que em ambas instituições são oferecidas diversas oportunidades de formação para além da sala de aula. É interessante ressaltar que os sujeitos compreendem e apontam o processo gradual de complexificação do curso, como orientam as DCN, mas há uma diferença significativa do ponto de partida entre as instituições, que indica:

> Art. 17. As atividades acadêmicas devem fornecer elementos para a aquisição das competências, habilidades e conhecimentos básicos necessários ao exercício profissional. Assim, essas atividades devem, de forma sistemática e gradual, aproximar o formando do exercício profissional correspondente às competências previstas para a formação. (BRASIL, 2011, p. 7)

Isso se explicita, principalmente, pelo processo realizado pela IES A, que atende a um público de condição socioeconômica mais baixa, quando as alunas informam que, no início do curso, tiveram disciplinas voltadas à escrita e escrita científica (português, gramática e interpretação de texto), aprenderam a fazer resumos e resenhas, norma ABNT e tiveram o primeiro contato com artigos acadêmicos. Elas avaliam os primeiros anos de curso como mais exigentes e consideram que isso foi essencial e as preparou bem, como registrado no diálogo abaixo:

> *DA: — (...) Os dois primeiros anos da faculdade eu acho que foram bem exigentes, não difíceis, mas exigentes.*
>
> *CA: — Até porque a gente estava entrando em contato com a universidade.*
>
> *DA: — Isso.*
>
> *CA: — Foi um processo difícil de adaptação para mim.*
>
> *KA: — Foi através dele que a gente começou a ter contato com os artigos.*
>
> *DA: — E isso foi bom porque, como a gente teve dois muito bons primeiros anos, quando de fato a gente começou a entrar no específico da Psicologia, a gente já estava muito bem preparada.*
>
> *CA: — Eu achava que por conta dos primeiros semestres, escrever artigo, sei lá, alguém gênio.* (Transcrição Entrevista, p. 142)

Já na IES B, da qual os sujeitos têm todo o seu percurso educacional em escolas privadas, a exigência do início do curso se dá em direção ao aprofundamento teórico, como afirma DB:

> *DB: — Os primeiros anos não é, é muita psicanálise, é muita, ...Todas as teorias na verdade muito forte, desenvolvimento umas coisas bem assim clássica não é, sei lá, Piaget essas coisas assim, nós anos iniciais não é muito temático, mas falta articular um pouco com a realidade.* (Transcrição Entrevista, p. 188)

Talvez, uma consequência desses primeiros anos com disciplinas mais “clássicas”, como caracterizam as/os próprias/os estudantes, seja a escolha precoce da abordagem teórica. Entre os sujeitos da pesquisa da IES B, essa escolha se deu entre o 1º e o 3º ano de curso. Além disso, as falas dessas/es alunas/os durante toda a entrevista são muito centradas nas abordagens teóricas, sendo que ao se apresentarem se definem também por elas. Um exemplo dessa constatação é a resposta de GB ao ser perguntado sobre o que, no curso, o preparou para atuar nas políticas públicas:

> *GB: — Eu não sei muito bem como responder a essa pergunta, mas eu vou tentar responder da melhor maneira que eu posso. Assim, a coisa mais importante para eu ficar no CAPS foi justamente à fenomenologia, foi o embasamento digamos assim, teórico, metodológico sobre como é, como se apoia em, como entrar em contato com o sofrimento de alguém muito forte. É um embasamento que eu levei muito a sério na minha graduação, acho que esse foi o mais importante assim, que me deu uma disposição de realmente estar lá com os usuários, da melhor maneira que eu poderia estar. Fora isso as aulas com a T., onde eu aprendi bastante sobre a articulação em rede, sobre assim... A melhor postura que o psicólogo pode ter trabalhando no SUS trabalhando na rede pública. E aí foi assim, aí era o que o CAPS apresentava que eram a reuniões em equipe, está conversando com o psiquiatra, está conversando com assistente social, com o terapeuta ocupacional, pedindo ajuda para eles sobre quais outros serviços pode encaminhar algumas pessoas que eu acompanhei. Mais assim, eu digo é que o mais importante mesmo foi o estudo muito sério assim da fenomenologia.* (Transcrição Entrevista, p. 190)

Esses sujeitos se afirmam mais de um lugar teórico do que de um campo de atuação e, de acordo com seus próprios relatos, assumem que a escolha por uma abordagem teórica se deu precocemente e determinou as suas escolhas de disciplinas optativas ao longo de todo o curso.

As/Os alunas/os percebem o protagonismo estudantil em ambas as instituições. Na IES B, isso se expressa a partir das escolhas dentro do próprio curso. As/Os estudantes afirmam que o curso é bastante pautado nas escolhas de caminho, o que pode ser bom em razão da flexibilidade, mas, por outro lado, não garante determinados conteúdos importantes, como, por exemplo, políticas públicas:

> *DB: — É parece que sempre tem presente isso de encaminhamento, essa noção de rede isso eu percebi em muitas aulas, mas realmente focado em políticas públicas não são tantas matérias, muitas disciplinas.*
>
> *LB: — No final do curso começam a crescer, acho que até mais, mais aí depende das escolhas que você faz.*
>
> *DB: — Sim.*
>
> *GB: — É sim.*
>
> *LB: — Por que aí vai virando optativo, não é?*
>
> *TODOS: — É.* (Transcrição Entrevista, p. 189)

Em outro momento da entrevista, LB critica esse modelo ao afirmar que “a gente chega no 3º ano sem saber o que é CAPS e rede de garantia de direitos da criança e adolescente” (Transcrição Entrevista, p. 187). JB acrescenta que esse aprofundamento depende das escolhas que fazem durante a formação.

Já na IES A, as estudantes expressam que são muitas as oportunidades oferecidas de atividades dentro do curso para todas/os, sendo de escolha de cada uma/um aproveitá-las, como DA afirma:

> *DA: — A gente tem muitas oportunidades aqui, uma vez eu escutei uma frase, que eu acho que nunca vou esquecer assim, do diretor aqui do campus inteiro, que ele falou assim, a oportunidade vem para quem está preparado e eu fiquei com isso na cabeça, porque eu sempre pensei assim, a gente cria as oportunidades, e tudo mais, mas na verdade é uma construção e se você é um aluno dedicado e que interessa por fazer além que a grade exige de você, existe sim gente disponível e*

> *interessada em trabalhar, em te ajudar e te encaminhar e todas essas coisas e eu posso falar por mim assim, desde o meu primeiro ano aqui, eu não faço pesquisa aqui desde o primeiro ano, mas assim, como a gente tem uma coordenação, professores que estão muito disponíveis e eu não penso que seja assim em outras universidades e agora a gente falando, parece propaganda da IES A.* (Transcrição Entrevista, p. 173)

Ainda sobre o processo de complexificação do curso, as/os estudantes citam o estágio como momento privilegiado da formação. Na IES A, esse processo começa com observação para treinar a escuta ativa e o olhar e vai se complexificando gradualmente, sempre sob o acompanhamento das disciplinas. Na IES B, o curso se inicia apenas com disciplinas obrigatórias e, posteriormente, vão sendo inseridas disciplinas eletivas acompanhadas de estágios básicos até específicos.

Essa integração de teoria e prática durante o curso apontada pelos estudantes é também foco de diversos estudos sobre a formação em Psicologia que afirmam a importância dessa relação durante a Graduação para a formação da/o futura/o profissional e a dificuldade dessa integração ser identificada na realidade. Em análise de artigos sobre formação em Psicologia, Mancebo (1997) constata “em praticamente todos os trabalhos, a dicotomia teoria e prática, ou ainda, produção científica *versus* atuação profissional ou mesmo cursos teóricos *versus* estágios” (p. 25):

> [...] esta análise da "dicotomia teoria X prática", parece traduzir, em contrapartida, a insatisfação com este modelo frente a uma demanda potencial e um momento ainda incipiente, mas fértil, de busca de novos paradigmas, com aporte de outros profissionais, de outras práticas e de outras disciplinas. (MANCEBO, 1997, p. 26)

Da mesma forma, o tripé ensino-pesquisa-extensão, demanda do artigo 207 da Constituição Federal (1988), que diz que as universidades devem obedecer "ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão" (p. 160), é outro aspecto presente em pesquisas por sua importância e dificuldade de implementação. Nas entrevistas, esse elemento se apresenta e é visto positivamente pelos estudantes.

Todos os sujeitos desta pesquisa realizaram iniciação científica, muitos deles monitoria e alguns projetos de extensão. Elas/es afirmam que as disciplinas se relacionam em cada semestre, indicando, como exemplo, a prova interdisciplinar realizada ao final de todo semestre que avalia todos os conteúdos, valendo nota na maioria das disciplinas. Outro aspecto considerado positivo pelas/os estudantes foi a proximidade entre Pós-Graduação (Mestrado) e Graduação a partir das iniciações científicas.

É notória a valorização que as/os estudantes atribuem a esses espaços extras de formação oferecidos pela instituição, mas também é apontada a necessidade de iniciativa

por parte das/os alunos para aproveitar essas oportunidades, como indica CA: “Quem não participou desses tipos de atividades extracurriculares eu acho que é porque não quis” (Transcrição Entrevista, 143). Com este tipo de avaliação, CA nos permite concluir que, muitos destes espaços e experiências, não estão amalgamados à proposta de curso (apesar e constarem indicados nos PPCs), sendo de responsabilidade e interesse de cada aluno.

6.3 Os campos de expressão do compromisso social na formação em Psicologia

A partir da análise das entrevistas, pudemos reforçar a afirmação de Santos (2017) de que os campos de expressão do compromisso social não são estanques, mas interrelacionados. No que se refere ao campo da **“inserção e qualificação do trabalho dos psicólogos nas políticas públicas”**, percebemos uma grande proximidade com os outros dois campos, que abordam a interdisciplinaridade e as relações democráticas. Tal proximidade se explicita, principalmente, a partir do tema do trabalho em rede nos serviços públicos vivenciado pelas/os estudantes nos estágios e discutido em disciplinas teóricas.

No âmbito desse primeiro campo, os estágios citados foram em Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), Unidade Básica de Saúde (UBS), hospitais públicos, Serviço de Acolhimento Institucional Para Crianças e Adolescentes (SAICA) e Educação. Também foram citadas as disciplinas de “Psicologia da Saúde”, “Psicologia Social”, disciplinas teóricas do SUS no programa de saúde e um projeto de pesquisa em Saúde Pública de mapeamento dos serviços do território. Em relação aos conteúdos que aparecem sobre a temática, o SUS é o que é mais frequente na fala das/os participantes, também a questão do trabalho em rede e algumas menções à legislação nacional como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) são citadas com frequência.

Outros recursos citados como importantes para a inserção e qualificação do trabalho foram as cartilhas do CRP e os cadernos do Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (CREPOP) utilizados por professoras/es de diferentes disciplinas e que, segundo as/os alunas/os, também dava suporte ao estágio:

> *Entrevistadora: — (...) O que mais de políticas públicas vocês viram?*
>
> *CA: — Cartilhas, muitas cartilhas.*
>
> *DA: — Todas as cartilhas.*
>
> *Entrevistadora: — Quais cartilhas? De que?*
>
> *DA: — De saúde, da Psicologia. Não todas da saúde, mas de Psicologia e preconceito racial, da Psicologia do esporte, da Psicologia da educação, a cartilha sobre o SUS.*
>
> *HA: — A gente teve seminários de cada um desses.*

(...)

Entrevistadora: — Cartilhas do CRP?

DA: — É.

HA: — Os cadernos.

Entrevistadora: — E os cadernos do CREPOP?

Maioria: — Isso.

CA: — Exatamente.

DA: — Os do CREPOP a gente usou nos estágios. (Transcrição Entrevista, p. 155)

Além desses recursos apontados como parte do curso, no caso da IES B, os alunos apontaram que "pegam" conteúdos nos núcleos de saúde e educação e que se há interesse pelo tema buscam aprofundamento em cursos externos à Instituição ou estudando autonomamente.

Ao serem questionadas/os sobre se estariam preparadas/os para atuar nas políticas públicas, as respostas demonstraram alguns perfis diferentes. Um primeiro conjunto de respostas afirmava o entendimento da rede e identificava em disciplinas da saúde e estágios, na rede pública, a preparação para essa atuação. Um segundo conjunto entendia que não estava preparado, mas que se quisesse seguir essa área, o curso teria possibilitado esse preparo.

> *JB: — Acho que não, porque não tive tanto contato como outras pessoas que tiveram talvez, então eu não me sentiria, mas se eu tivesse tido interesse de ficar em algum grupo e me aprofundar nisso. Assim, a gente teve aulas, no quarto ano a gente teve também que são matérias obrigatórias, mas eu acho que eu, ...Talvez não tenha me interessado tanto, mas eu acho que se eu tivesse me interessado mais eu estaria mais preparado.* (Transcrição Entrevista, p. 190)

O terceiro perfil é o das/os "mais ou menos preparadas/os", que afirmam que a formação deu uma base e, principalmente, ensinou como aprender a atuar e que poderão se desenvolver a partir da inserção profissional. Nesse ponto, duas falas são bastante significativas:

> *DB: — Seria mais ou menos preparada assim, não é que eu não sei nada, mas também, não me sinto assim dominando, por exemplo, todos os dispositivos os quais eu posso encaminhar um paciente sabe. Tudo o que o SUS oferece, por exemplo, ou tudo o que a RAPS oferece, eu não me sinto estou preparada, mas, sei lá, não me sinto como se eu não soubesse nada também.*
>
> *GB: — [...] eu sinto que eu estaria preparado para começar a aprender melhor. Olha se alguém falasse assim: 'vem trabalhar, vem, tudo bem, pode vir,' eu estaria preparado para começar a aprender assim sabe. Eu acho que depois de algum tempo eu iria me aclimatizar lá e ficara tudo bem, mas agora eu estaria muito cru.* (Transcrição Entrevista, p. 191)

De maneira geral, identificamos a preponderância de conteúdos relacionados aos SUS. Na fala das participantes da IES A fica evidente a apropriação das políticas públicas de saúde e a importância da rede para sua concretização. Durante as entrevistas, as alunas chegaram a citar os princípios do SUS e afirmaram categoricamente a necessidade de tratar

o sujeito em sua integralidade. Isso pode se dar pelo fato de a ênfase curricular do curso ser em saúde.

Já no grupo da IES B, composto por alunos formandos em diferentes ênfases, tendo a instituição maior flexibilidade para a escolha do percurso formativo e a abordagem permeava em todo o tempo a fala dos estudantes. As/Os alunas/os afirmaram considerar que os conteúdos dessa temática apareceram muito tarde na formação, sendo mais forte apenas no 4º ano e, dependendo ainda da escolha de cada aluna/o.

Entendemos que a relevância do conhecimento sobre políticas públicas se faz presente na formação em consonância com a história de inserção da/o psicóloga/o nesse campo. As/Os estudantes apontam a necessidade de conhecer a legislação para conseguir atuar com qualidade. Também identificam a rede como fator importante para atuar nas políticas públicas e o trabalho interdisciplinar como fundamental. Mas, sem dúvida, a temática das políticas públicas está presente e é de reconhecimento imediato pelas estudantes que localizam seus espaços, falam das necessidades para aprofundamento, indicam conteúdos e exigências. Valorizam a presença das políticas públicas na formação de modo a tomá-la como indispensável.

Nessa direção, a discussão sobre "**a condição autônoma e a produção do trabalho coletivo e interdisciplinar**" mostrou-se presente durante o curso, mas não necessariamente em uma disciplina específica. A noção da necessidade de trabalho em rede se faz evidente para as/os participantes da pesquisa de ambas as instituições, sendo a frase de DA uma síntese disso:

> DA: *— Nos estágios meio que isso se torna obrigatório, acho que não tem como não conversar com outros profissionais dentro, mesmo no estágio da clínica em si, porque você precisa encaminhar, porque você precisa saber o parecer do outro profissional, enfim, eu acho que nenhum profissional consegue dar conta de nada sozinho.* (Transcrição Entrevista, p. 151)

As/Os estudantes lembraram a disciplina de Grupos, em que tiveram um trabalho de simulação de uma equipe multiprofissional do CAPS; da disciplina de Psicopatologia, em que fizeram uma discussão com a psiquiatria; e da disciplina de Saúde Pública, onde tiveram contato com a necessidade do trabalho interdisciplinar na rede pública.

Mais relevante do que as disciplinas foram os estágios que apareceram significativamente nas falas das/os estudantes como lugar de aprendizagem para o trabalho interdisciplinar. Elas apontam que no estágio aparece muito a vivência prática com profissionais de outras áreas e é onde se desenvolve um linguajar comum para se trabalhar em equipe e onde é possível conhecer outras áreas.

> *HA: — Até porque eles vêm encaminhados. A fisioterapeuta atende e percebe que a pessoa está com a dor, fazendo exercício, a pessoa começa a chorar e tal. Então ele vai e encaminha para a Psicologia.*
>
> *KA: — Tem vários pacientes onde a gente atende, que está atendendo ele aqui, mas a gente tem que ir até a USB para conversar com outros profissionais ali que também cuidam desse paciente.* (Transcrição Entrevista, p. 151)

Os campos/áreas de estágio citados foram CAPS, Clínica, Educação, UBS, Esporte e ocupação. A partir dos relatos, identificamos que, no CAPS, o diálogo foi com Psiquiatria, Assistência Social e Terapia Ocupacional. Já na Educação, com professoras/es; no Esporte, com um técnico/treinador; na Clínica, com outros profissionais que atendem ao mesmo caso; e em uma ocupação, foi com missionárias/os da igreja e advogado.

Das tarefas realizadas que se relacionam com essa temática, as/os estudantes identificam os encaminhamentos internos, as reuniões de matriciamento e idas a UBS para conversar sobre os casos. Para além do tradicional estágio-disciplina, são apontadas na IES A diversas atividades que possibilitam o desenvolvimento do trabalho interdisciplinar.

Os exemplos citados são: projeto de iniciação científica realizado com idosos em parceria com fisioterapia, nutrição e enfermagem, projeto de extensão que acontece duas vezes por semestre de maneira voluntária e gratuita e atende à comunidade a partir de tendas de saúde em algumas cidades, semana da Psicologia em que ocorrem discussões acadêmicas sobre temas e sempre há profissionais de outras áreas para falar, encontros interdisciplinares ou científicos que ocorrem a partir de mesas redondas entre Psicologia, Fisioterapia, Nutrição e Enfermagem e do Encontro Anual de Iniciação Científica (ENAIC), do qual todos os cursos participam e há apresentação de TCCs, projetos de extensão, pesquisa e voluntariado, etc.

É interessante perceber que significam o estágio como o recurso pedagógico que mais aparece, é no momento da prática profissional que as/os estudantes se deparam com a realidade, que não se dá isolada de um todo. A pessoa é integral e seu atendimento também deve ser, considerando todas as condições concretas em que está inserida. Também são apontadas outras atividades complementares de vivência prática para além do estágio. Isso reforça a importância do tripé ensino-pesquisa-extensão para a formação da/o psicóloga/o para o trabalho interdisciplinar.

Em relação ao campo "**a defesa dos direitos humanos: enfrentando a dominação em suas diversas expressões**", as/os estudantes apontaram que houve, durante a formação, discussão teórica sobre o tema e que ele também foi visto na prática do estágio. Os temas que aparecem na fala das/os estudantes dentro desse campo fazem referência a relações

raciais, gênero, luta antimanicomial, direitos sociais (educação, saúde e cultura), aborto e maioridade penal.

Nesse campo, as disciplinas são mais citadas do que os estágios. Entre elas estão Educação, Institucional, Psicologia Social, Esporte, Ética Cristã, Psicologia Forense e Ética Profissional. São citados apenas dois estágios. O primeiro exemplo foi um estágio em SAICA em que foi necessária a compreensão do sujeito na sua condição de negro e dentro da perspectiva histórica da manicomialização. O outro estágio, em Clínica Comportamental, evidenciou o contexto e a história do sujeito como essenciais para a compreensão do caso e a necessidade de apresentar a rede para a mãe de uma criança atendida.

É interessante ressaltar que, quando questionadas/os sobre os direitos humanos, a primeira reação das estudantes da IES A foi dizer que não viram ou não lembravam da Declaração Universal dos Direitos Humanos em si e não tiveram uma disciplina específica, como afirma DA: “Então, isso é uma coisa que a gente deveria saber, não sabemos, deveria saber discorrer sobre, porque é muito importante e porque é meio que dever de todo cidadão, porém, eu não tenho como falar enquanto curso sobre isso” (Transcrição Entrevista, p. 162).

Por outro lado, com o fluir da entrevista, elas mesmas foram percebendo quanto desses conteúdos elas aprenderam até chegarem a afirmar que os direitos humanos embasam tudo, como resume KA:

> *KA: — Ao atender o paciente, seja aqui na clínica ou lá nos estágios, toda nossa postura ética, querendo ou não acaba em cima dos direitos deles. (...) As próprias discussões de aula onde a gente coloca diante do estágio, trazer as nossas angústias, nossa, no CAPS não está funcionando nada do que deveria, do que está nas normativas, você quando traz essa discussão, você está pensando quanto esses pacientes não estão devidamente sendo tratados, entendeu? E quanto está ferindo o direito deles a saúde. Então querendo ou não, essa discussão de discurso, de direitos humanos, ele pode não esse termo direitos humanos, mas ela sempre está embasada em todas as aulas, em todas discussões, entendeu? Eu vejo dessa forma.* (Transcrição Entrevista, p. 164)

Nesse campo, consideramos muito significativo apontar que todas/os assumiram, em unicidade, a garantia dos direitos humanos como demanda da Psicologia, mas a concepção sobre o que são os direitos humanos não foi única. Foram apresentadas duas perspectivas diferentes na IES B. A primeira, baseada no respeito à singularidade humana, entendendo como o social se apresenta em cada indivíduo, sendo o papel da Psicologia estudar sobre a condição humana e não reduzir as pessoas à sua cor ou condição financeira. A segunda entendendo direitos humanos dentro de um processo histórico que deve ser levado em consideração pela Psicologia.

Essas diferentes perspectivas levam a atuações bastante distintas da/o futura/o psicóloga/o. Entendemos que dentro do projeto profissional do compromisso social, a segunda perspectiva é a que mais o representa. Isso fica evidente a partir da reflexão feita por uma aluna de como o curso proporcionou o questionamento sobre os atravessamentos políticos, econômicos e sociais da Psicologia e os seus próprios:

> *LB: — [...] Porque acho que é isso, tem a ver com o olhar que a gente tem, o nosso olhar está orientado pela nossa condição de branquitude de uma classe social alta, e aí olhar essa produção de conhecimento da Psicologia não de uma forma neutra, mas, mais crítica mesmo. De que lugar social essa Psicologia está vindo, que cor, que gênero, quem são os autores que produzem a Psicologia? Essas foram às queixas que eu fui ouvindo ao longo do semestre, que foi fazendo sentido para mim, mas era discussões que aconteciam, mas era só a maneira como elas aconteciam.* (Transcrição Entrevista, p. 199)

Também conseguimos identificar um elevado grau de propriedade do projeto profissional do compromisso social a partir da afirmação de DA: "Tecnicamente, toda regulamentação do CFP, teoricamente, tecnicamente, oficialmente, é em cima dos direitos humanos" (Transcrição Entrevista, p. 164). Essa constatação da aluna de que a defesa dos direitos é garantida pelo Sistema Conselhos demonstra a compreensão de que há um projeto vigente.

A partir das entrevistas, percebemos que o debate sobre os direitos humanos está presente a partir de diversas temáticas e em diferentes espaços da formação. Mas, nos preocupamos sobre a qualidade desse debate, já que, por um lado, os direitos humanos estão presentes e é consenso a necessidade de sua defesa pela Psicologia. Por outro, o que isso significa ainda explicita o tensionamento entre diferentes projetos ético-políticos profissionais.

Os elementos apresentados sobre o campo da **"ampliação e fortalecimento das relações e instituições democráticas"** que pudemos identificar foram as práticas do exercício profissional, movimento estudantil e relação com o Sistema Conselhos de Psicologia.

As/Os alunas/os indicam que no estágio, as relações se dão de maneira democrática a partir da vivência prática da construção das intervenções profissionais com a supervisão e da compreensão da participação da pessoa atendida e família / comunidade como inerente à atuação. Do mesmo modo, afirmam que os projetos de intervenção têm que ouvir a demanda da população, criar espaços de fala e tornar a comunidade participativa, como afirma KA:

> *KA: — Porque não tem como você trabalhar na comunidade se você não saber a demanda dele, para saber a demanda dele você tem que ouvir, você tem que entender, você tem que envolver.*
>
> *[...]*

> *KA: — Em todos os projetos de intervenção mesmo, a gente buscava pensar em hipóteses assim, que eu pudesse trazer melhorias ali para instituição, mas visando os cuidados, o tratamento, a forma como a comunidade poderia ser inserida ali, mas deixando ele atuando também, entendeu? Então ouvindo, dando espaço para que ele falasse das suas necessidades, as suas dificuldades. Essa parte democrática, ela discutiu bastante assim, o meu seminário falou sobre isso, sobre a importância da democracia.* (Transcrição Entrevista, p. 166)

Nos estágios, as/os estudantes apontam como positiva a possibilidade de autonomia para criar o projeto de intervenção, sempre a partir de uma demanda e direcionadas/os pelas/os professoras/es. E afirmam a necessidade de realizar adequações, baseadas em teorias, a partir do contato com as realidades específicas que se apresentam, como explicitado no diálogo:

> *CA: — A gente vai pensando e sente o que a gente pode fazer lá, não que você vai fazer isso e isso, tal dia. Chegando lá no campo, que a gente vê o que dá para fazer.*
>
> *KA: — Se a gente chegar com o negócio pronto lá e você chega e não é nada daquilo que você preparou. Então a gente dançava conforme a música então, a necessidade no CAPS que eu estava atendendo, é o CAPS adulto. Então eu tinha muitos pacientes esquizofrênicos ali. Então não adianta eu chegar lá com tudo preparado para usuário de drogas.*
>
> *DA: — Ou então fazer oficinas, por exemplo, tipo explicativas ou em formato de palestras, não dá, a gente tem que trabalhar no concreto.*
>
> *CA: — A gente tinha no imaginário o que poderia ser feito, mas não era assim taxativo.*
>
> *[...]*
>
> *HA: — Falando por mim e pela CA. Quando a gente passou pela casa de apoio para as mães e crianças com câncer, a gente tinha os dois primeiros encontros, a gente foi, se apresentou no intuito de fazer roda de conversas sobre a situação deles, a saudade de estar longe de casa e depois da segunda a gente descobriu que eles não querem isso, eles querem brincadeiras para entreter as crianças, quer filme, quer não sei o que e a gente começou a fazer o que eles queriam.*
>
> *CA: — A gente queria fazer grupo terapêutico para falar, para elas falarem, sabe? E não era isso.*
>
> *HA: — Pra falar e não é, nem as mães queriam falar aquilo, elas queriam falar do namorado, da filha que estava com a saia nova e não sei o que. A gente se adequa à necessidade ali e o estágio foi maravilhoso quando a gente fez essa adequação.*
>
> *CA: — Claro, que um sofrimento ou outro se apresenta, a gente tentava planejar, acolhia, mas não era esse o foco.*
>
> *HA: — Sim, a gente acolhia, mas não era o foco delas, a gente perguntou o quê que vocês querer? Vocês querem falar? Não, a gente quer brincar, a gente que vocês venham e tragam dinâmica, tragam as coisas.*
>
> *KA: — Doenças eles já pensam todo dia e toda hora.*
>
> *CA: — Então a necessidade e a rotina intensa de consultas, e medicamentos, não estar em casa, longe da família. Então, vamos aproveitar esse tempo? Sair do ócio, dessa rotina maçante.* (Transcrição Entrevista, p. 157)

Outro aspecto trazido pelas/os alunas/os é que a possibilidade de construção das intervenções de estágio de maneira democrática depende muito da/o supervisora/supervisor.

> *GB: — É pelo o que eu vejo assim, acho que depende muito do supervisor que a gente tem, por exemplo, o meu supervisor para o estágio no CAPS ele tinha uma experiência clinica muito boa, mas o conhecimento mais, ... É de políticas públicas mesmo era muito raso, praticamente inexistente assim. Então se eu fosse fazer uma intervenção mais ampla, seria conversado com o pessoal do CAPS, ele ia meio que me dá um aval para fazer o que eu quisesse assim, não estava nem tão implicado assim, ele nem estava implicado assim, teve várias críticas desse supervisor. Então seria*

> *com os profissionais do CAPS, mas depende muito do supervisor, que as minha tudo era bolado em supervisão. As meninas de outros núcleos assim me contavam que tudo era bolado em supervisão e também com o pessoal em serviço que elas estavam e tudo o mais, isso eu vejo, o supervisor que você tem, tem um papel fundamental nisso.*
>
> *DB: — É eu acho que não pode rolar isso não só com supervisão, mais com aula teórica mesmo, depende do professor com quem você esteja não é.* (Transcrição Entrevista, p. 195)

Além da vivência nos estágios, as/os alunas/os entendem que o conteúdo foi trabalhado em momentos pontuais em sala de aula, a exemplo da discussão sobre como ampliar a participação social a partir do psicodrama, da realização de um seminário sobre a importância da democracia, bem como quando estudaram sobre os conselhos de saúde. Apontam que essa pauta se dá por meio de professoras/es específicos, como afirma HA: "Discussão no sentido político-democrático ela aconteceu fora da grade curricular obrigatória, ela aconteceu em momentos pontuais em sala de aula, com professores pontuais" (Transcrição Entrevista, p. 165).

Nos chamou atenção o fato de atividades do movimento estudantil não terem sido espontaneamente citadas como espaços de construção de relações democráticas dentro do curso. A única atividade que aparece dentro deste elemento, e apenas após pergunta direta, é o Centro Acadêmico (CA), caracterizado como espaço de fala do corpo estudantil para levar suas demandas.

Aparece uma concepção quase que utilitarista do Centro Acadêmico que não abrange sua potência formativa de "ser ativo e proporcionar não só direito à reivindicação, mas também ações extracurriculares que sejam úteis e agreguem valores sociais e políticos à formação acadêmica dos discentes" (COSTA et al, 2017, p. 7). Algumas pesquisas realizadas sobre a formação nesses espaços apontam a importância dessa experiência para a formação das/os universitárias/os, tanto na dimensão política, quanto profissional (CARVALHO e BARROS, 2014; LIMA e LAURENTINO, 2015; COSTA et al, 2017; FONSECA et al, 2018).

No âmbito da dimensão política, Carvalho e Barros (2014), ao investigarem os modos de organização estudantil, suas reverberações e efeitos do fazer e da militância a partir da análise do Centro Acadêmico Livre de Psicologia (CALPSI), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), entre 2011 e 2013, indicam que:

> As práticas vivenciadas em campo indicaram a presença desse personagem político-em-nós, que procura reinventar-se, descolando-se de velhas práticas cristalizadas e instituídas, buscando novos caminhos e alternativas para os modos de existência do movimento estudantil e da política brasileira. (CARVALHO e BARROS, 2014, p. 25)

Tal afirmação corrobora com a investigação realizada por Lima e Laurentino (2015), que pesquisaram o Centro Acadêmico do curso de Pedagogia como espaço de formação para estudantes universitárias/os a partir de aplicação de questionário para 177 alunos do curso de Pedagogia de uma universidade pública do estado de São Paulo. As conclusões indicam que:

> [...] a vivência crítica em órgãos colegiados na universidade propicia aos alunos um excelente espaço de formação que pode auxiliá-los a ter uma visão crítica da sociedade, que possibilita analisar os problemas existentes na universidade e contribuir para o processo de cidadania dos demais alunos, professores e funcionários envolvendo a todos como sujeitos históricos. Além de uma formação que com certeza o tornará um profissional mais qualificado para atuar numa gestão democrática (LIMA e LAURENTINO, 2015, p. 20.085)

Em relação à dimensão profissional, Fonseca et al (2018) realizou um estudo sobre a experiência de gestão de um Diretório Acadêmico (DA) de Psicologia em uma instituição privada de ensino superior no período de 2015 a 2016 e afirma que:

> [...] o impacto dessa experiência administrativa na formação dos psicólogos parece carregar potencialidades expressivas, no que diz respeito ao desenvolvimento de competências pessoais e políticas, em especial por permear a formação em Psicologia, que historicamente se constitui por uma ciência crítica, política e de preocupação com a transformação social. (p. 426)

Independente do curso ao qual o Centro ou Diretório Acadêmico está ligado, as pesquisas apontam como consenso a potência de formação profissional e política nesses espaços. Também é consenso a necessidade de fortalecimento dos mesmos pela possibilidade de contribuição para a formação.

No segundo aspecto desse campo, em ambos os grupos, identificamos que há uma noção mínima sobre o Sistema Conselhos. As/Os estudantes afirmam conhecer pouco, não saber ao certo sobre seu funcionamento, imaginam que se dê por meio de assembleia, mas que o conselho serve para resguardar a profissão, como presente no diálogo:

> *Entrevistadora: — Vocês conhecem o funcionamento do conselho? Do sistema conselhos regional e federal?*
>
> *HA: — De Psicologia?*
>
> *Entrevistadora: — Isso.*
>
> *HA: — Muito pouco, eu pelo menos muito pouco.*
>
> *CA: — Pouco, a gente conhece pouco. A gente pensa que são leis.*
>
> *Entrevistadora: — E como essas leis são construídas? Você sabe?*
>
> *CA: — Não.*
>
> *Entrevistadora: — Também não?*

> *CA: — Não, a gente viu assim, processos de psicólogos em cima de psicólogos atuando erroneamente.*
>
> *KA: Eu imagino.*
>
> *DA: — A gente aprende o que pode e não pode fazer.*
>
> *CA: — O que pode e não pode fazer no consultório assim, a prática psicológica, o que pode e o que não pode e como o conselho federal lida com isso no sentido de estar passando.*
>
> *HA: — O quanto a gente pode participar e atuar junto com os conselhos ou dentro dos conselhos, eu não sei.*
>
> *KA: — Eu acredito que deve ter várias assembleias que é discutido e surge essas leis que você falou, mas eu acho que essa abertura, assembleias abertas para comunidade, para os profissionais da área, eu acho que o CFP faz isso, ele promove isso.*
>
> *CA: — Mas eu nunca fui participar de uma assembleia.*
>
> *HA: — Eu já participei de congressos e rotas de discussões.*
>
> *Entrevistadora: — Eventos pontuais?*
>
> *HA: — É.*
>
> *CA: — E as cartilhas do CREPOP? O CRP apresentou a população indígena, cartilhas e cadernos atuar com a população indígena, para falar das questões raciais, participar o público LGBT, a gente vê que são feitas por representantes do CRP.*
>
> *(...)*
>
> *Entrevistadora: — E os objetivos do CRP e do CFP são claros para vocês? Para quê que serve o CRP?*
>
> *HA: — Para estar fiscalizando o nosso regulamento, regularizando e fiscalizando.*
>
> *DA: — Eu acho que é mais que fiscalizar, é resguardar a profissão, porque não só como uma medida punitiva ou para conter o que a gente pode ou não fazer, eu acho também que é onde a gente pode se amparar, a gente tem um conselho que de certa forma protege as nossas práticas, desde que sejam éticas.*
>
> *KA: — Isso, esse conhecimento foi passado para gente.*
>
> *CA: — Sim.* (Transcrição Entrevista, p. 166/167)

O contato com o Sistema Conselhos de Psicologia se deu por cartilhas, participação no Congresso Brasileiro de Psicologia (CBP) e pela fala de algumas/alguns professoras/es. Em relação à organização da Psicologia para além do sistema conselhos, as/os alunas/os afirmaram conhecer um pouco e citaram a - Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) e a Associação Brasileira de Saúde Mental (ABRASME).

Entendemos esse aspecto como relevante no campo das relações democráticas, pois o funcionamento do Sistema Conselhos como temos hoje foi construído a partir da perspectiva do projeto do compromisso social pautado nas relações democráticas. Este órgão tem divulgado, em suas publicações e ações, o princípio das relações democráticas e a importância das políticas públicas e dos direitos humanos, contribuindo para um enriquecimento destas presenças na formação em Psicologia.

LB constrói uma importante relação direta entre democracia e defesa dos direitos humanos ao afirmar que:

> *LB: — De direitos sociais porque, é isso, se a gente for parar para pensar, a democracia nunca vai se realizar plenamente numa sociedade que é socialmente desigual. Que as pessoas partem de lugares diferentes, para poder ou não exercer os seus direitos, então, indiretamente acho que o que estava sendo pautado era justamente isso, era a defesa da democracia.* (Transcrição Entrevista, p. 196)

Outro ponto de intersecção entre as relações democráticas e o campo do pensamento crítico e reinvenção da prática se verifica quando as estudantes trazem que a única possibilidade de atuação é a partir da demanda da população atendida e, a depender dessa demanda concreta da realidade, a prática deve ser reinventada.

O campo **"combate ao colonialismo cultural e defesa/organização da Psicologia latino-americana"** foi o mais difícil de ser identificado pelas/os estudantes como presente em sua formação. Praticamente não conseguiram estabelecer recursos pedagógicos ou espaços de formação em que essa temática tenha sido trabalhada.

A partir da pergunta do roteiro da entrevista sobre o contato com autores latino-americanos, as/os estudantes da IES B afirmaram que, basicamente, tiveram autores clássicos, caracterizados por DB como:

> *DB: — Mas assim, brancos, homens e norte-americanos, mas assim, não tem algo sobre a América do Sul, sobre o Brasil, sobre um país com uma desigualdade tão gigantesca quantos a nossa. Mas eles falam sobre estruturas que são comuns, a grande maioria das sociedades ocidentais pelo menos. Então se fala das agências de controle dos graus de liberdade, então eu acho que essa discussão é feita na análise de comportamento sobre desigualdade social. Existem muitos estudos também, sobre a construção do preconceito racial e tal [...]* (Transcrição Entrevista, p. 201)

Por outro lado, JB e GB não veem problema nisso, já que entendem que, apesar de falarem de outra época, esses autores falam de estruturas comuns possíveis de generalizações. Identificamos aqui novamente uma fala do exercício profissional que se pauta na concepção referenciada na abordagem teórica das/os estudantes e que naturaliza as propostas teóricas do campo.

Na IES A, as estudantes afirmaram que leram autores internacionais e nacionais que ajudaram na leitura da realidade e que tiveram contato com um artigo específico da Psicologia da América latina durante a Graduação. Também afirmaram que não entendem bem a relevância do tema, mas sugeriram que a importância da organização da Psicologia na América Latina pode se dar pelo ganho com o compartilhamento do saber adaptado à sua especificidade, como no diálogo abaixo:

> *Entrevistadora: — [...] vocês entendem ou saber o porquê da relevância de uma Psicologia latino americana ou algo nesse sentido ou nem tanto?*
>
> *KA: — Eu falando por mim não.*
>
> *CA: — Sinceramente não.*
>
> *KA: — Não.*

> DA: — *Eu tenho uma breve teoria, mas eu não acho que dá para colocar os créditos todos na universidade, por conta dos congressos e tudo, que foi por conta do projeto de pesquisa, mas enfim. Eu vejo como uma forma de não ficar alienado e também, mais do que isso, de compartilhar propostas assim, porque a gente fala sobre intersetorialidade de trabalhar junto e eu não vejo como se ter que trabalhar junto apenas aqui no meu bairro, dividir com o meu vizinho e por que não outros países? E assim, eu sou apaixonada pela história da reforma psiquiátrica e a luta antimanicomial.* (Transcrição Entrevista, p. 162)

Em ambas as instituições, as/os estudantes indicaram que algumas/alguns professoras/es citaram essa temática, mas que não foi algo sistematizado. Compreendemos que o aprofundamento nesse campo se dá pelo interesse individual. HA afirma ter lido "por fora" coisas sobre o tema e citou especificamente um texto da formação histórica e política dos países em relação à Psicologia Social. LB apontou: "Eu tive uma diversidade talvez um pouco maior de autores e autoras, por conta disso também das escolhas que eu fiz e tudo o mais" (Transcrição Entrevista, p. 199). Já DA afirmou: "Essa professora trouxe dentro da disciplina dela, mas como novidade também, não é como se fosse parte da grade curricular, mas ela trouxe. Então quem quisesse aproveitar, era só ter ido na aula" (Transcrição Entrevista, p. 161).

Ao serem questionadas/os sobre como avaliavam a distância ou proximidade das leituras que fizeram no curso dos seus estágios, as/os estudantes citaram apenas que tiveram contato com alguns artigos sobre a realidade brasileira e palestras que fazem a aproximação das teorizações com a prática no cotidiano profissional. Um exemplo que surgiu na IES A foi o do contato com textos sobre CAPS e UBS que possibilitaram que visualizassem as dificuldades descritas no artigo na realidade do estágio, ao mesmo tempo em que não viam a forma esperada de atuação descrita ali ocorrendo na realidade.

Entendemos que esse campo é o que se apresenta de maneira mais frágil na formação em Psicologia entre os campos de expressão do compromisso social desenvolvidos por Santos (2017), talvez pelo difícil entendimento de sua relação com o projeto profissional. Por outro lado, DA fez uma fala que contempla bastante a proposta do campo, mesmo sem indicar a questão da América Latina, ao afirmar que:

> DA: — *[...] Eu penso que fora o conhecimento teórico de técnicas, da abordagem, das intervenções dos serviços que existem, o que marcou a minha vida que eu acho que foi um diferencial e que me fez de fato, de me encontrar dentro do curso, foi conseguir perceber que de uma certa forma a Psicologia social envolve todas as áreas da Psicologia, porque não dá para você ir para a clínica, sem pensar que esse indivíduo mora em uma comunidade e ele não vai melhor atenção lá na escola que a professora está reclamando, se não tem o que comer dentro de casa por exemplo ou se ele mora em um bairro que é de vulnerabilidade e sofre violência. Então enfim, eu citei a clínica porque parece que é foco da Psicologia, eu acho que a Psicologia é bem mais do que só isso, só que assim, para mim foi isso, é entender de fato o que significa a Psicologia social, daí a saúde pública, a saúde coletiva, não só a saúde, mas na parte de Psicologia do esporte, em qualquer parte da Psicologia, parece que ela está fundamentada pela Psicologia social e isso para mim foi o que deu sentido, porque eu descobri o que eu gosto, eu descobri com o que eu quero trabalhar, enfim, o que eu vou ter daqui para frente. Então ter podido entrar em contato com a Psicologia social e com*

> *esses estágios que levam a gente ter o contato com o social, para mim é o que eu vou levar de mais importante, porque por exemplo, a gente fez estágio na UBS e no CAPS, e eu sempre comento, na USB, acontecia tudo o que tinha para acontecer, aquela coisa linda, todos os grupos aconteciam, todo dia, tinham as reuniões de matriz, apesar dos desafios que existem, acontecia de fato, no CAPS a gente foi lá, a gente não viu o que deveria estar acontecendo, acontecendo, mas o estágio que mais eu vou lembrar, que me marcou e que talvez me ajudou a descobrir o quê que eu quero trabalhar no futuro, foi no CAPS, porque o contato social que eu tive no CAPS, foi muito maior que o contato que eu tive na UBS, com tudo o que acontece, regularizadinho, certinho, bonitinho. Então eu penso que eu sou muito voltada para o social e que descobri isso por conta de todo esse histórico que a gente contou para vocês, acho que justamente por isso, se a gente aprende com outro, se a gente vive em comunidade, se todos os projetos que a gente tem que fazer, a gente tinha que considerar o que eles precisam, é isso.* (Transcrição Entrevista, p. 168/169)

Por fim, o campo **"(re)invenção dos saberes e práticas: a centralidade do exercício crítico"** se caracterizou como sendo o mais rico em conteúdo. Provavelmente por ser uma dimensão mais ampla e pela familiaridade das/os estudantes com a questão da importância do exercício crítico para o exercício profissional ou pela própria formulação das perguntas que subsidiaram a discussão dentro desse campo.

Em ambas as instituições, as/os estudantes entendem o papel transformador da Psicologia a partir do empoderamento do outro, fortalecendo sua capacidade de mudar sua própria realidade. Quando questionados sobre o papel da/o psicóloga/o, afirmam ser o de empoderar, experimentar, reconhecer subjetividades, afirmar e defender direitos, auxiliar suas/seus pacientes na procura de respostas para sua situação e propiciar que o outro altere sua própria realidade, além de dar autonomia e liberdade para a pessoa mudar a realidade e promover saúde e qualidade de vida.

As/os alunas/os reforçam a escuta e a própria presença da/o psicóloga/o como algo transformador:

> *LB: — É uma escuta e um fazer que é transformador, tanto do sujeito em fim do lugar, no qual a gente está trabalhando e também de nosso próprio.*
>
> *DB: — No mundo.*
>
> *GB: — Acho que mínimo a minha traz a realidade à tona, as transformações não sou eu que vou fazer isso não cabe a mim porque não é a minha realidade ..., mas eu vou ajudar a trazer a sua própria realidade a tona. Para que ele tenha uma forma mais palpável, para que ele possa atuar nela de uma forma mais livre, mas eu pessoalmente não vou alterar nenhuma realidade.*
>
> *DB: — É (risos), eu acho que sim com certeza a gente altera a realidade o tempo todo, acho que seja na clínica, seja no SUS, nas UBS numa escola particular a gente sempre altera realidades, no sentido de transformar, não é, tudo o que acontece.* (Transcrição Entrevista, p. 204)

Vale ressaltar que na IES B, apesar do consenso, houve uma discussão nesse ponto sobre a direção da atuação, que reafirmou que a/o psicóloga/o não pode fazer pelo sujeito, mas sim, conforme JB, "tornar possível que uma realidade seja alterada por ele" (Transcrição Entrevista, p. 202), como no diálogo:

> *DB: — [...] então eu acho assim, de fato eu não vou mudar a realidade de ninguém pela pessoa, mas eu acho que, ...É essa mudança não pode mudança não pode ser acidental, sabe eu acho que não*

> *tem nenhum problema a gente usar a ciência para planejar essas transformações. Acho que a gente tem uma responsabilidade grande com essa transformação sabe, às vezes eu tenho a impressão de que na psico, fica meio, ...Vocês podem não concordar comigo, mas na psico fica um pouco acidental mesmo essa mudança. Se mudou que bom, mas se não mudou também é o tempo dele, sei lá e tal, então,*
>
> *LB: — Talvez até de uma maneira descompromissada assim. Não é?*
>
> *DB: — Exato é bem assim, tem que ser planejado sabe, não dá para gente tentar ali uma coisa sem saber o que vai da, é obvio que a gente nunca é, ...Que a gente nem sempre sabe de tudo não é, mas eu vejo a transformação com essa responsabilidade um pouco, sabe. De que eu tenho que usar o meu conhecimento, tudo o que eu sei para, maximizar potencializar as chances de dar certo, é nesse sentido. As chances daquela pessoa conseguir, fazer as cosias mudarem para ela mesma.* (Transcrição Entrevista, p. 204)

Talvez por ter sido já no final de mais de duas horas de entrevista em grupo, ou por muito do que já havia sido dito contemplar o debate desse último campo, poucos foram os recursos pedagógicos apontados: apenas a disciplina de Ética Profissional, debates de maneira genérica, participação em congressos e os estágios de maneira geral foram apontados como espaços de formação que possibilitaram o desenvolvimento do exercício crítico.

Porém, entendemos que, pela amplitude do campo, a concepção da própria função da Psicologia trazida pelas/os estudantes explicita a presença de elementos importantes. Elas/es entendem que a Psicologia exige postura crítica e que isso vai se constituindo gradualmente durante a formação, como exemplifica KA:

> *KA: — Quando você olha pensando nos primeiros estágios lá de observação, ali já foi desenvolvendo na gente, porque você olhar uma criança que tem um comportamento inadequado dentro da sala, os professores, sei lá, ou os próprios pais ou outras crianças, poderia achar alguma coisa, que é preguiçoso, não quer ficar dentro da aula, é agitado, não sei o que, mas quando você olha o comportamento dele, você já vê o outro lado, você já vai tentando analisar. Então eu acho que a própria Psicologia, nos torna a ser críticos, olhar diante de uma situação e não fazer um julgamento superficial, a gente levanta hipótese, a gente olha com mais cuidado e a gente leva em consideração a pessoa, não só a situação que está acontecendo, até quando passa uma notícia no jornal, adolescente foi preso, não sei o que, em flagrante, até você assistindo o jornal, você já fala, eu pelo mesmo, isso acontece comigo, qual é a história dessa pessoa? Por que ele está aí? O que aconteceu? Como foi a educação? Quem são os seus pais? Então você levanta um monte de coisas e isso é a Psicologia, que nos torna assim.* (Transcrição Entrevista, p. 170)

É gradualmente que essa crítica se constitui, desde o primeiro estágio de observação, a partir do desenvolvimento do olhar diferenciado. Elas/es também assumem que esse aspecto não se restringe à formação e afirmam a necessidade de aperfeiçoamento contínuo, citando, inclusive, o IV princípio do Código de Ética, que afirma que "O psicólogo atuará com responsabilidade, por meio do contínuo aprimoramento profissional, contribuindo para o desenvolvimento da Psicologia como campo científico de conhecimento e de prática" (CFP, 2005, p. 7).

Em relação à necessidade de criar a prática, veem como imprescindível porque a realidade que encontram é distante da teoria e lembram de experiências em que iam para o

estágio com algumas ideias, mas toda sua concretização dependia do que encontrariam lá e do que a população queria. Ao analisar a formação de maneira geral, HA afirma: “Com certeza é o que eu levo de mais rico da faculdade, do meu fim de graduação, é isso, é aprender olhar, não só com a postura crítica, mas com a postura ampla, tentando perceber que todos os envolvimentos e implicações daquilo que eu estou avaliando” (Transcrição Entrevista, p. 168).

Outro aspecto interessante apontado pelas/os participantes da pesquisa foi que a formação possibilitou um acesso a livros que não teriam antes, bem como a reflexões e críticas importantes, além de ter sido o espaço que proporcionou que aprendessem a questionar e levantar hipóteses. Esse ponto da pesquisa é extremamente relevante no processo do desenvolvimento do exercício crítico e reinvenção da prática, pois ao se confrontar com a realidade e perceber que seus recursos suficientes ou adequados para lidar com o que se apresenta, é necessário repensar, a partir de aportes teóricos, a própria atuação.

A concepção do papel transformador da Psicologia, que considera que a/o psicóloga/o deve estar implicada/o no processo, se responsabilizando junto pelo resultado, que sua presença já altera o contexto e que a escuta por si só já é transformadora; a responsabilidade e compromisso da/o psicóloga/o de desmistificar o que é a Psicologia para as pessoas que não o sabem, todos estes aspectos, a nosso ver, explicitam que elementos importantes do projeto ético-político do compromisso social estão sendo constituídos durante a formação.

Os campos de expressão do compromisso social desenvolvidos por Santos (2017) são eixos temáticos que ajudam na construção desse projeto. Pensando na contribuição no âmbito prático e pautada nos elementos apresentados até aqui, nas considerações finais, nos descolaremos dos campos de expressão do compromisso social e nos aventuraremos a desenvolver algumas dimensões orientadoras para a formação em Psicologia para o compromisso social.

7 CONCLUSÕES

Construímos esta pesquisa a partir da Psicologia Sócio-Histórica nos pautando no pressuposto da dialética entre indivíduo-sociedade, da historicidade e da materialidade. Dessa forma, entendemos que é a partir da realidade concreta, nas relações sociais e em um tempo histórico datado que as subjetividades se constituem, tornando suas expressões (na fala) como fontes importantes de informações para a análise da realidade que as sustenta.

Estivemos, na pesquisa, em busca da presença dos aspectos que caracterizam o projeto ético-político do compromisso social, projeto este que entende que a Psicologia, como profissão, deve trabalhar pela garantia das boas condições de vida da população, condição importante para a saúde mental. O projeto do compromisso social vem se instalando no campo da Psicologia como um projeto profissional e, desta forma, sendo inserido como referência na formação em Psicologia. Nosso trabalho buscou identificar esta presença.

Identificamos na formação diversos elementos dos “campos de expressão do compromisso social” afirmados por Santos (2017) e, assim como aponta a autora, verificamos a interrelação entre eles. Fica evidente no conjunto de significações expresso e analisado por nós que as/os alunas/os valorizam o projeto ético-político profissional que afirma o compromisso da profissão com as urgências da sociedade brasileira. E que, para isso, a Psicologia se afirma, cada vez mais, no campo das políticas públicas, se implica com a defesa dos direitos humanos; deve trabalhar interdisciplinarmente pela complexidade dos fenômenos; deve se pautar na construção e defesa das relações democráticas, que só são possíveis com os direitos sociais garantidos; e que nada se faz sem exercício crítico e autonomia.

A presença de muitos destes aspectos nos PPCs, nas DCN e em outros documentos internos dos cursos nos mostra que o desenvolvimento do projeto e de sua presença na formação é um processo histórico que está relacionado ao desenvolvimento da Psicologia na sociedade brasileira e à ampliação e ao fortalecimento de sua inserção nas políticas públicas no Brasil. Esse avanço tem repercutido na formação: no conteúdo das disciplinas, nas leituras, nas atividades, mas, em especial, nos estágios realizados pelos estudantes durante a formação. A forte relação com a saúde e com o debate do SUS é exemplificador disso. A saúde se apresenta também e principalmente relacionada ao Sistema de Saúde que se tem hoje no Brasil. A importância que se dá, nestas atividades, ao que se apresenta como necessidade da população atendida é outro elemento a se destacar. A força da presença dos

professores pode ser indicador de que o projeto do compromisso social entra nas salas de aula mais pela mão dos professores do que pelas propostas das instituições, mas não se pode negar que ele está também em alguns documentos oficiais da instituição.

A análise também nos indica, como conclusão, que há ainda (em especial na Instituição B) uma presença muito forte das diferenças e escolhas de abordagens teóricas, ou seja, podemos afirmar que ainda temos, na formação, características de uma ênfase maior na escolha das abordagens do que na indicação e escolha de questões sociais a serem enfrentadas a partir da Psicologia. O projeto do compromisso social, sem dúvida, exige a ênfase nos problemas sociais, permitindo uma contribuição da Psicologia para a transformação deles, em especial aqueles que são fontes de sofrimento.

Com base em nossas conclusões, até aqui apresentadas, assumimos a necessidade de desenvolver algumas dimensões orientadoras para a formação na direção de formar psicólogas/os para o projeto ético-político profissional do compromisso social.

Quais os aspectos indispensáveis em uma formação que pretende promover o compromisso social? Para responder a essa pergunta que norteou toda a pesquisa, delimitamos quatro dimensões orientativas para uma formação em Psicologia para o compromisso social: Garantia da Práxis, Noção crítica da constituição do sujeito, Cuidado das práticas pedagógicas e Compreensão da Psicologia como Ciência-Profissão.

A primeira dimensão, **Garantia da Práxis**, se expressa a partir da indissociabilidade entre teoria e prática. Ela se concretiza a partir do contato com a realidade, mas não apenas, pois a postura profissional de permitir que os questionamentos emerjam da realidade social é um aspecto essencial. Como propõe Figueiredo (1993, p. 8), uma das funções da teoria “[...] é a de abrir no curso da ação o tempo da indecisão, o do adiamento da ação, tempo em que podem emergir novas possibilidades de ver, de escutar, de falar”. No entanto, como ele próprio ressalta, “[...] não se trata de pensar apenas a proximidade e a complementaridade entre teorias e práticas, mas de pensar suas distâncias e diferenças: manter a tensão é deixar que a prática seja um desafio à teoria e que a teoria coloque problemas para a prática” (p. 8).

A teoria nos ajuda a ler a realidade, mas não dá conta dela em sua totalidade. Isso quer dizer que ao nos confrontarmos com a realidade, não podemos apenas reproduzir teorias e técnicas aprendidas durante a formação, encaixando-as ou não na realidade que se apresenta; mas, é necessário questionarmos nossos saberes e intervenções a partir do que se apresenta a realidade. Devemos ser capazes de permitir que a realidade social faça perguntas a nossos saberes. Dessas reflexões, é possível a (re)invenção da nossa prática.

Inventar, não no sentido de improvisar, mas a partir da complexidade da realidade que se apresenta de maneira respaldada no conhecimento científico. É pensar na produção de uma psicologia responsável, que atua com rigor teórico e técnico e com foco na demanda que se apresenta. Aqui também se apresenta o valor da pesquisa. É necessário desenvolver a capacidade de fazer "boas" perguntas, como indica Valle Cruces (2008, p. 251):

> Na medida em que os graduandos em Psicologia sejam colocados em situações práticas sobre as quais tenham que levantar questões, coletar dados que lhes permitam responder às questões formuladas e preparar intervenções adequadas, avaliando-as posteriormente, acredita-se que serão capazes de construir ciência de boa qualidade; que se baseie em elementos teóricos sustentáveis, mas recria-os, reorganiza-os de acordo com as reais necessidades, ao invés de conformar com a realidade das teorias já elaboradas. Nesse movimento, que relaciona teoria, prática e pesquisa parece construir-se um verdadeiro profissional, capaz de lidar com as demandas que lhes são impostas, baseando-se em uma formação sustentável e de alta qualidade, que lhe permita fazer "boas" perguntas, para obter "boas" respostas".

Devemos buscar a superação da dicotomização entre disciplinas teóricas e práticas formativas. O cuidado deve se dar na constante problematização da teoria a partir da prática e dos aspectos da realidade que esta prática nos oferece e da prática a partir da teoria na direção da práxis, como exemplificou DB durante as entrevistas em grupo:

> DB: — *Nossa deu um nó na minha cabeça assim essa aula, mas foi muito bom no sentido de sempre se reciclar e eu me vi muito nessa posição na ocupação, esse ano porque era um estágio novo. Então assim, nem a professora tinha muita experiência lá, e a gente foi testando para ver o que acontecia tal. E essas perguntas, eu acho que essa matéria me ajudou muito nesse sentido, de me perguntar, meu Deus será que eu estou sendo psicóloga, quando eu faço isso o que eu acabei de fazer? O que é Psicologia? O que é mais ético fazer nessa situação, será que cabe a mim fazer tal coisa? Então eu acho que foi muito bom nesse sentido também, eu lembro que foi muito bom nesse sentido também. Eu lembro que a E. até fez uma discussão no começo. O que é Psicologia? E ninguém sabia responder. Então são perguntas que eu acho que, teve muito nessa aula e me acompanha até hoje, nesse sentido aí.* (Transcrição Entrevista, p. 186)

Sobre essa dimensão, concebemos o estágio como algo precioso na formação. Miguel Angel Zabalza, psicólogo e pesquisador na área da educação, em livro intitulado *O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária*, publicado em 2014, ratifica a importância do estágio como momento privilegiado da formação, explicitando os tipos, as formas de organização e sua contribuição para as/os estudantes.

A partir dos dados, concordamos com Zabalza (2014) que o estágio é um momento de desenvolvimento pessoal e profissional da/o estudante e de experiência de compromisso com a sociedade. No estágio, os conhecimentos aprendidos nos livros são confrontados com a realidade, sendo possível a integração entre teoria e prática. O estágio também possibilita uma experiência profissional permeada de vivências relacionais que revelam a

dimensão ético-política e prática da profissão, um recurso pedagógico essencial para a garantia da práxis.

Nossos estágios não devem ser pensados como um mero exercício de aplicação do que se aprende. Eles são muito mais do que isto. São a possibilidade real de sabermos se nossas teorizações são adequadas para a transformação da realidade e solução dos problemas. São o espaço adequado de diálogo entre a teoria (muitas vezes construída a partir de realidades e populações distintas da nossa) e a realidade onde se insere nossa profissão.

A segunda dimensão é a **Noção crítica da constituição do sujeito.** A Psicologia não é homogênea, ela é plural e comporta diversas abordagens e campos de atuação e, nessa pluralidade, há diferentes concepções de ser humano e sociedade. Apesar dessa diversidade, nosso compromisso ético deve ser único. Toda ação tem uma intenção, esteja ela explicitada ou não. Toda produção humana se constitui na relação dialética indivíduo-sociedade e em determinado contexto histórico. A Psicologia não foge a essa regra. Como diria Silvia Lane, "Toda Psicologia é Social". Ou, como disse DA:

> *DA: — Eu acho que eu vou juntar um pouco das duas perguntas que você fez. Eu penso que fora o conhecimento teórico de técnicas, da abordagem, das intervenções dos serviços que existem, o que marcou a minha vida, que eu acho que foi um diferencial e que me fez, de fato, de me encontrar dentro do curso, foi conseguir perceber que, de uma certa forma, a Psicologia social envolve todas as áreas da Psicologia.Porque não dá para você ir para a clínica, sem pensar que esse indivíduo mora em uma comunidade e ele não vai melhorar a atenção lá na escola porque a professora está reclamando, se não tem o que comer dentro de casa, por exemplo.Ou se ele mora em um bairro que é de vulnerabilidade e sofre violência. Então, enfim, eu citei a clínica porque parece que é foco da Psicologia. Eu acho que a Psicologia é bem mais do que só isso.Só que assim, para mim, foi isso.É entender, de fato, o que significa a Psicologia social, daí a saúde pública, a saúde coletiva, não só a saúde, mas na parte de Psicologia do esporte, em qualquer parte da Psicologia, parece que ela está fundamentada pela Psicologia social e isso para mim foi o que deu sentido [...].*(Transcrição Entrevista, p. 168/169)

Dentro dessa dimensão, consideramos importante trabalhar a posição da defesa dos direitos humanos e debater temas relacionados a política, mas, acima de tudo, é importante trabalhar durante a formação qual é a função da Psicologia na sociedade; garantir a discussão do projeto profissional a partir das regulamentações; analisar, a todo tempo, o contexto em que o fenômeno com que estamos lidando está inserido. Isso porque muitos dos "problemas individuais" com que nos confrontamos no exercício profissional têm sua matriz no social e atuar na individualização dessas questões é um desserviço para a sociedade. Como afirma Holanda (1997, p. 5):

> [...] uma das principais críticas feitas à formação do profissional de Psicologia reside no fato de se privilegiar uma formação individualista e egocentrista, onde o profissional da Psicologia permanece fechado, em sua maioria, aos problemas referentes à sua classe e à sociedade como um todo.

Entendemos essa dimensão como essencial para romper com esse processo ao garantir a não neutralidade do conhecimento e prática psicológica e a compreensão do ser humano em relação dialética com a sociedade. Para trabalhar isso durante a Graduação, são diversas as possibilidades. Indicamos como exemplo a discussão da luta antimanicomial em que a Psicologia, a partir da análise do todo, conseguiu identificar o sistema ideológico segregacionista e violador dos hospitais psiquiátricos e contribuiu para a produção de novas formas de cuidado. Ou tantas outras práticas, como exemplifica DB:

> *DB: — Perto das eleições, assim, foi muito presente, ela falou:"pessoal, olha o nosso código de ética, ele é compatível com propostas X, Y, Z?". Então, meio nesse sentido, de retomar o código de ética do psicólogo e de comparar com o cenário político atual.Assim, nossa, foi muito bom! Foram aulas que, assim, o conteúdo que estava no cronograma foi deixado de lado, justamente por causa da peculiaridade do momento, não é?E foram umas três aulas assim, foi muito bom!A gente conseguiu discutir sobre o nosso papel dentro desse cenário também.* (Transcrição Entrevista, p. 196)

Devemos compreender o ser humano situado. Um ser humano histórico, ativo e social, não naturalizado, abstrato e universal. Compreender que tudo que ele é se dá a partir da sua história de vida, do seu corpo, de suas crenças, de seu gênero, entre outros aspectos, em relação dialética com a sociedade em que ele vive. Essa visão nos permite escapar da naturalização e da patologização.

Essa posição crítica na visão da constituição do sujeito é fundamental para uma prática sem preconceitos, inovadora, de relação ética rigorosa com as pessoas com as quais trabalhamos e a quem prestamos serviço, com a possibilidade de acompanhar a transformação permanente da realidade, valorizando-a.

A terceira dimensão, **Cuidado das práticas pedagógicas,** pode até ser considerada um apontamento banal a ser feito. Porém, no momento atual de sucateamento do Ensino Superior, de cursos cada vez mais em EaD sem garantir a qualidade do oferecimento do ensino nesse modelo, de diminuição de autonomia universitária, se faz necessária a demarcação da sua importância. E entendemos que é uma tarefa de todos os atores da formação o cuidado das práticas pedagógicas: instituição, coordenação, corpo docente e discente, cada um dentro das suas possibilidades de gerenciamento.

No exercício de qualificar esse cuidado, no âmbito mais geral que se estabelece, principalmente no PPC e matriz curricular do curso, é importante prezar por um curso que seja pensando a partir de uma estrutura curricular que vai se complexificando aos poucos e que tenha suas atividades realizadas de maneira integrada.

De maneira mais específica, identificamos como positivo um curso que garanta o contato das/os alunos com a realidade para além dos muros da universidade, colocando na prática o tripé ensino-pesquisa-extensão, já que:

> [...] a extensão ocupa lugar privilegiado na academia, porque procura responder, com sua especificidade, à pergunta sobre o sentido tanto da produção quanto da socialização do conhecimento realizadas no âmbito da universidade, ajudando, assim, a efetivar a relevância social e política do ensino e da pesquisa. [...]. A extensão é, desse modo, capaz de transformar o saber acadêmico em um bem público a que todos podem ter acesso e de estabelecer parcerias com a sociedade para a construção de um projeto social que traga dignidade de vida a todas as pessoas. É, igualmente, capaz de transformar conhecimento em sabedoria e de ser uma espécie de tempero ético que dá sabor de vida ao ensino e à pesquisa (SAMPAIO, 2004, p. 18)

Novamente, surge a necessidade de não se segregar disciplinas de estágio e pesquisas, mas de integrá-las todas. Outro ponto é o valor de práticas formativas para além do planejado e do fortalecimento da autonomia discente para que, junto com a instituição, assuma a responsabilidade da sua formação.

As práticas pedagógicas não são neutras; devem ser pensadas a partir dos objetivos definidos para os cursos. A formação não deve se tecnificar, ou seja, tomar as definições técnicas como neutras e únicas. As técnicas formuladas e utilizadas para a formação devem ser pensadas como auxiliares do processo de ensino-aprendizagem que deve estar pautado na definição de “qual profissional se quer formar”.

A quarta dimensão é a **Compreensão da Psicologia como Ciência-Profissão.** Muito se debate na Psicologia sobre seu âmbito científico ou profissional. Muito já foi construído na direção de não considerar um âmbito sem o outro. No entanto, nos propomos a avançar nesse debate. Ao sugerirmos a nomenclatura “Ciência-Profissão”, caminhamos para a superação da possibilidade de existência de um sem o outro, valorizando a natureza científica e a profissional da Psicologia.

Para isso, precisamos nos atentar, durante a Graduação, para a formação de futuras/os psicólogas/os que entendam a importância das abordagens teóricas para nosso exercício profissional, mas que também entendam que nossa identidade profissional se dá pela nossa atuação na realidade. Mais do que nos identificarmos com essa ou aquela abordagem, devemos nos identificar com quais questões sociais nos comprometemos.

Mais uma vez, faz-se relevante retomar a história da Psicologia e entender sua constituição enquanto Ciência e Profissão. A história de nossa profissão permite a compreensão de seus compromissos; permite a escolha de um caminho profissional, ou seja, de uma forma de inserção na sociedade brasileira. Os cursos têm dado pouca

importância para a construção deste aspecto na formação. Ajudam a escolher uma área, uma teoria, técnicas e métodos de intervenção, mas ajudam pouco a lidar com o aspecto político da Ciência-Profissão. O conhecimento da psicologia está disponível para que a sociedade possa tê-lo como aliado para a solução de seus problemas e questões sociais. As psicólogas formadas em curso de psicologia deverão estar a serviço da sociedade, transformando-a a partir da ou com psicologia como recurso.

Na mesma direção, também consideramos importante a presença, no processo de formação das/os futuras/os psicólogas/os, de conteúdos relacionados ao Sistema Conselhos de Psicologia, tanto em relação ao seu funcionamento, quanto às produções, referências e regulamentações produzidas por ele.

Pretendemos com este trabalho contribuir para a compreensão de elementos que possibilitam a formação em Psicologia para o compromisso social. A partir das análises feitas, apontamos que, para formar psicólogas/os na direção do compromisso social é importante caminhar para a superação da dicotomização entre vida vivida e teoria; reconhecer a relação dialética entre indivíduo-sociedade e a não neutralidade da Psicologia; garantir práticas pedagógicas integradas e integradoras, que propiciem o desenvolvimento do pensamento crítico e autônomo e a compreensão da Psicologia como Ciência-Profissão, avançando em relação à ideia dicotômica entre ciência e profissão. É importante ressaltar que essas dimensões orientativas não têm a pretensão de esgotar o debate sobre a formação para o compromisso social, mas de indicar algumas possibilidades.

A Graduação em Psicologia é apenas o início, é onde o exercício profissional vai ser aprendido e a dimensão ético-política constituída. Mais do que buscar um modelo a ser repetido, faz-se importante pensar a organização do curso de Psicologia voltada a princípios, de maneira que a formação responda às demandas da nossa realidade e atenda ao movimento histórico. É cuidando da formação que garantimos nosso compromisso com a sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; BOCK, Ana Mercês Bahia. A dimensão subjetiva: um recurso teórico para a Psicologia da Educação. In: _____ (Org.). **A dimensão subjetiva do processo educacional**: uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Cortez Editora, 2018, 1ª ed., v. 1, p. 43-59.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. A Psicologia no Brasil: um ensaio sobre suas contradições. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 32, p. 44-65, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932012000500005>. Acesso em 03 out. 2017.

ASSIS, Lúcia Maria de; AMARAL, Nelson Cardoso. Avaliação da Educação: por um sistema nacional. **Retratos da Escola**, Brasília, v.7, n. 12, p. 27-48, jan./jun. 2013. Disponível em <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/258/436>. Acesso em 06 out. 2019.

BENEVIDES, Regina. A psicologia e o sistema único de saúde: quais interfaces? Psicologia & Sociedade, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 21-25, ago. 2005. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-71822005000200004>. Acesso em 17 mar. 2018.

BERNARDES, Jefferson de Souza. A formação em Psicologia após 50 anos do Primeiro Currículo Nacional da Psicologia: alguns desafios atuais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 32, p. 216-231, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932012000500016>. Acesso em 13 jul. 2016.

BETTOI, Waldir; SIMÃO, Lívia Mathias. Entrevistas com profissionais como atividade de ensino-aprendizagem desejável na formação do psicólogo. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 613-624, 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722002000300015>. Acesso em 22 set. 2017.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 4, n. 2, p. 315-329, dez. 1999. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-294x1999000200008>. Acesso em 22 set. 2017.

BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. A dimensão subjetiva dos fenômenos sociais. In: _____ (Org.). **A dimensão subjetiva da realidade:** uma leitura sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2009. 116-157 p.

BOCK, Ana Mercês Bahia; GIANFALDONI, Mônica Helena Tieppo Alves. Direitos humanos no ensino de Psicologia. **Psicologia Ensino & Formação**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 97-115, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612010000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 out. 2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: de 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituição.htm>. Acesso em 25 abr. 2017.

_____. Ministério da Educação. Resolução CES/CNE 05/2011. Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 15 mar. 2011, s. 1, p. 8. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7692-rces005-11-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 07 jan. 2016.

CAPOZZOLO, Angela Aparecida et al. Formação interprofissional e produção do cuidado: análise de uma experiência. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 22, n. 2, p. 1675-1684, 2018. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622017.0679>. Acesso em 03 out. 2018.

CARVALHO, Denis Barros de; YAMAMOTO, Oswaldo H. Psicologia e políticas públicas de saúde: anotações para uma análise da experiência brasileira. **Psicologia para América Latina**, México, v. 1, n.1, p. 1-12, 2002.

CARVALHO, Pedro Henrique de Oliveira; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. A experiência do Centro Acadêmico de Psicologia da UFES e os lugares de formação do(s) sujeito(s) político(s). **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v.10, n.2, p. 2-29, 2014. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41623>. Acesso em 07 out. 2019.

CASTRO, Vera Lúcia Cezar de; BARBOSA, Loiraci Lopes; RAMIREZ, Vera Lúcia. A construção da proposta pedagógica em instituições de educação superior**. Diálogo**, Canoas, n. 15, p. 43-58, jul./dez., 2009. Disponível em <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Dialogo/article/view/131>. Acesso em 07 out. 2019.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília: CFP, 2005.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 6ª REGIÃO (Org.). **Exposição 50 anos da psicologia no Brasil**: A História da psicologia no Brasil. CRPSP: São Paulo, 2011.

COSTA, Maria de Fátima Oliveira; SILVEIRA, Talita Cristina Ferreira; SOUZA, Ivonete Lobo de; BRAZ, Glênia de Souza; EUFRASIO, Marie Marguerite Daumard Fernandes. O papel do centro acadêmico na formação cidadã do universitário. **Folha de Rosto**, Cariri, v.3, n. 1, p. 5-15, jan./jun., 2017. Disponível em <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/159>. Acesso em 07 out. 2019.

CUELLAR, Edgar Barrero. Formación de psicólogas y psicólogos en américa latina: hacía una nuevarazón ético-política para la humanidad. In: _____ (Coord.). **Formación em Psicología**. Reflexiones y propuestas desde América Latina. Bogotá: ALFEPSI Editorial, 2015. 17-40 p. Disponível em <http://www.alfepsi.org/wp-content/uploads/2015/12/Libro-FORMACION-EN-PSICOLOG%C3%8DA-Reflexiones-y-propuestas-desde-America-Latina-ALFEPSI-2015.pdf>. Acesso em 07 out. 2019.

DANTAS, Jurema; BENEVIDES, Pablo Severiano. Uma discussão sobre a formação em Psicologia: (re)pensando discursos, saberes e práticas na contemporaneidade. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v.12, n. 1, p. 161-182, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41666>. Acesso em 08 abr. 2018.

ESPARZA, Dora Patricia Celis. La supervisión como práxis transformadora em la formación de psicólogas e psicólogos en América Latina. In: CUELLAR, Edgar Barrero (Coord.). **Formación em Psicología**. Reflexiones y propuestas desde América Latina. Bogotá: ALFEPSI Editorial, 2015. 103-120 p. Disponível em <http://www.alfepsi.org/wp-content/uploads/2015/12/Libro-FORMACION-EN-PSICOLOG%C3%8DA-Reflexiones-y-propuestas-desde-America-Latina-ALFEPSI-2015.pdf>. Acesso em 07 out. 2019.

FERREIRA, Marcos Ribeiro. Inventamos ou erramos: sobre a necessidade de combater o colonialismo cultural e promover uma Psicologia brasileira e latino-americana. In: BOCK, Ana Mercês Bahia (Org.). **Psicologia e o compromisso social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 255-276 p.

FIGUEIREDO, Luiz Cláudio. **Teorias e Práticas na Psicologia Clínica**: um esforço de interpretação. In: MESA REDONDA PSICOLOGIA/ALTERNATIVAS, 1993, CRP-04, Belo Horizonte.

FIGUEIRO, Rafel Alburqueque; SILVA, Martha Emanuela da. A construção de um projeto ético-político na psicología: um desafio para a profissão. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN Y PRÁCTICA PROFESIONAL EN PSICOLOGÍA / XVIII JORNADAS DE INVESTIGACIÓN / SÉPTIMO ENCUENTRO DE INVESTIGADORES EN PSICOLOGÍA DEL MERCOSUR, 3, 2011, Buenos Aires. **Memorias:** estudios interdisciplinarios y nuevos desarrollos**.** Buenos Aires: Ediciones de La Facultad de Psicología – Universidad de Buenos Aires, 2011. v. 14, p. 15-18. Disponível em: <http://jimemorias.psi.uba.ar/index.aspx?anio=2011>. Acesso em: 3 out. 2019.

FONSECA, João César de Freitas; COSTA, Cristhian Higor de Paula; PIMENTA, João Victor Almeida; BENEDITO, Igor Alves. Gestão de um diretório acadêmico: um olhar sobre as organizações do movimento estudantil a partir da psicologia do trabalho e das organizações. **Pretextos**, Belo Horizonte, v. 3, n. 5, p. 411-430, jan./jun., 2018. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15975>. Acesso em 07 out. 2019.

FREITAS, Maria de Fatima Quintal de. Práxis e formação em Psicologia Social Comunitária: exigências e desafios ético-políticos. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 32, n. 3, p.521-532, set. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-166x2015000300017>. Acesso em 08 abr. 2018.

FURTADO, Odair. Psicologia para fazer a crítica, a crítica para fazer a Psicologia. In: BOCK, Ana Mercês Bahia (Org.). **Psicologia e o compromisso social**. 2. ed., São Paulo: Cortez, 2009, 241-254 p.

GALVAN, Gabriela Bruno. Equipes de saúde: o desafio da integração disciplinar. **SBPH**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 53-61, dez. 2007. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582007000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 out. 2019.

GONÇALVES, Maria das Graças Marchina. **Psicologia, subjetividade e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2010.

GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Editorial. In: **EntreLinhas: Psicologia e Políticas Públicas**, Porto Alegre, ano VIII, n.38, mar./abr., 2007.

GUZZO, Raquel Souza Lobo. Pesquisa e mudança social: desafios e dificuldades para a formação em Psicologia. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 71, p. 143-156, out. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602018000500143&lng=en&nrm=iso>. Accesso em 23 out. 2019.

HOLANDA, Adriano. Os conselhos de psicologia, a formação e o exercício profissional. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 17, n. 1, p. 3-13, 1997. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98931997000100002>. Acesso em 08 abr. 2018.

HUR, Domenico Uhng; LACERDA JÚNIOR, Fernando. Psicologia e Democracia: da Ditadura Civil-Militar às Lutas pela Democratização do Presente. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília,v. 37, p. 3-10, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703190002017.Acesso em 08 abr. 2018.

KHOURI, Jamille Georges Reis; CASTELAR, Marilda. Percepções de Estudantes sobre o Debate das Relações Raciais na Formação em Psicologia. **Psicologia Ensino & Formação**, Brasília, v. 7, n. 2, p. 55-62, 31 dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21826/2179-58002016725562>. Acesso em 08 abr. 2018.

LANE, Silvia. Toda Psicologia é social. In: _____. **O que é Psicologia social?** São Paulo: Editora Brasiliense, 2014. (Original publicado em 1981)

LEITE, Sérgio A. da Silva. **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

LIMA, Vanda Moreira Machado; LAURENTINO, Mariana Aparecida de Almeida. Centro acadêmico: visão dos alunos do curso de pedagogia. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12., 2015, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC-PR, 2015. v. 1, p. 20078-20087. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17096_8704.pdf>. Acesso em: 07 out. 2019.

LIONÇO, Tatiana. Psicologia, Democracia e Laicidade em Tempos de Fundamentalismo Religioso no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 37, p. 208-223, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703160002017. Acesso em 08 abr. 2018.

LISBOA, Felipe Stephan; BARBOSA, Altemir José Gonçalves. Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 29, n. 4, p. 718-737, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000400006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 out. 2019.

LOPES, Denise Maria de Carvalho; VAZ-REBELO, Maria da Piedade Pessoa; PESSOA, Maria Teresa Ribeiro. O ensino superior na atualidade e os desafios da aprendizagem: teorizações e prática docente. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, ano 44-1, p. 143-167, 2010.

MACÊDO, Kátia Barbosa; HELOANI, Roberto; CASSIOLATO, Rosângela. O psicólogo como trabalhador assalariado: setores de inserção, locais, atividades e condições de trabalho. In: BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt; GONDIM, Sonia Maria Guedes (Orgs.). **O trabalho do psicólogo no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2010. 131-150 p.

MACEDO, Joao Paulo; LIMA, Marta Savana de Sousa; DANTAS, Candida; DIMENSTEIN, Magda. Transnacionalização do Ensino Superior: Impactos nos Processos Formativos em Psicologia no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 37, n. 4, p. 852-868, out./dez., 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932017000400852&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14 out. 2019.

MACEDO, João Paulo; ALVES, Cristina de Sousa; BEZERRA, Laís Leal da Silva; SILVA, Jamille Rodrigues da. A "popularização" do perfil dos estudantes de Psicologia no Brasil. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 70, n. 2, p. 81-95, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 23 out. 2019.

MAGALHÃES, Emilie Pedreira; RECHTMAN Raizel; BARRETO, Vitória. A liga acadêmica como ferramenta da formação em Psicologia: experiência da LAPES. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v.19, n. 1, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000100135&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 29 out. 2019.

MANCEBO, Deise. Formação do psicólogo: uma breve análise dos modelos de intervenção. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 17, n. 1, p.20-27, 1997. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98931997000100004>. Acesso em 03 ago. 2017.

MANCEBO, Deise; VALE, Andréa Araujo do; MARTINS, Tânia Barbosa. Políticas de Expansão da Educação Superior no Brasil 1995-2010. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 60, p.31-50, mar., 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782015206003>. Acesso em 03 ago. 2017.

MARTÍN-BARÓ, Ignácio. O papel do Psicólogo. Estudos de Psicologia, Natal, v. 2, n. 1, p.7-27, jun., 1997. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-294x1997000100002>. Acesso em 03 ago. 2017.

MARTÍNEZ, Nelson Zicavo et al. La Formación del Psicólogo en América Latina: Enfrentando Grandes Desafíos. In: CUELLAR, Edgar Barrero (Coord.). **Formación em Psicología**. Reflexiones y propuestas desde América Latina. Bogotá: ALFEPSI Editorial, 2015. 213-237 p. Disponível em <http://www.alfepsi.org/wp-content/uploads/2015/12/Libro-FORMACION-EN-PSICOLOG%C3%8DA-Reflexiones-y-propuestas-desde-America-Latina-ALFEPSI-2015.pdf>. Acesso em 07 out. 2019.

MAYORGA, Claudia; DONATO, Cássia Reis; BORGES, Larissa Amorim; SOUZA, Luciana Maria de. Psicologia social do racismo e a formação em Psicologia. **Eureka**, Assunção, v. 10, n. 2, p. 254-270, 2013. Disponível em <http://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/06/905566/254-270-art-8-claudia-mayorga-et-al_0.pdf>. Acesso em 07 out. 2018.

MEDEIROS, Maria Angélica Tavares de; BRAGA-CAMPOS, Florianita Coelho; MOREIRA, Maria Inês Badaró. A integralidade como eixo da formação em proposta interdisciplinar: estágios de Nutrição e Psicologia no campo da Saúde Coletiva. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 27, n. 6, p.785-798, dez., 2014. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/1415-52732014000600012>. Acesso em 07 out. 2018.

MENDES, Flavio Martins de Souza et al. Ver-Sus: relato de vivências na formação de Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 32, n. 1, p.174-187, 2012. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932012000100013>. Acesso em 07 out. 2018.

MICHELS, R. de S; FAGUNDES, N. S. **O Psicólogo na esfera pública e os desafios oriundos de sua formação acadêmica**. In. II SEMINÁRO REGIONAL POLÍTICAS PÚLICAS INTERSETORIALIDADE E FAMÍLIA: FORMAÇÃO E INTERVENÇÃO PROFISSIONAL, 2014.

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à: Escola Sem Partido (non-partisan school) and gag laws in Brazilian congress. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 15, p.590-621, set., 2016. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. Disponível em <http://dx.doi.org/10.12957/dep.2016.25163>. Acesso em 07 out. 2018.

MIGUEL, Luis Felipe. Democracia e sociedade de classes. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 9, p. 93-117, dez. 2012. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-33522012000300004>. Acesso em 07 out. 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conheça a CONAES. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conaes-comissao-nacional-de-avaliacao-da-educacao-superior/conheca-a-conaes>. Acesso em 07 out. 2018.

MITJÁNS MARTINEZ, Albertina; GONZÁLEZ REY, Fernando. **Subjetividade**: teoria, epistemologia e método. Campinas: Alínea, 2017a.

_____. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar**: avançando na contribuição da leitura cultural histórica. São Paulo: Cortez, 2017b.

NEPOMUCENO, Léo Barbosa; BRANDÃO, Israel Rocha. Psicólogos na estratégia saúde da família: caminhos percorridos e desafios a superar. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 31, n. 4, p.762-777, 2011. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932011000400008>. Acesso em 07 out. 2018.

NETTO, J. P. A construção do projeto ético-político contemporâneo. In: **Capacitação em Serviço Social e Política Social**. Módulo 1. Brasília: CEAD/ABEPSS/CFESS, 1999.

NETO, João Leite Ferreira. A atuação do psicólogo no SUS: análise de alguns impasses. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 390-403, jun. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 out. 2018.

OLIVEIRA, Andressa Martins do Carmo de; CAIXETA, Thamiris. A Epistemologia Qualitativa de González Rey e o estudo da subjetividade: novos campos epistemológicos na pesquisa qualitativa. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 7., 2018, Fortaleza. **Atas...** Fortaleza: Ciaiq, 2018. v. 3, p. 392-399. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2018/article/view/1749>. Acesso em: 07 out. 2018.

RAMOS-CERQUEIRA, Ana Teresa de Abreu. Interdisciplinaridade e psicologia na área da saúde. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 3, p. 37-41, dez. 1994. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 out. 2018.

RECHTMAN, Raizel. **A formação do psicólogo para a realidade brasileira:** identificando recursos facilitadores para a atuação profissional. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Psicologia da Educação – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16178>. Acesso em: 17 abr. 2017.

RECHTMAN, Raizel. O FUTURO DA PSICOLOGIA BRASILEIRA: uma questão de projeto político. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 4, n. 1, p. 69-77, 26 jan., 2016. Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Disponível em <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v4i1.578>. Acesso em 17 abr. 2017.

RECHTMAN, Raizel; BOCK, Ana Mercês Bahia. Formação do Psicólogo para a Realidade Brasileira: Identificando Recursos para Atuação Profissional. **Psicologia**: **Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 35, p.1-10, 2019. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3551>. Acesso em 17 abr. 2017.

RECHTMAN, Raizel; CASTELAR, Marilda. A formação em psicologia social comunitária em Salvador (BA). **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, Campo Largo, v. 10, n. 1, p.3-16, jul. 2011. Disponível em: <http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/reped/article/view/893/633>. Acesso em: 07 out. 2018.

RECHTMAN, Raizel; CASTELAR, Marilda; CASTRO, Rosângela. Ética e Direitos Humanos na formação de profissionais de Psicologia em Salvador - Bahia. **Psicologia Ensino & Formação**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 81-99, 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612013000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 out. 2019.

REIS, Carolina dos; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Encontros e desencontros entre Psicologia e Política: formando, deformando e transformando profissionais de saúde. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, n. 4, p. 854-867, dez. 2010.

Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932010000400014>. Acesso em 17 abr. 2017.

RIOS, Terezinha Azerêdo. A dimensão ética da profissão. **Hypnos**, São Paulo, v.2, n. 3, p. 38-44, 1997. Disponível em <http://www.hypnos.org.br/revista/index.php/hypnos/article/view/275/293>. Acesso em 03 out. 2019.

ROSA, Elisa Zaneratto; ANDRIANI, Ana Gabriela P. Psicologia sócio-histórica: uma tentativa de sistematização epistemológica e metodológica. In: KAHHALE, Edna M. Peters. **A diversidade da Psicologia**: uma construção teórica. São Paulo: Cortez, 2002. 259-288 p.

ROSA, Roberta Pereira Furtado da et al. Construindo saberes no trabalho em saúde mental: experiências de formação em saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 19, n. 1, p. 931-940, dez., 2015. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622014.0730>. Acesso em 28 ago. 2019.

ROSATO, Cássia Maria. Psicologia e Direitos Humanos: cursos e percursos comuns. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 20, n. 1, p.11-27, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/6790>. Acesso em: 07 out. 2018.

SAMPAIO, Jorge Hamilton. Política nacional de extensão: referenciais teórico-práticos para sua construção. In: CALDERÓN, Adolfo Ignácio (Org.). **Ação comunitária**: uma outra face do ensino superior brasileiro. São Paulo: Olho d'Água, 2004. 13-25 p.

SANTOS, Alessandro de Oliveira dos; SCHUCMAN, Lia Vainer. Desigualdade, relações raciais e a formação de psicólogo(as). **Revisto Epos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 117-140, dez., 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2015000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 out. 2018.

SANTOS, Luane Neves. **O compromisso social da Psicologia**: um estudo sobre o desenvolvimento de um projeto crítico. 2017. 268 f. Tese (Doutorado em Educação) – Psicologia da Educação – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20760>. Acesso em 30 jun. 2016.

SCARCELLI, Ianni Regia; JUNQUEIRA, Virgínia. O SUS como desafio para a formação em Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 31, n. 2, p.340-357, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932011000200011>. Acesso em 17 abr. 2017.

SEIXAS, Pablo Sousa et al. As políticas sociais nos fundamentos dos projetos pedagógicos dos cursos de Psicologia. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 20, n. 3, p. 437-446, dez., 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539201502031005>. Acesso em 17 abr. 2017.

SILVA, Marcus Vinicius de Oliveira. A Psicologia dos psicólogos: a invenção da profissão, ideologia profissional e a modernização brasileira. 2003. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

SILVA, Késia Aparecida Teixeira; CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves. A Teoria da Subjetividade e a Epistemologia Qualitativa de Gonzalez Rey como Possibilidade Teórico-Metodológica nos Estudos de Administração. In: ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE, 4., 2013, Brasília. **Trabalhos Apresentados**. Brasília: Enepq, 2013. p. 1-13. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEPQ67.pdf>. Acesso em: 07 out. 2019.

SILVA NETO, Walter Mariano de Faria; OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de; GUZZO, Raquel Souza Lobo. Discutindo a formação em Psicologia: a atividade de supervisão e suas diversidades. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v. 21, n. 3, p. 573-582, dez., 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-353920170213111111>. Acesso em 17 abr. 2017.

SOLIGO, Angela. A formação em Psicologia no Brasil: em busca de novos olhares. In: CUELLAR, Edgar Barrero (Org.). **Formación em Psicología**: reflexiones y propuestas desde América Latina. Bogotá: ALFEPSI Editorial, 2015. 169-178 p. Disponível em: <http://www.alfepsi.org/wp-content/uploads/2015/12/Libro-FORMACION-EN-PSICOLOG%C3%8DA-Reflexiones-y-propuestas-desde-America-Latina-ALFEPSI-2015.pdf>. Acesso em 07 out. 2019.

TEIXEIRA, Joaquina Barata; BRAZ, Marcelo. O projeto ético-político do Serviço Social. In: ABEPSS; CFESS (Org.). **Serviço Social**: direitos sociais e competências profissionais. Brasília: Cfess/Abepss, UnB, 2009, 185-201 p.

VALLE CRUCES, Alacir Villa. A pesquisa na formação de psicólogos brasileiros e suas políticas públicas. **Boletim - Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 240-255, dez., 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2008000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 out. 2019.

YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. Questão social e políticas públicas: revendo o compromisso da Psicologia. In: BOCK, Ana Mercês Bahia (Org.). **Psicologia e o compromisso social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 37-54 p.

ZABALZA, Miguel A. **O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA EM GRUPO

1. Roda de apresentação
    a. Quem é você?

2. Descrição do curso
    a. Descreva brevemente o seu curso.
    b. Como os estágios se inserem?
    c. Quais estágios estão fazendo ou fizeram?

3. Políticas públicas
    a. O que você sabe da atuação das psicólogas na política pública?
    b. Tem interesse em atuar nesse campo?
    c. Como a política pública foi apresentada na sua formação?
        - O conceito de política pública foi trabalhado?
        - Você recebeu instrumentos/ferramentas para atuar nesse campo?
        - Já fez algum estágio em algum serviço de política pública?

4. Trabalho interdisciplinar
    a. A prática interdisciplinar está presente na sua formação? Como?
    b. Ela é discutida, incentivada no estágio?
        - Como são as relações dessa/nessa instituição?
        - Com quem você dialoga para realizar seu trabalho?
        - Como é sua relação com outros profissionais?
        - Qual sua relação com seu supervisor e orientador?
        - Como é sua relação com a comunidade atendida?
        - A prática interdisciplinar está presente na sua prática de estágio?
        - Quais as dificuldades que você vive na interdisciplinaridade?

5. Defesa dos direitos
    a. Como você vê os direitos humanos no seu curso?
    o Em algum estágio ou disciplina que realizaram teve relação com a defesa de direitos humanos? Como?
        - Você leu textos sobre isso?
        - Lembram de alguma situação interessante sobre isso?

6. Instituições democráticas
    a. Há alguma discussao que lembra no curso ou estágio que a importancia da relação democratica foi abordada?
    b. Como são tomadas as decisões dentro do seu curso de Psicologia? Tem centro academico, ligas?
    c. E no estágio? Há participação da comunidade no serviço prestado? Como?

7. Psicologia latino-americana
    a. A Psicologia latino-americana se apresenta de alguma maneira no seu curso? Como?
        - Teve contato com autores latino-americanos?
        - Há defesa da articulação da Psicologia na latino-americana? Qual é a relevância? Como apareceu no seu curso?

   b. Como você avalia as leituras que faz no curso, estão próximas ou distantes da realidade dos seus estágios?

8. Exercício crítico
   a. Durante o curso você precisou inventar práticas, se sentiu desafiada ou a formação já deu as respostas?
   b. O que você vai levar da formação para a sua atuação profissional?
      - Em que você se ancora para realizar sua prática?
      - Há alguma teoria de base?
      - Os estágios contribuíram para uma atuação crítica?
      - As legislações são parte da sua leitura? Código de ética?
      - Enxerga sua prática como transformação da realidade?
      - Acha que seu curso ofereceu uma postura crítica para vocês? Como caracterizariam essa postura?

9. Gostariam de adicionar alguma coisa?

APÊNDICE B – CARTA CONVITE DA PESQUISA

São Paulo, 12 de junho de 2018.

À Coordenação de Psicologia,

Gostaríamos de convidá-lo a colaborar com a realização da pesquisa de Doutorado em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob orientação da Profa. Dra. Ana Mercês Bahia Bock sobre o compromisso social da formação em Psicologia na cidade de São Paulo. O objetivo da pesquisa é identificar práticas de estágio em políticas públicas que atuem com e para a realidade brasileira.

Caso a Instituição esteja de acordo em contribuir com o estudo, solicitamos que nos envie o Projeto Pedagógico de Curso **até o dia 30 de junho**.

Para mais informações podem entrar em contato pelo e-mail raizel.rechtman@gmail.com ou telefone (11) 97275-3619.

Atenciosamente,

Ana Mercês Bahia Bock

Raizel Rechtman

APÊNDICE C – CARTA SOLICITAÇÃO DOS SUJEITOS

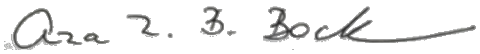
São Paulo, 26 de outubro de 2018.

À Coordenação de Psicologia,

Como seguimento da pesquisa de Doutorado em Educação: Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob orientação da Profa. Dra. Ana Mercês Bahia Bock sobre o compromisso social da formação em Psicologia na cidade de São Paulo, solicitamos que nos envie nome e contato de quatro alunas de último ano do curso de Psicologia que se forme no ano de 2018, uma ou duas de cada ênfase, até o dia 09 de novembro de 2018.

Para mais informações podem entrar em contato pelo e-mail raizel.rechtman@gmail.com ou telefone (11) 97275-3619.

Atenciosamente,



Ana Mercês Bahia Bock

Raizel Rechtman

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa "**A formação em Psicologia para o compromisso social: significações de aluna(o)s último-anistas**". Nesta pesquisa pretendemos **verificar se e como os campos de expressão do compromisso social se apresentam na vivência de alunas de último ano de Psicologia durante a sua formação,** para tanto, realizaremos entrevistas em grupos**.**

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira**.** A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade. Caso aceite participar, terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar e a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos. A pesquisadora se compromete a tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, seu nome ou qualquer material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão e você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar e os resultados obtidos pela pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. **Para quaisquer informações entre em contato com a pesquisadora pelo e-mail raizel.rechtman@gmail.com ou telefone (11) 97275-3619.**

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável**,** e a outra será fornecida a você. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resoluções Nº 466/12; 441/11 e a Portaria 2.201 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

APÊNDICE E – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

PUC-SP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC/SP

Plataforma Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA PARA O COMPROMISSO SOCIAL
Pesquisador: Raizel Rechtman
Área Temática:
Versão: 1
CAAE: 20594619.7.0000.5482
Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.597.152

Apresentação do Projeto:
Projeto de pesquisa de doutorado com a intenção de compreender como se constitui a formação da psicóloga comprometida socialmente. Serão realizadas entrevistas em grupo com alunas de último ano de cursos de Psicologia em duas universidades na cidade de São Paulo utilizando um roteiro pré-estabelecido.

Objetivo da Pesquisa:
Compreender como os campos de expressão do compromisso social se apresentam na formação em Psicologia.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
Não há riscos evidenciados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
Não há comentários específicos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
Satisfatórios.

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br

Recomendações:

Recomendamos a(o) pesquisador(a) que desenvolva a proposta de pesquisa em tela, na forma que esta foi apresentada e avaliada por este Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-PUC/SP). Sendo que quaisquer alterações que vierem a ocorrer, devem ser imediatamente informadas ao CEP-PUC/SP, indicando a parte do protocolo de pesquisa que foi alterada, acompanhada das justificativas para tal alteração.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências ou inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado do Comitê de Ética em Pesquisa, campus Monte Alegre da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - CEP-PUC/SP, aprova integralmente o parecer oferecido pelo(a) relator(a).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1416903.pdf	11/09/2019 16:34:34		Aceito
Outros	Parecer_Raizel.pdf	11/09/2019 16:30:50	Raizel Rechtman	Aceito
Outros	oficio_apresentacao.docx	11/09/2019 16:29:06	Raizel Rechtman	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_RAIZEL.docx	23/08/2019 10:12:25	Raizel Rechtman	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoRaizel.pdf	23/08/2019 09:53:29	Raizel Rechtman	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	17/08/2019 10:19:30	Raizel Rechtman	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 24 de Setembro de 2019

Assinado por:
Antonio Carlos Alves dos Santos
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br

APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA EM GRUPO IES A

GRUPO DE ENTREVISTA IES A

Local e data: São Paulo, 28 de novembro de 2018.
Entrevistadora: Raizel.
Participantes:
KA

DA

CA

HÁ

Entrevistadora: *Meu nome é Raizel, estou fazendo doutorado na PUC, com orientação da Ana Bock na Psicologia da Educação. E essa pesquisa, o nosso objetivo é entender se o compromisso social está presente na formação em Psicologia. Então já que o compromisso social é algo muito amplo, eu utilizei uma outra tese de doutorado, que é da PUC também, que ela define o compromisso social em seis temáticas principais. Então vai ser um bate papo, que vou fazer algumas perguntas em relação a isso, não tem nada subliminar, o objetivo é que vocês consigam trazer mesmo se teve ou não teve na formação, onde teve, de uma maneira mais tranquila. Vou passar para vocês o termo de consentimento.São três partes principais, primeiro vai ser uma apresentação de cada uma de vocês, até para eu conhecer, saber de onde vocês estão vindo. Depois vocês vão descrever o curso para mim de maneira geral. E na terceira parte vamos entrar em cada uma daquelas temáticas que falei para vocês. Vou pedir para cada uma falar o nome, e contar um pouquinho da história, de onde vem, como veio parar aqui, por que escolheu a Psicologia.*

KA: Meu nome é KA, tenho 35 anos hoje, eu não morava em São Paulo, vim para cá em 2013, sou do interior, Capivari, na região de Piracicaba, sou casada, não tenho filhos, não pretendo tê-lo, quero estar disponível para trabalhar muito, estudar muito, que é o que eu gosto, minha paixão. Eu escolhi o curso de Psicologia, eu sempre trabalhei na área de RH. Então eu fazia desde todo o processo de admissão, toda parte burocrática ali de EPI, exames médicos, homo homologação, parte de demissão também, rescisão, até a parte de recrutamento e seleção também. Então um amigo meu me deu uma ideia, eu passei por um processo de divórcio, com trinta anos e pensando no meu futuro, onde eu ia, porque eu sempre na área de RH, mas não era uma exigência, sempre me empenhei muito bem, meu desempenho sempre foi muito bom na área e não foi algo que eu almejei, fazer uma graduação, sempre tudo dava certo, não ficava desempregada, se eu saísse de um emprego, no outro dia já estava em outro, sempre foi um processo muito tranquilo para mim, a parte de trabalho, mas com o processo de divórcio. Eu pensei, bom, eu preciso ter uma graduação, é uma exigência do mercado e até então eu ia para a área administrativa, porque no interior não tinha Psicologia, mas como eu vim para São Paulo e conversando com um amigo meu, eu pensei em fazer Psicologia e tal, eu pensei, tem tudo a ver com a minha área também e eu vim para cá e eu escolhi está faculdade por duas razões, primeiro é que era próximo da minha residência. Então ia facilitar muito não ter que pegar todo dia esse trânsito de São Paulo, porque esse trânsito me estressa muito, a DA sabe e também por ser por ser uma universidade cristã, porque além de eu trabalhar os conteúdos acadêmicos, eu também estaria envolvida nas questões de princípios e valores religiosos, porque também eu sou cristã, não frequento nenhuma igreja, tenho os meus princípios também, isso é algo importante na minha vida. Então esses foram os motivos pelo qual eu conheci, vim para cá e amo fazer Psicologia, estou no meu último ano e para mim foi maravilhoso esses cinco anos, me sinto realizada, me sinto, não digo cem por cento preparada, porque eu acho que o estudo nunca acaba, a gente sempre tem coisas para aprender, mas esses cinco anos me deram base para que eu consiga ir para frente, pensar em novos planos, novas metas, me sentindo segura para fazer isso e é isso.

Entrevistadora: *Vou só adicionar mais uma questão, se estiverem confortáveis em responder, que é a auto declaração de raça/cor.*

KA: Eu sou branca.

DA: Por ordem? Então tudo bem. Meu nome é DA, eu não sou de São Paulo, eu sou de São Luís de Montes Belos – Goiás, é no interior de Goiás e eu não sei porque eu vim fazer Psicologia, é verdade, não estava nos meus planos e a gente tinha comentado até aqui antes, eu sempre me preparei para fazer engenharia civil e quase que foi mesmo, só que no último ano várias coisas aconteceram, eu tenho família aqui, as minha irmãs moram aqui por conta do meu pai e da parte meu pai, bom, a minha irmã conhecia alguém, que conhecia alguém que é muito influente por aqui, por esse meio dos Campos do IES A, que resolveu me ajudar, sem saber quem eu era, de onde eu era, assim, eu que sou religiosa, falo que é milagre, mas pode ser sorte, ou o que for que seja, entendeu? E enfim, eu vim parar aqui porque deu tudo certo e muito certo para vir para cá. Então, eu já tinha vontade de mudar para São Paulo, tinha parente aqui, também tem o internato, tudo casou em eu vir para cá, dos cursos que tinham aqui, o único que me atraía era Psicologia, porque apesar de não ter sido o sonho da minha vida, sempre foi uma área que me interessou e eu vim fazer e ao longo do curso eu descobri que ainda bem que eu não fui fazer engenharia, porque eu acho que não iria dar certo. Eu sou apaixonada, eu não me vejo fazendo outra coisa da vida e eu acho que o curso no IES A, aqui é um lugar bom por várias razões, sim, o forte daqui é a questão religiosa, porque é o diferencial do IES A, mas muito mais do que isso, eu acho que sim, o curso daqui é muito bom, os profissionais daqui são muito bem preparados e a gente aprendeu, eu pelo menos aprendi muitas coisas assim, não só do curso, que eu acho que no meu caso, eu vou levar para vida e mesmo com áreas, por exemplo, que eu não tenho interesse de atuar, por exemplo na organizacional ou em outras coisas assim, a gente consegue receber uma boa base. Então a gente sabe que na faculdade não dá para se aprofundar em nada, você estuda de tudo um pouco, mas alguma coisa, a gente sabe de quase tudo que dá para saber e assim, não querendo ser muito prepotente talvez, mas isso ficou muito evidente nessa prova do Enade, não por resultados, mas eu garanto que as meninas também concordam comigo, a gente chegou lá na prova e quando a gente começou a ler, a gente não se deparou com nenhuma coisa que a gente nunca tinha visto na vida por exemplo. Então a base, eu acho que eles dão muito bem e eu não trocaria, eu não trocaria eu acho por outras Universidades, por conta disso, eu acho que o acolhimento que a gente tem aqui e a forma como eles passam para gente o conteúdo é incrível, isso para mim já basta.

Entrevistadora: *Qual é a sua idade DA?*

DA: 22 anos, e a minha raça é parda, eu coloco como parda, porque eu não me considero branca, porém eu não acho que eu me encaixe em alguma delas.

Entrevistadora: *Você ainda está no internato?*

DA: Estou, eu cheguei no internato e ainda estou no internato e depois que eu me formar, pretendo continuar por aqui, porém ainda não sei como vai ser.

Entrevistadora: *E outra coisa. Você ainda trabalha em RH?*

KA: Não, eu só me dedico aos estudos agora.

Entrevistadora: *Você também está trabalhando ou não?*

DA: Não, aqui dentro eu trabalho na biblioteca do IES A, mas é como se fosse bolsa de estudos.

Entrevistadora: *E você veio então por uma doação ou eu entendi errado?*

DA: Não foi bem uma doação, mas foi uma oportunidade de estudar aqui de um jeito muito mais barato do que normalmente eu pagaria por conta própria se eu conseguisse.

Entrevistadora: *Como se fosse uma bolsa?*

DA: Como se fosse uma bolsa de estudos, isso, eu acho que é o melhor jeito de descrever.

KA: Eu recebo bolsa também da faculdade, eu não sei se isso é importante.

Entrevistadora: *Sim.*

KA: Eu tenho uma bolsa de desconto na mensalidade e uma bolsa por participar do projeto de iniciação científica.

CA: O meu nome é CA, eu tenho vinte e três anos, sou daqui de São Paulo mesmo, meus pais são da Bahia, mas são muitos anos que vieram para cá e eu e meus irmãos nascemos aqui, somos lá da Zona Leste, na cidade de Poá, eu estudei por lá, estudava em escola pública no fundamental um e dois e no ensino médio eu fui para o Colégio Adventista, antes eu tinha contato com a religião Adventista, porém não era batizada e no ensino médio tem lá os cultos, tem as capelas, que é como eles chamam e recebendo estudos bíblicos, em um desses estudos, dessas capelas, o IES A foi apresentado lá, foram representantes daqui para lá e eu, eu quero ir para essa Universidade, no segundo ano do ensino médio, eu estava conversando com uma

professora, falando assim, professora eu quero fazer Psicologia, mas até então eu não sabia por quê, eu achava que no simples conversar com as amigas, eu ouvi-las e ela virem conversar comigo, eu tinha o dom para fazer Psicologia, as minha amigas sempre vinham conversar comigo, eu achava que era isso, eu vou ser Psicóloga e vou arrasar. E a minha professora falou assim, ela perguntou, você gosta de ler? Eu falei gosto. Então, é que você vai precisar de ler muito, falei, não, tudo bem, quanto a isso tudo bem. E aí eu terminei o ensino médio, me batizei na igreja, me interessei mais pelo IES A também por essas questões religiosas, de estar em contato com os valores cristãos também e de não fugir daquilo que era importante, daquilo que fazia sentido para mim, só abrindo um adendo, eu pensava que não poderia aprender hipnose, enfim, era um pensamento meu.

KA: Viu que não era nada disso.

CA: Nada disso do que eu estava imaginando. Bom, terminei o ensino médio, fui fazer técnico em administração, eu resolvi parar um ano, tanto para descansar e eu senti a necessidade de trabalhar. Então nesse um ano, foi em 2013, eu trabalhei registrada como secretária de uma construtora, tive contato com a engenharia, eu até fiquei, porque nos testes que eu fiz deu área de exatas, mas mesmo assim a Psicologia sempre ficou na minha cabeça, na minha mente e neste ano, aliás eu comecei no terceiro ano do ensino médio, na metade, terminei no final de 2013 o técnico em administração, tive uma disciplina de Psicologia organizacional, eu pude ver que eu poderia agregar as duas áreas, já estava trabalhando, via um pouquinho de administração, estava estudando. Então eu vim para cá, pro IES A, pensando que eu fosse trabalhar com Psicologia organizacional, recursos humanos e isso, só conseguia ver isso, já vim praticamente decidida, mas quando eu cheguei aqui, nossa, me deparei com um universo que é a Psicologia, eu vim para cá pro internato, a princípio também foi uma das coisas que me chamou a atenção. Então fiquei interna nos dois primeiros anos e quando eu tive contato com as disciplinas de saúde, com mil outras disciplinas, eu falei assim, não é só isso, mas assim, ainda sim me interessava, só precisava me encontrar mesmo, mas como as meninas colocaram, o suporte aqui que eu senti que eu tive, a gente teve, nos deu uma base incrível, para gente estar saindo daqui não totalmente preparada, porque o estudo é infinito, o ser humano é infinito, a gente sempre precisa se atualizar, se especializar para estar atuando bem profissionalmente. Então isso a gente vai ter que estudar mais, mas o que nós tivemos foi incrível assim, nos preparou muito, tanto para atuar. Enfim, como para partir para uma pós, um mestrado, essas coisas que a gente teve assim, eu acho que é isso, eu não sei se eu esqueci de responder alguma pergunta.

Entrevistadora: *A auto declaração de cor.*

CA: Eu tenho dúvida, se eu sou parda ou negra, eu não sei.

Entrevistadora: *Prefere não declarar? Quer colocar alguma das duas?*

CA: Pode colocar negra, é porque eu já coloquei parda em diversas coisas.

Entrevistadora: *No Brasil é difícil mesmo.*

CA: É difícil, eu não sei realmente. Eu me considero negra, totalmente.

Entrevistadora: *Na Psicologia tem um campo que estuda bastante isso.*

CA: É?

Entrevistadora: *Bastante. A KA não é adventista é cristã ou é cristã adventista?*

KA: Eu sou adventista, mas eu estou afastada há muito tempo.

Entrevistadora: *Mas você se considera adventista?*

KA: Não me considero, cristã.

Entrevistadora: *Não? Cristã.*

KA: Cristã.

DA: Adventista.

Entrevistadora: *Adventista.*

CA: Adventista, batizada, praticante.

DA: Do jeito que tem que ser.

HA: Minhas colegas já disseram tudo, meu nome é HA, eu tenho vinte e quatro anos, sou da Bahia, vim para São Paulo em 2014 para fazer Psicologia, vamos lá, eu acabei o ensino médio e não sabia o que é que

eu iria fazer, meu núcleo familiar, meus pais, eu sou filha temporã. Então os meus pais, meus irmãos já eram adultos com família, eles me apoiavam naquilo que eu quisesse, só que havia um plano secundário da minha família que me pressionava para eu fazer medicina e eu não me sentia segura para isso, passei por um momento de confusão e optei por fazer terapia, fiz cursinho um pouco, parei e comecei a fazer terapia, na terapia eu vim conhecer, tem o meu primeiro contato com a Psicologia, mês fez muito bem, me ajudou a me organizar em meio a minhas confusões, me ajudou a enfrentar as pressões que a minha família colocava, embora quisesse o meu bem, mas acabavam me sufocando e decidir sair e fazer cursinho para tentar Psicologia, eu tinha conseguido passar em vestibulares de administração e direito, cheguei a fazer matrícula, mas não fui adiante. Então fiz um ano de cursinho, ao final do ano prestei Enem, prestei vestibulares no sul do Brasil e também no meu estado, o meu foco era universidades públicas, porque eu estudei em escola pública a vida inteira, eu era da zona rural e frequentava escola pública na minha cidade, depois que eles fecharam as escolas rurais, quando os resultados saíram, eu passei para as faculdades no sul, eu queria de Curitiba, não passei na Federal do Paraná, passei na Federal do Rio Grande do Sul e depois com a nota do Enem, eu pude entrar também em algumas universidades pelo Sisu e também não sabia que poderia tentar particulares, meu irmão me incentivou por ser adventista, lá em casa é só ele e eu, ele me incentivou a fazer os vestibulares para as faculdade adventistas. Então eu fiz a do IAM, que é no Nordeste, lá em Salvador, passei e quando saiu o Enem, eu falei, vou tentar usar a nota do Enem, daí com a nota do Enem eu consegui cem por cento de Prouni para algumas universidades particulares aqui de São Paulo, e eu ponderei sobre as alternativas e preferi vir para São Paulo, por conta a acesso a estágio, oportunidades e preferi vir para a IES A pela a questão religiosa, eu não teria contraversões em dia de guarda, de atividades e vim para cá, vim e fiquei interno no primeiro ano, fui para o externato a partir do segundo ano e faço as palavras das meninas as minhas, se tivesse que voltar atrás os cinco anos, faria Psicologia de novo e faria na IES A.

CA: Não me arrependo da escolha.

HA: O curso felizmente supriu as minhas expectativas, acredito que sim, as faculdades que deixei de fazer, teria aprendido muita coisa boa, mas não me ferem em nada ter feito no IES A, faria tudo de novo.

Entrevistadora: *Você está como Prounista aqui?*

HA: Prouni, desde o primeiro.

Entrevistadora: *KA e DA, vocês foram de escola particular ou pública?*

DA: Particular.

Entrevistadora: *Particular?*

KA: Foi uma mescla.

Entrevistadora: *Como foi essa mescla?*

KA: Na infância era escola pública, depois eu estudei no colégio particular adventista por quatro anos, no meu ensino médio foi escola pública, é isso.

Entrevistadora: *Eu já estou começando a conhecer, e eu faço tantas perguntas assim, a abordagem teórica que eu sigo, é a Psicologia sócio histórica. Então a gente entende as coisas como processo. Então a minha análise não vai ser fechar vocês em caixinhas, mas exatamente entender as determinações e a história de vida de cada uma vai influenciar também a vivência de cada uma no curso e cada uma vai levar para si, por isso essas perguntas. Então talvez durante a entrevista, eu também pergunte, sei lá, algumas coisas relacionadas a vida.*

HA: Então eu acho que vou fazer um adendo pelo que a KA falou, que talvez seja diferente das meninas, foi o seguinte, a minha alfabetização foi na escola rural. Então o primeiro ano eu fui alfabetizada na roça, a escola foi fechada e nós mudamos para a cidade, a primeira, segunda e terceira série, eu fiz em escola particular e eu acho que isso fez bastante diferença no meu início de vida escolar, da quarta série até o terceiro ano foi em escola pública, eu voltei para a roça e fiquei indo de ônibus para a cidade todos os dias fazer escola pública.

Entrevistadora: *E qual é o seu interior?*

HA: Eu sou de Itanhém, extremo sul da Bahia.

Entrevistadora: *Eu sou de Salvador, minha mãe era do Macedo Costa, o meu interior.*

HA: Eu morei em Salvador, eu fiz Galileu em Itabuna, eu fiz grandes semestres lá por algum tempo.

Entrevistadora: *O meu irmão morou em Itabuna por um tempo também.*

HA: Que legal.

KA: É importante um pouco da trajetória de adolescência?

Entrevistadora: *Por enquanto não, porque senão eu ficaria o dia inteiro com vocês.*

CA: É, a gente tem muita coisa para contar.

Entrevistadora: *Mas eu tento pegar mais sujeitos para ver mais histórias de vida, do que aprofundar tanto em cada uma.*

KA: Sim.

CA: Entendi.

Entrevistadora: *Mas assim, talvez eu precise marcar mais uma vez com vocês, mas ano que vem imagino que vão estar mais tranquilas, caso eu precise, eu entro em contato com vocês.*

DA: Está bom.

Entrevistadora: *Está bom? Oi, diga.*

KA: Talvez seja mais interessante em dezembro, porque a gente não sabe se...

Entrevistadora: *Se ainda está perto?*

KA: A Da, a família dela é de Goiás. Então não é certeza, se tudo der certo vai ficar aqui.

CA: Mas precisaria que ser com as quatro novamente?

Entrevistadora: *Não, eu posso marcar pelo Skype também, é mais para tirar alguma dúvida.*

KA: Tudo bem.

Entrevistadora: *Uma coisa mais pontual. Como vocês descrevem o curso de vocês? Pensando como um todo, pensando como ele funciona. Como é o curso de vocês?*

KA: Alguém pode começar? Está me dando uma crise de tosse.

DA: Eclético.

HA: Eu acho que é um curso bem estruturado, de um olhar geral, me fugiu a palavra, estou tentando achar a palavra aqui.

Entrevistadora: *Pensa mais, tipo, como é essa estrutura? O quê que vocês tiveram? Como ele é?*

HA: Pronto, retomei o fio, com as meninas, a gente fez o Enade, eu até passei nesse ponto com a CA, sobre a estrutura da universidade em si, o IES A tem essa configuração de um modelo, mas tradicional. Então as salas não menores, a quantidade de alunos em sala é menor, diferente de partes das universidades que a gente encontra aqui em São Paulo particulares que tem a configuração mais no modelo mercadológico, que as salas são maiores, tem mais quantidade de alunos, além disso, eu falo isso para a Vivian sempre, eu acredito que nós tivemos um privilégio que dificilmente se encontra em outras universidades, tanto particulares, quanto públicas que é a abertura e o acesso que nós tivemos ao longo de todo o curso com os professores, a coordenadora, isso fez com certeza um diferencial durante o período de formação.

DA: Sim, isso é verdade, a maioria dos alunos tem o número dos professores, tipo de celulares, o professor não só se limita a sala de aula.

HA: Não mesmo.

DA: Eu acho que isso se estende pro assunto, porque então o aprendizado não só se limita na sala de aula, porque se a gente tem dúvidas, vai fazer um relatório, se está em um estágio, a gente não precisa esperar na semana seguinte para a aula do professor, a gente enviou mensagem, e agora? Aconteceu isso como o paciente, tipo, por exemplo, e ele responde, isso é muito bom mesmo.

Entrevistadora: *E o que vocês tiveram? Tiveram disciplina, tiveram estágio, tiveram...*

Algumas: Sim.

HA: Os estágios são um ponto fortíssimo.

DA: A gente teve desde o terceiro semestre.

HA: A gente fez estágio, passou por hospital, UBS, CAPS, clínicas.

DA: Escola, empresa, ONG.

KA: Além também dos estágios, teve muitas visitas técnicas também, que eles exigiam como parte da metodologia deles.

DA: Isso desde o segundo semestre, o Alberto já...

Entrevistadora: *Essa visita técnica...*

KA: Seria assim, por exemplo, tanto na área organizacional. Então você ir e fazer uma entrevista com o psicólogo admissional para entender toda a dinâmica do trabalho, também a questão na área da saúde pública. Então você visitar ...

DA: Qualquer instituição que você tivesse interesse e tivesse relacionado com a promoção da saúde.

KA: Isso, era aberto, mas assim, a gente visitou, por exemplo, instituições voltadas para defesa sobre a violência contra a mulher, me ajuda a lembrar das oficinas, o pessoal, quais são as outras?

HA: A gente elaborou também projetos de intervenção.

CA: Projetos de intervenção, nós elaboramos.

KA: Sim, mas a gente conheceu também instituições de gente com deficiência.

DA: Instituição de gente que trabalha com pessoas com câncer.

KA: Lar de idosos.

DA: Várias visitas, várias coisas.

CA: Nós fizemos uma roda e cada grupo apresentava o local que visitou, até o número de funcionários, a dinâmica, o quê que o serviço proporcionava, a gente conhecer esses dispositivos que até então não são apresentados, que a gente não conhece e foi muito bom para gente, para gente estar conhecendo, estar passando contato talvez para uma pessoa que necessita, alguém que pergunta, vocês sabem onde tem tal coisa? A gente falou, você pode pesquisar em tal lugar, a gente soube, a gente conheceu.

Entrevistadora: *Desculpa gente, isso é dentro de disciplina?*

DA: Isso é dentro de disciplina. É um componente obrigatório de avaliação.

KA: Quando a gente fala em Psicologia, a gente imagina Psicologia como clínica, o foco aqui é clínico, porque nós temos clínica escola, porém não é só isso. Então a foto também entra na questão da saúde pública. Então a gente teve estágios na USB, a gente teve estágios em CAPS e de todos os tipos, do um, do dois, do infantil, a gente também foi a hospitais públicos e privados, para realmente a gente ver como que é a Psicologia na área também social.

CA: A gente teve história da Psicologia, teve desenvolvimento, teve metodologia, teve as disciplinas de saúde, teve neurociências, teve personalidade.

HA: Isso tudo dentro do que é obrigatório, fora os cursos de extensão.

KA: Optativas.

DA: Projetos de pesquisa.

HA: A IES A oferece iniciação cientifica, cursos de extensão que nós fizemos em sexualidade humana, as meninas começaram a iniciação cientifica em saúde pública um ano antes da gente.

KA: Oferecem várias atividades extras.

DA: Só fechando o assunto das visitas, porque antes que a gente mude de assunto, essas visitas técnicas, eu acho que são bem legais e importantes, não só em disciplinas tipo de estágio ou na questão mesmo de ênfase voltada para saúde ou para alguma coisa, mas desde o segundo semestre por exemplo, desde o primeiro ano, todos os professores, quando eles traziam algum assunto tipo em genética e evolução, que foi uma das matérias que a gente teve, a professora explicou sobre várias questões, doenças que estavam relacionadas geneticamente, várias instituições, como que psicólogo trabalha com isso e um dos critérios de avaliação foi visitar alguma instituição que trabalhasse com pessoas que possuíam alguma deficiência de algum tipo, a gente escolhia, a gente ia atrás, a gente pesquisava. Então assim, tudo. Então também no segundo semestre por exemplo, que a gente ainda não tinha estágio, ainda não tinha nada tão mais difícil assim, como se diz, a gente teve também, eu não lembro qual a disciplina, mas foi com o Alberto, por exemplo que ele estava falando de cultura, ele estava falando de sociedade, ele estava falando de da importância da

leitura e uma das avaliações do semestre foi visitar uma livraria e contar e assim, são coisas simples, mas isso obriga a gente ir atrás.

KA: Sempre os professores tiveram uma preocupação em dar a teoria, mas nos levar a entender a prática, não adianta só falar da teoria, vão lá, conheçam.

CA: E não ficar aqui só dentro do Campus IES A, dentro da sala de aula ali olhando para a lousa, ouvindo o que o professor tinha para falar, fora, a gente foi para fora.

DA: Isso era um dos critérios deles, eles falaram, não peguem escolas aqui dentro do IES A, saiam daqui, porque vão conhecer.

Entrevistadora: *Mas isso de todos os professores?*

CA: Sim.

KA: Pelo menos a maioria.

DA: A maioria.

CA: Raras foram as disciplinas que não.

DA: A gente não fez estágio aqui dentro. Só um teste ou outro que a gente aplicava...

KA: No segundo semestre, é que a gente teve desenvolvimento humano no primeiro, segundo e terceiro semestres. Então em alguns desses momentos cada grupo da sala, eram divididos em grupos, era responsável para entender um pouco do comportamento humana. Então eu lembro que o meu trabalho foi voltado a entender porque as pessoas se tatuam e enche o corpo ali de tatuagem, o quanto isso tem a ver com a identificação própria e tal e se aprofundar nesse tema, vocês provavelmente foram outros e para eu entender, a gente tinha que entrevistar essas pessoas. Então a gente saia da sala de aula que a gente tinha a teoria e para entender esse desenvolvimento, essa questão, por exemplo, da adolescência, o quanto é importante você passar por essa crise de identidade, você conseguir ter um referencial, ter a sua própria identidade, o quanto a tatuagem fazia parte desse processo, a gente foi, fez a entrevista, fez toda uma análise, tem um contato. Entendeu? Sempre entre linkar a teoria com a prática.

CA: E até em observação, a gente teve bastante, vai na escola, vai no shopping, observar na praça de alimentação, vai no transporte público.

KA: Era a disciplina de individuo, cultura e sociedade. De Individuo, cultura e sociedade, que a gente teve também por quatro semestres, dois anos estudando sobre.

DA: Ou seja, a gente sempre teve social forte nesse curso.

KA: E a gente tinha que ir no campo, observar e não era assim uma horinha não. Eram várias horas.

DA: Essa época a gente era de turmas separadas, porque era muito grande as turmas e tudo, na nossa turma, a gente foi para o cemitério, nunca vou esquecer disso, para poder entender como era a dinâmica de trabalho dos coveiros, mas por quê? Não pelo fato de ser o cemitério em si, mas porque são tipos de profissionais que a gente tende a negligenciar ou esquecer ou não valorizar como se deveria, como se fosse menos por conta do tipo de profissão que é. Então eu acho que isso também fez a gente ter um olhar diferenciado para qualquer tipo de profissão, que tanto lojista, quanto coveiro, quanto o professor da faculdade que tem pós-doutorado, o que diferencia são as diferenças, digamos assim.

CA: Eu assim que disciplinas no geral, não tem uma que não fique fora disso, o professor passava lá o plano de ensino, tinha a bibliografia básica, lógico que em um semestre é pouco tempo para você ver o que realmente precisa ser visto, mas os professores em geral falavam, tem esse e esses livros, biblioteca, pesquisava, sabe? para saber mais daquele assunto, para estar estudando, porque o nosso tempo ali era curto, é enfim, tempo de aula, tempo de semestre, estuda tais livros, tem outros livros que falam sobre isso, a gente sempre teve esse a mais, de não estar ali preso na sala de aula, o poder estudar fora e ter a base para isso.

KA: E a gente teve muitas disciplinas também voltadas a questão da escrita, porque você conseguir escrever um artigo científico, você precisa entender todas as regras, tanto de ABNT ou se outra...

DA: Tem que saber escrever, você tem que saber o português.

KA: Saber fazer lá a coesão, as coerências ali da frase. Então a gente teve dois semestres, um voltado para a parte de gramática e interpretação de texto e outro voltado para resumos e resenhas, foram inclusive

dois livros, que essa professora inclusive está no Japão, ela não se encontra mais aqui, mas ela foi maravilhosa, ela foi excelente, foi fundamental.

CA: Ela foi excelente gente. Foram os livros dela, ela foi a autora dos livros.

KA: Mas foi fundamental, a metodologia de ensino dela, foi muito importante, porque assim, ela corrigia a gente e ela não dava já a nota, ela nos dava a oportunidade de através do nosso erro refazer e aí a gente estava aprendendo certo, depois ela fazia a avaliação.

CA: Assim, para quem ouve, pode até achar absurdo, aliás, de descontar um pontinho, sabe? Ou corrigir ali os erros, falta de pontuação sabe? Tem gente que acha isso um absurdo.

KA: Que não faz sentido nas frases.

CA: É, mais isso foi totalmente importante para gente, da gente aprender a escrever, e aprender como escrever.

KA: Eu estou falando dos momentos iniciais da faculdade, paralelamente quando a gente estava tendo todo esse treinamento, esse ensinamento, essa aprendizagem, o professor Ader nessas disciplinas que a gente teve por dois anos que estudo a sociedade, indivíduo e cultura, ele exigia da gente, você tinha que ler o livro, entendeu? Não tinha como e você tinha que ler diversos artigos, fazer compreensão do texto, tinha partes para gente ler, a compreensão do texto, fazer a ideação, como que você consegue colocar o que você aprendeu na sua vida. Então ele fazia uma parte reflexiva também e através da leitura e a gente tendo que desenvolver o fechamento, todas as partes, a gente acabava também colocando em prática o que a gente estava aprendendo na outra disciplina.

DA: Porque as matérias se conversavam.

KA: Isso, isso em todos os semestres a gente observou que uma disciplina sempre está ligada a outra e falando assuntos que um complementa mesmo o outro.

DA: Se conversam.

CA: As vezes na sala, nossa, é mesmo a gente viu um pouco disso e tal na disciplina.

KA: Graças a Deus que a gente passou por esse processo bem focado mesmo, vamos dizer, bem difícil, intenso, porque hoje a gente consegue escrever, a gente consegue desenvolver um bom texto, apesar ainda da gente não ter o poder da síntese.

DA: Mas não vamos falar da gente por todo mundo.

KA: A gente, nós duas.

DA: Mas tanto é que marcou muito nossa vida, você já ouviu falar desse professor Ader, a gente já falou dele algumas vezes aqui por exemplo. Os dois primeiros anos da faculdade eu acho que foram bem exigentes, não difíceis, mas exigentes.

CA: Até porque a gente estava entrando em contato com a universidade.

DA: Isso.

CA: Foi um processo difícil de adaptação para mim.

KA: Foi através dele que a gente começou a ter contato com os artigos.

DA: E isso foi bom porque, como a gente teve dois muito bons primeiros anos, quando de fato a gente começou a entrar no específico da Psicologia, a gente já estava muito bem preparada.

CA: Eu achava que por conta dos primeiros semestres, escrever artigo, sei lá, alguém gênio.

DA: O Ader foi o professor que preparou a nossa vida para encontrar a professora Elisabete.

Entrevistadora: *Vocês fizeram iniciação cientifica?*

Todas: Sim.

DA: Nós fazemos.

Entrevistadora: *As quatro fazem?*

DA: Todas no mesmo grupo.

HA: A gente fez projeto de extensão, a CA e eu em sexualidade humana, um ano no ano passado.

CA: Sim.

Entrevistadora: *E como foi o projeto de extensão?*

HA: Maravilhoso.

CA: Foi muito bom.

Entrevistadora: *O que vocês fizeram? O que ele faz?*

CA: Assim, era mais um processo psicoeducativo com as crianças dos fundamentais e do médio, daqui mesmo, foi uma solicitação de diretoria, de coordenação daqui.

HA: A professora que deu aula de genética e neurociências para gente no primeiro ano, ela foi convidada a fazer um projeto piloto em sexualidade com alunos do ensino fundamental e médio, algumas turmas.

CA: Então nós montamos um programa, a cada quinzena nós tínhamos encontros, tínhamos temáticas a serem trabalhadas, sexualidade, gravidez na adolescência, DST, era uma conversa muito mais tranquila e muito mais amigável que a gente tinha, não era aquela coisa de estar na frente falando, é isso e isso. Os alunos compartilhavam com a gente, tiravam as dúvidas, a gente apresentava lógico, a parte mais teórica, mas tinham também muitas dinâmicas que nós aplicávamos com eles de perceber o que eles pensam sobre isso, tirar as dúvidas.

HA: Rendeu vários trabalhos, a gente foi para dois congressos.

CA: Rendeu trabalhos, gente apresentou dois congressos, uns dois, três trabalhos, quatro, não sei.

HA: Mais.

CA: Mais, foi muito bom mesmo.

HA: Pelo menos cinco.

CA: Sim. E foi isso, o que mais você tem para falar do projeto?

HA: É isso. Quando o pessoal do MEC esteve aqui para fazer avaliação esse ano, eu tive a oportunidade de falar inclusive isso, que a IES A poderia ser mais? Sempre pode oferecer mais, porque quanto mais tiver oferta disso, mais alunos tem acesso, mas nós tivemos oportunidade de participar de projetos de extensão, pesquisa, de congressos, de coisas extremamente interessantes que a universidade proporcionou, tanto que eu fiquei um tanto fora assim, simpósio.

DA: Curso de libras eles oferecem.

CA: Quem não participou desses tipos de atividades extras curriculares, eu acho que é porque não quis.

DA: Porque fora os editais, a coordenação de Psicologia é muito próxima dos alunos.

CA: Sim, é isso mesmo, eu tenho algo assim muito especial com eles assim.

DA: A gente é apaixonada pela nossa coordenadora, mas enfim, mesmo que, por exemplo, não tenham um projeto de pesquisa dentro da área que eu quero, todo mundo tem acesso a chegar na Vivian, conversar com ela, falar o interesse e geralmente se ela sabe de alguma coisa, mesmo que não esteja acontecendo aqui, mas em algum outro local, que ela pode encaminhar, ela sempre ajuda a gente nesse sentido.

CA: Eu acho que a nossa coordenação é muito amiga, lógico que a gente tem que separar isso em algumas vezes o papel.

DA: Compra as nossas ideias doidas.

CA: É, tem que separar isso algumas vezes de papel ali de aluna e coordenadora sim, puxão de orelha e essas coisas, mas também de amiga, de estar ouvindo as nossas angústias, nossas dúvidas, nossas reclamações, nossas ideias.

KA: A Vivian é mãe, não é madrasta.

Entrevistadora: *Vocês fizeram também e vocês estão fazendo iniciação cientifica?*

Todas: Sim.

Entrevistadora: *Em saúde pública?*

DA: Isso.

Entrevistadora: *Vocês falaram, mas tem outras?*

DA: Tem.

KA: Tem outras acontecendo.

CA: Tem do mestrado.

KA: Tem do Professor David.

DA: A gente não sabe dizer exatamente os temas. Tem outros.

HA: Psicologia tem algumas.

KA: Dentro da Psicologia, mas no mestrado, porque eu acho que tem um mestrado em promoção na saúde também tem, tem outros ocorrendo.

DA: E tem muitos interdisciplinares, onde tem partes de todos os cursos assim.

KA: Ontem, por exemplo, estava tendo um projeto com os idosos, onde está envolvido físio, Psicologia e a nutrição.

DA: Eu acho que a enfermagem também está.

KA: Então, são várias áreas que estão desenvolvendo ali um projeto na clínica.

DA: E é uma coisa legal...

Entrevistadora: *A turma de vocês também tem em outras áreas ou só?*

KA: Então, essa iniciação cientifica que a gente participa...

DA: É só da Psicologia, por enquanto.

KA: É do mestrado com a Psicologia, mas tem outras áreas.

DA: Mas tem mestrado. Isso é uma coisa legal, o mestrado está muito em contato com a universidade aqui e não é só da Psicologia, todas áreas assim. Porque nutrição tem um monte de pesquisas que é parceria da graduação com o mestrado e assim por diante, se você for lá no mestrado, você vê mais alunos do que professores.

CA: Isso é verdade.

DA: Da graduação.

CA: Gente eu ia falar, o nosso grupo está organizando um evento assim, para gente mostrar sabe.

KA: Mas vamos falar do projeto?

CA: Sim, é, eu acho que é do projeto mesmo.

KA: É, porque isso é a parte final.

CA: Sim, pode falar, vai.

KA: O projeto já está acontecendo há dois anos, é muito importante esse projeto que a gente está fazendo, porque a gente está tendo a oportunidade de conhecer o nosso território. Então assim, é na área da saúde e o primeiro semestre, primeira parte do projeto se focou em levantar quais são as instituições que tem o serviço de Psicologia, que tem outros serviços que estejam envolvendo a saúde aqui no nosso território, para que a gente conheça o território de fato, as instituições consigam desenvolver um trabalho melhor em rede. Então a gente fez o mapeamento, a segunda parte foi a parte de ligar, quer falar da segunda parte? Fala aí.

DA: É, a segunda etapa foi a parte da gente pôr a mão na massa, de fato se lambuzar, a gente precisou ligar aonde a gente já tinha mapeado as instituições e foi tudo do que estava disponível com informações públicas. Então assim, dentro do que a gente conseguiu achar, a gente pegou e-mail, telefone, essas coisas, depois das instituições mapeadas, a gente foi atrás de ligar para elas para ver se conseguia falar com o psicólogo que trabalhava lá e se tinha psicólogo na verdade. Então o nosso principal objetivo desde o começo foi ver como o serviço da Psicologia vem acontecendo aqui perto do território, se existe, se não existe e como que ele está acontecendo, e foi bem interessante, porque foi o primeiro contato, acho que a gente teve nessa área de ligar para tão fora, imagina, cento e vinte instituições mapeadas. Então foram duzentos e quarenta ligações ou mais, porque você ligava da primeira vez e não conseguia falar, retorna de

novo e quando conseguia, principalmente na área da saúde, como UBS por exemplo, tem que ver se o meu supervisor me autoriza a falar com vocês. A gente viu que a palavra pesquisa assusta todo mundo.

KA: A dificuldade maior que a gente encontrou foi justamente conseguir chegar a esse profissional, porque se passa por uma recepção aqui, um atendente e tal, até chegar nesse profissional e o intuito seria a gente mandar um questionário para gente conhecer a instituição. Então as instituições preenchiam o questionário bem simples, só dizendo quais eram os serviços disponibilizados na instituição para gente verificar essa questão de promoção da saúde, se psicólogos, quais profissionais envolvidos para ver o trabalho em equipe e depois disso seria um outro momento, que seriam os grupos focais. Então a gente fez um convite com esses profissionais que a gente conseguiu contato e um ou outro não conseguiu, um imprevisto ou algum outro compromisso, não podia, mas alguns a gente conseguiu fazer o contato e a gente fez quatro grupos focais e agora, isso foi ano passado. Não é?

DA: Isso.

KA: Foi ano passado, semestre passado foram os grupos focais e agora esse semestre a gente está finalizando, não que o projeto vai finalizar, finalizando porque estamos nos formando, mas o projeto vai continuar e nesse semestre a gente está fazendo então a parte de análise de dados, a escrita.

HA: E os congressos? Fala dos congressos.

DA: Vamos falar do evento, a CA está doida para falar do evento.

CA: Não, pode continuar.

KA: Então eu vou sintetizar o congresso e a CA fecha.

DA: Isso.

HA: A iniciação nos rendeu também umas apresentações em uns congressos, as meninas foram para Brasília e nós fomos também junto com elas depois para Franca, o de Franca nós ganhamos um prêmio de melhor pesquisa em andamento.

DA: Isso.

HA: Melhor projeto de pesquisa e isso foi extremamente gratificante.

KA: É, porque esse projeto está sendo muito bom porque muitas vezes o psicólogo ou qualquer área de atendimento, que atende por exemplo ali na Policlínica, seja nutrição, seja fisioterapia. É um trabalho que vai ser publicado, que vai ser mostrado os resultados que a CA depois vai falar sobre isso, que vai beneficiar todos os profissionais, por quê? Muitas vezes eu tenho que encaminhar um paciente meu para uma psicopedagoga e eu conhecendo os serviços aqui disponibilizados ao entorno da IES A, eu sei aonde tem, eu vou conseguir encaminhar corretamente o meu paciente e assim os demais que tiverem contato com esse trabalho.

DA: Bom é que fortalece a rede nos dois sentidos. Porque os profissionais, enfim que entram em contato com a nossa pesquisa, a gente e quem mais tiver acesso a isso quando for publicado e mais também a comunidade, que fica sabendo do que acontece, porque a gente não sabia. Então assim, quando a gente mapeou, foi atrás, a gente viu que aqui do nosso lado tem coisas, tem Ceco, tem isso, tem aquilo outro, tem Céu. Enfim, tem instituições que poxa, não é só para encaminhar, eu poderia ir lá, está de baixo do meu nariz e eu não sei o que tem, o que acontece. Então eu acho que não é só para gente, para a comunidade essa contrapartida também é válida e vai fortalecendo esses serviços da rede.

HA: E o vínculo da faculdade com a comunidade.

DA: Com a comunidade, porque a faculdade não pode ser só de produção intelectual, ela tem que fazer bem para comunidade.

***Entrevistadora:** E como vocês acham que os estágios se inserem no curso de vocês?*

HA: Um elemento imprescindível e principalmente por ter acontecido tão cedo, como começamos com estágios apenas de observação, foi uma preparação até para uma postura ética que nós iremos adotar nos momentos das intervenções práticas. Então o formato de estágios do IES A é muito bom e é gradativo.

CA: É, nós ouvimos que às vezes que tem aluno que sai da graduação, não aqui, mas que não atendeu um paciente e aqui a gente teve oportunidade de atender tipo vários.

KA: É uma postura correta da faculdade fazer isso, pegando esse gancho de ser gradativo, por quê pensa, você tem a parte teórica, você pega e vai pro campo fazer a observação, entender essa teoria,

identificar aspectos, sei lá, desafios, dificuldades e tal, e você questionar isso com o professor e ter toda essa aprendizagem, para depois você ter contato com o paciente, se a gente não tivesse tido essa base, talvez esse primeiro contato com o paciente, a gente poderia ter cometido muito erros.

CA: Iria ser um desastre.

HA: Totalmente despreparados.

DA: E saber direcional o olhar também.

CA: Sim.

DA: Porque o estágio de observação, não é só chegar lá e ver o que está acontecendo, é conseguir filtrar. A gente fala de escuta ativa, seria uma observação ativa.

HA: Se fazer presente.

DA: Flutuante, como diria a psicanálise, mas é isso mesmo, é você saber o que priorizar na hora, porque quando chegou de fato o momento de a gente fazer intervenções, a gente já estava com o olhar treinado.

CA: A gente teve estágio de triagem também.

HA: Sim.

Entrevistadora: *Quais estágios vocês tiveram?*

HA: Primeiro ano observação.

DA: Isso, porque foram dois semestres.

KA: Terceiro e quarto semestres.

DA: Isso, que foram em escolas, não foi? Ou CCAS, enfim. Os primeiros foram escolas.

CA: Depois fundamental, o quinto semestre o nosso estágio foi análise de casos clínicos em sala de aula.

KA: Deixa só eu fazer um complemento, terceiro semestre a observação de comportamento infantis, depois foi comportamento de adolescente, foi acompanhando a disciplina desenvolvimento. Então a gente teve primeiro aqui o desenvolvimento um, primeira infância, segunda infância, desenvolvimento dois, de adolescência, desenvolvimento três, que seria fazer adulto e assim foi o estágio. Então o primeiro semestre de estágio foi sobre a primeira e segunda infância ou a infância inteira?

HA: Foi na escola, só observação, do segundo ao quarto semestre adolescência, o quinto nós nos reuníamos em grupos na sala de aula e fazíamos análises de casos clínicos aqui da Policlínica, do sexto semestre em diante foi passamos para triagem de intervenção.

DA: A triagem foi no sétimo.

CA: A intervenção foi depois.

KA: Eu estou falando da triagem que a gente fez com a professora Viviane.

HA: A triagem foi no sétimo, no sexto nós começamos os estágios de intervenção, a partir do sexto, elaboração, observação e íamos com propostas de dinâmica.

KA: Isso.

CA: O sétimo foi triagem.

DA: Em duplas.

Entrevistadora: *A partir do sexto, em quais lugares vocês foram?*

CA: CCA. Tiveram dois projetos de intervenção, não teve?

HA: Foi.

DA: Os primeiros estágios eram por nossa conta.

Entrevistadora: *Sim, tipo?*

DA: Tinha que ser ou escola, ou enfim, ou creche, enfim.

CA: Tinha que procurar.

DA: Que tivesse a primeira infância, depois adolescência e tudo mais, primeira não, a infância, estou com a primeira infância na cabeça, mas sempre na verdade, é só no sexto semestre que foi a Marcia que já tinha organizado quais seriam os CCAs.

CA: A partir desse semestre, tinham as instituições organizadas para gente estar indo fazer os estágios.

Entrevistadora: *Ela dava a partir do sexto? Quais foram os lugares?*

DA: ONGs, CCAs, CCAs é Centro para criança e adolescente.

HA: No sétimo foi triagem.

DA: Que foi aqui mesmo no Policlínica.

HA: No oitavo nossa professora nos permitiu procurar instituições, para também elaborar projetos semanais de intervir meio aquela instituição.

DA: Psicodiagnóstico também.

HA: Nós tivemos a primeira matéria de psicodiagnóstico, que era atender uma criança em dupla e aplicação de testes nele.

CA: Que envolveu visitas escolares e familiar.

DA: Que foi com o Thiago, o da Suzane ainda não tinha ido.

CA: É verdade.

HA: Nós já tínhamos tido as três matérias de Map's antes do psicodiagnóstico, que era para ver a aplicação dos testes, funcionamento e analise também.

CA: Se eu não me engano, desse outro projeto de intervenção, nós fomos em uma casa que recebe...

HA: De apoio a crianças com câncer.

DA: O último estágio que a gente teve esse projeto de...

CA: As mães das crianças com câncer que vinham aqui fazer tratamento.

HA: Foi no oitavo esse.

Entrevistadora: *Foi no oitavo?*

HA: Oitavo semestre.

Entrevistadora: *Mas não é no oitavo que vocês escolhiam onde vocês iam fazer?*

DA: A gente escolheu. Então foi por isso, o delas foi na instituição de câncer.

HA: O da dá e KA foi em outra instituição, foi uma ONG também.

KA: Foi.

DA: O meu foi num CCA, que a gente estava fazendo com crianças.

KA: O meu foi em uma escola, no EMEF, escola pública.

CA: Foi projeto de sexualidade ou não?

KA: Não, esse foi outro, esse daí foi no quarto semestre. Esse projeto de intervenção....

HA: Qual semestre que foi que vocês estão falando?

DA: Foi no oitavo com a Tércia. Que foi o nosso último semestre de estágio para fazer intervenção.

KA: Isso mesmo. Esse daí a gente foi numa escola municipal e a gente fez um trabalho tão bom lá, que ela depois deixou a porta aberta, até então ela não estava mais pegando estagiários, a gente foi lá, conversou com ela e tal, acho que ela simpatizou com a gente, ela falou, eu vou dar uma chance para vocês, mas eu já tive muita experiência negativa com estagiário. A gente derrubou isso, essa visão dela, porque a gente fez um excelente trabalho, os alunos, os professores, depois eles chamaram a gente para dar palestra, para dar uma continuidade. Então foi bem positivo, e a gente trabalhou bullying na área escolar, comportamento auto lesivo também.

CA: E no último ano foram os estágios profissionalizantes.

HA: A partir do nono a gente deu continuidade no psicodiagnóstico com outro paciente, foi a parte dois e aplicação do teste.

DA: Isso, aí que teve visita domiciliar, visita escolar.

HA: No nono e o nosso primeiro paciente aqui na Policlínica.

KA: Isso, que até então essa triagem por exemplo, que foi no sétimo?

HA: Isso. A triagem foi no sétimo.

KA: A triagem que aconteceu no sétimo semestre, era feito em dupla, no oitavo a gente...

DA: O psicodiagnóstico foi em dupla também.

KA: Isso, o psicodiagnóstico que é onde a gente fez a aplicação de teste no oitavo, psicodiagnóstico no oitavo, a gente teve psicodiagnóstico um, a gente atendeu em dupla, a gente aplicava testes, fazia análise e preparava o laudo. No nono semestre a gente continuou indo pro plano psicodiagnóstico com Tiago, nesse psicodiagnóstico no nono semestre já foi um pouco diferente.

CA: Não, foi um quarteto. Dois com a mãe e dois com a criança.

KA: Isso, verdade, em quarteto, isso. A gente fez então os testes, a visita escolar e visita domiciliar.

DA: Mas com os estágios profissionalizantes já foi individual, mas...

CA: Foi hospital público, hospital privado, CAPS, UBS.

DA: A gente podia escolher, obrigatório era pelo menos um paciente, mas tinha quatro estágios, se alguém quisesse pegar todas as quatros abordagens poderia.

CA: É, no nono um, só tinha dois tipos apenas, quem quisesse fazer duas, o restante era aula, mas agora no décimo, o mínimo eram duas.

KA: Agora no décimo a gente tem praticamente só estágio no hospital, uma aula que seria a parte, qual o nome da disciplina mesmo?

CA: Religiosidade, competência com profissionais.

KA: Isso. Então focando um pouco como que é a questão religiosa dentro da Psicologia, é o foco da disciplina.

CA: Isso é em todos os semestres.

KA: Isso, só que está mais específico agora, porque ele está pontuando mais as questões éticas do profissional, não está abordando só os sistemas e tal, como paciente tal e seminários lançados, que é onde a gente teve esse professor, é um excelente professor também, ele trouxe profissionais que já estão atuando na área, ele trouxe da área organizacional, educacional, jurídica.

DA: Escolar.

KA: Escolar eu já falei, uma que trabalha no trânsito e uma que trabalha diretamente com orientação vocacional e profissional. Então eles vieram trazer um pouco da experiência, já que a gente vai sair pro campo, para gente ver um pouco como foram as dificuldades iniciais desses profissionais e tal e nos dar uma orientação maior.

HA: Eu vou ressaltar porque eu acho que até a Entrevistadora não conhece isso. A gente teve pela instituição ser convencional, a gente tem desde o primeiro semestre, faz parte da grade de disciplinas obrigatórias as matérias de religião. Então desde o primeiro semestre, a cada semestre o título e o enfoque da matéria era voltado para coisas diferentes, nós viemos ter, como a KA falou, agora no décimo quem dá essa matéria para gente aqui no IES A, é um professor tem ambas as formações, tanto a teológica dentro da igreja adventista, quanto a psicológica. Então ele é psicólogo e era pastor também, hoje não é mais atuante, essa matéria aborda as competências profissionais e sim a postura ética dentro do setting terapêutico e todas as outras nove anteriores vieram mais com o cunho teórico, também exigindo participação de visitas técnicas, elaboração de projetos e pesquisas, a gente apresentava isso, dividia em sala de aula e eu acredito que esse diferencial do IES A é pelo que eu tenho conversado, pelo que eu tenho trocado experiências, venha a ser um ponto em questão muito interessante para os alunos que saem formados, porque nos leva a estender um olhar ao paciente, a gente sai daqui sabendo o que deve estender um olhar ao paciente na vida espiritual, independente de religião ou não e nós passamos por muitos pontos que levaram a entender a forma como algumas linhas religiosas funcionam e como adentrar no assunto, é obvio que o paciente trás, mas como

encontrar meios de compreender a forma como ele exerce tanto a religiosidade e espiritualidade e eu acho isso fantástico assim, é uma matéria que reprova por falta, reprova por nota, nem todo mundo gosta de fazer, mas eu acredito que tenha um peso significativo na formação dos alunos, é um diferencial.

KA: É porque você vai trabalhar com o público que vai te fazer muitas questões.

HA: Independente dos pacientes terem religião ou não, ele geralmente tem alguma convivência espiritual e saber como abordar isso, de trabalhar isso de forma que não...

DA: A espiritualidade faz parte da história do ser humano e claro que existem as pessoas que não acreditam, que se dizer ateus e tudo bem, mas é isso que a CA falou mesmo, o legal daqui é que as matérias de religião não são adventistas, elas são da religião. Então muitas que a gente não tem o costume ou que muitas vezes tem preconceito.

HA: A gente estudou sobre a bruxaria e tudo, por exemplo a DA falou, tem os que acreditam e os que não acreditam em Deus, a gente aprendeu até aqui, o ateus tem a sua espiritualidade por exemplo, não tem um objeto de crença maior que seria um Deus ou uma religião para praticar os seus rituais, mas ele tem um tipo de espiritualidade, como saber isso? A relação dele com o universo ou com as forças ou com as energias, entender o que ele compreende por espiritualidade e onde...

DA: Em algo a gente tem que acreditar.

HA: Exatamente, até no não acreditar já é uma crença.

DA: Exatamente, a fé não tem que ser só em Deus, a fé é em tudo que a gente acredita.

CA: É o transcendente do ser humano.

Entrevistadora: *Na turma de vocês, vocês acham que tem mais adventista e cristãos ou mais ou menos?*

DA: Tem mais adventista.

CA: Mais adventista.

KA: É um mescla, mas.

HA: Eu que não é uma desproporção, não tem muito mais adventista, porque também tem cristãos não adventistas, é um equilíbrio.

KA: Tem Batista, tem da Gleice. Qual que ela é mesmo?

HA: Ela é messiânica.

Entrevistadora: *Mas a maior parte cristãos?*

Maioria: Sim.

HA: Sim, a maior parte cristãos e pelo menos metade adventista.

KA: Tem ateu na sala?

HA: Declarado hoje não, tínhamos o Caio, eu não sei se a Márcia e aquela que saiu, acho que era também.

KA: A gente tinha essa professora, a faculdade é aberta, tanto para pessoas de outras religiões, isso não é um impedimento para ela não estar aqui.

HA: Os professores também.

DA: A gente tem vários professores.

HA: Nem todos são adventistas.

DA: Que não são. Então, eu acho que talvez nem tenham religião.

HA: Nem cristãos.

DA: É, cristão e nenhuma que seja outra, mas que são assim...

CA: Que se sentem muito bem.

HA: A Márcia é ateia e estava aqui e enchia a boca para dizer, eu gosto de estar aqui.

KA: Tem que ter respeito.

HA: E ela trabalhava a instituição, não era um fardo para ela.

DA: Um dos muito melhores professores que a gente tem não são adventistas, não dá para falar um ou outro só, porque a gente tem vários muitos bons e desses vários, a maioria não são adventistas.

HA: A gente pelo menos não toma como critério associar a qualidade do professor a ele ser adventista ou não, a gente enquanto aluno...

KA: Eles são muito profissionais.

Entrevistadora: *Vocês falaram um pouco, vocês chamam de Policlínica, falaram que tem algumas coisas interdisciplinares. Como é a interdisciplinaridade? Ela foi apresentada no curso? Como foi? Vocês têm contato com alunos ou profissionais de outras disciplinas ou de outras categorias?*

HA: Desde o primeiro semestre, a prova interdisciplinar.

DA: É, a gente tem uma prova, que chama prova interdisciplinar.

CA: Mas é no final do semestre.

HA: Acontece que em todo final de semestre, esse é o único semestre em que nós não fazemos, mas todo final de semestre, há uma prova eletrônica, que chamasse prova interdisciplinar, que soma um ponto na grande maioria das matérias, exceto religião e estágio.

DA: Religião conta também, não?

HA: Começou só agora no último, não contava.

DA: É?

HA: Não conta nos outros, e o que acontece? Essa prova é para avaliar justamente o quanto as disciplinas que nós recebemos conversam entre si e se complementam.

DA: E ela é acumulativa. Então não é do semestre.

CA: Falando de interdisciplinar assim na Psicologia, está conversando com a fisioterapia, com outros cursos, eu estou vendo isso agora.

DA: Isso começou na verdade, depois que a gente começou com os estágios em saúde, principalmente a questão da interdisciplinaridade na prática.

HA: Mas Da, tem em saúde também, ela pode ser um ponto interessante.

DA: Isso. Sim, obrigatoriamente eu acredito que...

KA: São umas duas ou três feiras que acontece a cada semestre, não é?

HA: Não, a cada semestre são duas.

KA: Duas.

HA: Duas por semestre.

KA: Isso, nessa feira de saúde...

CA: É que o IES A promove umas feiras de saúde, Márcia pode contar.

KA: Pode falar amiga, vamos lá, você está falando pouco.

CA: Não, é que o IES A promove umas feiras de saúde e chamam os alunos de diversos cursos para estar atuando.

KA: Eles mandam e-mail para gente, ou seja, o aluno manifesta se tem interesse, abre a oportunidade para todos.

CA: Isso, e tem as tendas, que passa pela água, aferir pressão, os oitos remédios naturais, isso é mais uma filosofia da igreja.

HA: Que faz parte da filosofia da igreja adventista, como água, luz solar, exercícios.

DA: Mas fora isso tem os encontros interdisciplinares que todo ano...

KA: Dentro da feira são vários especialistas. Então tem a nutrição dando as orientações referentes a área deles, a Psicologia também atendendo, a fisioterapia, educador físico, que a gente tem aqui, a enfermagem, todos os cursos da saúde.

CA: Medir a glicemia.

HA: O lugar, tipo assim, daqui a um mês vai acontecer a feira de saúde, que vai ser lá na praça da Sé, no outro semestre é lá na cidade não sei aonde, às vezes eles saem até do município de São Paulo, não é? Para fazer.

KA: Isso, a outra aconteceu em Campinas. Agora em junho. Foi em Campinas. Eles passam o dia dando essa assistência de forma gratuita para os moradores.

HA: Para a comunidade.

KA: Então esse seria uma forma da gente ter essa interdisciplinaridade que você perguntou.

HA: E é a universidade que dá o ônibus, no caso quando é fora, o transporte é todo por conta da faculdade, eles levam, eles trazem.

CA: Mas essa questão de vivência mesmo é nos estágios.

Entrevistadora: *Na feira é só conhecer os outros e poder trocar, mas não estão no stand misturado com outras categorias ou estão?*

CA: Sim.

DA: Às vezes sim.

KA: Acaba se conversando, por exemplo, ao eles passaram na nutrição e terem o atendimento ali por exemplo, sei lá, uma pessoa que está tendo problema com alimentação e ele identificam que existem aspectos emocionais, ele acaba encaminhando, olha por favor, passa naquela tenda ali.

DA: Mas mesmo encaminhando, não fica só cada profissional no seu quadrado por exemplo, eu já fui em uma que tinha educador físico e fisioterapeuta ali geralmente juntos, entendeu? E bom. Então assim, talvez não tenha, por exemplo, um fisioterapeuta e um psicólogo na mesma tendinha ali trabalhando, mas as áreas que se conversam mais, elas se unem em esforços, não fica cada um no seu quadrado normalmente.

CA: Mas agora nos estágios, a gente viu bem mais, porque fazem o atendimento compartilhado da psicóloga com a nutricionista.

DA: A gente já participou de reuniões de matriciamento.

KA: Diversos pacientes nossos, vamos falar das nossas experiências de estágio, a gente tinha ali uma demanda, uma queixa ali para ser trabalhada que fugia da Psicologia, agora mesmo saindo dessa reunião, eu vou lá na Policlínica, sentar e conversar com uma fonoaudióloga que também atende a mesma paciente que eu. Então a gente vai trocar uma ideia para entender o caso da minha paciente, eu vou um feedback, um retorno para ela, entendeu?

HA: Até porque eles vêm encaminhados. A fisioterapeuta atende e percebe que a pessoa está com a dor, fazendo exercício, a pessoa começa a chorar e tal. Então ele vai e encaminha para a Psicologia.

KA: Tem vários pacientes onde a gente atende, que está atendendo ele aqui, mas a gente tem que ir até a USB para conversar com outros profissionais ali que também cuidam desse paciente. A gente tem essa troca com outros profissionais, seja aqui dentro ou em outros dispositivos ali fora.

DA: Nos estágios meio que isso se torna obrigatório, acho que não tem como não conversar com outros profissionais dentro, mesmo no estágio da clínica em si, porque você precisa encaminhas, porque você precisa saber o parecer do outro profissional, enfim, eu acho que nenhum profissional consegue dar conta de nada sozinho. Então isso meio que é obrigatório, não tem como, mas eu acho que a faculdade promove isso, justamente por aquilo que eu estava falando dos encontros interdisciplinares, que todo ano tem de todos os cursos da saúde, desde quando eu estou aqui, no primeiro ano tem, eu não posso falar pela semana de outros cursos, mas todas as semanas de Psicologia que tem, eles sempre trazem outros profissionais de outras universidades.

HA: De outras áreas também

DA: E às vezes até que não são de São Paulo por exemplo, teve um que não foi na semana, teve um simpósio que teve aqui, a relação da espiritualidade e a Psicologia, eu não lembro exatamente o título, mas para falar justamente isso, do quanto, apesar da gente não poder catequizar o paciente como se diz, é um fator que está presente e volta e meio o paciente vai trazer isso. Então como lidar com isso? E um dos palestrantes de um dia, ele é de uma universidade dos Estados Unidos, que veio para cá por conta disse e tudo mais. Então assim, sempre que existe possibilidade, eu assim que a universidade provoca isso na gente.

Entrevistadora: *O quê que são esses encontros interdisciplinares?*

CA: São os encontros científicos que os cursos, Psicologia, nutrição, enfermagem e fisioterapia são convidados, os alunos, os coordenadores, todo mundo se junta pra...

DA: Geralmente tem uma mesa redonda.

CA: Geralmente é uma mesa na frente com os convidados, os palestrantes e já teve por exemplo, temática de envelhecimento, a saúde do idoso, já teve das puérperas?

DA: Já.

CA: Nas puérperas teve o último?

DA: Já. Sobre a morte.

CA: É, sobre a morte.

Entrevistadora: *Teve apresentação de trabalho também ou é só a mesa?*

DA: Tem, a gente tem o ENAIC, todo ano.

CA: Nesses encontros não.

DA: Não, nesses encontros não.

CA: Mas apresentação de trabalhos temos sim.

HA: ENAIC de trabalho é semana que vem?

DA: É.

KA: Domingão.

Entrevistadora: *ENAIC é só da Psicologia?*

Maioria: Não.

DA: Todo mundo.

HA: Do IES A completo.

Entrevistadora: *O que é ENAIC?*

CA: É encontro anual de iniciação científica.

HA: É nacional.

HA: É nacional?

DA: Não, é só daqui.

CA: De iniciação científica, eu acho que é anual.

DA: Bom, uma vez por ano, acontece o ENAIC, esse encontro de iniciação científica. O EN se refere ao encontro.

CA: Isso.

DA: E o A é de anual.

Entrevistadora: *E é misturado todos os cursos?*

DA: Todos os cursos.

CA: E assim, o pessoal apresenta o TCC, extensão universitária, de projetos de voluntariados.

DA: Tudo que for assim, apresentação de projetos científicos.

KA: Voluntariado é muito forte. Tanto nacional, quanto internacional.

CA: Nossa, o voluntariado é muito forte aqui.

HA: Tem um departamento que chama pastoral universitária, é uma extensão da igreja em junção do corpo universitário também e eles fazem projetos e campanhas diretamente para os alunos da universidade, eles têm um departamento de voluntariado que é muito forte, todo semestre tem ação nacional e também internacional.

KA: Durante as férias.

HA: E uma outra coisa que reúne todos os cursos, são as semanas de oração, que são semestrais, durante uma semana vem uma pessoa para fazer um sermão, o culto geralmente demora uma hora de meia e todos os cursos são convidados e é um evento que vale horas complementares, todo mundo geralmente vai, participa.

DA: E o colégio para, então na hora da semana de oração, a biblioteca fecha, enfim, a central de estágio fecha, o prédio universitário fecha e você precisa ir para a igreja.

Entrevistadora: *Vocês fizeram voluntariado?*

Todas: Sim.

CA: Eu fui para o Espírito Santo em 2016 e nós fizemos feiras de saúde, palestras sobre temáticas que o pessoal queria saber mais, enfim, eram palestras bastante específicas e ajudando a comunidade no sentido de estar distribuindo cestas-básicas, fazendo revitalização de praça, entregando sopa, brincando com as crianças na comunidade, a noite a gente ia lá super cansado na sexta-feira à noite, mas ia para lá brincar, proporcionava todo aquele momento, entregava cachorro-quente, foi muito bom, muito gostoso.

HA: Eu fiz voluntariado com você também, só que não foi no projeto do colégio, foi uma professora que falou.

DA: No hospital do Campo Limpo.

HA: Tem voluntariado, aí nós fomos no hospital, eu fiquei na comunidade DA também, só que na brinquedoteca.

CA: Isso, eu fiquei um ano na brinquedoteca.

HA: Eu fiquei seis meses na maternidade.

KA: Teve vários alunos que foram.

DA: Eu fiquei oito meses.

CA: Foi muito bom.

DA: Sim, foi um aprendizado.

Entrevistadora: *A feira de saúde faz parte da pastoral e do voluntariado?*

DA: Não.

HA: O voluntariado faz parte da pastoral, a feira de saúde é...

DA: Do projeto de extensão universitária.

CA: É uma a mais de tudo que pode ser feito.

HA: É da coordenação de todos os cursos envolvidos.

Entrevistadora: *E vocês leram alguma coisa especificadamente ou foi mais na prática que vocês foram ter contato com a interdisciplinaridade?*

DA: A gente leu para caramba.

HA: Nós lemos muito.

KA: A gente leu muito, eu ia falar sobre isso e esqueci, a gente teve quando tempo com a professora Elisabete?

DA: Um ano.

KA: Um ano. Mas foi um ano intenso.

DA: Quando ela falava assim, vai ter um trabalhinho, pode saber...

KA: Era um trabalho enorme e científico.

DA: Exatamente.

HA: A Elisabete foi um ano intenso, antes da Elisabete a gente passava pelos conselhos multidisciplinar, de interdisciplinar.

DA: Ela chegou e fez a gente viver.

KA: A gente teve uma disciplina com o Alberto, professor Alberto...

CA: Psicologia da saúde.

KA: A gente viu um pouco sobre a questão.

CA: No quinto.

KA: No quinto?

CA: Psicologia da saúde.

KA: Psicologia da saúde. Então a gente entendeu alguns dispositivos de saúde.

DA: A gente teve início com a saúde pública.

KA: Isso.

DA: A história de saúde pública.

KA: A história do SUS, a questão da vacinação lá do Rio de Janeiro.

CA: Do Oswaldo Cruz.

KA: Oswaldo Cruz, depois cada um teve que escolher, foi uma instituição? Eu lembro que eu falei da Fundação Casa.

DA: É, isso mesmo.

KA: A gente teve que fazer uma pesquisa.

DA: E visitar também.

KA: Visitar claro, eu não consegui visitar, a gente não conseguiu essa abertura, mas a gente além de fazer a pesquisa, ele também fez como exigência, a gente visitar para conhecer essas outras instituições da saúde, que trabalha com a comunidade. Eu lembro que nessa época também, graças a esse trabalho eu consegui entender um pouco melhor também sobre essa questão do menor infrator, as maneiras de punição e tal, chegando então essa base, quando chegou a professora Elisabete. Então no oitavo e nono semestre, foi quando a gente começou ter mais diretamente o conhecimento ali, se aprofundar mesmo.

HA: Conhecimento prático.

KA: Prático.

CA: Da saúde como um todo, não só Psicologia dentro da saúde.

KA: Isso, sobre as OS's de saúde, o SUS.

DA: A gente aprendeu de fato o que era a rede de serviços.

KA: As leis, as normativas.

DA: Da saúde mental.

KA: Da saúde pública, discutimos muito sobre saúde mental, a questão da loucura. Então a gente foi se aprofundando e os estágios eram voltados então pra... A gente criou um projeto de intervenção também, sei lá, eu estou indo lá no CAPS, o projeto poderia ter uma melhoria, a gente leu muito.

DA: E assim, a gente leu muito, porque fazia parte da proposta pedagógica dela, dessa professora específica. Então assim, toda semana a gente tinha que entregar uma resenha de um artigo. Então pelo menos ali, se for contar o ano inteiro, uns vinte, vinte e cinco artigos que a gente leu, só nela, para fazer resenha.

KA: Você tinha que ler, a aula dela era baseada nessas leituras. Então não era aquela aula que ela ficava rescrevendo coisinha na lousa, não, era uma aula totalmente dinâmica, ela andava pela sala inteira e a gente ia discutindo, um aluno participava, outro aqui, era uma discussão sobre o tema e nisso a gente foi aprendendo.

DA: E ela era exigente. Então por exemplo, ainda é, para fazer um projeto, pensa em todos os semestres que a gente teve com ela, das quatro matérias, a gente precisou fazer um projeto por exemplo, e para fazer o projeto, a gente precisava referenciar qualquer coisa.

KA: Não são quatro matérias, são duas matérias.

DA: Para cada semestre, a gente precisava referenciar para fazer isso. Então a gente tinha que buscar e isso meio que obrigou a gente a ler e não só com ela, a Maria Camila também, porque a gente teve uma professora que dava orientação de estágio.

KA: Como o nosso estágio era CAP'S e UBS.

DA: Isso, a gente teve que fazer praticamente dois projetos também que não foram de intervenção, mas foi focando no quê que aprendemos no CAP'S e tudo mais, só que para gente poder fazer isso, a gente também teve que referenciar toda história, surgimento, funcionamento do servido e da experiência que a gente escolheu contar.

KA: Fazer as diárias de campo também.

CA: É mesmo, os diários.

Entrevistadora: *Aproveitando essa deixa que vocês estão falando da saúde pública. Que mais de políticas públicas vocês viram?*

CA: Cartilhas, muitas cartilhas.

DA: Todas as cartilhas.

Entrevistadora: *Quais cartilhas? De que?*

DA: De saúde, da Psicologia. Não todas da saúde, mas de Psicologia e preconceito racial, da Psicologia do esporte, da Psicologia da educação, a cartilha sobre o IES A, a cartilha sobre o SUS.

HA: A gente teve seminários de cada um desses.

DA: Então, essa que foi essa mesma professora, teve alguns professores que marcaram, ela formou a sala em oito grupos e cada grupo era responsável por apresentar um seminário por cartilha.

HA: O meu foi do ECA, era dessa largura.

DA: Então, o meu foi do IES A, o seu foi do que?

KA: O meu foi de psicodrama.

HA: Uns cadernos da saúde.

CA: Era uma cartilha.

Entrevistadora: *Mas essas cartilhas?*

DA: São as cartilhas do CRP.

Entrevistadora: *Cartilhas do CRP?*

DA: É.

HA: Os cadernos.

Entrevistadora: *E os cadernos do CREPOP?*

Maioria: Isso.

CA: Exatamente.

DA: Os do CREPOP a gente usou nos estágios.

KA: Com a professora Clécia.

CA: Nossa, é mesmo.

DA: Então é isso, eu acho que foi no projeto pedagógico dos professores em si, não só da professora Elisabete, mas de todos os outros também, que a gente precisava fazer para conseguir fazer os trabalhos para conseguir. Então assim, como se diz.

CA: Além de ler antes para conhecer.

DA: Isso.

CA: Para conhecer o campo que a gente ia estagiar, precisava ler mais ainda de novo, para fazer um trabalho, um relatório, essas coisas.

DA: Mesmo para quem não tinha interesse ou para quem não goste por exemplo da área da saúde pública ou dessa área, era uma coisa que para eu fazer esse trabalho, preciso ler para referenciar. Então é assim, é meio que obrigação.

KA: E foi assim, esse preparatório que a gente teve, foi muito importante, porque por exemplo, a prova do Enade, a gente vê que a Psicologia está tendo uma tendência pro social, voltada para saúde pública mesmo, saúde coletiva e no Enade não teve análise de um caso clínico, todos os casos eram, faça um projeto de intervenção para o morador de rua, faça um projeto de intervenção para um usuário de drogas, questões políticas, questões sociais, sabe? Então se a gente não tivesse tido essas aulas, iria ser muito difícil de fazer essa prova, por isso eu disse quando ela mencionou da prova do Enade, que foi fácil, não estavam questões difíceis, porque não era nada assim que estava fugindo do que a gente já tinha discutido muito, lido muito, entendeu? Praticado também.

Entrevistadora: *E nos estágios, bem fortemente estão me falando e tiveram disciplinas também?*

Todas: Sim.

KA: Isso, também.

DA: Era sempre assim, por exemplo, no nono semestre a gente foi para o CAP'S e USB, tinha disciplina de estágio só para isso, mas tinha a disciplina de Psicologia da saúde e da comunidade e intervenções em saúde. Então cada matéria se comunicava.

KA: Isso, e no outro semestre era promoção na saúde o nome da disciplina.

DA: Era promoção da saúde e intervenção em saúde I.

KA: E no outro, quais são as disciplinas?

DA: É a que eu falei, Psicologia da saúde e da comunidade e intervenção.

KA: Que é a saúde II, que é no nono.

DA: Isso.

Entrevistadora: *Além disso, a professora Elisabete fez uma disciplina para pegar todas as cartilhas, é isso?*

DA: Foi nas disciplinas de intervenções que ela usa as cartilhas.

CA: Que os métodos de avaliação dela era apresentar as cartilhas, montar seminários e a gente discutia.

KA: A gente fazia muita discussão de roda também. Trazendo situações e na hora a gente tinha que discutir para montar um projeto.

CA: E assim, a gente não só ia lá na frente e apresentava, a gente tinha que discutir, abrir para turma para gente fazer a troca, a Elisabete gosta muito da troca e ela tirou foto do meu seminário e só foi um negócio apresentado.

KA: É então, eu também.

CA: Mas porque ela da gente discutir, da gente estar conversando sobre.

DA: É que os seminários dela não são aqueles seminários de uma aula de uma hora e pronto, ela tinha duas horas de aula. Então a gente tinha duas para apresentar, tudo bem que a cartilha tinha cento e vinte páginas, tinha assunto para falar um dia, mas não dá para você chegar lá na frente e ficar lendo.

KA: E o intuito é trazer a prática dessa teoria também.

HA: Foi muito bom.

KA: Resumindo, eles são muito exigentes e isso é maravilhoso para gente.

HA: Com certeza.

Entrevistadora: *E no estágio vocês estavam lá presenciando?*

KA: Isso.

DA: A gente estava fazendo no caso, nesse ano, porque tipo no CAP'S, a gente participava das dinâmicas, na UBS, eu não sei em todas, mas, por exemplo, no nosso caso, o psicólogo dava liberdade para gente poder conduzir o grupo, trazer as coisas, conversar.

KA: A gente acompanhou as visitas, a gente participou de matriciamento do grupo IES A com a equipe ESF, a gente participou das visitas domiciliares, a gente dirigiu grupos coletivos, trabalhamos vários temas nesses grupos coletivos, não só quando a gente dirigia, mas quando participava também. Enfim, foi bem envolvente isso na USB, no CAP'S na mesma forma, a gente teve momentos coletivos, mas a gente também participou do acolhimento, que é quando o paciente chega até a unidade, a gente ajudou a acolher esse paciente.

CA: Muitas vezes não é como psicólogo, é como outro profissional.

KA: Isso, é a questão da interdisciplinaridade, nós na área de Psicologia estamos ali por exemplo com o intuito de enfermeiro responsável, fazendo o acolhimento, entendendo aquele caso e muitas vezes ele até questionava para gente também dar uma visão da Psicologia para aquele caso.

HA: Então a professora Elisabete dava a teoria, a gente ia para prática e trazia as dúvidas e angústias para a orientação de estágio, que a Maria Julia ia dar o suporte.

CA: É, exatamente.

DA: Então não tinha como as matérias não conversarem.

CA: Tipo assim, por exemplo, nesse caso, quando foi realizado o atendimento de uma adolescente e estava a psicóloga, nutrição e eu e as duas conversam e por mais que a nutricionista comentasse com a psicólogo e vise e versa, não era uma invasão no campo da outra, de estar às vezes até falando aqui que não se deve, sei lá, é um compartilhamento mesmo, a nutricionista falando coisas de Psicologia, mas sem invadir a psicóloga, bem legal.

***Entrevistadora:** Vocês já falaram isso um pouquinho, mas só para reforçar. E como são construídas as demandas no campo de estágio? A professora já vem com o projeto? Vocês vão lá construir junto? A comunidade tem alguma voz nisso? Como é construído?*

HA: A gente faz e fez o estágio o CAP'S e na UBS e a professora vem e fala, enquanto a gente está fazendo o estágio, que seria a parte prática, a matéria que a gente tem paralela a essa, a gente vai construindo um projeto de intervenção de acordo com as demandas e necessidade que nós percebemos no lugar, conversando com a teoria, embasando tudo.

CA: A gente vai pensando e sente o que a gente pode fazer lá, não que você vai fazer isso e isso, tal dia. Chegando lá no campo, que a gente vê o que dá para fazer.

KA: Se a gente chegar com o negócio pronto lá e você chega e não é nada daquilo que você preparou. Então a gente dançava conforme a música então, a necessidade no CAP'S que eu estava atendendo, é o CAP'S adulto. Então eu tinha muitos pacientes esquizofrênicos ali. Então não adianta eu chegar lá com tudo preparado para usuário de drogas.

DA: Ou então fazer oficinas, por exemplo, tipo explicativas ou em formato de palestras, não dá, a gente tem que trabalhar no concreto.

CA: A gente tinha no imaginário o que poderia ser feito, mas não era assim taxativo.

HA: Se a gente tivesse mais um semestre com esse tipo de estágio, de repente o nosso semestre de observação, participação, intervenção, elaborando projeto, talvez nesse semestre seguinte, a gente executasse o nosso próprio projeto de intervenção mesmo.

CA: É verdade.

DA: E mesmo antes de ser estágios em instituições da saúde e tudo, quando a gente poderia escolher qual instituição que a gente quisesse, tipo do oitavo semestre para trás assim, sempre eles davam a liberdade para gente criar um projeto.

KA: De acordo com as necessidades daquela instituição.

DA: Isso, mas a gente sempre teve muita liberdade por exemplo, se eu quero visitar uma instituição que cuida de crianças com câncer, bom, é o assunto que eu gosto. Então eu vou elaborar o projeto de acordo com o que eu tenho interesse e com que eles precisam, daí o professor orientava, eles nunca chegavam com uma coisa pronta, geralmente a gente montava, era sempre muito direcionado pelo professor.

CA: A gente teve autonomia.

HA: Falando por mim e pela CA. Quando a gente passou pela casa de apoio para as mães e crianças com câncer, a gente tinha os dois primeiros encontros, a gente foi, se apresentou no intuito de fazer roda de

conversas sobre a situação deles, a saudade de estar longe de casa e depois da segunda a gente descobriu que eles não querem isso, eles querem brincadeiras para entreter as crianças, quer filme, quer não sei o que e a gente começou a fazer o que eles queriam.

CA: A gente queria fazer grupo terapêutico para falar, para elas falarem, sabe? E não era isso.

HA: Pra falar e não é, nem as mães queriam falar aquilo, elas queriam falar do namorado, da filha que estava com a saia nova e não sei o que. A gente se adequo a necessidade ali e o estágio foi maravilhoso quando a gente fez essa adequação.

CA: Claro, que um sofrimento ou outro se apresenta, a gente tentava planejar, acolhia, mas não era esse o foco.

HA: Sim, a gente acolhia, mas não era o foco delas, a gente perguntou o quê que vocês querer? Vocês querem falar? Não, a gente quer brincar, a gente que vocês venham e tragam dinâmica, tragam as coisas.

KA: Doenças eles já pensam todo dia e toda hora.

CA: Então a necessidade e a rotina intensa de consultas, e medicamentos, não estar em casa, longe da família. Então, vamos aproveitar esse tempo? Sair do ócio, dessa rotina maçante.

Entrevistadora: *Então, vocês já tiveram que reinventar a prática? A necessidade, estava escrito que era isso, mas chegou e...*

DA: Várias vezes.

HA: O CAP'S que a gente fez, não tinha, estava muito longe do que era para ser.

KA: É, chegamos lá, a pessoa que iria fazer a atividade acabou não fazendo e a gente criou lá e foi um encontro maravilhoso assim, lembra?

HA: Foi sim.

KA: A gente colocou música e nós ali no meio dançando junto com os pacientes ali, que tem esquizofrenia, mas não tinha diferença, entendeu? Parecia que eles não tinham problema nenhum e eles sorriam, eles brincavam, eles dançavam e foi um momento muito descontraído e isso teve que surgir ali na hora, entendeu?

HA: O contexto era assim, a gente tinha quatro encontros no CAP'S, a gente foi no primeiro, foi no segundo e o CAP'S entrou em greve e ficou um período em greve, nesses dois primeiros encontros não tinha terapeuta, assim, não tem a bastante tempo, não tinha terapeuta ocupacional, o psiquiatra ia quando podia, não era fixo também lá, estava de férias a pessoa responsável pelo os momentos de entretenimento. Então eles comiam e basicamente passavam a tarde inteira fumando e dormindo. Então depois que voltaram da greve e como houve um período que ia entrar na fase de transição para terceirizar, eles deram abertura para gente e isso já foi na terá final do estágio, a gente elaborou esse momento em grupo com música, com brincadeira, com feijãozinho, com um monte de coisas e foi assim espetacular a participação deles e o feedback que a gente teve disso.

KA: Eu tenho guardado os desenhos, mas nossa, artista sim, me desenhando assim na hora.

HA: É, mas a realidade que a gente encontrou lá, é muito distante que a gente cria na teoria, que deveria estar acontecendo lá no CAP'S, a assistência.

KA: Sim, infelizmente.

DA: Mas antes disso mesmo, eu acho que a gente sempre teve que se virar no trinta em algum estágio assim, em alguma situação, nos estágios de escola que a gente fazia antes disso, já intervindo já, não só observação mais, era toda semana. Então a gente preparava. Então para tal dia da semana que vem, vamos fazer isso e isso. Posso falar que o meu estágio em um dos semestres não foi com as crianças, foi com um grupo das mães das crianças que a escola não estava conseguindo mais lidar, não sabe o que fazer, o quê que a gente fez? Chamou as mães dessas crianças e as mães de outras crianças, para não parecer que é só a pior parte da escola, como se diz eles e a gente foi fazendo um trabalho com esses pais, para ver o que conseguiria mudar na realidade das crianças, tentar entender um pouquinho do antes da escola e então, às vezes a gente tinha uma programação para aquele dia e chegava lá, vinha metade dos pais ou vinha o dobro dos pais ou então as pessoas que combinaram de estar na semana passado não vinham, vinham outros e isso já mudava a dinâmica do que a gente iria trabalhar, porque se a gente está em um continuação e vem pais diferentes. Então a gente já tem que mudar, se eles precisam sair antes do horário. Então assim, sempre acontecia alguma coisa que a gente tinha que ter um plano B ou C ou às vezes reinventar.

CA: Mas mais especificamente nos projetos de intervenção, a gente ia com umas duas ou três ideias de dinâmica, sabe? para tentar evitar o inesperado.

HA: Mas às vezes a primeira rendia, e às vezes as três não davam conta, porque eles queriam outra coisa ou mais.

CA: Mas, é tentar evitar esse tipo de coisa.

DA: Eu acho que a essência do trabalho mesmo é a criatividade, porque não dá, a gente pode ter o plano do alfabeto inteiro, como se diz, sempre você vai se deparar com situações que você vai precisar pensar na hora ali e tem que saber lidar com o inesperado mesmo, porque é isso, o ser humano não é esperado.

***Entrevistadora:** E das leituras que vocês fizeram, pensando na teoria mesmo, foram mais de autores estrangeiros, de outros daqui? Teve alguma leitura que ajudou muito para vocês conseguirem estar atuando no estágio? Alguma que vocês leram e estudaram e falaram, nossa, esse autor está viajando, está muito longe da nossa realidade.*

CA: Benevides.

DA: Menário, Franco Basaglia, Paulo Amaranto. Eu acho que foi mesclado, teve tanto internacionais, quanto brasileiros.

CA: Ficou Benevides, Cerésnia.

DA: Isso, Aminaio.

CA: O Amaral.

DA: Amarante.

CA: Nossa, eu li tanto.

DA: Paulo Amarante é um lindo.

HA: A Graela.

DA: É, a gente leu coisa da nossa própria professora.

CA: A professora na aula, por mais que a gente não tivesse tempo de pesquisar artigos para estar lendo sobre todos os autores que ela falava, mas ela sempre trazia muitos autores.

HA: Eu não consigo falar se a maioria é internacional ou brasileiro.

DA: Tem um Marco Akerman, que escreve bastante coisas também.

HA: Mas o que mais me chamava atenção, não era nem a nacionalidade do autor, mas o ano. A professora chega na sala de aula, com artigos de um mês atrás, do mesmo ano e ficava louca da vida com a frequência que ela chegava com coisa atualizada, 2017, 2016, 2018.

CA: A professora Sueli também foi assim.

KA: Tem vários professores que não se prendem a bibliografia básica da metodologia que eles precisam apresentar, mas eles sempre indicam, enfim, buscar nossos autores.

HA: Livros que ela comprava para ela e ela abria na sala de aula e falava, olha aqui, olha isso acabou de sair, isso está aqui, folheia, o cheiro.

CA: Passava isso para os alunos, tirava foto, coloca o nome desses livros atuais, ela sempre, um trecho assim, tal palavra lembra ela do autor e assim, sempre falando de muitos autores para gente, muitos mesmos.

***Entrevistadora:** Mas teve algum teórico específico aí? Não precisa ser só no estágio, pode ser antes, em disciplinas que vocês leram, estudaram e na hora da prática, vocês falaram, nossa, está longe da realidade ou não? Estava tudo bem encaixadinho?*

HA: Não.

KA: O CAP'S é hiper mega longe, a área da saúde.

HA: Mas o que a gente encontro na prática lá, não era em congruência com a teoria em relação, era congruência da ação prática.

KA: Isso, do ideal que deveria acontecer. Não estava acontecendo o que estava proposto na teoria.

HA: Mas eu pelo menos não esbarrei em nada que fosse na prática.

CA: Em algo que estivesse totalmente fora.

KA: Não. Aliás, muitos textos, inclusive acho que é da Benevides, é a segunda resenha, terceira resenha que a gente leu da Elisabete.

HA: A terceira era da Benevides, foi a terceira.

KA: Então, muitos do que a gente lia do artigo, de experiências, de psicólogos também que já estavam atuando na área e eles colocavam as dificuldades que eles encontravam na UBS, no CAP'S e tal, e quando a gente foi ver realmente na prática, a gente viu...

HA: Foi ao contrário, o sétimo que foi do cabo de guerra, que a gente já estava na UBS e eu, no meu estágio de UBS, eu testemunhei uma discussão entre um médico e a psicóloga no matriciamento, assim, foi o contrário, que a gente lia nos artigos de resenha, você via na prática e eu pelo menos vi.

KA: Tanto pelo lado positivo, quanto negativo, eu acho que a gente via.

HA: Positivo e negativo, eu vi um momento assim de empurroterapia, de não ajudar, eu vi o choque, a disputa por poder entre coisas assim.

CA: Sendo que deveria ser interno.

HA: O oposto.

DA: E assim, super atualizados, porque quando a gente chegou nos congressos por exemplo, a gente foi no congresso de Franca, onde muito do que eles falaram, ainda não foi publicado por exemplo.

KA: E é um congresso internacional da produção da saúde, que não é da Psicologia.

DA: Não é da Psicologia, é da saúde e assim, bateu. O que eles escreveram aqui, que a gente escreveu na resenha, está super conectado com que eles estão descobrindo agora, que ainda não foi publicado, que é novidade.

HA: A gente viu quem é a Marcia Westphal, falando sobre a mobilidade urbana e abre no Enade e está lá, justamente o que ela falou, não tem a referência, mas tudo o que ela falou está naquela questão de mobilidade urbana.

DA: Nossa, aquele congresso de Franca foi todo para prova.

***Entrevistadora:** E vocês debateram em algum momento do curso a questão da Psicologia latino-americana?*

HA: Sim, muito, nossa, a gente teve, a gente viu com a Elisabete no último semestre um artigo específico falando sobre a Psicologia na América Latina, com seus diferenciais pela formação histórica da américa latina, a formação histórica dos países latinos americanos influenciam diretamente nas políticas públicas que esses países têm hoje voltadas a Psicologia e saúde.

DA: Tanto é, que, por exemplo, um dos autores que escrevem muito e que contribuiu muito na reforma psiquiátrica, foi o Paulo Amarante e ele se baseou no Franco Basaglia que é lá da Itália, Argentina, eu acho que é da Itália.

HA: Tem o Basaglia, e o Basaglia é italiano.

DA: Italiano, exatamente. É da Itália e foi lá que começou toda essa ideia de não manicômio, de que não desinstitucionalização e tudo mais e que trouxe para cá. Então a influência que esses outros países trouxeram para forma como a Psicologia vem atuando aqui, a gente estuda bastante isso.

HA: Qual foi aquele termo da Psicologia que aplicasse especificamente na América latina? Não é Psicologia social, é Psicologia, lembra que teve, tem esse termo, daqui pro final eu vou lembrar.

***Entrevistadora:** Tem alguns que eu poderia chutar, mas eu não vou dar a resposta.*

DA: Poxa vida.

HA: Qual que é?

***Entrevistadora:** Você está falando dessa professora que trouxe essa discussão específica do texto.*

HA: No texto tinha um termo que se aplicava especificamente no movimento da Psicologia voltada a políticas públicas na América Latina por essa peculiaridade e formação histórica dos países e eu não consigo lembrar.

KA: Mas foi uma discussão breve.

Entrevistadora: *Pontual. Não é?*

KA: É, não foi aprofundada essa questão.

HA: É, eu vou ser suspeita porque eu gosto.

KA: É, mas então, pensando na faculdade.

HA: Não, eu acabo contaminando a resposta porque eu li por fora essa questão, por isso eu esbarrei no termo, eu gosto dessa questão histórica social e eu acho que eu li, eu esbarrei. O professor talvez tenha abordado umas duas vezes, eu que esbarrei em mais coisas por fora.

DA: É, eu vi isso no congresso de Brasília e na monitoria.

Entrevistadora: *Que monitoria?*

DA: É que eu sou monitora esse semestre, dessa professora Elisabete e das disciplinas que ela dá para o oitavo semestre.

KA: Em sala de aula eu não me recordo.

DA: Ela trouxe.

KA: Mas foi pontual.

HA: Eu acho que foi umas duas vezes, pelo menos umas duas vezes.

Entrevistadora: *Mas não é que isso é discutido por esse professor?*

DA: Não, isso não é, essa professora trouxe dentro da disciplina dela, mas como novidade também, não é como se fosse parte da grade curricular, mas ela trouxe. Então quem quisesse aproveitar, era só ter ido na aula.

Entrevistadora: *Final de semestre fica mais difícil.*

DA: É.

CA: É como!

DA: Mas na aula dela quase ninguém faltava, era muito divertido, apesar dos trabalhos dela ser bem difíceis, as aulas dela eram muito legais.

CA: Os alunos iam em peso.

DA: É.

HA: Descomplicava os textos.

DA: Sim.

Entrevistadora: *Não, eu vou fazer mais uma pergunta. Não é que você contamina, que faz parte também como uma possibilidade do grupo e da formação.*

HA: É porque eu acho que eu li bastante coisa disso, que na hora que vem, não, eu vi muito isso, eu vi muito, mas não foi, realmente não foi na sala de aula.

KA: Tanto é, quando a senhora perguntou, foi meio um silêncio aqui, eu não me recordo dessa profundação toda.

CA: Eu também.

HA: Cara, eu estou tentado lembrar o tema.

Entrevistadora: *Mas vocês três então, vocês entendem ou saber o porquê da relevância de uma Psicologia latino americana ou algo nesse sentido ou nem tanto?*

KA: Eu falando por mim não.

CA: Sinceramente não.

KA: Não.

DA: Eu tenho uma breve teoria, mas eu não acho que dá para colocar os créditos todos na universidade, por conta dos congressos e tudo, que foi por conta do projeto de pesquisa, mas enfim. Eu vejo como uma

forma de não ficar alienado e também, mais do que isso, de compartilhar propostas assim, porque a gente fala sobre intersetorialidade de trabalhar junto e eu não vejo como se ter que trabalhar junto apenas aqui no meu bairro, dividir com o meu vizinho e por que não outros países? E assim, eu sou apaixonada pela história da reforma psiquiátrica e a luta antimanicomial.

KA: Deixa eu só anotar, é a Psicologia o que?

Entrevistadora: *Latino Americana.*

DA: Então isso é a minha paixão, os livros que eu compro sobre isso, é um assunto que me interessa bastante e para mim, isso pode ser um exemplo para todas as áreas e não só na Psicologia social, para todas as áreas da Psicologia, a gente ganhou muito com as políticas públicas da Itália por exemplo, e isso foi o que abriu, despertou os profissionais aqui na época, não existia aqui, o que existia aqui não estava legal. Então lá fora tem uma coisa acontecendo que pode ser boa pro nosso país, espera aí. Então vamos lá, eu vou buscar, eu acho que é isso que faz com que a gente desenvolva, porque na Psicologia a gente tem muita frase clichê, que é uma verdade de que a gente aprende com uma relação com o outro. Então a gente só se desenvolve na relação com o outro e isso não tem que ser no nível pessoal, um país se desenvolve nas relações com o outro. Então a Psicologia no meu ver, ela além de não ficar alienada, só tem a ganhar, pelo menos compartilhando do saber, do que acontece em outros lugares, porque é um jeito de expandir as possibilidades e você se adapta ao território, cada local com as suas especificidades, mas assim, a gente tem que puxar de fora, do mesmo jeito que, sim a gente poderia ter coisas muito legais para compartilhar com outros campos que vem acontecendo aqui, porque apesar de a gente precisar muito melhorar nas políticas públicas, não dá para gente negar que não tem coisas boas acontecendo. Então do mesmo jeito que a gente tem como compartilhar, eu acho que a gente tem muito ainda do que pegar principalmente dos países que são melhores desenvolvidos do que a gente e do nosso também.

Entrevistadora: *E das coisas que você viu, HA?*

HA: Eu estou aqui matutando, porque... Não, não tem um termo assim, por exemplo, Psicologia social política, Psicologia política.

Entrevistadora: *Sócio histórica?*

KA: Sócio-política?

HA: Não, eu acho que vai mais para Psicologia política.

Entrevistadora: *Tem uma teoria da Psicologia política.*

HA: Porque era justamente essa questão do diferencial na formação histórica, só que nas bases da história política desses países é em comparação com países europeus e norte americanas.

DA: A gente leu uma coisinha nas resenhas, era Psicologia social e alguma coisa.

HA: Eu acho que era Psicologia política e como eu sou alucinada com história, por isso eu fui buscar, querer entender isso tudo, mas é nesse caminho, nessa associação.

Entrevistadora: *Legal.*

HA: O que a gente viu muito no congresso foi agenda de 2030, quando você falou de coisas que estavam acontecendo lá e acontecer, eu lembro disso. Que tem propostas muito legais para a Psicologia no âmbito da saúde coletiva, não só Psicologia, mas na saúde coletiva.

DA: Por completo.

HA: Na promoção da saúde.

DA: A Psicologia só tem a ganhar.

Entrevistadora: *E como vocês relacionam o estágio de vocês e o curso de maneira geral com os direitos humanos?*

KA: É, isso é uma coisa.

DA: A gente não teve muitas aulas sobre direitos humanos, não que eu lembre pelo menos, aulas explicando, mostrando, falando quais são.

HA: É verdade.

KA: Eu me recordo na aula da Cideli, que a gente discutiu algumas coisas sobre ética, como lidar com o outro, que envolve essa questão dos direitos e um pouco na aula da Tércia.

HA: É também.

DA: Tudo que a gente viu dos direitos humanos foi dentro da ética pro trabalho de Psicologia.

HA: É.

DA: E na aula do Zulu, lembra que a gente teve até o debate do aborto lá.

HA: Isso, nós tivemos o debate.

KA: Que o nome da disciplina era?

HA: Ética cristã, quando a gente fez o debate, não ficou no cunho cristão, a gente foi no debate ético da situação do...

KA: Política.

HA: Barriga de aluguel e político que envolveu um caso real norte americano e foi muito bom, que quando você pergunta, não vem com a muita força à mente ao longo dos cinco anos.

Entrevistadora: *E se pensar em defesa dos direitos humanos pela Psicologia?*

DA: Então, isso é uma coisa que a gente deveria saber, não sabemos, deveria saber discorrer sobre, porque é muito importante e porque é meio que dever de todo cidadão, porém, eu não tenho como falar enquanto curso sobre isso.

Entrevistadora: *Mas da experiência de vocês? Vocês se confrontaram esse tema? Na supervisão de estágio, no estágio, na disciplina de ética cristã, vocês falaram que teve pouco?*

DA: É que todas às vezes que a gente precisou recorrer aos direitos que a gente tem, por exemplo, como humano, como cidadão foi para justificar alguma coisa, por exemplo, algum projeto ou alguma causa que a gente estava defendendo, mas a gente não parou para ler por exemplo todos os direitos humanos. Então a gente pegou alguma coisa ali e outra aqui, para conseguir provar um ponto de vista. Então nesse debate do aborto, por exemplo, a gente usou alguns artigos para justificar por exemplo, porque ela não tinha que ficar com a criança ou tinha que ficar com a criança.

HA: Sabe onde a gente viu um pouquinho mais? Na matéria de Psicologia Florence, quando a Sueli falava sobre discussão, sobre a maioridade penal, a gente abordou algumas vezes os direitos humanos, mas nesse enfoque, da discussão sobre...

CA: Foi uma pincelada.

Entrevistadora: *Fica mais fácil para vocês se ao invés de eu falar direitos humanos eu falar direitos sociais? Facilita ou não?*

CA: Não. Pra mim não, eu acho.

HA: Repete a pergunta desse cunho de direitos humanos assim, é que você...

Entrevistadora: *Se eu falar direitos sociais?*

CA: Pensando bem, acho que sim.

KA: Ao atender o paciente, seja aqui na clínica ou lá nos estágios, toda nossa postura ética, querendo ou não acaba em cima dos direitos deles. Então por exemplo, eu tenho que dar o meu melhor atendimento ao meu paciente, porque é um direito dele a este serviço e receber o melhor tratamento acima de tudo, ele é um ser humano e eu sou uma ser humana, eu tenho que trata-lo com respeito ali nas suas demandas, por mais que aquilo não faça sentido para mim, mas para ele faz, sem contar o olhar humanizado.

DA: Sem contar que o CFP, na verdade...

KA: Está sempre embasado, está sempre...

CA: Uma pessoa tem que ter, é direito dela ter acesso a saúde, a educação, a cultura com um todo.

KA: As próprias discussões de aula onde a gente coloca diante do estágio, trazer as nossas angustias, nossa, no CAP'S não está funcionando nada do que deveria, do que está nas normativas, você quando traz essa discussão, você está pensando quanto esses pacientes não estão devidamente sendo tratados, entendeu? E quanto está ferindo o direito deles a saúde. Então querendo ou não, essa discussão de discurso, de direitos

humanos, ele pode não esse termo direitos humanos, mas ela sempre está embasada em todas as aulas, em todas discussões, entendeu? Eu vejo dessa forma.

HA: Olha, nunca vieram e falaram, vamos falar de direitos humanos.

KA: Mas o que eu lembro é, na aula da Suzani, da Ciderli, que ela trouxe até uma situação para gente, quando a gente estava falando sobre que tem lá os quatros estágios, que a última é a moralidade? Lembra?

HA: Do Kohl Berg.

KA: Isso, do Kohl Berg, quando estava trazendo aqueles estágios lá do Kohl Berg e ela fala que dificilmente uma pessoas consegue chegar no último estágio, porque, ela trouxe até uma situação, se você está dentro de um barco, nessa aula da Ciderli, além da Ciderli, teve a aula da Tércia, que ela trouxe diversas situações de lemas éticos, que é aonde você teria que pensar nos direitos, até que ponto eu estou dentro de um barco, não tem comida e eu vou matar alguém que está ali, para gente comer? Está envolvendo.

HA: A matéria era ética profissional.

KA: Está envolvendo, entendeu? Está envolvendo os direitos humanos, porque para eu sobreviver naquele barco ali, eu não posso interferir no direito daquela outra pessoa.

CA: No direito da vida daquela pessoa.

HA: Tudo na barca, não, a gente só nunca teve assim diretamente a coisa do, vamos falar, tudo barca.

KA: Mas é isso que eu estou falando.

DA: Na verdade não tem muito para onde fugir, porque se for nessa linha de raciocínio, o CFP, toda a regulamentação do CFP é em cima dos direitos humanos.

HA: Então.

DA: Ou deveria ser.

HA: Agora eu vou colocar a minha angústia para fora.

DA: Tecnicamente, toda regulamentação do CFP, teoricamente, tecnicamente, oficialmente é em cima dos direitos humanos, se...

HA: É questionável a forma prática.

DA: Exatamente.

HA: Como o CFP tem, como o conselho tanto regional, quanto federal tem se proposto a defender esses direitos humanos é só isso.

DA: É.

Entrevistadora: *Mais do que HA?*

KA: A prática está um pouquinho diferente.

HA: Eu sou muito ligada em questões políticas, eu acho que o nosso país entrou em uma nova fase de contesto político de 2013 para cá e isso se tornou muito habitual discutir política, falar sobre políticas se tornou mais usual nos nossos meios sociais e é o que a DA falou, na teoria é obrigação da Psicologia, dos conselhos defender os direitos humanos, se opor a qualquer forma de opressão dos direitos humanos e agora partindo para o cunho político, depois da candidatura do Bolsonaro para cá, eu estou assim tendo sérias decepções, o congresso que aconteceu agora, ciência e profissão, eu não sei se você foi, eu fui alguns dias, poucos dias, enfim, ou era o congresso ou era relatório final e eu não me formava, no sábado eu fui para apresentar o banner lá, que seria o nosso, do meu TCC, eu adorei a proposta de luta contra o discurso de ódio, que eu encontrei no congresso, tanto nos banners, tanto na programação, adorei, o que me incomodou e no congresso eu tive a experiência que veio respaldar o que eu vinha encontrando muito pouco em redes sociais, eu não tenho redes sociais, mas o que eu encontrava esbarrava um pouco aqui e ali e inclusive teve discussões em sala de aula, foi o seguinte, um momento cultural promovido pelo CFP, era do Islã, que foi no sábado e os meninos falaram as poesias e tal e não sei o que, dentre das poesias tinham abordagens em relação à política e críticas, que até aí tudo bem, eles tem direito de fazer poesias, eu tenho direito de falar e criticar abertamente o que eu quiser, mas eu acho um pouco descabido o CFP promover um momento cultural onde a poesia ou qualquer coisa que está ali contra o discurso de ódio, finalize com um grito de eu odeio Bolsonaro, e aquilo assim me incomodou.

KA: Partidarismo, não pode ter.

HA: Me incomodou terrivelmente, justamente porque a professora Elisabete veio falando com a gente o tempo inteiro nas aulas, o quanto é importante o psicólogo militar, ela descontruiu, pelo menos eu tinha isso, a minha neutralidade política, ela veio dizendo para gente o quanto é importante participar de movimentos, militar politicamente, não partidariamente e quando eu esbarro nesse tipo de situação, que eu vinha vindo alguma notas, algumas questões do CFP e do CRP se envolvendo partidariamente em muitos momentos em uma situação em que o país está polarizado, me decepcionava e eu peguei isso e falei não, eu entendo a posição política dos psicólogos enquanto pessoa, mas oficializar isso, para mim não dá, não me representa, não me representou, não votei, mas eu respeito o fato dele ser presidente democraticamente eleito e eu não acho legal psicólogo, enquanto psicólogo, enquanto camisa de psicólogo, conselho de psicólogo citar nomes, dar nomes aos bois, se posicionar partidariamente, isso eu não gosto e eu acho a defesa em prol dos direitos humanos tem pecado no sentido de conselho nesse aspecto, vamos defender os direitos humanos porque tem alguém atacando os direitos humanos, ok, quer defender? Ótimo, está o banner da Psicologia, não é a favor disso e acabou, mas as frases de ofensa e opressão, não vai defender atacando, porque você cai no mesmo conceito da pessoa.

DA: É o mesmo lado da moeda.

HA: Você se coloca exatamente onde aquela pessoa está, de oprimir, de xingar, de ofender e é isso que me incomoda.

Entrevistadora: *Legal e você falou agora no final da questão do processo democrático. Durante a formação vocês trabalharam um pouco isso? É importância de instituições democráticas ou a democracia como uma parte para subjetividade ou para o sofrimento psíquico?*

DA: Um pouco.

KA: A gente trabalhou no sentido de tornar a comunidade participativa.

HA: Nesse sentido sim, verdade.

KA: Em todos os projetos de intervenção mesmo, a gente buscava pensar em hipóteses assim, que eu pudesse trazer melhorias ali para instituição, mas visando os cuidados, o tratamento, a forma como a comunidade poderia ser inserida ali, mas deixando ele atuando também, entendeu? Então ouvindo, dando espaço para que ele falasse das suas necessidades, as suas dificuldades. Essa parte democrática, ela discutiu bastante assim, o meu seminário falou sobre isso, sobre a importância da democracia.

HA: Nessa questão comunitária de população enquanto meio sim.

KA: Lembra que foi o meu seminário lá da Elisabete, das cartilhas? Uma das partes a gente falou sobre, por exemplo, como o psicodrama pode ser efetivo para trazer essa participação social, que é um dos princípios da promoção da saúde e a gente viu isso nas aulas.

HA: Você não só pode ser ouvido enquanto cidadão, você pode fazer alguma coisa pela sua comunidade, pelo seu país, pelo seu lugar, você pode falar e você pode participar e isso é verdade, isso é indiscutível, a gente viu muito.

KA: Porque não tem como você trabalhar na comunidade se você não saber a demanda dele, para saber a demanda dele você tem que ouvir, você tem que entender, você tem que envolver.

HA: A discussão no sentido político democrático ela aconteceu fora da grade curricular obrigatória, ela aconteceu em momentos pontuais em sala de aula, com professores pontuais.

DA: O Alisson trazia isso às vezes.

HA: O Alberto faz muito isso, o Ader em pouco momentos também passou por isso, eu sei, porque quando o professor fala assim política, eu já começo a ferver, já começo a pular.

Entrevistadora: *Você falou dos conselhos de saúde?*

CA: Conselhos de saúde que a gente viu também na disciplina da Professora Elisabete, a gente não sabia.

DA: Não só pro outro, para gente também.

CA: A gente estava expressando não só uma ouvidoria, mas um conselho de saúde do qual os membros da comunidade podem participar ativamente. A gente não sabia.

KA: Pensando nas universidades de Psicologia que a grade sempre foi voltada para clínica e a gente sabe pelos artigos que a gente tem lido, o quem tem saído de publicação aqui, existem uma tendência de

mudanças dessa grade, até o CFP está mais para esse lado social, nos outros anos, nas outras graduações de alunos que já se formaram na universidade, eu não posso falar por eles, mas o que a gente sabe é, desde quando essa professora especificadamente, a professora Elisabete entrou na universidade aqui, mudou esse foco entendeu? Não é que não se trazia sobre a saúde pública, sempre trouxe, a professora Vivian...

CA: A professora Vivian trabalhou já em saúde públicas.

KA: Ela queria dar mais uma focada nisso, mas com a entrada da professora Elisabete, acho que devido também a essa mudança de grade que está tendo, até por conta disso teve que trazer uma professora mais especialista nesse assunto, porque ela tem muita experiência, ela trabalhou no....

HA: Ela ainda trabalha pela OMS.

KA: OMS, não é. Então a partir da entrada dela, o foco está sendo muito mais aprofundado, entendeu? Nessas questões sociais. Então eu vejo que a gente aprendeu essa questão de participação social na teoria, nos estágios a gente não teve essa oportunidade de trabalhar diretamente com a comunidade, porque na UBS a gente trabalhava ali com os pacientes, mas era algo ali. Então criar um projeto para gente, que a gente tivesse um maior tempo para trabalhar, a gente não fez, mas a gente teve uma boa base teórica a respeito disso.

CA: É mais surgindo ou não, a gente tinha contato com eles.

KA: Sim.

CA: Na UBS e no CAP'S, por mais que fosse fora do ambiente da CAP'S assim, local, mas estava ali dentro.

KA: Isso.

Entrevistadora: *Vocês conhecem o funcionamento do conselho? Do sistema conselhos regional e federal?*

HA: De Psicologia?

Entrevistadora: *Isso.*

HA: Muito pouco, eu pelo menos muito pouco.

CA: Pouco, a gente conhece pouco. A gente pensa que são leis.

Entrevistadora: *E como essas leis são construídas? Você sabe?*

CA: Não.

Entrevistadora: *Também não?*

CA: Não, a gente viu assim, processos de psicólogos em cima de psicólogos atuando erroneamente.

KA: Eu imagino.

DA: A gente aprende o que pode e não pode fazer.

CA: O que pode e não pode fazer no consultório assim, a prática psicológica, o que pode e o que não pode e como o conselho federal lida com isso no sentido de estar passando.

HA: O quanto a gente pode participar e atuar junto com os conselhos ou dentro dos conselhos, eu não sei.

KA: Eu acredito que deve ter várias assembleias que é discutido e surge essas leis que você falou, mas eu acho que essa abertura, assembleias abertas para comunidade, para os profissionais da área, eu acho que o CFP faz isso, ele promove isso.

CA: Mas eu nunca fui participar de uma assembleia.

HA: Eu já participei de congressos e rotas de discussões.

Entrevistadora: *Eventos pontuais.*

HA: É.

CA: E as cartilhas do CREPOP? O CRP apresentou a população indígena, cartilhas e cadernos atuar com a população indígena, para falar das questões raciais, participar o público LGBT, a gente vê que são feitas por representantes do CRP.

DA: Eles são muito abertos, só que gente tem que...

HA: Eu fui em um encontro do CRP, um na PUC e um na USP, foi muito bom o evento, foi de debate, teve discussão, mas eu não sei o quanto daquele debate, daquela discussão, entra no âmbito dos conselhos e é relevante para os conselhos, eu não sei o quanto aquilo sai da discussão, para prática se altera, se funciona, se muita alguma coisa, isso eu não sei.

CA: E aquele evento que teve que eu não vim, que veio um representando do CRP à noite, não foi no psiconet?

DA: Geralmente vem um representante do CRP aqui quando tem esses encontros.

CA: Não, foi cevada psicológica.

DA: Sim, quando tem essas programações, digo não só nos encontros.

CA: Mas falou sobre o que? Você estava? Eu não lembro, quer dizer, eu não estava.

Entrevistadora: *E os objetivos do CRP e do CFP são claros para vocês? Para quê que serve o CRP?*

HA: Para estar fiscalizando o nosso regulamento, regularizando e fiscalizando.

DA: Eu acho que é mais que fiscalizar, é resguardar a profissão, porque não só como uma medida punitiva ou para conter o que a gente pode ou não fazer, eu acho também que é onde a gente pode se amparar, a gente tem um conselho que de certa forma protege as nossas práticas, desde que sejam éticas.

KA: Isso, esse conhecimento foi passado para gente.

CA: Sim.

DA: E porque assim, tudo o que a gente aprende desde o primeiro dia de aula, até hoje, o quê que o CRP e o CFP pensam disso? Está baseado no seu conselho? E por quê? Então eu tenho muito claro isso de que não floreando agora, porque a gente sabe que tecnicamente deve ser uma coisa, na prática às vezes acontece outra, mas assim, a questão do conselho é o mesmo para resguardar a profissão.

HA: Não, eu estou com as minhas chateações com o conselho, mas ainda assim eu respeito muito o conselho e concordo com a DA, de resguardar e que são para eles que nós corremos em qualquer eventualidade, a gente espera deles seriedade.

DA: Se a gente está com dúvida em qualquer coisa, a gente vai lá e procura o que o CFP falou sobre aquilo, para saber como a gente está agindo. Então é um norte, para mim é um guia da profissão mesmo.

HA: Mas nós não adentramos diretamente a essa questão de funções e é a mesma história dos direitos humanos, nós não tivemos ao longo do curso, eu não tive, se eu faltei em qualquer momento, aquele instante que fala assim, gente, vem cá para gente entender para que serve? O que é? O que faz o CFP?

CA: Eu só tive o código de ética.

DA: O que a gente estudou foi o código de ética, o manual ali. Pronto.

Entrevistadora: *E as cartilhas e tal e as outras associações de maneira geral. Como a Psicologia se organiza? Vocês viram um pouco?*

DA: Sim.

HA: Com a Elisabete a gente viu bastante disso. A ABRASCO.

DA: A ABRASME.

HA: A gente vê as extensões dos próprios conselhos, são um pouco menores para áreas especificas, para coisas, enfim, a gente viu nesse seguimento de saúde pública.

KA: Nas aulas.

Entrevistadora: *E o quê que vocês acham que vão levar da formação de vocês para a atuação profissional?*

DA: Que pergunta difícil. Tudo isso que a gente falou serve para pôr na sacola?

Entrevistadora: *Eu deixei bastante tempo para essa pergunta.*

DA: O que a gente vai levar para nossa? Começa aí KA.

KA: Não, eu vou pensar.

Entrevistadora: *Então eu vou fazer uma pergunta mais simples, pode ser? Se vocês acham que o curso ofereceu para vocês uma postura crítica? Como? Por quê? Como isso constituiu?*

DA: Sim. Com certeza.

KA: Sim, eu acho que todos esses debates que a gente teve em sala de aula, todas essas leituras que a gente fez, participar de congresso, estar ali no estágio, no campo e você ver a realidade, de perto, você vê ali o paciente psicótico, você vê um paciente usuário, você vê toda teoria ali de perto, você está diante ali do problema, do transtorno, da dificuldade, tudo isso daí é a base para gente, por exemplo, eu não tenho medo de sair da universidade e ficar desempregada e eu não tenho medo também de estar em algum local que for trabalhar e estar perdida, eu posso não conhecer profundamente algum assunto, porque de fato a gente não para de estudar, mas eu acredito que toda discussão, toda essa experiência de prática e teoria que a gente teve, deu uma boa formação, bem sólida, bem consistente que pelo menos para mim, eu me sinto segura, porque eu seu que eu vou dar conta, que eu não vou chegar lá e ficar perdida, ser só um profissional, não, é algo que me ajudou, que vai me ajudar futuramente e as pessoas vão ver também, também tem muita característica pessoal também de cada um, porque às vezes a pessoa pega todo o conhecimento e também, sei lá, não luta também pelo seu próprio futuro, tem tudo isso também, mas a princípio eu não escolheria novamente essa faculdade, eu falo para a minha professora Elisabete que eu gosto muito dela, que eu tive a honra e o privilégio de ter tido aula, porque graças as aula dela, eu pude entender mais de saúde pública e isso fez uma diferença na minha vida e vai fazer lá na frente, a gente vai colher muito frutos lá na frente que tem a ver com o que a gente plantou aqui atrás.

CA: Quer falar? Pode falar.

DA: Eu acho que eu vou juntar um pouco das duas perguntas que você fez. Eu penso que fora o conhecimento teórico de técnicas, da abordagem, das intervenções dos serviços que existem, o que marcou a minha vida que eu acho que foi um diferencial e que me fez de fato, de me encontrar dentro do curso, foi conseguir perceber que de uma certa forma a Psicologia social envolve todas as áreas da Psicologia, porque não dá para você ir para a clínica, sem pensar que esse indivíduo mora em uma comunidade e ele não vai melhor atenção lá na escola que a professora está reclamando, se não tem o que comer dentro de casa por exemplo ou se ele mora em um bairro que é de vulnerabilidade e sofre violência. Então enfim, eu citei a clínica porque parece que é foco da Psicologia, eu acho que a Psicologia é bem mais do que só isso, só que assim, para mim foi isso, é entender de fato o que significa a Psicologia social, daí a saúde pública, a saúde coletiva, não só a saúde, mas na parte de Psicologia do esporte, em qualquer parte da Psicologia, parece que ela está fundamentada pela Psicologia social e isso para mim foi o que deu sentido, porque eu descobri o que eu gosto, eu descobri com o que eu quero trabalhar, enfim, o que eu vou ter daqui para frente. Então ter podido entrar em contato com a Psicologia social e com esses estágios que levam a gente ter o contato com o social, para mim é o que eu vou levar de mais importante, porque por exemplo, a gente fez estágio na UBS e no CAP'S, e eu sempre comento, na USB, acontecia tudo o que tinha para acontecer, aquela coisa linda, todos os grupos aconteciam, todo dia, tinham as reuniões de matriz, apesar dos desafios que existem, acontecia de fato, no CAP'S a gente foi lá, a gente não viu o que deveria estar acontecendo, acontecendo, mas o estágio que mais eu vou lembrar, que me marcou e que talvez me ajudou a descobrir o quê que eu quero trabalhar no futuro, foi no CAP'S, porque o contato social que eu tive no CAP'S, foi muito maior que o contato que eu tive na UBS, com tudo o que acontece, regularizadinho, certinho, bonitinho. Então eu penso que eu sou muito voltada pro social e que descobri isso por conta de todo esse histórico que a gente contou para vocês, acho que justamente por isso, se a gente aprende com outro, se a gente vive em comunidade, se todos os projetos que a gente tem que fazer, a gente tinha que considerar o que eles precisam, é isso.

KA: E é justamente essa visão que nos capacita a realmente fazer o princípio lá do SUS, você tratar o sujeito em sua integralidade, essa base foi muito importante para gente.

CA: Só repete a pergunta por favor, que ela fugiu da cabeça, eu sei a resposta, mas esqueci da pergunta.

***Entrevistadora:** Eu perguntei essa, o que você vai levar? E a outra é se você acha que o curso te proporcionou uma postura crítica? Por quê? Como?*

CA: Sim, mediante as discussões que a gente em sala, de estar apresentando as angustias, as limitações do campo, o que deveria estar acontecendo e não está e de como a gente se posicionar com isso, a forma de pensar, eu acho que a nossa base para ter essa postura, esse tipo de reflexão, foi muito boa, nos deu a base mesmo, claro que aperfeiçoamento sempre, especialização sempre, mas a base para gente estar saindo daqui refletindo e criticando aquilo que está em desacordo daquilo que deveria estar acontecendo, acho que a gente teve sim, com certeza.

***Entrevistadora:** Só se você quiser adicionar alguma coisa, está tudo bem.*

HA: Eu vou levar bem isso daí, essa postura crítica. As meninas enchem o saco às vezes de tanto que eu fico interrompendo aula para fazer pergunta e apontar.

KA: É nada, a gente gosta.

HA: Eu pelo menos assim, amo, amei todos os professores que peguei no curso e o professor especial para mim foi o Alberto, ele me marcou muito no início do curso, não só o Ader também, como ele. Eu acho que o principal que eu adquiri aqui, foi justamente essa postura crítica, eu não vou dizer que adquiri, mas que eu piorei a postura crítica que eu já tinha.

CA: Pode ser uma melhora, não tão pior.

DA: A Psicologia exige.

HA: Nossa, eu me considero terrivelmente crítica e a Psicologia só piorou isso ou aflorou isso ainda mais e eu vim ler alguns livros durante a formação, não só acadêmicos, mas livros que eu não tive a oportunidade de ler por conta de acesso de onde eu morava e junto com o Alberto, eu fica lendo os outros livros, eu acho que a lição assim, o que fez, o que mudou muito a minha vida, foi um pensamento que eu encontrei num livro, o livro mundo de Sofia e que eu levei para prática e assim, mudou a minha vida, eu sou uma HA antes e uma HA depois, não se pode aprender filosofia, se pode aprender pensar filosoficamente e esse meu pensar filosoficamente enquanto minha assinatura é esse olhar crítico e esse considerar mais amplo. Então com certeza é o que eu levo de mais rico da faculdade, do meu fim de graduação, é isso, é aprender olhar, não só com a postura crítica, mas com a postura ampla, tentando perceber que todos os envolvimentos e implicações daquilo que eu estou avaliando.

CA: Eu faço até mais uma observação assim, que eu brinco, nós quase psicólogos, estudantes e tal ainda, a gente é perseguido e os psicólogos em si são perseguidos, por quê? Você sempre tem uma observação diferente, um olhar diferente para estar acrescentando, às vezes a maioria pensa em uma determinada forma e levanta o psicólogo e fala, espera aí, eu acho que não é bem assim, vamos pensar direito, em uma reunião, é essa crítica que a gente tem desse posicionamento assim, às vezes diferente, porque você percebe, olha de forma diferente, a gente é perseguido por causa disso, é criticado, não vou conversar com ela e não é isso.

KA: Quando você olha pensando nos primeiros estágios lá de observação, ali já foi desenvolvendo na gente, porque você olhar uma criança que tem um comportamento inadequado dentro da sala, os professores, sei lá, ou os próprios pais ou outras crianças, poderia achar alguma coisa, que é preguiçoso, não quer ficar dentro da aula, é agitado, não sei o que, mas quando você olha o comportamento dele, você já vê o outro lado, você já vai tentando analisar. Então eu acho que a própria Psicologia, nos torna a ser críticos, olhar diante de uma situação e não fazer um julgamento superficial, a gente levanta hipótese, a gente olha com mais cuidado e a gente leva em consideração a pessoa, não só a situação que está acontecendo, até quando passa uma notícia no jornal, adolescente foi preso, não sei o que, em flagrante, até você assistindo o jornal, você já fala, eu pelo mesmo, isso acontece comigo, qual é a história dessa pessoa? Por que ele está aí? O que aconteceu? Como foi a educação? Quem são os seus pais? Então você levanta um monte de coisas e isso é a Psicologia, que nos torna assim.

***Entrevistadora:** E qual é a função da Psicologia gente? Vocês quase psicólogas, qual vai ser a função de vocês? Para que Psicologia na sociedade?*

HA: Pra mim é oferecer uma alternativa dentro desse próprio raciocínio, a Psicologia vem para oferecer uma alternativa daqueles ou daquilo que está fadado a ser assim ou visto como assim, a Psicologia vem e fala, não, podemos tentar esse caminho? Esse caminho te ajuda? Esse caminho te proporciona uma qualidade de vida melhor? Uma vivência melhor? Você se sente melhor?

KA: Eu acho que a gente ainda vive esse sistema de cuidado biomédico. Então a Psicologia está entrando, ela está muito mais forte do que alguns anos atrás, a gente vê que ela está crescendo.

CA: Está lutando contra isso.

KA: E a gente entrando nesse mundão aí a fora, saindo aqui da graduação, como psicólogo, quando você estiver diante de uma pessoa, você não só olhar a doença dela, mas você dar voz a essa pessoa, você fazer com que ela se torne um sujeito que tem desejo, que tenha as suas vontades, que é alguém que pode se posicionar, que pode falar, que ele pode ser feliz do jeito que ele quer, não do jeito que a sociedade está impondo para ele, eu acho que a Psicologia dá essa liberdade para pessoas, é um pouco mais amplo, você deixa a pessoa, você olha pro sujeito, quem é ele, e como ele pode ser na sociedade.

CA: A gente vem discutindo bastante também nas aulas da Professora Elisabete, sobre o empoderamento, acho que a gente deve.

KA: Isso é promover saúde.

CA: Isso é promover, sabe? Promover saúde.

KA: A Psicologia promove saúde.

CA: Promover cultura, promover educação, promover qualidade de vida e promover o empoderamento de cada um, permitindo que essa pessoa exerça a sua autonomia, que mesmo com sofrimento, possa lidar com esse sofrimento, que possa lidar com o seu conflito, com aquilo que faz sentido para ela, entenda o que está acontecendo com ela e de certa forma possa modificar, se for da vontade dela também.

HA: Eu enquanto psicóloga, eu quero oferecer o melhor qualidade de vida para os meus pacientes, aquela coisa de tentar ajudar o próximo, não, isso qualquer um pode fazer, mas enquanto a formação que eu recebi, eu realmente, eu acredito demais na potencialidade do ser humano, enquanto pessoa, enquanto gente e eu espero fazer uso dessa crença que eu tenho, para ajudar essas pessoas, esses meus futuros pacientes, a viver melhor uma qualidade de vida e encontrar-se melhor.

CA: E ensinar Psicologia para as pessoas que não sabem, não conhecem e tem ali o seu imaginário, a representação social do psicólogo, a gente desmistificar isso e ensinar para eles que não é simplesmente o que eles estão pensando, não é só aquilo.

KA: Enquanto o cuidar da mente vai ser benéfico pro cuidado físico, porque a gente sabe que existe a psicossomática. Então enquanto esse sujeito, tendo esse espaço para ele expressar todos os seus conteúdos internos, o quanto isso traz saúde mental, que é automaticamente, que vai também trazer uma saúde física.

***Entrevistadora:** O que você ia falar?*

DA: É, eu ia. Bom, eu concordo com tudo o que elas falaram, mas eu tenho para mim e daí eu acho que não é só o curso, são muitas experiências pessoais, três anos de análise e alguma coisa aí, eu penso que a Psicologia, talvez o papel principal do psicólogo no meu ponto de vista, seria ajudar o outro se perceber, não perceber a realidade, mas perceber a sua própria realidade, tipo, o que importa para ele, porque a partir do momento que você ajuda o outro a se perceber, você automaticamente vai estar mostrando para ele que existem outra possibilidades.

CA: Alternativas.

DA: Isso, e ele pode decidir se ele quer outras possibilidades, se ele quer continuar na mesma, o que ele quer fazer? mas você mostrou para ele quem ele é e o que ele pode fazer e daí em diante, ele tem condições se ele quiser de caminhar sozinho ou não. Então a gente tem também uma ideia muito fixa como se a Psicologia fosse mágica. Então o psicólogo tem uma bola de cristal, eu vou fazer terapia e eu vou melhorar, mas a gente não tem que ser prepotente suficiente para achar que eu vou melhorar a vida do paciente, porque não, e às vezes é o jeito que se desenvolveu, é o mecanismos que ele tem, que se organizou na vida, e porque eu acho que não é saudável para ele, eu vou e digo para ele que não, esse é o jeito certo, se fizer isso não é Psicologia. Então.

HA: É amigo, é amizade.

DA: É, exatamente. Então eu acho que o melhor da Psicologia e que talvez tanta gente goste tanto, é isso, porque você tem a liberdade para escolher caminhar para frente ou para trás ou ficar na mesma e tudo bem, desde que você seja consciente de quem você é, e o que você está fazendo, sabe?

KA: E seja responsável também.

***Entrevistadora:** E com que vocês querem trabalhar? Já sabem?*

HA: Eu gosto muito dá área clínica e pesquisa, fora a academia, que eu tentei correr, mas eu acho que mais cedo ou mais tarde vou acabar dando aula, eu gosto, não tem jeito, eu gosto de pesquisa, eu gosto de vida acadêmica, assim, eu penso em dar aulas e gosto de clínica.

CA: Clínica, saúde ou RH assim.

***Entrevistadora:** O que seria saúde?*

CA: Hospital ou UBS e assim, a saúde pública ou coletiva ou RH, ou sei lá, tem um monte aqui. Que eu me identifico, mas eu não sei.

***Entrevistadora:** Está no desejo.*

CA: O que a gente está buscando.

DA: Eu quero trabalhar com a saúde mental, inicialmente eu pretendo ter acompanhamento terapêutico, mas qualquer coisa que esteja no meio da loucura, CAP'S e por aí vai, é isso que eu vou buscar, se eu puder escolher, pesquisa e academia, eu tenho muita vontade de dar aula. Então, para universidade. Então assim,

eu vou sim seguir por essa linha de pesquisa, mestrado e tudo mais, clínica eu gosto, mas não é uma coisa que eu investiria por escolha própria no começo, eu acho que depois talvez com uma vida estruturada, eu faria, encaixaria na minha agenda, faria por hobby, não é uma coisa que eu não goste não, eu gosto, mas não é a primeira coisa que me vem na cabeça, eu sou mais da Psicologia social.

HA: Coletiva.

DA: É, acho mais, não sei, o coração bate mais forte.

KA: Qual área? Bom, eu gosto de várias áreas. Então desde saúde pública, educacional e organizacional, porém o meu desejo, minha vontade, eu mesmo, é trabalhar em UBS, no grupo INASF especificamente, trabalhar em equipe, com outros profissionais, ter essa experiência por um bom longo tempo, penso em fazer residência em saúde pública, volta para essa área, organização eu gosto, porque eu já vim do RH. Então é uma paixão que eu tenho, mas isso seria assim, nossa, eu não achei nada na área pública, não, eu vou para a organizacional, entra em um site de vagas de emprego, é o que tem, mas inicialmente também se não aparecer nada também, a escolar seria a segunda opção e a academia também, mas isso é a longo prazo, quero ter bastante experiência, clínica, eu também quero atuar na clínica, se aparecer alguma oportunidade agora, pretendo atuar, mas é como a DA falou, eu não vou encher a minha agenda, não vou me dedicar só a clínica, vai ser um adendo ao principal, o principal seria a saúde pública e a clínica um secundário.

CA: Assim, vou ser objetiva é para gente acabar entrando em outra discussão, mas inicialmente é isso o que eu quero buscar, estou buscando, mas se para falar a longo prazo o que eu realmente quero, lógico que eu quero atuar como psicóloga, ter o meu consultório, mas já pensei e penso muito futuramente fazer uma pós em gestão, trabalhar com gestão em saúde pública, discuti isso nas aulas da professora Elisabete também, de como ser importante, estar modificando o tipo de gestão, de estar deixando a essência do trabalho se desfazer, porque são metas a cumprir, são prazos, é muita coisa assim que poderia ser melhor, poderia ter uma melhor gestão, um melhor movimento para a essência não se perder.

Entrevistadora: *E vocês acham que essa escolha de vocês é ligada com a formação de vocês? Está ligada?*

KA: Com certeza a minha é.

HA: Com certeza.

KA: Eu nem imaginava em trabalhar em UBS.

CA: Eu também não.

KA: Eu sempre falava em educacional, não só? Sempre falava.

HA: Eu experimentei os estágios, assim, eu fiz todos os estágios, do RH, do hospital, em CAP'S, UBS, pirava também nas aulas da professora Elisabete e ao longo desse tempo de curso, tudo o que eu fui experimentando, eu fui construindo uma identidade e essa identidade foi se moldando a identidade que já existia. Então eu esperei até agora no décimo, as meninas me perguntam o que iria fazer, eu realmente me mantive muito aberta durante o curso e de tudo o que eu experimentei, eu acho que se moldou mais a minha própria identidade, foi a questão clínica, fim da contas eu falei, não me imagino trabalhando em um RH, não me imagino trabalhando no hospital e na parte de saúde pública, eu percebi que o meu interesse era muito mais na área de pesquisa do que na prática em si. Então na prática eu me sinto muito mais à vontade na clínica, eu digo que a parte da academia sim, por tudo o que a gente passou e por tudo que a gente vivenciou, eu acho que a parte da clínica é muito mais a minha própria identidade pessoal do que da questão da formação em si.

Entrevistadora: *Tem alguma coisa que vocês gostariam de adicionar, que acham que ficou faltando? Vocês querem fazer uma (...) à Elisabete?*

HA: Ela merece.

Entrevistadora: *Brincadeiras à parte, mas algo que vocês acham que seria importante ser colocado.*

HA: Eu vou falar primeiro o que eu consigo falar, que é a questão, eu acho que IES A está a um passo à frente enquanto instituição, enquanto curso de Psicologia, nesse sentido da saúde coletiva, das políticas de saúde pública.

DA: Também acho.

HA: A gente falou muito sobre diferencial, no quesito religioso, é abordar saúde coletiva e políticas públicas como nós abordamos durante o nosso curso, pela professora Elisabete, sem dúvida é um diferencial

que pesa demais a nossa bagagem e a gente está a anos luz na frente de tantas outras instituições nesse mesmo ano.

CA: É assim, eu acho que, eu acho não, a gente já conversou, o IES A só não tem mais forte essa questão da pesquisa, por questões que não cabe a nós alunos, eu acho, não sei, não depende só de nós como alunos, mas se tivesse como, eu acho que eles seriam, acho não, o IES A seria muito forte em pesquisa, teriam muito mais pesquisas, muito mais.

Entrevistadora: *O que seriam essas questões que não cabe os alunos?*

CA: Da estrutura da universidade, por não ter um doutorado, enfim, por não ter verba, financiamento.

DA: De não ter muito professores com tempo disponível também para pesquisa.

CA: Também tem isso.

DA: Porque a maioria dos professores tem dois, três empregos.

KA: Se os nossos professores também eu acho, se a gente ganha, em algum momento colocou, mas que eles têm doutorado, que são professores que estão sempre se atualizando, formação bem sólida. A gente falou sobre a monitoria?

DA: Falou, a DA falou.

CA: Mas falou brevemente.

KA: É, porque a gente tem monitoria. Então diversos alunos são monitores, existe esse programa na faculdade, essa monitoria, alguns alunos entram e recebem bolsa para ser monitor e tem a monitoria de voluntário também, que é o meu caso. Então se o aluno quer ser, ele pode ir lá e se voluntariar, ir no PROAD.

HA: Uma coisa legal, é que a instituição também valoriza seus alunos, a gente tem muito ex-aluno, principalmente da Psicologia, que acaba sendo efetivado enquanto funcionário da instituição.

KA: Isso, a gente tem o programa PAPED.

HA: É, isso é importante falar para ela.

CA: É mesmo, a gente não falou.

HA: Não, fora do PADEP, eu falo de funcionários que desempenham funções aqui, o PAPED é um programa de extensão da Psicologia.

KA: Isso, esse PAPED abre cinco vagas da área de Psicologia clínica, para atuar na clínica da escola por um ano.

Entrevistadora: *Com egressos?*

KA: Isso, com os alunos que vão se formar, no último ano. Então eles fazem um critério ali, seleção, fazem um processo e dão essa chance para a pessoa atuar e eles pagam.

CA: Sim.

KA: E é tudo direitinho.

HA: Na verdade não é paga, o aluno tem direito a um ano de supervisão gratuita assim, pelo professor da instituição e ele tem uma divisão de proporções em atendimento, ele tem uma cota, por assim dizer que ele vai atender por estar usando a clínica gratuitamente, que faz parte dos usuários da comunidade e uma outra parte do tempo disponível para usar a clínica, ele pode estar usando para cobrar dos próprios pacientes dele.

Entrevistadora: *O que significa PAPED? Vocês sabem?*

HA: Programa de apoio a egresso de... não sei o final.

Entrevistadora: *Depois eu descubro também, não tem problema.*

DA: É PAPED.

HA: Eu estou tão acostumada com a sigla.

DA: A gente tem muitas oportunidades aqui, uma vez eu escutei uma frase, que eu acho que nunca vou esquecer assim, do diretor aqui do campus inteiro, que ele falou assim, a oportunidade vem para quem está preparado e eu fiquei com isso na cabeça, porque eu sempre pensei assim, a gente cria as oportunidades, e

tudo mais, mas na verdade é uma construção e se você é um aluno dedicado e que interessa por fazer além que a grade exige de você, existe sim gente disponível e interessada em trabalhar, em te ajudar e te encaminhar e todas essas coisas e eu posso falar por mim assim, desde o meu primeiro ano aqui, eu não faço pesquisa aqui desde o primeiro ano, mas assim, como a gente tem uma coordenação, professores que estão muito disponíveis e eu não penso que seja assim em outras universidades e agora a gente falando, parece propaganda do IES A.

HA: Eu ia falar isso para a Entrevistadora, não é essas mil maravilhas não, também tem muita coisa...

KA: Tem, tem muitos desafios.

CA: Mas assim, todas as críticas à parte, eu não posso dizer por todos os alunos do IES A, mas pela a minha experiência de que eu nunca gostei de ficar parada. Então sempre fiquei que nem uma formiguinha atrás de várias coisas, sempre tiveram muitas coisas. Então é um voluntariado no hospital, é uma iniciação na USP, é uma não sei o que, e são encaminhados por professores ou pela própria coordenadora daqui. Então a meu ver, eu acho que o IES A é bom por conta disso, eu não acho que a universidade aqui seja a melhor de todas ou nossa, é super especial. Não, eu acho que a grade curricular que a gente tem, é a grade que os outros cursos também tem e tudo mais, mas se for pensar para mim um diferencial que para mim vale a pena e é o que faz a diferença, é essa questão de se você tiver interesses, tem oportunidades disponíveis.

Entrevistadora: *E o que falta gente?*

CA: Já que citaram as críticas.

HA: A qualidade sempre se sobrepõe, eu acho que a gente não exagerou muito nas questões do IES A não, mas tem aquele dia que a internet não pega.

Entrevistadora: *Coisas mais estruturais?*

HA: Estruturais.

KA: Infraestrutura.

Entrevistadora: *Vocês acham que tem algum conteúdo, alguma coisa específica que vocês sentiram falta na formação e que seria importante ter tido?*

KA: Eu senti, a análise de casos clínicos em todas as abordagens e não só em TCC.

HA: Não, a gente te análise em outras abordagens.

CA: Eu não acho que a gente fez só em TCC não.

KA: A gente não se aprofundou. Se aprofundar em análise clínica, foi só TCC.

Entrevistadora: *Mas tudo bem, vocês não precisam chegar em confronto.*

DA: Pra mim falta, eu não fui preparada nisso.

HA: Pra mim não foram em todas, mas para mim teve mais em TCC.

DA: Humanista teve, psicanálise também teve.

KA: Mas psicanálise de um caso. Então, isso para mim não é preparo.

CA: Em questão de disciplina assim, é porque tem algumas disciplinas que são optativas, eu acho que uma não deveria ser optativa, que é neuropsicologia, eu acho que deveria fazer parte da grade.

HA: Sim. É verdade.

CA: Esse eu senti falta, porque a gente teve neurociência, a gente teve genética, mas neuropsicologia é superimportante, mesmo que não vá ter uma clínica, ser neuropsicólogo, mas eu considero muito importante, eu acho que isso faltou para mim, fiquei bem brava quando decidiram colocar outra disciplina e não essa e também, é mais assim por questões pessoais do professor, nem sei como eu posso colocar isso, mas eu senti um pouco de falta da disciplina de ética em si, eu acho que a gente poderia ter aproveitado mais.

DA: A de ética?

CA: A de ética profissional.

DA: Eu também.

CA: Mas por questões pessoais não foi possível assim.

DA: Eu acho que faltou Psicologia Florence.

CA: Faltou, mas teve.

KA: Era uma optativa a disciplina de Florence.

DA: Faltou se aprofundar no assunto.

HA: Eu acho que, eu não sei, eu vou aqui me arriscar a dizer que faltou um professor de fato.

DA: Isso, na área.

HA: A professora, eu acredito que tenha se inteirado, se esforçado, mas não é o suficiente como alguém de fato da área, com preparo e para atuação na área.

KA: Isso.

HA: Eu estava com a expectativa danava, para Florence. Me deixou a desejar.

KA: Deixou a desejar mesmo.

HA: Pra mim, como eu gosto dessa linha de humanismo e feno, eu senti falta de algum momento, falar mais ou a gente ter um contato maior com a Gestalt, eu senti falta, eu, também em relação as abordagens para atendimento, eu gostaria que tivesse também Gestalt-terapia, além do humanismo, por um outro lado, a gente tem Logo terapia, que nem na USP tem e a gente tem, foi maravilhoso. Agora uma coisa que eu vou dizer que não senti falta, depois do Enade, me veio a questão seguinte, porque o IES A não oferece plantão psicológico?

CA: Exato.

HA: Por que a Policlínica do IES A não oferece plantão psicológico? Será que é uma questão estrutural? Será que é? Eu não sei por que, mas nunca parei para pensar a respeito.

KA: Esse é tema também que a gente estudou.

Entrevistadora: *E vocês tem espaço de fala para levar essas demandas?*

HA: Sim.

KA: Voz ativa a gente tem.

Entrevistadora: *Vocês têm centro acadêmico?*

CA: Sim, tem.

HA: Tem corpo estudantil, tudo.

CA: Tem sim. Tem tudo.

DA: E o centro acadêmico faz muita coisa, eu não vou deixar vocês falarem mal do centro acadêmico.

HA: É verdade.

KA: E melhorias nas propagandas e também dos eventos.

CA: É mesmo, verdade.

KA: Isso falta demais, porque como a gente tem alunos internos e externos, a divulgação interna é muito boa, para os alunos internos, mas aluno externo.

HA: Eu não tenho redes sociais, eu não fico sabendo se alguém não me conta.

KA: Isso. Então talvez teria que ter uma divulgação em todos os canais de comunicação, ou seja, e-mail, mural, redes sociais, todas, não só em uma, o e-mail principalmente, pessoal que eles têm cadastrado. Então dá para mandar, disparar.

CA: E não só eventos que acontece aqui dentro, mas fora, sabe? Alertas que estão tendo.

DA: É, quando acontece, a gente nem fica sabendo.

CA: Congressos que estão tendo, sabe? Eu senti falta disso.

DA: A questão de fora, de eventos fora, eu acho assim, que dá para melhorar.

CA: Se não fosse o Facebook, tipo ali.

DA: A questão dos anúncios é, sim, eu acho que deveria ser em todas redes sociais, mas a gente também não pode julgar por exemplo, pelo fato de que tem muitos alunos que passam pelo mural, eu mesmo não olho o quê que tem no mural, mas sempre...

HA: Sempre tem, mas tem.

DA: Tudo que a gente faz está pregado no mural, só que as pessoas não veem. Então é complicado.

CA: O mural da administração, está sendo mais divulgado sim, é que no nosso corredor tem o mural da administração também e lá, eles têm as coisas, sabe? Eu falei, porque mostrou.

Entrevistadora: *Tudo bem, isso é uma coisa bem pontual, estou vendo que mobiliza vocês.*

HA: Considerado o seguinte, eu gostaria que o IES A ao longo desse tempo que eu estive aqui, tivesse tido mais parcerias com outras universidades de São Paulo. IES A poderia ser propor fazer alguma coisa em parceria com o Mackenzie, essa troca, poderia e pode haver esse tipo de coisa.

KA: E até mesmo essas assembleias que tem no CRP, de repente está tendo um evento, vamos lá, o curso vamos se envolver, participar.

CA: Participei de uma jornada de psicossomática na PUC, que uma professora para a gente, ela publicou no nosso grupo de supervisão.

Entrevistadora: *Mais alguma coisa, meninas?*

DA: Acho que só.

Entrevistadora: Agradece e encerra.

APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA EM GRUPO IES B

GRUPO DE ENTREVISTA IES B

Local e data: São Paulo, 04 de dezembro de 2018.
Entrevistadora: Raizel.
Participantes:
GB
DB
JB
LB

Entrevistadora: *Então gente, apresentando um pouquinho o que, que a gente está fazendo aqui, minha pesquisa de doutorado estou fazendo aqui no PEDE, que a educação da Psicologia na educação na PUC mesmo com a orientação da Ana Bock, e o nosso objetivo é entender, como o compromisso social se expressa na formação da Psicologia. Então a gente está pegando algumas universidades em São Paulo e entrevistando alunas eu falo no feminino, porque psicólogo é 89% mulheres e na PUC se vê bastante isso. Mas eu pego as alunas no último ano, já quase para se formar vocês já são psicólogas e psicólogos praticamente, exatamente porque vocês estão num período próximo a formação, ainda dentro da formação, mas já são profissionais e já estão atuando na pratica, supervisionando, mas estão atuando na pratica. E aí a entrevista vão ser três partes principais, a primeira é o um role de apresentação, até para entender que cada um está num núcleo diferente, então para gente conseguir pegar um pouco mais de sentido de significado, as significações da formação. E por isso a importância da Nilza aqui, para conseguir dizer quem falou o que, e ai retomando pela história de cada um, depois eu vou pedir para vocês descreverem um curso de uma maneira geral para mim, o quer vocês tiveram as coisas os aspectos que mais ficaram. E ai a gente vai passando por temáticas especificas que foi,... Teve um doutorado realizado há dois anos atrás que consegui definir o compromisso social em seis temáticas especificas, e ai a gente vai conversar um pouco sobre eles e vocês vão vendo se tiveram na formação, onde tiveram, se não tiveram, se falta se conhecem de outro lugar e não da formação, para gente conseguir pegar esse objetivo mesmo da pesquisa. E aí eu vou pedir para vocês também o telefone de vocês, ...Ah! Eu já tenho.*

Todos: É.

Entrevistadora: *Mas o e-mail, de vocês também eu tenho, então não vou pedir nada para vocês, (risos em geral), caso a gente precise marcar outra conversa, e ai não vai ser todo mundo junto, vai ser algo individual, talvez para todo mundo não ficar na Nóia de, ... A mais eu ia para Maresias (risos). Ai para começar, gente vou passar o termo de consentimento, são duas vias, uma fica com vocês a outra fica comigo.*

Obs: Entrevistados leem e assinam o termo de consentimento.

Entrevistadora: *Das disciplinas vocês já não têm mais nada, não é?*

JB.: Eu não tenho.

LB: Oficina de projetos.

Entrevistadora: *Oficina de projetos?*

LB: *Oficina de projetos.*

GB: Eu tenho também, tem uma ainda, tenho que entregar o negócio lá.

DB: A minha já acabou.

LB: Estão dizendo que não precisa, se você fez a apresentação.

GB: Mais teria que ter entregue a apresentação.

DB: É o trabalho escrito.

JB: É isso mesmo.

DB: Eu não tenho mais (risos).

LB: Mais você tem as entregas.

Entrevistadora: *As entregas, os prontuários.*

DB: É.

JB: Daqui a pouco ele vai estar Maresias.

LB: Maresias (risos).

Entrevistadora: *Tudo bem de gravar?*

Todos: Sim.

Entrevistadora: *Se não ia ser complicado (risos). E aí aqui eu vou pedir só para vocês sempre tentarem falar de maneira clara até para gravação e tudo o mais, vocês não precisam ter consenso, não precisam cada um viveu a formação de maneira diferente. Então não precisa tentar, pode brigar com o coleguinha? Não pode, pode aceitar e tentar sempre dá exemplos, a mais eu acho que meu curso eu tive muito isso. Tá mais teve onde? Quem foi como foi? Para gente ir conseguindo capturando especificamente onde estão esses elementos. E aí água à vontade pode comer pode beber, para começar então eu vou pedir para cada um fazer uma apresentação de si, e aí tantos elementos mais pessoais. De onde vem, onde mora, quanto alguns mais específicos, porque escolheu Psicologia, porque escolheu a IES B e quais núcleos fez durante a formação, ênfase núcleo ou estágio.*

DB: No 5º ano você diz, o que a gente escolheu.

Entrevistadora: *É. Vocês fizeram estágio também no 4º não é?*

Todos: Sim.

JB: Mais o único que a gente escolheu é o do 5º.

Entrevistadora: *É o do 5º.*

Todos: É.

Entrevistadora: *Então o do 5º ano.*

JB: Tá.

LB: A e de certa forma estágio básico também, ali mais ou menos a gente escolhe alguma coisa.

Vários: É.

GB: A é, entendi.

Entrevistadora: *Não mais aí, quando a gente for perguntando elementos específicos, se tiver o estágio aí vocês colocam. Quem quiser pode começar.*

GB: Eu posso começar. Bom o meu nome é GB, eu tenho 25 anos eu moro na saúde, zona sul de São Paulo eu sempre morei lá, É ..., Bom antes de entrar na Psicologia eu fiz um ano e meio de publicidade e propaganda detestei, principalmente mais na metade do segundo ano e que era estilo de vida assim completamente inviável, muita pressão um ambiente toxico, extremamente hostil. E eu sempre fui divido entre Psicologia e publicidade e quando eu vi que não era publicidade eu fui para a Psicologia.É, ... Eu tinha interesse em Psicologia era puramente assim emocional, nunca tinha lido nada a respeito sabe, só que eu me entendia como um cara sensível que estava disposto a ouvir os outros e que faria isso para o resto da vida assim, ganharia dinheiro fazendo isso, usaria isso como um sustento. Fui fazer, passei na PUC e aí meu gostei muito assim logo de cara de estar numa universidade mesmo, eu sentia muito na Cásper estava numa escola de comunicação, aqui eu senti que estava numa universidade um lugar que as pessoas pensam muito juntas. E ai assim, eu fui desenrolando, eu no ano segundo semestre do primeiro ano eu tive feno II com o Marcelo Sodelli me interessei muito, e meu eu me aprofundei assim. No ano seguinte entrei num grupo de estudo sobre fenomenologia clinica com o Sodelli, e fiquei nesse grupo o ano inteiro, ai depois o grupo virou um grupo de estudos de sem e tempo, e eu continuou nesse grupo até hoje. E meu! Fui me aprofundando cada vez mais assim, eu sempre gostei muito de fenomenologia, é algo que sempre se afinou muito comigo, uma prática que eu acho muito bonita, uma forma de ver o humano, muito também bonita eu fui me aprofundando. Eu fui fazer o curso no Instituto Dasein de fenomenologia clínica, fiz três monitorias eu estou terminando a minha terceira agora, fiz duas de feno II uma com o Marcelo, agora estou fazendo com Li e uma de feno I com o Marcos Couto. Fiz todas as eletivas também, fiz uma eletiva de pesquisa em fenomenologia, fiz meu TCC em terapia infantil em fenomenologia, peguei um caso que eu atendi no núcleo de psicodiagnóstico, que era uma menina de quatro anos e fiz uma análise fenomenológica no caso. E é isso.

Entrevistadora: *E em qual núcleo você está?*

GB: Estou no de fenomenologia e no de vulnerabilidades, quer alguma coisa?

Entrevistadora: *Eu não pedi no início, mas eu peço agora até para todo também se, se sentir confortável em dizer religião, raça cor.*

GB: Tá. Eu sou branco e não tenho nenhuma religião.

Entrevistadora: *Você sabe qual é a ênfase do seu grupo?*

GB: Fenomenologia, fenomenologia clínica.

Entrevistadora: *Então é outro tipo de ênfase, é uma coisa mais burocrática da faculdade.*

GB: A tá.

Entrevistadora: *Não sei se vocês sabem mais cada um é de uma ênfase diferente.*

LB: É eles organizam em grupo não é, os núcleos por grupo de ênfase. Não é isso?

GB: A tá.

JB: Eu não lembro.

Entrevistadora: *A clínica é dentro de, ...Eu tenho aqui até, dentro de saúde,*

DB: A tá.

Entrevistadora: *Psicologia e saúde uma coisa assim, e tem o outro que dentro de cultura contemporaneidade e políticas públicas.*

GB: Tá.

LB: Ah! Tá.

Entrevistadora: *Então são quatro ênfases maiores e os núcleos estão dentro dessas ênfases.*

DB: Tá.

JB: Certo.

Entrevistadora: *Cada um de vocês é de uma ênfase diferente.*

Vários: A tá.

Entrevistadora: *Cada um vocês são de uma ênfase diferente.*

Todos: Ah!

DB: Olha que interessante.

GB: Só lembro de ler isso no final do ano passado.

LB: Não sim, mas a apresentação dos grupos do quinto ano que a Elisa deu, ela mostrou aos núcleos por ênfase, ela foi falando.

GB: É isso mesmo.

DB: Gente!

LB: Não lembro o nome de nenhum, mas eu lembro disso.

GB: Também não.

DB: Mais é.

LB: O que acaba que a gente não vai se prendendo a núcleo por ênfase. Não é?

DB: Uhum!

Entrevistadora: *Quem mais?*

LB: Eu posso falar. Então eu sou a LB eu tenho 22 anos, eu fiz, eu fiz não o que, que eu ia falar? Eu moro aqui em Perdizes mesmo, moro aqui desde que eu nasci então há 22 anos. E... O que mais que é para falar? Caramba, tá minha trajetória aqui, eu me entendo branca eu também não tenho religião, e eu entrei na IES Bcedo eu entrei com 17 para 18 anos, direto da escola eu acho que um pouco da formação que eu tive na

minha escola eu continuei buscando aqui. Eu estudei numa escola não tão tradicional assim, que eles dizem que são escolas construtivistas não é.

Entrevistadora: *Qual Escola Viva?*

LB: Escola Viva. É eu acho que a forma como os professores foram me ensinando às coisas lá, eu tinha aula de política e sociedade, aula de sociologia, aula de história da arte eram coisas que eu gostava muito já na escola. E eram coisas que acho foram até influenciando minha trajetória aqui dentro muito assim, que foram me constituindo e eu fui buscando conhecer mais pela perspectiva da Psicologia. Eu antes de entrar estava na dúvida se fazia Psicologia ou arquitetura, mas acabou que de última hora eu vi para psico, e aí aqui dentro eu comecei a me envolver mais, a me sentir mais contemplada quando eu comecei a ter Psicologia social, Psicologia social II principalmente que a gente começou a ter contato com a Psicologia-sócio histórica. Antes disso o meu primeiro ano, o curso de Psicologia era uma coisa bem básica e introdutória para mim assim, não havia me encantado por nada em especifico assim. Estava gostando de tudo, conhecendo tudo eu gostava de todas as abordagens, eu não tinha problema com nenhuma, mas quando veio um veia Marxista dentro da graduação, eu comecei a gostar mais do conteúdo do curso assim. E aí assim eu segui, eu também fiz todas as minhas eletivas em Psicologia social, pela abordagem-sócio histórica as teóricas, eu fiz uma incitação cientifica sobre desigualdade social com a Graça e com a Ana Bock, então também orientada pela abordagem sócio histórica. Fora isso, eu fiz três monitoria que não tem a ver com essa abordagem que foram, ...Acho que por um reconhecimento meu, de talvez precisar também valorizar outros aspectos da minha graduação, então eu fiz, ...Na verdade uma delas nem tanto foi isso, eu fui convidada pela professora e eu aceitei que foi a monitora de estatística. Mas as outras foi uma escolha pessoal, eu fiz monitoria de modelo de investigação, porque eu gostei de estudar os modelos de pesquisa das diferentes abordagens. Estava numa fase de tentar me entender dentro de alguma delas, e estudar esses modelos me ajudou muito nesse processo. E aí outra coisa, a outra monitoria que eu fiz foi psicopatologia, depois que eu tive contato com a psicopatologia dentro dos CAPS em específico, porque uma parte do meu curso não foi nos serviços públicos de saúde mental, foi num hospital psiquiátrico. E aí nesse segundo semestre, eu gostei muito da forma como a professora trouxe o conteúdo eu resolvi continuar como monitora. E aí eu participei do grupo PET de Psicologia também, também por esse meu interesse em trabalhar com Psicologia em instituições, com o olhar mais social. E ai no 5º ano eu escolhi os núcleos de educação e saúde mental, inicialmente eu queria ter escolhido pelo menos um deles em políticas públicas, mas eu acho que eu estava muito angustiada com tudo o que estava acontecendo no Brasil na época do Temer, a gente nem sabia o que viria acontecer agora. E eu acho que não estava disposta a lidar com essa angustia ali, e ai eu resolvi trocar por algo que eu achei que fosse mais leve, que era a saúde mental, mas que me comtemplou de uma certa forma, porque eu não queria me distanciar dessa prática próxima das políticas públicas de maneira geral assim. E ai o núcleo de educação foi o interesse de me aproximar nessa área, que era uma área que eu nunca me aproximei durante toda a minha graduação, e que veio a calhar assim. Comecei a estagiar numa escola agora no final do ano, um estágio extracurricular e aí eu fiz o meu TCC também na abordagem sócio histórica.

Entrevistadora: *E você escolheu a IES Bpor algum motivo?*

LB: Escolhi na verdade por uma questão, ... Eu moro aqui eu estudei a minha vida inteira longe de casa, e pelo ENEM eu consegui uma vaga numa universidade que era fora do estado, era no Rio de Janeiro, a Universidade Federal do Rio de Janeiro mesmo FRJ. Mas eu não, ...Por conta do custo de vida ali eu resolvi permanecer aqui, e sabendo que o curso é um curso bom e tudo o mais eu resolvi ficar.

Entrevistadora: *Acabou?*

LB: Acenou afirmativamente.

Entrevistadora: *Fala.*

DB: Eu sou a DB eu tenho 23 anos, moro aqui em São Paulo a minha vida toda aqui perto da IES Btambém, já voltei com a LB a pé para casa (risos). Mas eu tenho uma ligação muito forte com o Nordeste assim, a minha família é toda de lá, bem da Paraíba assim da roça o meu pai nasceu lá.

LB: O meu pai é de Pernambuco.

DB: Hoje em dia, o pessoal da minha família mora em Pernambuco, mas é uma ligação muito forte que eu tenho assim eu acho, por mais que eu não tenha de fato morado lá, é uma ligação muito intensa que eu tenho com a minha família de lá. E aqui na IES B, no começo eu me interessava muito pela abordagem fenomenológica, não sei se você sabia disso,

GB: Não.

DB: Mas eu gostava muito, mas ai lá pelo terceiro ano, ...É assim eu entendo que a abordagem fenomenológica foi uma parte do curso bem importante do curso para mim, eu acho que nos primeiros anos da faculdade foi que me deu um click importante, assim de ver as coisas de uma nova forma e tal. Mas aí eu comecei a ter umas críticas e fui para o lado da análise do comportamento, que é uma coisa que eu gosto muito, hoje faz muito sentido para mim e eu acho que eu me encontrei nesse sentido. O meu TCC foi sobre doenças psicossomáticas, pela análise do comportamento, então eu analisei vários artigos experimentais e tentei analisar os dados, por mais que não fossem pesquisas dentro da análise do comportamento, de analisar com o olhar de analista do comportamento, então queria ver o que conseguiria extrair de lá, então essa área de pesquisa eu gosto bastante. Eu lembro que na hora de prestar vestibular, eu pensei muito em Psicologia mais eu também considerava cinema, hoje em dia eu não sou tão das artes, mas eu já fui, então eu pensava em cinema no final do ensino médio ai vim para Psicologia e sendo bem sincera no final do ensino médio me foram apresentadas duas opções de graduação, USP e IES Bsó isso. Pelo o que eu pude ir conversando com as pessoas na escola, com os professores conversando a respeito tal, eu fui me interessando mais pela formação da IES B, isso me falaram muito. A IES B é mais humana, então de várias é, ...Enfim de várias coisas desse sentido da formação, acho que uma pessoa que foi bem importante para mim nessa escolha, foi o coordenador da minha escola o Cris. Bom o coordenador ele era psicólogo também, ele é a pessoa mais acolhedora do universo, não sei para mim foi bem importante, porque ele foi coordenador do primeiro ano do ensino médio e do terceiro. E foi um pouco inédito assim, eu acho que eu fui à única turma que tive duas vezes ele como coordenador e foi muito importante assim, era essa figura de psicólogo eu via o quanto ele ajudava todo mundo e sentava conversava, era incrível assim. Ele é uma pessoa eu acho que na qual eu me inspiro muito, eu estava pensando outro dia, o quão importante ele foi para essa minha decisão, então acho que eu tive um modelo aí de certa forma de inspiração. Então continuando essa parte das artes não é, eu fiz teatro também e fiz um curso profissionalizante de teatro enquanto eu fazia a IES B, então isso fez com que eu não vivesse muito algumas coisas da graduação sabe, eu não tinha muito tempo. Então estudava de manhã e à tarde na IES B e a noite eu fazia teatro, e feriado domingo tinha que ensaiar então assim, naquela época eu conseguia me aproximar das pessoas eu conseguia aproveitar as aulas. Mas eu senti que talvez tenha faltado um pouco essa vivência da universidade, de ficar no SEADE com as, ...A parte que eu mais me envolvi nesse sentido foi com o Cine Clube, não se vocês foram do Cine Clube.

LB: A eu fui do Cine Clube.

DB: Também? Acho que foi uma geração depois, porque eu fui do Cine Clube e foi uma coisa que eu mais me envolvi assim na graduação, nesse sentido de será e tal, porque era isso, não tinha muito tempo por conta do teatro. Aí no final das contas a IES B passou para tarde e noite obrigatoriamente no quarto ano, e eu estava no último semestre do teatro eu ia me formar, mas aí eu preferi fazer a IES B. E foi muito difícil para mim na época, mas agora eu me sinto muito apaixonada pela Psicologia, assim eu acho que nesses últimos anos foram bastante importantes. Eu acho que quando estava pelo terceiro e quarto ano assim, eu estava muito desiludida com a Psicologia. Eu falei nossa! Acho que também por causa da, ...Não sei se estou falando muito? Tudo bem.

Entrevistadora: *Tudo.*

DB: Eu acho que um pouco também por causa da imagem social da Psicologia sabe, eu mantenho muito contato com os meus amigos da escola, e ficou um pouco difícil, porque todos eles fazem coisas muito diferentes, e às vezes eu percebia esse olhar de, ...A Psicologia não é tão importante. Então era m pouco difícil para mim, quando eu saia da IES B e percebia que, é uma coisa que a gente acha tão importante, a gente tem certeza, ver, não é? Fora daqui, por exemplo, pode não ser tão valorizado, então isso me fazia bastante mal esse papel de não ser valorizado sabe.

Entrevistadora: *E qual núcleo você escolheu?*

DB: Eu escolhi de educação e análise do comportamento, bom, análise do comportamento é abordagem que eu pretendo seguir, gosto muito e vejo muito sentido, acho que é m jeito de fazer a Psicologia possível assim, eu não sei acho muito legal. E o núcleo de aplicação foi uma escolha muito, ...Que eu fui me descobrindo assim nesses últimos anos, também núcleo de educação do 4º ano foi importante para mim, acho que é o núcleo III, achei muito importante, meu Deus do aquele documentário que a gente viu, Nunca me sonharam,

LB: Nunca me sonharam.

DB: Meu Deus do céu preciso fazer alguma coisa, enfim, foi bem importante e faz meu olho brilhar assim é essa parte da educação. Foi um estágio bem importante que eu fiz, foi numa ocupação de moradia, e eu acho que um divisor de águas nesse sentido, que atuar é compreender o peso político, lá é a ponta é onde

tudo acontece. E foi bem nesse ano que Bolsonaro, muito caos, e acho que foi bastante importante, que eu ter tido essa oportunidade.

Entrevistadora: *Gente outra pergunta. Vocês três que já falaram, o ensino infantil até o ensino médio sempre em privado, vocês fizeram público em algum momento?*

DB: Sim.

LB: Sempre escola privada.

JB: Sim.

DB: E eu sou branca também.

Entrevistadora: *E religião tem alguma?*

DB: Não.

JB: Pode ser eu agora/

Entrevistadora: *Pode ser.*

JB: Eu sempre estudei em escola privada também, sou branco sou católico bom,

Entrevistadora: *Quantos anos você tem?*

JB: O meu nome é JB tenho 23 anos, eu sempre, quer dizer não sempre, mas morei a maior parte da minha vida na Vila Madalena eu ainda moro aqui perto. Até o meu primeiro ano de idade eu morei aqui em Perdizes também como vocês, depois me mudei para minha casa atual. O que mais? A eu escolhi Psicologia por influência da minha mãe, ela sempre fez terapia ela sempre viu diferença nela, ela sempre falou, que um psicólogo tem que ser sensível, eu também me considerava sensível na época e inda me considero. Bom! Acho que foi por influência dela, eu também queria começar jornalismo aí então acabei escolhendo Psicologia, eu vi direto do colégio, então entrei aqui com 18 anos. Desde, ...A minha trajetória aqui na IES B? É desde o primeiro ano, o primeiro semestre de comportamental eu sempre dediquei e também tipo, eu tinha com o Bruno eu curtia muito ele, então eu era aquele cara que todo mundo pedia gráfico para fazer de graça.

GB: De graça (risos).

JB: É aí eu fazia e eu fui gostando, tanto que no ano seguinte que eu entrei na monitoria de laboratório, então eu fiz um ano de laboratório lá com eles, fiz uma pesquisa lá dentro também, não sei se você fez, você fez? (perguntando para a Daniele).

DB: Não.

JB: Não. Bom! Eu fiz uma pesquisa lá dentro foi bem legal, fiz todas as eletivas desde o segundo ano, terceiro ano tem eletivas eu sempre fiz, e acho que muito por isso eu me fechei por muitas outras coisas que eu poderia até gostar um pouco, eu acabei me fechando para outras matérias. Mas não me arrependo hoje em dia eu gosto muito de comportamental, o meu TCC foi comportamental também, mas antes disso, quando eu entrei aqui na Psicologia eu tinha muito sonho de tentar, falava, vai que algum dia abre uma matéria de esportes (risos). Então aí do nada no quinto ano abriu, aí abriu o grupo eu achei que foi bom assim, está muito no começo ainda, mas vamos entrar primeiro depois melhora. Enfim, mas acho que a gente vai entrar meses depois melhora, o meu TCC eu fiz uma mescla de esportes comportamental, então eu analisei os impactos da coerção com crianças e foi bem interessante, eu fiz uma análise de vídeo. É, ...Hoje em dia eu sou AP também, eu estou com um menino altista de oito anos, eu acompanho ele na escola e trabalho em outro grupo também é tudo comportamental, eu acho que é isso.

Entrevistadora: *E você escolheu a IES B por algum motivo?*

JB: A eu acho que pela qualidade, todo mundo falava que Psicologia era muito boa e aqui é perto da minha casa, e eu passei aqui então foi indo, acho que foi isso.

Entrevistadora: *Durante a entrevista talvez eu pergunte alguma coisa especifica tal, para retomar a história de vocês se for necessário. Agora gente, eu queria que vocês me descrevessem o curso de vocês, como é, se vocês vão apresentar para alguém. Ah o que, que tem o curso de Psicologia da IES B? Como vocês caracterizam não caracterizar de adjetivar, mas como ele é construído, vocês têm disciplina, vocês têm estágio, vocês têm o que, quando, como?*

GB: Um olhar mais objetivo assim você quer.

DB: É um por vez ou não?

Entrevistadora: *Aí já é todo mundo junto, lembrando que não precisa ter consenso.*

LB: Sim.

DB: É me fizeram essa pergunta outro dia, é uma menina lá da academia ela trabalha lá não é, ai ela me falou que queria fazer e continuar trabalhando, eu já fiquei olha assim, isso não dá muito para fazer é meio difícil, trabalhar e fazer a IES B pela quantidade de aulas que a gente tem mesmo. Eu acho que de certa forma é até escludente. Porque bom, se você precisa trabalhar dificilmente você vai conseguir algum trabalho que respeite essa grade horária maluca que a gente tem. Então isso foi um ponto que eu falei para ela que eu lembro, o volume de aulas mesmo.

LB: Se manter aqui não é fácil.

DB: Exato.

LB: Mas acho que não só pelo volume de aulas, mas também pelo custo que é,

DB: Da mensalidade?

LB: Não o custo de se manter aqui de comer aqui dentro, de tirar uma Xerox de comprar um livro de,

DB: Sim.

LB: É muita coisa, às vezes a gente nem se dá conta.

GB: Bom à impressão é que eu tenho é que no curso é assim, tem a grade curricular certo, tem os dois hiper pesos(?), se você for regularzinha, bonitinha sem ficar trancando depois de dois anos. Tem a grande curricular tem os dois primeiros anos que é só isso, os três primeiros anos, ...Não. Tá um ano inteiro básico assim a mesma coisa para todo mundo, aí segundo ano entra uma opção de eletiva no segundo semestre do segundo ano, aí no terceiro ano duas eletivas e começam os estágios básicos aí,

LB: E começam as disciplinas que começam a trabalhar, não só com as perspectivas das abordagens teóricas sobre o indivíduo, mas também sobre grupos e instituições.

DB: É um pouco mais temática, não é?

GB: É claro.

LB: A gente começa a ter grupo institucional, que é coisa que antes a gente não tem.

GB: É amplia um pouco assim a formação.

LB: É o olhar.

GB: É um olhar mais contemporâneo eu acho, não sei.

LB: Eu acho que é o foco de análise do indivíduo, para grupos de indivíduos e também para o funcionamento de instituições essas coisas.

Entrevistadora: *E o que é o estágio básico?*

GB: Estágio básico é,

LB: A proposta de estágio básico um é teoricamente, porque acho que isso varia de supervisor para supervisor.

GB: Sim.

LB: É que seja um estágio de observação então, ...E aí, por isso que eu falo teoricamente, porque aí os professores tiveram sobre o que seria essa observação. Tem professores que defendem uma observação total, rígida e têm professores que vão dizer, que essa observação neutra não é possível, ela vai ser sempre uma observação participante em inteiração com os ambientes. Só de você está lá você produz efeitos, e aí então você observa, e o segundo semestre nesse terceiro ano você não só está lá observando, como também você produz um projeto de intervenção. Que não necessariamente você chegue a executar, mais, que a partir das suas observações, você consiga construir esse projeto.

GB: Você só dá como devolutiva,

LB: Como devolutiva.

GB: Para a instituição.

Entrevistadora: *Isso tudo no terceiro ano?*

LB: É.

GB: Terceiro ano.

DB: Você quer que a gente fale sobre as experiências dos estágios?

Entrevistadora: *Não isso aí vai surgir depois.*

Todos: A tá (risos).

GB: Mas é isso acho que essa é a grande mudança no terceiro ano, você sai da IES B assim nos diversos sentidos, tanto assim na maneira como você estuda Psicologia quanto vivencialmente, nas instituições e tudo o mais. E aí o quarto ano segue esse embalo assim, eleva-se 10ª potência tirando o núcleo de química talvez, mas e ai os estágios são quatro núcleos, um núcleo de química, um núcleo de saúde e o núcleo de educação e um de trabalho.

LB: São as principais áreas de inserção das psicólogas não é.

JB: É.

GB: E aí um dos estágios já é interventivo mesmo, você vai você passa um certo período observando identificando demandas, aí você pensa numa intervenção e aplica, mas se aproxima do grupo final não está na clínica. Na clínica é o estágio psicodiagnóstico, você passa em média oito encontros com um paciente, fazendo um trabalho de psicodiagnóstico, para depois encaminhar ele para outro serviço da clínica ou fora da clínica.

Entrevistadora: *E no quarto vocês têm eletivas também?*

GB: Tem, ...tem?

JB: Tem.

LB: Tem eletivas de pesquisa e eletiva temática.

JB: Foi no terceiro ano pesquisa ou no quarto?

GB: Foi no terceiro?

LB: Não é no quarto.

GB: Não, foi quarto.

LB: Porque a gente tem projeto de pesquisa no segundo semestre, no primeiro semestre a gente eletiva de pesquisa.

GB: Isso.

DB: Não no segundo semestre do quarto ano é TCC.

LB: A é TCC.

GB: Nossa! Ai.

JB: Acho que objetivo de pesquisa é do segundo semestre do terceiro ano.

LB: Segundo semestre do terceiro ano. É.

GB: Tá.

DB: Aí a gente faz um projeto de pesquisa, um TCC no primeiro semestre do quarto ano,

GB: Isso.

DB: E aí você faz TCC depois, não é.

GB: É.

LB: Segundo semestre e primeiro semestre do quinto ano.

Os demais: É.

Entrevistadora: *Tem tudo isso, ainda tem as disciplinas obrigatórias.*

Todos: Sim.

JB: Sim exato.

DB: Tem as disciplinas obrigatórias.

LB: E aí além delas, além dos núcleos que falando dessas áreas, tem uma matéria que chama ética profissional,

DB: Ai! (risos).

GB: É esqueci disso (risos).

LB: E tem teorias e técnicas psicoterápicas.

GB: Isso.

LB: Que é uma matéria que vai ser predominantemente, é isso vai ser clínica, e que vai te mostrar possibilidade de atuação clínica em quatro diferentes abordagens.

DB: É.

LB: Então vai com comportamental, Jung, psicanálise e Feno.

GB: E dura o ano todo não é,

LB: São dois semestres.

GB: Dois semestres.

DB: É meio semestre em cada,

JB: É meio semestre para cada abordagem.

GB: E aí tem projeto de pesquisa no primeiro e quarto ano e TCC no segundo.

Entrevistadora: *E por que você gostou tanto da ética?*

DB: A eu gostei muito eu não sei te dizer vou do exemplo, assim eu fiz com a E.Z. foi demais,

LB: Acho que a gente fez juntas.

DB: É mesmo, é mesmo. Eu achei demais assim, porque era conversa, então assim você não tinha que ler nada, não tinha um trabalho em casa e acho que isso já era muito bom, até porque já era muito tarde não é, era oito e meia da noite para começar.

LB: Não tinha um trabalho?

DB: Acho que não.

LB: Teve um trabalho.

DB: É mesmo?

LB: Teve. Porque toda matéria tem que ter alguma forma de avaliação, não é.

DB: Mais foi um negócio!

LB: Foi uma análise de um filme.

DB: Foi mesmo?

LB: Foi.

GB: É eu tive isso também.

LB: Que foi o, ...Acho que não vou lembrar.

GB: Também não lembro.

DB: Eu lembro que eu fiz isso, eu e meu grupo a gente pegou um vídeo de um psicólogo atuando e era,

LB: Teve um seminário,

DB: Sim.

LB: Mas também teve uma prova individual, que era um trabalho para fazer em casa, era a análise de um filme, que falava sobre uma empresa era um filme francês, não sei se você viu.

DB: Bom eu não lembro, dessa avaliação,

LB: O RH.

DB: Não foi tão marcante (risos), mas eu achei demais essa matéria assim, acho que colocou em xeque muita coisa, era em roda e a gente ficava só pensando, a professora trazia muitas situações. Eu lembro de uma aula que ela trouxe várias tirinhas e deu para gente, e era assim, meu Deus era um dilema ético.

GB: A eu lembro.

DB: Você lembra?

GB: Lembro.

DB: E a gente ficava quebrando a cabeça, então eu acho que isso foi muito, muito,

GB: Despirocou muito, tipo assim, o paciente fala que vai matar o Quirino(?) que não consegue falar.

DB: Exato.

LB: Ou sei lá, quebra de sigilo.

GB: É.

DB: Quebra de sigilo, várias coisas.

LB: Várias coisas assim.

DB: Colocou a gente em cheque, eram situações práticas sabe, e se isso acontecesse na sua vida?

LB: O que eu achei legal, é que a gente não discutiu essa questão clássica assim, dilemas éticos da Psicologia, mas questões que estão acontecendo contemporaneamente. Eu lembro que a gente fez seminário sobre, ...Enfim, temas que cada grupo escolheu, e aí tinham temas que era por exemplo, estudar o que era as discussões éticas sobre o depoimento sem dano, com crianças e adolescentes.

DB: Exato.

LB: Teve também, ...Meu não lembro, eu lembro desse que foi o meu (risos), mas teve muitas falas sobre questões que estão sendo vividas na atualidade, e são coisas que futuramente entraremos em contato.

DB: Nossa deu um nó na minha cabeça assim essa aula, mas foi muito bom no sentido de sempre se reciclar e eu me vi muito nessa posição na ocupação, esse ano porque era um estágio novo. Então assim, nem a professora tinha muita experiência lá, e a gente foi testando para ver o que acontecia tal. E essas perguntas, eu acho que essa matéria me ajudou muito nesse sentido, de me perguntar, meu Deus será que eu estou sendo psicóloga, quando eu faço isso o que eu acabei de fazer?O que é Psicologia? O que é mais ético fazer nessa situação, será que cabe a mim fazer tal coisa? Então eu acho que foi muito bom nesse sentido também, eu lembro que foi muito bom nesse sentido também. Eu lembro que a Elisa até fez uma discussão no começo. O que é Psicologia? E ninguém sabia responder. Então são perguntas que eu acho que, teve muito nessa aula e me acompanha até hoje, nesse sentido aí.

GB: Eu vejo que é muito legal e aconteceu no quarto ano e não no primeiro, porque no quarto parece que tipo, você já teve uma experiência e você está meio quase no quinto ano, e no quinto se você já estivesse você não teria tanta discussão. Não é?

Os demais: Uhum!

GB: Sei lá, tipo na minha experiência nesse ano,

JB.: Seria uma como se você,

GB: Acho que é uma época boa. Não é?

JB: É meio quando você está começando a se questionar.

GB: Exato.

DB: Está quase saindo não é.

GB: É no primeiro ano, todo mundo está muito certo já, achamos que vamos ser Freudianos, vamos ser psicanalistas.

DB: É.

GB: Não e falando sobre Fenô e comportamental aí, para ir passando o tempo você começa a ter que atender, você não sabe o que é outrossim, aí veio bem nessa...

DB: Isso só mexeu com outros mais, ninguém sabia o que é Psicologia (risos), ninguém sabia falar porque sei lá, acho que tem outras profissões que tem uma definição mais,

LB: Clara.

DB: É mais clara.

LB: O nosso objeto de estudo não é consensual.

GB: É exatamente.

DB: É exato, então isso me chocou muito, mas foi muito bom gente.

Entrevistadora: *E no quinto ano, o que, que vocês usaram.*

GB: O Cruz(?), não é tem uma série de núcleos, você a princípio escolhe dois, são dois núcleos anuais, a única coisa anual que tem na graduação, cada núcleo também com seu estágio, E aí assim já no estágio, você basicamente é tratado como psicólogo mesmo, ...É tira assim a rodinha de segurança quase completamente, já é intervindo, já é o atendendo, e as instituições esperam que você haja como psicólogo, pelo menos foi a minha experiência.

LB: A minha experiência foi diferente.

GB: Foi?

LB: Mas é isso, eu acho que varia também de lugar para lugar que você está então,

GB: Ahã.

LB: Acho que também tem m peso grande se você estava num núcleo de clínica, você atender realmente, você ali com a pessoa, não é?

GB: Ahã!

LB: Então acho que também tem um peso grande, se você, você estava num núcleo de clínica e você atender realmente você ali com a pessoa não é.

GB: Ahã.

LB: Então acho que esse peso de ser o profissional ali na relação vem com muita força, mas acho que quando, sei lá, nos grupos de educação, saúde mental, acho que as minhas inserções no abrigo que eu estagiei, no CAPIS que eu estagiei. É, ...elas sempre eram muito, muito supervisionadas acompanhadas, tinha a coordenadora do serviço residencial terapêutico que eu ficava e que estava sempre conversando comigo. Eu tinha reunião técnica, reunião com a equipe técnica do abrigo, reunião com a supervisora do instituto pelo o qual eu estagiava, tinha reunião com as professoras da IES B, então sempre muita gente ali me orientando sobre o que eu não deveria ou não fazer.

GB: Então era para eu ter tido isso no meu outro estágio que foi em CAPS também, mas foi a primeira vez que teve estagiário daIES B nesse CAPS, era um CAPS que estava muito em transição, era muita rotatividade profissional e tal. Então por mais que eu participasse das reuniões da minha equipe, eu era bem assim eu estava assim, por muita por conta própria, eu até falei isso para eles assim, foi um erro muito grave.

LB: A gente fica desamparado, não é?

GB: É exatamente. Tipo, eu até falei isso para eles, não foi um negócio, vem trabalhar com a gente, era olha aqui tem um caso vai trabalhar, que vai até contra qualquer noção de colocar a pessoa em rede sabe.

LB: Ahã.

GB: Foi, ...É que era um CAPS complicado assim, era para ter sido isso, mas aí por conta disso eu acabei sentindo muito essa pressão de, ...Meu você foi aonde?

DB: Eu senti bem isso também na ocupação, porque não tinha forma definida assim, não tinha ninguém supervisionando a gente, por um lado foi muito legal, porque a gente pode criar muitas cosias, mas foi desesperador às vezes. Porque é isso não é, acho que a gente não necessariamente tem essa segurança toda para atuar não é, mas acho que é interessante essa liberdade também, porque você vai construindo um pouco essa segurança por si mesmo.

GB: Sim é.

LB: Um dos meus estágios era em dupla, a o seu também.

DB: O meu também é verdade.

LB: Não era individual.

DB: Sim.

LB: E aí isso também já te dá um apoio ali.

DB: Com certeza.

Entrevistadora: *E vocês tiveram contato com materiais ou leituras, ou tiveram nas políticas públicas durante o curso?*

LB: Sim.

GB: Esse ano?

Entrevistadora: *Durante a formação como um todo.*

JB: A sim.

GB: Com certeza.

LB: Acho que é algo que a gente entra em contato tardiamente, mas que existe então, mesmo, por exemplo, nos estágios do terceiro ano, sei lá, tem gente que chega no terceiro ano e vai ter psicopatologia. São alguns dos professores, é uma na verdade uma professora de psicopedagogia que trabalha com o CAPS. tem gente que chega no terceiro ano sem saber o que é CAPS, enfim com noções muito, ...Pobres do que é a rede de garantia de direitos da criança e do adolescente. Então trabalha com políticas de educação, o que, que é a assistente social? A gente vai ter isso com mais força no quarto ano assim, sem sombra de dúvida.

Entrevistadora: *Sei.*

LB: E a gente vai trabalhar dentro de cada núcleo com as políticas públicas existentes os serviços, e vai ter aula de Psicologia social IV no terceiro ano? Psicologia social IV?

JB: IV é no terceiro ano.

LB: É no terceiro ano, mas é no segundo semestre que a gente vai estudar cada uma dessas políticas, mas antes disso assim, são abordagens teóricas são é..., Concepção sobre trabalho em grupo, sobre análise institucional, mas que não tem ainda um caráter forte de presença de políticas públicas no curso. Na minha opinião.

Entrevistadora: *Sim, sim.*

DB: Eu concordo também. Os primeiros anos não é, é muita psicanálise, é muita, ...Todas as teorias na verdade muito forte, desenvolvimento umas coisas bem assim clássica não é, sei lá, Piaget essas coisas assim, nós anos iniciais não é muito temático, mas falta articular um pouco com a realidade.

Entrevistadora: *Mas vocês, onde vocês tiveram, foi essa disciplina social IV e?*

GB: Não, e todas as Psicologias sociais, políticas sociais I, II, III e IV teve o núcleo inteiro,

LB: Todas as Psicologias sociais, I, II, III e IV.

GB: Isso. É negócio de leitura.

DB: Você está assustando.

GB: Ai!

LB: Não, mas a gente está falando de política pública.

Entrevistadora: *Políticas públicas.*

LB: Políticas públicas no curso, contato com política pública foi só com Psicologia social IV.

GB: Ah! Mais em leitura você está falando ou no geral?

Entrevistadora: *Em tudo. Pode ser em leitura, pode ser no estágio que vocês entraram em contato.*

GB: Tá entendi.

LB: Para mim foi só no terceiro ano.

DB: Teve uma aula eu lembro foi de saúde no quarto ano, que era só sobre SUS.

LB: Sim, sim. O programa teórico não é.

DB: É o programa teórico, que era explicando para gente,

LB: Sistema Único de Saúde.

DB: O programa do SUS.

GB: O núcleo no quatro é o núcleo de educação, no três também teve, articulação com a escola eu lembro um pouquinho vagamente.

LB: Teve eu não lembro agora do nome dos programas, mas eu sentia que as discussões eram mais temáticas assim, de falar sobre gênero e a educação, a questão racial e a educação.

DB: Era não necessariamente.

LB: É eu não lembro de política pública.

Entrevistadora: *Estudar a política pública.*

GB: É não foi um estudo aprofundado, mas, eu lembro que assim,

LB: Menções.

GB: Exatamente.

DB: É parece que sempre tem presente isso de encaminhamento, essa noção de rede isso eu percebi muitas aulas, mas realmente focado em políticas públicas não são tantas matérias, muitas disciplinas.

LB: No final do curso começam a crescer, acho que até mais, mais aí depende das escolhas que você faz.

DB: Sim.

GB: É sim.

LB: Por que aí vai virando optativo, não é?

Os demais: É.

GB: É eu tive no grupo de vulnerabilidades, por exemplo, eu tive aula com a Tereza Endo, e era basicamente isso, vulnerabilidades e políticas públicas. E no meu estágio desse núcleo também que era no CAPS.

Entrevistadora: *Vocês tiveram estágio, tiveram em políticas públicas?*

DB: Eu fiz estágio no CAPS, essa professora que é a LB falou que é única, eu fiz no CAPS AD com ela, assim que eu estive em ônus positivo foi só essa aí, e foi um estágio assim de pouquíssimas visitas sabe.

Entrevistadora: *Uhum!*

DB: Então eu pessoalmente não sei, nunca era com supervisores que tinham estágio assim.

LB: Eu tive.

JB: Então pode falar para mim, eu não tive.

LB: Não teve?

GB: No quinto ano?

JB: No quinto ano eu não tive.

LB: Eu tive com essa professora em CAPS, depois eu tive, tive, tive contato também no CAPS em Seco(?), porque o meu estágio de trabalho foi com as trabalhadoras de um serviço desses serviços, com as trabalhadoras desses serviços. Tive na APA que é uma política pública, uma política pública não, não sei o nome disso, da área da política pública de educação. Tive, ...Educação no trabalho, clínica, e saúde estagiei no CAPS também e aí no quinto ano meus dois estágios também foram, na política pública de assistência que é m abrigo, e no CAPS de novo.

Entrevistadora: *E no nucleio de vulnerabilidade, você foi em algum serviço, esteve em algum serviço assim de política pública?*

GB: Eu estagiei no CAPS.

Entrevistadora: *A no CAPS mesmo.*

GB: É o ano inteiro.

Entrevistadora: *Na vulnerabilidade.*

GB: É.

Entrevistadora: *E vocês consideram o que vocês acham do que vocês tiveram de ferramentas de instrumentos, para conseguir as vagas para políticas públicas?*

LB: Acho que principalmente no SUS o que ajuda, são as mateiras do programa teórico de saúde que a gente tem no quarto ano, que a gente vai estudar o princípio do funcionamento da rede. E aí tem também os seminários que a gente faz em Psicologia social IV no terceiro, que eu acho que para mim também ajudaram a da essa noção, alguma noção sobre o que são essas políticas públicas. E aí, mais exclusivamente para mim, eu consegui descobri que eu não sabia que existia o sistema único de assistência social. São essas políticas que a gente não ouve falar muito, então acho que por essas duas matérias assim, que deram subsídio.

GB: Eu não sei muito bem como responder a essa pergunta, mas eu vou tentar responder da melhor maneira que eu posso. Assim, a coisa mais importante para eu ficar no CAPS foi justamente à fenomenologia, foi o embasamento digamos assim, teórico, metodológico sobre como é, como se apoia em, como entrar em contato com o sofrimento de alguém muito forte. É um embasamento que eu levei muito a sério na minha graduação, acho que esse foi o mais importante assim, que me deu uma disposição de realmente está lá com os usuários, da melhor maneira que eu poderia estar. Fora isso as aulas com a Tereza Endo, onde eu aprendi bastante sobre a articulação em rede, sobre assim, ...A melhor postura que o psicólogo pode ter trabalhando no SUS trabalhando na rede pública. E aí foi assim, aí era o que o CAPS apresentava que eram a reuniões em equipe, está conversando com o psiquiatra, está conversando com assistente social, com o terapeuta ocupacional, pedindo ajuda para eles sobre quais outros serviços pode encaminhar algumas pessoas que eu acompanhei. Mais assim, eu digo é que o mais importante mesmo foi o estudo muito sério assim da fenomenologia.

Entrevistadora: *É de onde você tirou a base.*

GB: Isso.

Entrevistadora: *Para as ferramentas etc. Não tem resposta certa não tá gente, podem ficar tranquilos. Mas se eu perguntasse para vocês, vocês acham que vocês poderiam trabalhar agora no SUAS ou no SUS ou na APA como psicólogos, vocês se sentiriam preparados, preparadas?*

JB: Acho que não, porque não tive tanto contato como outras pessoas que tiveram talvez, então eu não me sentiria, mas se eu tivesse tido interesse de ficar em algum grupo e me aprofundar nisso. Assim, a gente teve aulas, no quarto ano a gente teve também que são matérias obrigatórias, mas eu acho que eu, ...Talvez não tenha me interessado tanto, mas ei acho que se eu tivesse me interessado mais eu estaria mais preparado.

Entrevistadora: *Uhum!*

GB: Mas o que, que você quer dizer com está preparado?

JB.: É para atuar.

Entrevistadora: *Para atuar lá.*

GB: Tá.

Entrevistadora: *Não que exista esse momento, estou pronto não é, se eu falo isso para ele, ele bateria se me visse falando isso (risos).*

GB: É porque é assim, eu sinto que eu não estou preparado por alguns motivos práticos inclusive, eu não passaria de jeito nenhum num concurso porque eu não estudei para isso (risos).

Entrevistadora: *Tá.*

GB: Mais assim, o meu conhecimento sobre políticas públicas, serviços disponíveis tudo assim não é dos mais profundos, o que realmente não foi uma ênfase na minha indagação. Algumas das siglas que você acabou de falar, eu não sei o que elas significam, e eu vejo que isso é fundamental para você que está na rede pública. Porque é assim, o mais importante na minha experiência foi saber dialogar com outros profissionais sabe.

Entrevistadora: *Uhum.*

GB: O trabalho interdisciplinar é fundamental se você está na rede pública ali pelo o que eu entendi, então você têm que ter um linguajar comum ali, as pessoas não podem ficar parando para te explicar o tempo inteiro, até porque a demanda é abismal no serviço público. Então eu não estaria preparado por causa disso, eu sinto que eu estaria preparado para começar a aprender melhor. Olha se alguém falasse assim, vem trabalhar, vem tudo bem pode vir eu estaria preparado para começar a aprender assim sabe. Eu acho que depois de algum tempo eu iria me aclimatizar lá e ficara tudo bem, mas agora eu estaria muito cru.

DB: Seria mais ou menos preparada assim, não é que eu não sei nada, mas também, não me sinto assim dominando, por exemplo, todos os dispositivos os quais eu posso encaminhar um paciente sabe. Tudo o que o SUS oferece, por exemplo, ou tudo o que a RAPS oferece, eu não me sinto estou preparado, mas sei lá, não me sinto como se eu não soubesse nada também. Não sei se eu respondi direito,

Entrevistadora: *Sim.*

DB: Mas acho que a resposta é mais ou menos (risos).

LB: Eu acho que eu me sentiria preparada mais ou menos, assim no sentido de conhecer essas políticas, mais ou menos porque é isso, você vai fazer as provas também tem muita coisa, perguntada que você não sabe que é coisa especifica, que é legislação, que meu! É isso precisa estudar muito.

Entrevistadora: *Legislação fez parte da formação de vocês?*

GB: Não.

LB: Pouquíssimas menções, lei orgânica de saúde, lei orgânica de assistência social, você sabe que existe, mas é isso, acaba aí.

GB: Meus colegas, que eu conheço que tem conhecimento legal sobre isso tudo foram buscar fora, foram ver aulas na Sanfram, conversar com amigas que faziam isso.

LB: Tem coisas que eu estou aprendendo agora, tem coisa que você vai ouvindo no núcleo que você está, o núcleo de saúde mental você vai falando da política nacional de suade mental. Então é isso, o núcleo de educação também, você vai olhar isso talvez, não de uma forma rigorosa de olhar as leis e os artigos e aquilo o que eles preveem, mas de conversar sobre isso, discutir sobre isso. Olhar isso dessa maneira rigorosa que eu estava falando, eu estou vendo agora nas provas que eu estou prestando, de residência os aprimoramentos que eu ia prestar, eu vejo isso agora.

DB: Sim, é realmente pensando bem, o contato que eu tive assim com a legislação, foi o ECA não é, no núcleo de educação, mas antes disso de pegar e ler mesmo assim a legislação não li, assim, é isso tem menções.

LB: A lei Paulo Delgado.

DB: Tipo, é citado nas aulas com uma certa frequência assim, existe, estão querendo mudar não sei que lei, existe, mas não é uma coisa tão aprofundada assim.

GB: O que eu mais cheguei perto foram leis a respeito do consumo e tráfico de drogas, mas eram psicólogos me falando sabe já era dividindo assim, mastigadinho, não foi muito aprofundado mesmo.

Entrevistadora: *Você falou do trabalho interdisciplinar.*

GB: Sim.

Entrevistadora: *Vocês tiveram contato, vocês estudaram sobre isso durante a formação, está na prática de estágio de vocês.*

GB: Estudar o que? Desculpa.

Entrevistadora: *Trabalho interdisciplinar.*

GB: Eu acho que psicopatologia foi muito importante para isso, psicopato assim como uma aula psiquiatria mesmo, sobre como a psiquiatria vê o sofrimento existencial, acho que isso me ajudou muito a conseguir conversar como psiquiatra. Sabe assim, é precisar muito de um apoio da parte do psiquiatra com quem estou conversando, o psicopato ajudou muito com isso. Teve uma aula em núcleo de clínica eu acho, que vieram o pessoal do grupo de assistência social da clínica da IES B eu acho,

LB: Uhum!

GB: Você lembra disso?

LB: De assistência social? Não, ...A lembro, lembro que era do curso de serviço social não é, até?

GB: Isso, isso. Uma aula,

JB: O semestre passado você diz?

GB: É o grupo de clínica.

DB: Eu não tive, porque eu fiz antes eu troquei.

GB: A tá.

DB: Eu não tive isso por exemplo.

GB: Você não teve. A e acho que o núcleo de educação dos estágios, que você acaba tendo muito que conversar com a professora da sala que você trabalhava, e aí discutia muito supervisão.

LB: Eu acho que fora dessas experiências, aí vai surgindo por conta das escolhas também, nas minhas escolhas eu vi muito a questão do trabalho disciplinar. No núcleo II, em que eu estagiei numa UBS, nossa eu falei no CAPS não é, eu estagiei numa UBS, núcleo II do quarto ano. Que é isso eu acompanhava as reuniões de matricialmente e reuniões de miniequipe que a discussão interdisciplinar estava lá aposta assim, então eu via acontecer. Mas de ver no curso, nas aulas aqui? É eu acho que a gente vê um pouco disso no núcleo II, eu lembro de várias menções assim nos núcleos do quarto ano e nos núcleos que eu escolhi agora também.

JB: Não sei se vocês vão concordar comigo, mas nas aulas de grupo a gente tinha mais ou menos isso também ou não?

DB: Então nas minhas aulas de grupo não.

GB: Do quarto ano.

LB: A do quarto ano.

JB: Do quarto ano a gente teve um pouco.

LB: Teve? Não lembro.

JB: Eu tive com a Juliana Flores.

LB: Não. Eu tive com a Fernanda, mas eu não lembro de a Fernanda enfatizar isso na minha turma.

JB: Tipo enfatizar não, talvez seja o que o grupo trouxe da apresentação pode ter,

LB: Mas eu acho que talvez porque isso aconteceu no estágio, então isso estava sendo visto em outro programa.

JB: É pode ser.

LB: Mais não como aula que ela estava trazendo.

DB: Pode ter sido isso.

GB: É um grupo meu fez como avaliação, a simulação de um trabalho em grupo com profissionais do CAPS.

JB: Exato foi exatamente isso.

GB: É.

JB: Mas eu acho que não estava na sua sala, mas foi exatamente isso.

GB: É, agora eu lembrei.

Entrevistadora: *Mais a prática de estágio de vocês, a LB está trazendo que participou de reuniões em equipe e teve contato, de vocês também vocês têm contato com outros profissionais?*

GB: Com certeza, pelo menos no CAPS tinha, na clínica não, até porque não tinha muita necessidade para isso.

Entrevistadora: *Nem de encaminhamento, nem de conversar alguém que está atendendo o mesmo paciente.*

JB: Não.

Entrevistadora: *Não.*

JB: O paciente que atende na clínica, digamos assim, não gosto muito desse termo, mas era um caso fácil esse.

LB: É o meu não teve interlocução com outro profissional assim, ficou dentro da Psicologia mesmo, ele foi encaminhado para uma terapia,

Entrevistadora: *Na clínica mesmo.*

LB: Na clínica mesmo grupal, então não teve essa conversa, esse diálogo.

GB: De psicodiagnóstico você diz.

LB: É de psicodiagnóstico.

DB: O meu? Outro dia lá na análise do comportamento, eu atendi uma criança com TEA, eu ia uma vez por mês na escola, ela ia de manhã para uma espécie de creche, que era uma senhora que cuidava dela e a tarde ia para uma EMEF. E eu fazia visitas mensais, assim conversava, observava como que estava lá, falava com a coordenadora, via quais eram as possibilidades, conversava com as professoras. Foi esse máximo de rede assim eu acho, mas essa noção de rede, encaminhamento de interlocução com outros profissionais, para mim é muito presente aqui na fala aqui nas aulas, é que de novo isso, tem menções sabe.

GB: É são raras as ocasiões onde esse é o carro chefe assim, esse é o proposito dessa aula, tipo aparece em algumas não em todas.

DB: É isso.

JB: Eu acho que esse ano aqui na IES B eu não tive isso, tipo nos estágios na clínica da IES B em comportamental e tipo, a gente interage entre a gente entre o grupo, mas não todos os profissionais, mas o esporte é a mesma coisa. Acho que eu tive fora da IES B esse ano no OD, tipo professores vários outros profissionais, mas aqui na IES B esse ano não teve.

Entrevistadora: *O de esporte nem com o educador físico, o terapeuta?*

JB: Eu com o técnico, ...É talvez.

Entrevistadora: *Mais é técnico de futebol ou não?*

JB: Não é de caratê, não sei se serve mais eu tive, só que é de manhã.

GB: Mais aí foi por causa do seu, tipo não era uma proposta de uma disciplina.

JB: Como assim?

GB: O seu TCC não foi isso? Com técnico.

JB: O meu TCC foi sobre esportes também.

GB: Foi por causa do TCC que você fez isso ou não, esse contato com o técnico?

JB: Não foi nesse ano do esporte mesmo.

GB: A tá.

JB: Que eu tive esse contato com o técnico.

GB: Foi estágio?

JB: Foi estágio.

Entrevistadora: *E qual foi o contato, o que, que você trocou com ele/*

JB: Como?

Entrevistadora: *Para que, que foi?*

JB: Bom primeiro ele meio que me ensinou caratê não é, começou a me ensinar boxe, eu lá aprendendo também bastante, e sobre campeonatos também ele me ensinou bastante, acho que essas coisas mais do fundamento mais da modalidade do esporte.

LB: Que legal.

JB: Não sobre a Psicologia nada sobre isso, acho que a gente foi trocando muita experiência ao longo do tempo, tipo, eu fui aprendendo com ele e ele foi aprendendo comigo. Teve essa troca bastante uniforme, muito bom, e aí entre os atletas também, eles trocaram bastante experiência com a gente.

DB: Lá n a ocupação, ...É que é isso não é, a ocupação não é uma política pública assim, mas eu sinto que tudo o que vocês estão falando permeia muito lá, por mais que não seja o CAPS. Então lá eu fiz, eu e a

Madu a gente fez parceria com o missionário que trabalhava lá, que estava lá fazendo uma missão assim, na igreja tal, mas ele era muito legal, ele se afinava muito com a gente, no sentido de,

LB: De defesa de direitos.

DB: Exato, exato. Dos ideais assim e foi bem interessante, porque eu acho que ele foi a nossa rede lá, foi bastante requisitado. Mas ele foi a nossa rede e eu acho que a gente também, eu estava conversando com advogado que fazia os tramites judiciais, então assim, ABT o proprietário entrou com um pedido de reintegração de posse. Aí a gente conversava com o advogado, então a gente ia meio que se completando assim, é que é isso não é, não é algo para né!

Entrevistadora: *Não precisa ser na formalidade.*

DB: É.

Entrevistadora: *Mais é na vivência da prática.*

JB: Uhum! Total.

DB: Então eu acho que sim, isso teve muito assim, então a coordenadora da ocupação, e uma coisa que eu acho que a IES B muitas vezes fala, não sei se para vocês também, ficou um pouco essa sensação. Mas para mim é meio de, ...Assim, a gente não está em cima de ninguém, a gente não vai falar para o profissional que trabalha nesse lugar o que ele deve fazer, o que ele está fazendo de errado. Não assim, é muito de tentar entender, construir junto então uma postura de humildade mesmo assim, não sei qual é a palavra ideal para.

LB: A gente fica lado, a lado não é.

DB: É exatamente.

GB: É um trabalho em conjunto.

DB: É isso, não é para chegar para a professora da escola e fala, você está fazendo tudo errado, não, não é bem por aí.

GB: É porque que tipo de trabalho, você pretende alcançar fazendo isso?

DB: É.

Entrevistadora: *Então aproveitando, como vocês consideram ou como são decididas as coisas para um estágio uma intervenção ou até no próprio curso?*

LB: Como são decididas?

Entrevistadora: *Intervenção no seu estágio, por exemplo, vocês têm participação ou vocês chegam com as coisas prontas para comunidade que você está atendendo é construído junto. Como são esses processos de construção de intervenção, e também os processos de construção do curso, de espaço de diálogo de autonomia etc.*

JB: Eu acho que na clínica o comportamental esse ano foi muito interessante, porque o grupo todo de terapeutas mais a supervisora conhecia assim o super caso de cada um, tipo muito assim, era uma troca de experiências com os clientes. E aí depois a gente conversava, e depois na próxima sessão dois outros iam lá atendiam o cliente, então era sempre um rodízio. Então todo mundo conhecia todos os clientes muito bem, poderia atender aqueles clientes na hora que precisasse, tanto que já aconteceu isso, a minha dupla faltou então eu chamei uma outra pessoa, e substitui e foi muito bom. E a gente tem também atendimentos que eu te falei, do espelho, com três terapeutas no espelho e dois atendendo com a supervisora, então tipo o do espelho que está fazendo os registros, depois a gente conversa sobre isso, então eu acho que é uma troca muito forte foi muito bom.

GB: É pelo o que eu vejo assim, acho que depende muito do supervisor que a gente tem, por exemplo, o meu supervisor para o estágio no CAPS ele tinha uma experiência clinica muito boa, mas o conhecimento mais, ... É de políticas públicas mesmo era muito raso, praticamente inexistente assim. Então se eu fosse fazer uma intervenção mais ampla, seria conversado com o pessoal do CAPS, ele ia meio que me dá um aval para fazer o que eu quisesse assim, não estava nem tão implicado assim, ele nem estava implicado assim, teve várias críticas desse supervisor. Então seria com os profissionais do CAPS, mas depende muito do supervisor, que as minha tudo era bolado em supervisão. As meninas de outros núcleos assim me contavam que tudo era bolado em supervisão e também com o pessoal em serviço que elas estavam e tudo o mais, isso eu vejo, o supervisor que você tem, tem um papel fundamental nisso.

DB: É eu acho que não pode rolar isso não só com supervisão, mais com aula teórica mesmo, depende do professor com quem você esteja não é.

GB: Certo.

JB: Sim.

DB: Então, por exemplo, que teve grupos,

JB: Com a Narcisa.

DB: É. Que teve grupos com a Fernanda foi uma aula, teve grupos com a Juliana Flores foi outra coisa diferente.

GB: Exatamente.

DB: Então às vezes rola isso. Eu na supervisão da clínica me senti bastante confortável, bastante livre para propor as palavras e tal, eu acho que consegui estabelecer uma relação legal com a mãe da criança que estava presente em todas as sessões também. E na escola eu também acho que consegui construir uma relação legal com as educadoras. Também assim, eu tinha propostas, mas que ao mesmo tempo me via ali na impotência de não conseguir realizar nenhuma delas, no caso de não ter funcionário, com um segundo livreo dia inteiro nas escolas. É nesse sentido.

Entrevistadora: *Você tinha propostas, você já chegava com as propostas prontas, ou você construir com as professoras as propostas?*

DB: Eu primeiro conversava com elas a respeito, aí observava um pouco e aí eu não propunha nada no próprio dia, então, por exemplo, na primeira visita, eu fui lá aí eu conheci o espaço, conheci a sala de aula. Vi como que era como era a criança e conversei com a coordenadora, com a, ...Então no sentido de conhecer mais de acolher também no sentido de que, ah! Deve ser difícil e tal. E aí eu vou para casa e na vez seguinte, eu chegava com uma ideia que eu tinha pensado, mas era uma proposição. Acho que em nenhum momento disse de alguma forma, como se, se elas não fizessem aquilo que eu estivesse falando seria grave, nem nada assim, mas eu pensava em casa e chegava com uma ideia lá, depois de ter tido essa conversa inicial, isso acontecia.

LB: No meu é como eu falei, era tudo sempre muito acompanhado, e acho que acompanhado não só no sentido de supervisionado, acho que muito no sentido supervisionado, mas também no de pensar junto mesmo. Acho que, ...No abrigo a gente fazia planejamento semanais daquilo o que a gente ia fazer com as crianças e os adolescentes, isso era conversado, a partir das demandas que eram trazidas pela equipe técnica do abrigo. Pela visão que a gente ia criando sobre essas demandas na supervisão ou na comunicação com a técnica do instituto que acompanhava a gente, então sempre tudo pensado junto assim. E no CAPS também, eu fazia assembleia com os moradores da casa, eu acho que o melhor exemplo do fazer juntos ali, e, além disso, a gente fazia uma janta juntos na quinta feira, porque existe uma regra ali, que eles não poderiam cozinha a noite na casa. E aí a gente criou essa estratégia de tentar romper um pouco com essa rigidez aí manicomial, e aí era isso, as propostas sempre vinham juntas, sempre em conjunto ali, a gente sempre discutia o que ia cozinhar toda semana. A própria criação desses projetos foi conversada em supervisão, pensado junto em supervisão, eu que trouxe a ideia do jantar, por exemplo, foi conversado com a coordenadora da casa, então sempre foi um fazer junto assim, nada isolado.

Entrevistadora: *E vocês discutiram ou lembram, de terem discutido, em algum momento no curso, a importância das instituições democráticas e o que a Psicologia tem a ver com isso. Debater ou leram alguma coisa, ou viram alguma coisa sobre Psicologia e democracia?*

LB: Vai ter uma eletiva agora para as pessoas que estão,

DB: É sério?

LB: Sobre Psicologia e democracia.

GB: Qual ano?

DB: Aí que legal.

LB: Acho que é para quem está indo para o terceiro ano.

DB: Quem vai dá você sabe?

LB: A Ana Bock e companhia (risos).

JB: Mais é nova, não é?

LB: Hein?

JB: Vai entrar agora, tipo nova?

LB: Vai entrar agora.

DB: Nesses tempos sombrios.

JB: Nossa!

DB: Eu lembro que no núcleo de educação foi muito bom à aula da Luciana assim,

LB: Sim.

DB: Perto das eleições assim foi muito presente, ela falou pessoal olha o nosso código de ética, ele é compatível com propostas "X", "Y", "Z"? Então meio nesse sentido, de retomar o código de ética do psicólogo e de comparar com o cenário político atual assim, nossa foi muito bom. Foram aulas que, assim o conteúdo que estava no cronograma foi deixado de lado, justamente por causa da peculiaridade do momento não é, e foram umas três aulas assim, foi muito bom, a gente consegui discutir sobre o nosso papel dentro desse cenário também.

LB: Eu acho que indiretamente também quando a gente sempre falou sobre a defesa dos direitos humanos,

DB: Sim.

LB: De direitos sociais porque, é isso, se a gente for parar para pensar, a democracia nunca vai se realizar plenamente numa sociedade que é socialmente desigual. Que as pessoas partem de lugares diferentes, para poder ou não exercer os seus direitos, então, indiretamente acho que o que estava sendo pautado era justamente isso, era a defesa da democracia.

Entrevistadora: *Pode falar.*

GB: É tem também uma eletiva da Fabi, ...Não sei se tem ainda na minha época tinha no terceiro ano uma eletiva acho que da Fabiola, que era fenomenologia e educação e falava bastante disso, escola democrática. Mas, eu não fiz essa eletiva, mas eu sei que tem isso aqui e para nós é muito importante essa eletiva.

Entrevistadora: *E de como a Psicologia funciona, sistema conselhos, isso vocês têm propriedade? Se há na entidade da Psicologia se é democrática, se não é, como as coisas são constituídas?*

LB: Não isso a gente não vê, tipo a gente sabe da criação do CRP do CFP a gente tem isso na história da psico, mas, como eles funcionam essas coisas não.

Entrevistadora: *Conto para vocês no final.*

LB: A gente não sabe nem como a gente vai conseguir o CRP, não é?

DB: É verdade.

JB: Pois é.

LB: Vai precisar explicar para gente, porque a gente não sabe.

DB: Vai precisar pagar uma taxa, para pegar o diploma (risos).

Entrevistadora: *Entrando no que a LB comentou, na defesa dos direitos, vocês viram nos direitos humanos os direitos sociais em que momento, como?*

LB: Sim isso tem.

DB: Núcleo de educação teve bastante esse ano?

LB: Sim.

DB: Teve bem a teoria mesmo dos direitos humanos, foi o palestrante falar não é, aquele cara do direito, levaram palestrantes, enfim foi bem interessante.

LB: A própria ênfase no ECA também, não é?

DB: Exatamente.

GB: E institucional também não é, fala muito sobre luta manicomial acho, que isso implica nessa,

LB: Mas o institucional não foi tanto isso, e grupos também, até porque na época que a gente teve, estava rolando toda a questão do impeachment, não é.

GB: A sei.

LB: E isso acho que atravessava as aulas.

GB: Sim. Com quem que você fez?

LB: Eu fiz institucional com o Bróide e grupos com o Vicente.

GB: A tá.

Entrevistadora: *Falam em luta Manicomial do ECA.*

LB: Hum! Da constituição também.

DB: É.

LB: Da constituição.

DB: Sim, também.

Entrevistadora: *Vocês tiveram a constituição, em algum nível(?) do curso?*

LB: Não menções.

Entrevistadora: *Menções.*

LB: Mas a importância dela.

DB: Qual era a sua pergunta inicial mesmo?

Entrevistadora: *Se apareceu direitos humanos ou diretos sociais durante a formação.*

DB: A sim.

GB: É que é assim. Eu tive um contato a partir de outros parâmetros com isso, também pela Fenô sabe por que, só que quem é muito anterior assim, não é um olhar digamos assim mais histórico. Sei lá, o legislativo, é um olhar sobre um respeito extremo com as pessoas com quem eu vou entrar em contato assim, a singularidade com quem eu vou entrar em contato. Então não foi é, ...Não foi um estudo necessariamente, diretamente ligado aos direitos humanos e como isso é visto universalmente. Mas foi um estudo sobre um respeito enorme a singularidade humana. Um esforço para dar uma atenção a isso, não sei se tem muito a ver, mas eu vejo uma ligação nisso sabe.

LB: Uhum!

LB: Todas as eletivas de Psicologia social que eu fiz, pautaram essa questão assim.

DB: Sim as aulas de social, eu lembro até de uma aula, é que eu tive num ano diferente do de vocês, não sei se era Psicologia social II, mas que era sobre preconceito racial era bem temático.

LB: É um.

DB: Não sei é um?

LB: É um.

DB: Legal.

JB: Não foi três?

DB: Não sei, eu acho que principalmente nas aulas de Psicologia social assim, o pessoal era muito invocado assim.

Entrevistadora: *No estágio da clínica e análise do comportamento, de alguma maneira parecida com esse argumento de Fenô, vocês acham que surge isso?*

JB: No quinto ano você diz? Eu acho que as aulas eram muito voltadas para,

GB: A teoria não é.

JB: Da pratica, simulação, não sei se,

DB: É que às vezes a própria análise do comportamento assim, já tem uma proposta de ver qualquer coisa que o sujeito faça, do ponto de vista histórico sabe. Então depende da história dele, depende da cultura,

depende da genética então é entrelaçamento entre todas essas e é isso, porque que está com X coisa? Por causa da história dela, a gente tem que olhar esse contexto tal, então eu vejo nesse sentido também.

Entrevistadora: *Vocês discutem esse contexto amplo? Pensando que todos esses pacientes são do Brasil de onde eles veem ou trazem um pouco dessa questão de defesa de direitos ou não.*

DB: Sim.

Entrevistadora: *Posso está induzindo agora, me desculpem, a Nilza vai me dá um tapa (risos).*

DB: Eu diria que sim. Assim na clínica a supervisora atendia do meu lado a criança, assim quando gente estava começando, para mim foi muito presente assim ela até informando para mãe da criança que estava presente. A você sabe que você pode ter esse benefício e não sei o que, informando todas as assistências que ela poderia ter, no sentido de empoderá-las talvez, isso foi presente.

Entrevistadora: *E a questão aí para vocês, a questão racial questão de gênero, essas coisas são pautadas durante estudos são pautadas durante o estágio de vocês, surge isso como demanda do estágio?*

GB: É que eu tenho dificuldade de entender assim, o que significa falar, assim, existe uma questão de gênero aqui, existe uma questão racial aqui, sabe, por exemplo, teve muita aula, ...É muita não, teve algumas aulas no grupo quatro, no grupo três de educação, que falou sobre, ...Trouxe bastante sobre essas questões raciais, trouxe bastante sobre as questões de gênero, é digamos assim, o pensamento hegemônico a cerca dessas questões e como ele é excludente e preconceituoso basicamente, assim, pontualmente teve, ...É teve, eu não sei como continuar.

Entrevistadora: *Mas assim, para tentar te ajudar.*

GB: Tá.

Entrevistadora: *Como vocês pensam nisso que pontualmente, dimensões, como vocês pensam nisso para levar para prática de vocês, já está na prática de vocês ou não? É só algo mais teórico.*

DB: Você diz de levar em consideração esses aspectos?

Entrevistadora: *Isso.*

DB: A tá.

LB: Na medida em que a maioria dos adolescentes com os quais eu estagiei eram negros, por exemplo, no abrigo, é isso você vai olhar para história da psiquiatria no Brasil, do modelo do cuidado, do modelo de tratamento da loucura antes da reforma. Era um modelo também de higienismo social e aí todas essas questões estavam envolvidas, a questão racial, a questão de gênero ou de classe também. Então isso consequentemente está presente ali com aquelas pessoas, com as quais eu estava presente ali no dia a dia. Qual é a história delas? De onde elas vinham, qual a cor delas? E então sim, estavam presentes, era algo que era muito questionando em várias situações que aconteciam, não é? É a única moradora negra da casa, e ela que tem a maior responsabilidade sobre os serviços domésticos ali dentro sabe, vamos olhar para isso, vamos ver o que isso significa, não é? Então assim na minha trajetória acadêmica sempre, não sei se sempre, mas foi bem ao longo do curso assim.

GB: É que eu tenho dificuldade de responder essa pergunta, porque é assim. O caminho que eu escolhi para minha graduação, basicamente para mim apresentar fenomenologia é que eu escolhi ao longo desses anos e quero ao longo da minha vida é me desconstruindo assim. Me flexibilizando cada vez mais, para as pessoas com quem eu vou ter contato como psicólogo, então assim, eu não mergulhei de cabeça em estudar, por exemplo sobre questões de gêneros, sobre questões raciais. Porque é assim, eu que quero ser um terapeuta sabe, não me vejo fazendo intervenções maiores, intervenções em comunidades, pelo menos por enquanto não. Eu quero ser realmente um terapeuta mesmo, sabe um trabalho individual, íntimo bem assim artesanal sabe.

JB: Técnico.

GB: É basicamente isso. Mais assim clínico no sentido amplo, não necessário com consultório.

JB: A sim.

GB: Mas é, eu entendo a existência de atravessamento sociais, atravessamentos históricos das mais diversas ordens, mais o que mais importou para mim desde que eu comecei a estudar fenomenologia é, como tais atravessamentos vão ser apresentados na pessoa que está na minha frente. Como ela vai me falar sobre isso? Sabe! Então fico tentando me flexibilizar para receber isso, eu não consegui ver um sentido em me aprofundar, porque eu não sei muito bem como falar sobre isso.

Entrevistadora: *Mas você está sendo bastante relativista, esse teu momento.*

GB: Tá. Não estou generalizando aqui, mas em supervisão ou em aula mesmo via algumas colegas minhas, falando sobre pessoas com as quais elas tiveram contato profissionais já, basicamente só por via social mesmo. Sabe reduzindo a pessoa a pobre, sabe a única coisa que ela pode ser é pobre ou a única coisa que ela pode ser é negra, já tem um consenso sobre o que, que é ser negro no Brasil e isso acaba meio prejudicando a possibilidade de compreensão de algumas pessoas. Eu sempre tive muito cuidado com isso, então o meu caminho foi estudar sobre condição humana mesmo, antes de questão de gênero, antes de questão racial, antes de questões históricas para que a pessoa possa me mostrar isso no mundo dela. Eu posso estudar o quanto eu quiser sobre feminismo, mas eu nunca vou saber o que, que é sofrer machismo na pele de uma mulher,

JB.: Entendi.

GB: O mais próximo que eu posso chegar disso é estando completamente aberto para uma mulher me falar sobre isso, num atendimento por exemplo, então tenho uma puta dificuldade em responder essa pergunta sabe.

Entrevistadora: *Você está respondendo.*

LB: Eu acho que uma coisa desse contato talvez, é isso ele esteve presente, mas talvez na maneira como ele se deu assim, e que as avaliações de curso que eu fui tendo ao longo dos semestres e das matérias, foi mostrando a importância de trabalhar com autores e autoras que, ...Que tenham uma vivencia até pessoal dessas pautas, que sejam comtempladas por elas e que falem delas do lugar onde eles vivem. Então! Porque acho que é isso, tem a ver com o olhar que a gente tem, o nosso olhar está orientado pela nossa condição de branquitude de uma classe social alta, e aí olhar essa produção de conhecimento da Psicologia não de uma forma neutra, mas, mais crítica mesmo. De que lugar social essa Psicologia está vindo, que cor, que gênero, quem são os autores que produzem a Psicologia? Essas foram às queixas que eu fui ouvindo ao longo do semestre, que foi fazendo sentido para mim, mas era discussões que aconteciam, mas era só a maneira como elas aconteciam.

Entrevistadora: *Isso para vocês outros, é interessante o que ela está trazendo, os autores que vocês se baseiam para prática de vocês são, ...Eles falam sobre a nossa realidade, eles dão base na nossa realidade ou não? De onde são esses autores, quem s, depende do que você quer dizer com realidade, assim, os autores que eu leio não falam da nossa realidade, mas me instrumentalizam aspas, para atuar na nossa realidade. Me instrumentalizam me preparam para em entrar em contato com outas realidades. Sabe, então eu leio filósofos, eu leio comentadores de filósofos, eu leio analistas, eu leio pessoas que se deram ao trabalho de estar em contanto íntimo com o humano. Eu leio assim sobre a prática dessas pessoas para conseguir fazer isso mesmo, porque realidade, assim sabe o que, que é realidade? Existem infinitas realidades no Brasil assim, então não sei é como eu disse o meu caminho foi outro, não foi estudar sobre peculiaridades, porque para mim existem infinitas peculiaridades no Brasil. No Brasil existem tantas peculiaridades no Brasil quanto existem brasileiros, então como eu disse o meu caminho foi outro, foi me abrir para cada peculiaridade que pode se apresentar para mim. Assim eu já fui muito criticado por escolher isso, assim na minha graduação várias amigas minhas, elas acham um absurdo eu falar isso, sabe até monitorandas minhas já me criticaram por causa disso, realmente não é muito comum assim essa graduação. Que eu entendo, acho que eu posso perder algumas coisas muito particulares do nosso mundo por causa disso, mas, é isso é o que eu falei no começo, não faço diagnóstico da nossa realidade do Brasil o nosso pessoal exatamente, mas me preparo para isso muito bem.*

Entrevistadora: *O que você ia falar JB?*

JB: Ah! Eu acho que o meu pensamento vai muito no do GB, os autores que a gente ler produz muitas dúvidas, eu acho que também além de todas as realidades de cada um que existe, também tem a realidade da época dele. Tipo, ele escreveu para outro mundo, outras leis outros tudo, então isso também faz diferença, mas também me comtempla hoje em dia, acho que me comtempla teoricamente, pelo menos, acho que é isso. Posso falar um exemplo?

Entrevistadora: *Pode.*

GB: É sobre direitos humanos?

JB: É sobre o meu estágio, no karatê que eu atendia é um atleta de karaté que mora em Cotia, na favela de Cotia e tipo, já passou por muita coisa eu passei tipo sobre isso tudo. Sobre, ... ele é negro e tipo ele disse que já sofreu muito com isso e tal, que ele já perdeu oportunidades de ir para campeonato no exterior porque ele é negro e aí. E isso eu levei para supervisão, então na supervisão ele tirou essa trava, isso eu queria falar.

Entrevistadora: *E o que vocês discutiram na supervisão sobre esse caso, você lembra?*

JB: A acho que ficou muito na base da conversa, tipo, não teve nada de intervenção porque acho que esportes, fica mais aquele negócio de desempenho esportivo, mas eu levei, pelo eu dei uma conversada, acho que foi um espaço bom.

Entrevistadora: *E na sua intervenção com ele, o fato de, ...está bom você está falando de desempenho e de esporte, mas o fato de saber que isso é uma condição que atrapalha inclusive ele no esporte, fez você mudar sua intervenção de alguma maneira?*

JB: Ah! Eu acho que eu levei mais em conta depois que ele comentou comigo, eu entendi só que eu não tinha pensado sobre o assunto, depois que ele comentou comigo acho que eu levei em consideração. Porque é meio difícil de falar, é uma pessoa só então, mas foi uma coisa que eu levei para supervisão pelo menos. Aí vocês comentaram aqui eu lembrei dessa situação, mas não teve nada de intervenção sobre desse assunto.

LB: Uma coisa que eu estava pensando aqui, é que o curso acho que ele trabalha com questão de gênero, com questão racial, mas eu acho que as deduções que pautem gênero e sexualidade, que contemplem a comunidade LGBT elas são muito menos discutidas assim. E ai, enfim, não sei por que acho que é assim existem, ...Acho que a discussão racial também acho que não se realiza da melhor das maneiras possíveis e ai tem a crítica que eu fiz. Mas eu acho que essa crítica vale também para discussões de gênero e sexualidade, além disso essa pauta em específico ser pouco discutida.

JB: É.

DB: É para mim é difícil formular também essa resposta, tenho muita coisa na minha cabeça, ...É, mas quando você fez essa pergunta dos autores, você diz da abordagem especificamente.

Entrevistadora: *Não de tudo.*

DB: De tudo.

Entrevistadora: *Tanto para o estágio, se você lá para estar na ocupação, você leu autores de onde, autores que falam de ocupações, ou autores que falam sobre condição humana mais aliviada e a partir disso você chegou, ...Não sei sobre isso mais! (risos).*

GB: Não.

DB: Não, não é.

GB: É.

DB: Mas o núcleo de educação me possibilitou ter esse contra ponto também, porque acho que na análise do comportamento a gente vê, assim pelo menos o fundamento basicamente Skinner que é o nosso ...(?), (risos). E foi bem teórico mesmo, mas eu acho também que ao longo do curso teve também outros autores, tem um que é o Roland, que fala sobre essa questão social um pouco mais forte. Mas assim, brancos, homens e norte-americanos, mas assim, não tem algo sobre a américa do sul, sobre o Brasil, sobre um país com uma desigualdade tão gigantesca quantos a nossa. Mas eles falam sobre estruturas que são comuns, a grande maioria das sociedades ocidentais pelo menos. Então se fala das agências de controle dos graus de liberdade, então eu acho que essa discussão é feita na análise de comportamento sobre desigualdade social. Existem muitos estudos também, sobre a construção do preconceito racial e tal, mas de fato como, ...Assim na teoria mesmo, e no núcleo de educação, a questão das ocupações foi um pouco nova, assim para o próprio núcleo também. Então a gente leu alguns artigos escritos por pessoas, por pesquisadores brasileiros também, a gente tinha uma co-supervisora que é uma mestranda aqui da IES B, do núcleo de educação também talvez você conheça não sei, a Deda é Andréia aí? Badan? Não sei se você conhece. Ela está fazendo mestrado sobre maternidade e ocupações, então acho que esse diálogo foi superimportante também, ela passou a tese dela para gente ler, então foi uma, foi um pouco extracurricular assim nesse sentido. É que teve a indicação da professora para isso, então, ah! O pessoal vai ter uma palestra, por exemplo, a semana de fenomenologia teve uma palestra de fenomenologia e ocupações. Por mais que eu não seja da fenomenologia eu fui por causa da parte de ocupações também. Então! ...Aí não sei se eu respondi (risos).

Entrevistadora: *Respondeu sim.*

DB: Por causa do curricular mesmo.

Entrevistadora: *Fala.*

LB: Eu acho que eu tive uma diversidade talvez um pouco maior de autores e autoras, por conta disso também das escolhas que eu fiz e tudo o mais. Então li, li autoras que falavam sobre, ...É que tinham um conhecimento e falavam sobre a questão racial ou então a questão de gênero.Uma coisa que eu achei

interessante, é que, nos dois núcleos que eu fiz, vieram palestrantes homens, mulheres brancos e negros falar sobre essas questões, então houve uma diversidade até nessa composição de convidados, isso foi muito legal.

DB: Sim.

Entrevistadora: *No núcleo de educação você diz?*

LB: Núcleo de educação e nucleio de saúde mental também.

Entrevistadora: *Também?*

LB: Os dois, acho que mais marcadamente no núcleo de saúde mental, no núcleo de educação nossos convidados eram trazidos para falar da especialidade dele do trabalho deles. As vezes falando sobre questão racial, questão de gênero, mas! Mas é isso, acho que não ficava tão posta essa questão, não sei, sei lá.

DB: Eu não sei sabia.

GB: Eu sei que tem por que, há uma expressão falando do núcleo de educação do quinto ano.

LB: A é, é.

DB: É.

LB: Os do quarto ano também, não é?

GB: O que?

LB: Os núcleos do quarto ano também, composição dos convidados ali que foram.

GB: É que é assim, você fala de um ponto de vista, que teve muito como ênfase a busca das adversidades,

LB: É.

GB: Então para você é pequeno, para mim foi grande, entendi eu achei um grupo de quarto ano de educação, os convidados bem diversos.

DB: Sim.

LB: Mas eu também achei.

GB: A você achou diverso.

LB: Eu concordo, eu concordo.

GB: Tá entendi.

LB: É que eu não estava me lembrando.

GB: Entendi perfeito.

JB: Eu acabei de lembrar aqui, que no de esportes, a gente teve duas aulas na verdade, que vieram duas psicólogas, falar basicamente sobre a mulher no esporte. Então o espaço que a mulher tem em jogos eletrônicos tem espaço na internet por conta disso, homens xingando ah! Não seio que, a gente perdeu por sua causa, e elas trouxeram exemplos para gente conversar em aula, elas vieram e são psicólogas do esporte então tipo,

Entrevistadora: *Específicos.*

JB: É foi bem legal assim.

Entrevistadora: *Gente agora uma questão bem fácil, vocês já devem saber, depois disso tudo e já no quinto ano, qual a função da Psicologia?*

DB: Ai meu Deus!

LB: Ai!

GB: Fácil.

JB: É está na ponta da língua.

Entrevistadora: *Podem pensar um pouco.*

GB: Ah! Vou ver se eu consigo falar. Assim, eu descobri que ser psicólogo é uma profissão muito, uma trajetória muito particular. Realmente é uma profissão onde não tem muito manual, onde não tem muito o que se pode fazer porque é garantido, é assim, você se forma e coisas vão acontecer.

LB: Não é uma receita de bolo.

GB: É exatamente, então a coisa muito singular com cada psicólogo, vai ser formar vai trabalhar, como eu vejo assim, a minha função como psicólogo vou responder isso. Vai ser assim, no mundo que a gente vive, é um mundo extremamente técnico rotulado e frio assim de contato humano. Eu vejo que a minha função é resgatar o lado humano das pessoas sabe, trabalhar para quebrar esses rótulos que as pessoas já trazem prontas, diagnóstico e mostrar que é possível outros horizontes de existência, sabe? Outras possibilidades, que assim muitas vezes as pessoas estão sendo limitada só por um nome, se elas entrarem em contato com o humano que elas são, eu vejo que isso tem um potencial libertador muito grande. Então eu vejo que a minha função como psicólogo vai ser essa, libertar as pessoas o humano que elas são.

LB: Eu acho que nesse sentido assim, ...Desculpe. Como que é o papel ou a função?

Entrevistadora: *A função da Psicologia, o cerne da Psicologia.*

GB: Eu acho que tem o reconhecimento de uma, acho que é trabalhar com o reconhecimento das subjetividades e de uma maneira, ...Nossa! Tá. E ai eu acho que é uma função que é necessariamente social, nesse sentido de reconhecer a singularidade de cada pessoa humana, e ai entra nisso para mim, uma noção também de direito assim, de defesa desse direito de cada pessoa poder se afirmar como é. E é, em fim, defesa de direitos sociais, uma dimensão que é política também, nesse sentido e, ...Sei lá, acho que é isso.

JB: Não sei, é que se eu for falar vai parecer muito que, ...Vai ser muito a diferença teórica eu acho (risos), porque eu pensei muito no que eu tive esse ano de clínicas e no que a Ziza fala para gente. A nossa atuação lá no estágio, eu acho que é muito de primeiro de acolher esse paciente, acolher o que ele traz, mas tentar entender o que já aconteceu com ele, mas não focar nisso. Focar mais no que vai acontecer depois, na solução daquilo, é entender que aconteceu alguma coisa e que vai poder deixar isso numa caixinha aqui do lado e, mas vamos tentar resolver aquilo. Para isso, a atuação do psicólogo, talvez seja algo a fazer o cliente descrever essas sutilezas, descrever essas situações que ele está passando e fazer ele meio que procurar uma resposta para aquilo. Não sei, é meio diferente do que vocês falaram, mas eu meio que vejo tudo o que vocês falaram nisso que eu falei, então basicamente é a mesma coisa, só que de uma outra forma.

LB: Quando eu falei subjetividade eu não estou nem tipo, ...É uma palavra que eu tentei usar até para não restringir o objeto de estudo assim, eu coloco como algo, como um exercício de tentar abarcar até todas essas diferentes compreensões que estão aqui e outras também. Comportamento ou designe (risos), ou sei lá, mas todas elas.

JB: Eu pensei nisso quando você falou subjetividade.

DB: Nossa é, ... Gente! Sem ser muito em termos técnicos eu acho que a função da Psicologia, eu penso muito nisso de escuta, atendimento, de respeito, sobretudo respeito. A diferença o modo de ser, e eu acho que o psicólogo ele funciona um pouco como um, ...Ai como um aliado nesse empoderamento sabe, empoderametno no sentido de que, ...Ai não estiou sabendo formular direito, ...Empoderamento frente às adversidades da vida, de um jeito mais humano mesmo que possa existir, tentando não falar em termos técnicos.

Entrevistadora: *Agora você foi um pouquinho técnica (risos). Mas pode falar eu entendo, não tem problema.*

DB: Sei. Mas é bom também acho que é um pouco isso, o psicólogo é um grande aliado, esse empoderamento eu acho que a gente também tem o papel de experimentador. No sentido de fato experimentar coisas novas, essa desconstrução que a gente fala, acho que é uma função de desnaturalizar o que está posto. Então acho que a gente funciona como um experimentador mesmo, o Skinner falava, (risos), tem o livro do WaldenTwo não é, que é o livro que a gente leu no núcleo, que ele fala sobre uma sociedade, isso não existe é utópica, que não é necessariamente utópica no sentido de ser perfeita. Mas ela é um experimento, ela é uma experiência, ela é diferente do que existe ela é uma proposta, ele fala justamente sobre isso, de que nada pode ser imitado, nenhuma prática que a gente tenha pode ser imitada, a gente sempre tem que experimentar, então a gente como psicólogos tem essa função de experimentadores.

JB: Está na capa do livro.

DB: Essa frase, não é?

JB: É.

DB: Botei no meu TCC.

JB: A você botou?

DB: Botei. Porque eu acho que é justamente isso, porque quando a gente fala desnaturalização, acho que é isso, são novos modos de estar no mundo (risos).

LB: Aí que lindo.

GB: Não é? (risos).

DB: Mas eu acho sim.

DB: É assim, do ponto de vista da literatura de ser um livro legal, ai que gostoso de ler, não é tão assim eu acho que essa coisa que mexe,

JB: A não é tão gostoso de ler, mas é muito interessante.

DB: Mais é interessante, é isso é novo, não é certo não é melhor, não é perfeito mais é diferente, é uma experiência, eu acho legal essa postura.

JB: Exatamente. Ele propôs isso em mil novecentos e, ...Faz um tempo não é, e até hoje em dia a gente ler e acha interessante.

Entrevistadora: *E vocês consideram a prática de vocês, e a futura prática de vocês como transformações da realidade, como transformadoras da realidade?*

JB: Acho que faz parte.

DB: Acho que sim.

LB: É uma escuta e um fazer que é transformador, tanto do sujeito em fim do lugar, no qual a gente está trabalhando e também de nosso próprio.

DB: No mundo.

GB: Acho que mínimo a minha traz a realidade à tona, as transformações não sou eu que vou fazer isso não cabe a mim porque não é a minha realidade ..., mas eu vou ajudar a trazer a sua própria realidade à tona. Para que ele tenha uma forma mais palpável, para que ele possa atuar nela de uma forma mais livre, mas eu pessoalmente não vou alterar nenhuma realidade.

DB: É (risos), eu acho que sim com certeza a gente altera a realidade o tempo todo, acho que seja na clínica, seja no SUS, nas UBS numa escola particular a gente sempre altera realidades, no sentido de transformar, não é, tudo o que acontece.

JB: Acho que o exemplo disso, acho que eu concordo muito com isso, o exemplo do que aconteceu comigo, o atleta ele foi no anterior e não tinha ninguém lá, ai quando eu quando eu fui ele falou, meu eu me sentir seguro com você lá junto. Então isso eu acho que a gente dizer que a gente altera a realidade de uma pessoa, pode alterar mesmo a realidade de uma pessoa.

Entrevistadora: *Não é de assumir o papel dele, é o que eu estou entendo o que vocês estão falando.*

JB: Exatamente ele assumir.

DB: Não.

Entrevistadora: *Propiciar que o outro altere a sua própria realidade.*

JB: Exatamente, tornar possível que uma realidade seja alterada por ele.

DB: É eu não sei se tem muito a ver assim, se tiver fora pode me falar sem problema, (risos), mas acho que uma das coisas que eu gosto da análise do comportamento, ...Eu não sei se vai ser um grande desabafo isso ou uma comparação, sei lá (risos). Mas para mim pelo menos foi muito difícil essa desconstrução, que a análise do comportamento faz você meio que para você compreender você tem que desconstruir bastante, não é. E isso da ciência, do papel da ciência será que a ciência pode ser aplicada ao comportamento humano, será que a gente pode, ...Não é? Eu penso muito nesse sentido assim, é só um jeito de olhar para as coisas, que faz com que a gente consiga planejar sabe. Então eu acho assim, de fato eu não vou mudar a realidade de ninguém pela pessoa, mas eu acho que, ...É essa mudança não pode mudança não pode ser acidental, sabe eu acho que não tem nenhum problema a gente usar a ciência para planejar essas transformações. Acho que a gente tem uma responsabilidade grande com essa transformação sabe, às vezes eu tenho a impressão de que na psico, fica meio, ...Vocês podem não concordar comigo, mas na psico fica um pouco acidental mesmo essa mudança. Se mudou que bom, mas se não mudou também é o tempo dele, sei lá e tal, então,

LB: Talvez até de uma maneira descompromissada assim. Não é?

DB: Exato é bem assim, tem que ser planejado sabe, não dá para gente tentar ali uma coisa sem saber o que vai da, é obvio que a gente nunca é, ...Que a gente nem sempre sabe de tudo não é, mas eu vejo a transformação com essa responsabilidade um pouco, sabe. De que eu tenho que usar o meu conhecimento, tudo o que eu sei para, maximizar potencializar as chances de dar certo, é nesse sentido. As chances daquela pessoa conseguir, fazer as cosias mudarem para ela mesma.

Entrevistadora: *Uhum! O pessoal está perseguindo Max, tinha que perseguir o Skinner, (risos), esse aí sim que é para beijar, inclusive eu adoro o Walden II, adoro.*

LB: A é muito legal não é.

Entrevistadora: *Eu já li duas vezes adoro. E para gente já ir fechando são duas questões, vocês podem responder juntos, um é: qual que vocês acham que é o maior aspecto, a maior contribuição da formação para atuação de vocês. E o outro é: o que, que vocês querem fazer, com o que vocês querem trabalhar, pode ser no campo do desejo, nem precisa ser, já tenho um trabalho nisso eu vou fazer isso.*

DB: Ahã sei.

LB: O que, que eu espero? Como é que é? A maior contribuição do curso?

Entrevistadora: *Isso.*

LB: E a outra?

Entrevistadora: *Com o que você quer trabalhar?*

LB: A com o que eu quero trabalhar. Meu Deus? Tá.

DB: Qualquer coisa.

LB: Qualquer coisa, vocês têm uma vaga (risos).

Entrevistadora: *Vamos par ao campo das ideias, do desejo.*

LB: Acho que a maior contribuição para mim foi essa de, acho que de poder fazer um casamento bom entre a singularidade e as questões sociais assim, fazer esse exercício de estar constantemente trabalhando com a singularidade de cada pessoa, por uma lógica da complexidade assim. De que o indivíduo não vai estar apartado da sociedade em que ele vive, do contexto história em que ele vive essas coisas. Que quando eu entrei na Psicologia, ...É isso por um desconhecimento, por uma visão de senso comum das referências de psicólogas que eu tinha ao meu redor, era uma visão acho que muito essencialista assim, e que eu fui aprendendo que existe outras possibilidades de se fazer Psicologia que não só essa. E coisas com as quais eu penso trabalhar, meu é muito difícil assim, gosto muito de educação, gosto muito de trabalhar com saúde pública, queria trabalhar com atenção básica. Em educação eu não especificamente assim, só seguir de alguma maneira dentro dessa área, explorar possibilidades aí dentro. Sei lá, e aí também queria tentar seguir uma carreira acadêmica assim, que eu gosto, no futuro quem sabe? Sonhando.

GB: Eu acho que a maior contribuição, foi desenvolver uma sensibilidade muito grande ao mundo do outro, assim eu tomei muito como tarefa conseguir me sensibilizar o máximo possível, para aquilo que o outro pode me mostrar, da maneira que se mostra assim. Sabe uma sensibilidade para intimidade do outro, então essa foi uma grande contribuição e me deu assim, ...Eu sinto um compromisso que eu quero levar para minha vida inteira, que é de trabalhar com coisas que não tem muito espaço no nosso mundo. Que é, ...São dores sabe depressão do outro, sentar com alguém uma duas vezes por semana e fala sobre suicídio mesmo. Sabe é um lugar que não tem muito espaço para isso no nosso mundo, falar sobre o sofrimento mais íntimo de alguém. Pelo menos sem que alguém te traga uma receita, que não se afine a você de nenhuma maneira sabe, então esse curso me deu esse compromisso, de deixar as pessoas se mostrarem para mim. Me propor a trabalhar coisas que são difíceis para caramba para trabalhar, e eu me vejo sendo um terapeuta, terapeuta mesmo assim, mais trabalhando individual mesmo, é o que eu mais gosto de fazer ou terapia em grupo. Mas assim, são intervenções como terapeuta mesmo, sabe eu não me vejo como psicólogo educacional, organizacional, terapeuta mesmo e eu também me vejo professor assim, numa carreira acadêmica, mas aí é bem desejo mesmo.

Entrevistadora: *Entendi.*

DB: Eu gosto muito de educação muito, muito e não sei assim, o que realmente eu gostaria de fazer, ...Eu acho que, ...Voltando um pouco, a primeira parte da pergunta foi do curso não é. Acho que vai um pouco na linha que o GB falou, no sentido que a minha postura é para vida para o outro, já foi completamente codificada desde que eu entrei. Eu acho que é um respeito muito grande se colocar no lugar do outro, é isso de conseguir falar, eu não sei a resposta vamos ver.

LB: Sim.

DB: Não é! Vamos tentar, vamos experimentar não sei, então é um pouco nesse sentido, eu acho que isso choca muito com o que esperam da gente não é, os lugares assim. Acho que a demanda é justamente essa, me fala exatamente o que, que eu tenho que fazer? E a gente não sabe a gente vai construir junto, depende não sei para cada um é diferente. Então acho que essa visão é até um pouco crítica, não sei de olhar para as coisas como se elas não tivessem acabadas não é. E acho que uma coisa que o curso trouxe muito para mim também foi, olhar para as coisas que parecem pequenas e irrelevantes de uma outra forma, então no caso de crianças, com um trabalho de escola ou um trabalho, ...Não sei, para uma criança X pode ser muito incrível ela ter conseguido brincar junto com o coleguinha. Não sei, nesse sentido coisas que podem passar despercebidas, mas para gente não passa, nesse sentido, não é, que a gente está mais atenta a esses detalhes, dessas relações interpessoais, acho que para mim fica muito isso do curso. Eu tenho muita vontade de trabalhar com educação, nossa eu é meio utópico sei lá, ideal total assim, mas eu acho que a salvação para o mundo é esse o caminho, (risos), sendo bem utópica assim. É isso eu vejo muita potência nesses espaços assim, eu acho que idealmente gostaria de ser a pessoa que, meu tem algum poder para mudar esse modo de funcionar algumas coisas. Mas por enquanto estou bem em só trabalhar com escola, ter relação direta com as crianças e tentar fazer com que elas pensem diferente, ou talvez um educador, não sei de provocar essas transformações.

JB: Eu também acho isso, o que vocês falaram sobre a sensibilidade que a Psicologia deu para gente, acho que às vezes eu me vejo, tipo no mundo e as pessoas tipo, acontecendo várias coisas e você olha para pessoa e você fala, meu está acontecendo isso com ela. É muito individual dela, está acontecendo com ela e as pessoas reagem de formas diferentes eu acho que a gente tem agora a capacidade de olhar para o mundo dessas pessoas individual, e eu acho que a Psicologia trouxe muito essa sensibilidade para gente. De desejos é que é difícil, é bem difícil falar agora, porque eu tive duas oportunidades muito boas que surgiram de até que eu estou indo na academia muito e eu também estou indo em outro grupo com esse professor aqui da IES B de experimental. Está sendo uma experiência muito boa para mim e o nosso projeto com esse grupo, é de continuar, tipo para o resto da vida, então eu estou muito abraçando esse projeto.

Entrevistadora: *Que projeto é? Você pode compartilhar. Não sei.*

JB: Não sei se pode compartilhar muito, mas é com crianças e adolescentes com inabilidade social, não só autistas, mas diversas.

Entrevistadora: *Mais no âmbito da pesquisa, no âmbito da intervenção?*

JB: É, é intervenção mesmo, a gente faz tudo com eles, eu atendo individual também, mas tem outros projetos em mente, então por enquanto estou muito focado nisso. Mas eu ainda tenho aquela paixãozinha pelo esporte, então eu não sei ainda, o meu desejo um dia talvez seja continuar na Psicologia do esporte, mas agora não. acho que são duas áreas que sempre gostei muito, Psicologia e o esporte, então pode ser que um dia eu volte a querer fazer algum curso, enfim, não sei.

Entrevistadora: *Tem alguma coisa do curso ou da formação de vocês, ou sobre vocês que vocês acham que seja relevante colocar, que vocês queiram colocar, compartilhar.*

GB: Tem um negócio que você falou que me deixou pensando assim, que aí eu pensei em algo que eu poderia falar, você falou que fica meio acidental. Não consigo reproduzir como você falou exatamente.

DB: Não eu disse que, que quando a gente planeja assim, quando a gente quer provocar alguma transformação, então assim, existe isso de que a gente não vai fazer para outra pessoa, mas às vezes eu acho que fica um pouco acidental o que acontece com a pessoa.

GB: A tá, tá.

LB: Quando acontece errado por exemplo.

DB: Exato que fica uma coisa meio assim, ai! Iche, não foi do jeito que eu esperava, aí tudo bem, meio assim, não tem um embasamento muito nesse sentido de potencializar as chances de dar certo.

GB: Tá. Concordo com você em partes, concordo com você quando você está falando de uma intervenção técnica, eu acho que um trabalho bem rigoroso, bem sério, consegue, por exemplo, assim trazer uma certa previsibilidade temporal, uma certa garantia sabe.

DB: Uhum!

GB: Quando você quer atuar em contingências mesmo, por exemplo, quando eu estagiei um no AMA, por exemplo, uma criança não conseguia escovar os dentes, pensou-se no trabalho para conseguir fazer a criança escovar os dentes, e ela consegui escovar os dentes. Acho que caiu muito no senso comum isso o que

vocês falaram, está no tempo dele, está no tempo dele. Eu acho que uma pessoa não pode falar isso levianamente assim, mas eu acho que quando você vai lidar com questões existência, eu acho que não tem previsibilidade de tempo, não tem garantia de sucesso mesmo. Não tem uma direção a qual você possa realmente planejar, sabe qual é o tempo para superar uma perda? Por exemplo, qual a garantia que vai superar uma perda, por exemplo?

GB: Acho que caiu no senso comum certas coisas, mas eu acho que tem que tomar um certo cuidado também, com por ser de garantia temporal, garantia de sucesso, eu vejo muito assim, de como quem você quer trabalhar. Sabe?

LB: Eu acho que para mim, a partir do momento que dá errado, você se isenta de todo um processo, a deu errado? Deu. Ah mais não era bem como eu queria. Mas você participou disso, de alguma maneira você talvez até que produziu isso também numa relação, então não é que quando dá errado, ...Tudo bem não era exatamente como você pensava, você estava ali para ver uma coisa que não dá para prevê, mas você estava ali implicado. E falar que, ...É aconteceram coisas externas, às vezes acontece, OK, tudo bem, mas cair nesse chavão de sempre que se der errado foram essas coisas.

GB: Sim.

LB: Eu acho que é muito descompromisso, muita irresponsabilidade.

GB: Total, total.

DB: Eu acho que é isso não tem como você prevê assim, terapia é, oh meu Deus em três sessões comigo, você vai ser curado e vai esquecer totalmente a pessoa que você perdeu.

GB: Uhum.

DB: Eu também acho que isso não é impossível, esse nível de previsibilidade, esse nível de normatização para todo mundo. Eu acho também que cada pessoa tem uma história muito peculiar, muito particular e isso também interfere no tempo de cada um, para qualquer transformação, isso eu também concordo. É mais assim essa postura de você maximizar, ter uma teoria que te apoie e faça com que você maximize as chances daquela pessoa se transformar.

GB: Certo.

DB: É mais essa postura, é obvio que às vezes a gente erra também, às vezes a gente experimenta, tem que experimentar e erra, mas é mais essa postura sabe, eu acho que fica uma coisa um pouco solta.

GB: Eu mudaria da seguinte forma faria da seguinte forma, nunca falaria deu certo ou deu errado, eu falaria tem dado certo u tem dado errado. Sabe eu acho que, ...Porque por exemplo você fala, ah! Deu errado tal, mais quando você vai poder falar que deu certo?

LB: Uhum!

GB: Se você fala que deu certo, vai se manter mesmo sabe isso!

DB: Eu acho que tem como a gente tentar, se esforçar um pouco mais para tentar fazer com que isso se mantenha.

GB: Uhum!

DB: Eu acho que a gente pode usar a teoria para, ...Entendeu? Para ver quais variáveis estão envolvidas nisso e quais variáveis poderiam auxiliar com que X se mantasse durante mais tempo.

GB: Mais o que, que, ...Quando você fala isso, do que, que você está falando?

DB: Por exemplo, o comportamento e o de, ...Não sei de habilidades sociais sei lá, de socialização, de se iniciar uma conversa sei lá, às vezes a pessoa consegue fazer aquilo com o terapeuta e consegui e tal. Mas eu acho que a gente consegue planejar o suficiente para falar assim, como que eu faço ele fazer isso fora da clínica também, com outras pessoas na vida, e que isso não acabe tipo, quando ele sair do consultório sabe.

JB: Tipo atender ele no enfoque(?) lá e num ambiente natural dele.

DB: Tipo como eu faço que ele inicie conversa não só comigo, mais com outras pessoas da vida dela.

LB: Ou mesmo quando ele não estiver acompanhado por você e pela sua figura entendeu.

DB: Isso é, são tipos sabe eu acho que tem como a gente planejado.

Entrevistadora: *Vocês conhecem a metáfora do Barão de Munchausen?*

Todos: Não.

Entrevistadora: *Da minha época da sessão da tarde.*

Vários: Uhum.

Entrevistadora: *Uma das coisas, é que essa figura mitológica de que, tem várias conquistas maravilhosas e uma das coisas é que ele está no cavalo dele e entra numa areia movediça, e ele se puxa pelo próprio cabelo, e tira ele e o cavalo da areia movediça. Eu acho que um pouco a ideia, ...E pelo menos a Psicologia sócio histórica, isso foi a tese de doutorado da Ana Bock. Coloca no sentido, a psicóloga ela não pode achar que o paciente é esse Barão de Munchausen, que vai se tirar sozinho daquele lugar, ela tem que entender que tem uma direção. Mesmo que não seja previsível exatamente o que ele vai fazer ou de que garanta 100% de aprovação ou dinheiro de volta, mas que há uma direção, acho que um pouco é essa discussão que vocês estão colocando.*

DB: Sim.

GB: Com certeza.

LB: Sim, sim.

GB: Não meu, você identifica uma demanda,

LB: Sim.

GB: Sabe a gente traz outros problemas aí, você trabalha com ele para assim, criar outras perspectivas.

DB: Sim, é que eu acho que, ...É isso, está bom essa é a demanda, como vou fazer isso? Eu acho que não teria,

LB: Até porque a gente vai ser cobrado por isso. Não é?

DB: Esse é o aspecto, a pessoa às vezes, ...Ai! É que às vezes as pessoas é um mês, aí eu estou na mesma,

LB: É.

DB: Tipo, isso tem que ser trabalhado também, é isso do tempo de cada um, é isso, mas eu acho que ficou muito na mão do paciente assim sabe, tipo se vira eu não vou fazer por você e tal, é claro que a gente não vai fazer por ele, mas eu acho que precisa ter um, sei lá não sei,

Entrevistadora: *Um compromisso.*

DB: É isso entendeu?

Entrevistadora: *Vamos fazer junto também na clínica.*

DB: E não pode ser acidental assim, já é um aqui, eu não faço e tal, mas eu não sei muito bem aonde isso vai levar, e eu não sei muito bem o que eu quero? O que eu estou esperando de você, o que eu estou esperando que aconteça com você que produza em você como isso que eu estou falando, sabe só que uma coisa meio solta demais as vezes assim eu acho.

GB: Mas é que tem que separar um pouco assim, nomear melhor os dois sabe, eu acho que, por exemplo, um garoto que sei lá, com uma dificuldade social, esse exemplo que vocês deram levar ele ao shopping, por exemplo, e tal. Tudo bem, eu acho interessante assim, que ele vai conseguir ir no shopping, ele vai conversar com alguém e tudo o mais, só que também precisa de espaço para falar, sobre o que você vai conversar com alguém, o que, que é importante para você conversar com alguém, com quem que você vai conversar? Sabe e aí isso não tem um tempo, não tem previsibilidade,

DB: Aham.

GB: Eu entendo a sua perspectiva às vezes de ficar solto, mas as eu acho que tem uma certa riqueza em uma,

DB: Uma espontaneidade você está dizendo não é.

GB: Acho que, ...Espontaneidade? Não sei uma riqueza numa certa postura de espera também do tempo do paciente também, eu acho que isso permite que certas surpresas possam acontecer mesmo sabe.

LB: Sim.

GB: Não ceder tanto a certas cobranças de mundo, esse exemplo é muito bom do garoto, meu ótimo ele conversa gora, ele vai ao shopping, mas o que, que é importante para ele conversar, com quem que ele

gostaria de conversar também, sabe é importante para ele conversar, sabe isso é uma tarefa para vida inteira, não vai chegar o momento que a gente vai olhar e a gente vai falar, resolveu, é uma coisa que ele vai ter que está para sempre até morrer.

DB: É que eu acho que tem que ter um objetivo assim sabe, por exemplo, a pessoa que não conversa eu quero que depois de algum tempo que eu comece a intervenção, ele consiga iniciar uma conversa.

GB: Certo.

DB: E quando ele conseguir que ótimo, e aí eu acho legal, vamos pensar agora um pouco mais, não é assim de resolvi, agora sou a pessoa mais, é..., com habilidades sociais do universo. Não é isso, no tempo do paciente, nas peculiaridades dele, mas de ter um objetivo sabe, de ter uma coisa assim, eu quero que você consiga iniciar uma conversa com alguém. E depois que você conseguir, eu quero esse compromisso de você atingir algum sabe!

JB: Pode sei lá tipo, dependendo iniciar com você mesmo, com o terapeuta, depois fazer uma pergunta para o terapeuta, depois um comentário para ele.

DB: É.

JB: Aí depois uma pergunta para outra pessoa, uma coisa assim sei lá.

DB: De ter um objetivo definido sabe, para você planejar o que você vai fazer, de não ser só uma reflexão não sabe.

GB: Mais não tem um perigo de vocês, acabarem se aprisionando num objetivo?

DB: O objetivo eu acho que a gente tem que estar sempre muito curioso não é.

LB: Eu acho que é um exercício de uma flexibilidade relativa assim.

DB: É isso, (risos), é isso sim.

LB: De que existem objetivos de que a gente está querendo,

DB: É.

LB: Mas é isso a gente também tem que ter abertura para ver também o que vai ser trazido, em que tempo.

JB: Os objetivos mudam lá também.

LB: Exato, também. Os objetivos podem mudar também.

DB: E às vezes não é o que as pessoas estão pensando, as veze é outra coisa, às vezes uma fala, aí nossa, não é o que eu estava pensando, na verdade tem a ver com outra coisa, é meio nesse sentido. É que é isso, exatamente isso, o que você falou?

LB: Flexibilidade relativa.

DB: É isso não é completa assim sabe, enfim gente.

Entrevistadora: *Mais alguma coisa? Está superinteressante (risos).*

GB: É os fenomenológicos eu noto assim, meio chatos mesmo.

Entrevistadora: *Mais do que os analistas?*

GB: Você acha?

Vários: Falando juntos.

LB: Não. Não acho, na verdade eu acho que todos, sabe.

JB: Um sofrimento.

LB: Eu acho que todos (risos).

GB: Mais se eu, por exemplo, falar, estou atuado na realidade, eu subo para perguntar o quem, que é realidade, se for para perguntar, o que é que, realidade? Vai ter que montar uma conversa, para depois eu conseguir responder a primeira pergunta.

LB: Trabalhar com o sujeito também é atuar na realidade.

DB: É. Mas para você não existe uma realidade comum?

GB: Não.

DB: Não existe.

GB: Existe assim, uma certa trama pública, nós podemos compartilhar em certos ambientes, em certos modos de ser, mas não existe assim, uma realidade em si.

DB: Uhum sim. Depende da relação com o ambiente não é.

Os demais: Claro.

Entrevistadora: *Claro muito obrigado parla participação de vocês mesmo, para mim foi muito rico muito interessante, acho que vai ficar um trabalho também, e aí qualquer coisa, eu entro em conto, se precisar de algo mais específico e tal.*

Entrevistadora: *Já está tarde, são oito horas já, eu ao sei se vocês querem saber do sistema conselho ou não.*

DB: Sim.

Entrevistadora: *Eu faço parte lá da comissão de ética, da comissão de políticas públicas e sou coordenadora do núcleo de Psicologia organizacional e do trabalho lá no conselho. Isso é outra coisa que fica a dica para vocês, o conselho acho que tem hoje vinte e poucos núcleos temáticos, tem o de esporte, tem o de educação, tem o de criança e adolescente, tem o de psicoterapia, vários grupos temáticos que são abertos para psicólogos e estudantes. Que eles vão pensando nas pautas da realidade, que realidade é essa, mas que vão surgindo para discutir construí. E na questão democrática especificamente, a gente está agora num processo muito, ...Importante da categoria, que é assim, O conselho federal de Psicologia, quando ele é eleito ele não tira da cabeça dele, as pessoas que foram eleitas, elas não tiram da cabeça delas, o que, que elas vão fazer como conselho. A gente tem um processo antes, que está agora, ...A gente está agora nos eventos preparatórios, porque todos os conselhos regionais agora no Brasil inteiro, estão fazendo eventos preparatórios de diversos temas. E nesses eventos, as pessoas podem criar propostas de pautas para próxima gestão do CPFP. Ai a gente tem os pre-congressos, em que a gente junta todas as propostas daquele estado, de não ser votadas e não ser votados delegados para irem por São Paulo em alguns lugares, para os congressos regionais. Nós congressos regionais vão ser votadas as propostas aí vai para o CNP, nos congressos regionais vão ser votadas as propostas aí vai para o CNP, nos congressos regionais vão ser votadas as propostas aí vai para o CNP. Que é o Congresso Nacional, em que tudo é participação das psicólogas e é o próprio conselho quem paga as passagens, por exemplo, para eles virem.*

LB: Mas o congresso nacional, não é o que teve agora?

Entrevistadora: *Não. Esse foi o congresso brasileiro de Psicologia, que é feito pelo FEI, federação das entidades brasileiras da Psicologia. O CNP está na decima edição já, aí lá vão ser votadas as últimas propostas e saem o caderno de deliberações. Então as resoluções que são criadas quando tem essa mudança do código de ética, nada disso é da cabeça de uma gestão, foi algo que foi criado um ano antes pela categoria. Um exemplo, é a resolução de atendimento as pessoas trans., foi uma demanda do último CNP, há três anos, e no ano que vem a gente tem eleição do Conselho Regional de ´Psicologia. E a gente tem uma ampliação muito seria que é uma ampliação muito forte, da bancada evangélica da Psicologia. Que é um risco que a gente vem correndo, politicamente eles são bem treinados também, estão é importante, ... Vão lá no conselho, tirem seu CFP, estejam construindo junto, o Conselho é um espaço super de fazer diálogos, parcerias etc. e de estar votando também, participando. # Fica a dica (risos). Muito obrigada mesmo.*